

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
TERRITORIALIDADES

ELAINE RODRIGUES DAL GOBBO

A COMUNICAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE
VITÓRIA DE 1977 A 1985 E NOS ANOS 2010: ESTRATÉGIAS, COTEJOS E
APONTAMENTOS

VITÓRIA

2018

ELAINE RODRIGUES DAL GOBBO

**A COMUNICAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE
VITÓRIA DE 1977 A 1985 E NOS ANOS 2010: ESTRATÉGIAS, COTEJOS E
APONTAMENTOS**

Dissertação apresentada por Elaine Rodrigues Dal Gobbo ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo na linha Comunicação e Poder.

Orientador: Prof. Dr. José Edgard Rebouças.

VITÓRIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Artes da Universidade Federal do
Espírito Santo, ES, Brasil)

Dal Gobbo, Elaine Rodrigues, 1984-
D136c A comunicação da pastoral operária da arquidiocese de
Vitória de 1977 a 1985 e nos anos 2010 : estratégias, cotejos e
apontamentos / Elaine Rodrigues Dal Gobbo. – 2018.
220 f. : il.

Orientador: José Edgard Rebouças.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades)
– Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Comunicação. 2. Cidadania. 3. Movimentos sociais. 4.
Participação. I. Rebouças, José Edgard. II. Universidade Federal
do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

Elaborado por Adeildo Jose Tosta – CRB-6 ES-818/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

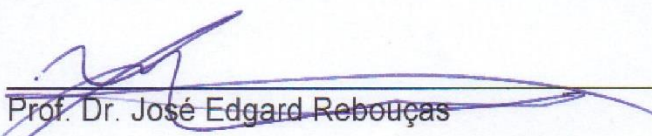
No dia doze do mês de setembro do ano de dois mil e dezoito, às quatorze horas, na sala 04 do PÓSCOM da Universidade Federal do Espírito Santo, iniciou-se o exame público do trabalho de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO da candidata **Elaine Rodrigues Dal Gobbo** intitulado "A Comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória de 1977 a 1985 e nos anos 2010: estratégias, cotejos e apontamentos". A banca examinadora, sob a presidência do Prof. Dr. José Edgard Rebouças (Orientador – PÓSCOM/UFES), foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo – PÓSCOM/UFES) e Prof. Dr. Maurício Abdalla Guerrieri (Membro Externo – PPGFIL-UFES). A banca, após o exame do trabalho da candidata, considerou-a:

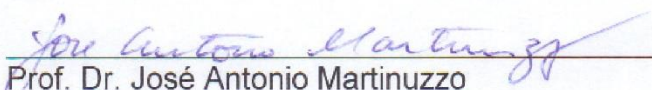
APROVADA (X)

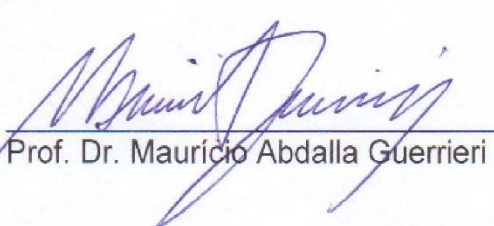
REPROVADA ()

Observações:

QUE ATENDA ÀS SUGESTÕES DA BANCA EM TERMOS
FORMAIS E CONCEITUAIS


Prof. Dr. José Edgard Rebouças


Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo


Prof. Dr. Maurício Abdalla Guerrieri

ELAINE RODRIGUES DAL GOBBO

**A COMUNICAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE
VITÓRIA DE 1977 A 1985 E NOS ANOS 2010: ESTRATÉGIAS, COTEJOS E
APONTAMENTOS**

Dissertação apresentada por Elaine Rodrigues Dal Gobbo ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo na linha Comunicação e Poder.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº Drº José Edgard Rebouças

Orientador

Universidade Federal do Espírito Santo

Profº Drº José Antônio Martinuzzo

Universidade Federal do Espírito Santo

Profº Drº Maurício Abdalla Guerrieri

Universidade Federal do Espírito Santo

Às memórias do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, dos bispos Dom João Batista da Motta e Albuquerque e Dom Luiz Gonzaga Fernandes, dos padres Jean Fugeray, Gabriel Félix Roger Maire e Rômulo Neves Balestrero; e dos operários Maurício Amorim, Waldemar Rossi, Waldemar Lyrio e Santo Dias. A minha mãe, Corita de Deus Rodrigues; e a todos e todas do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

É a terceira vez que tenho que escrever os agradecimentos em um trabalho acadêmico. Mais uma vez tento começar esse texto de forma diferente, mas assim como nas monografias da graduação e da especialização vou repetir o tradicional clichê de recorrer primeiramente às divindades. Agradeço a Deus e, também, a Nossa Senhora pela intercessão.

Para diferenciar um pouco dos agradecimentos anteriores, incluo nestes outra mulher da qual sou devota, Santa Maria Madalena, sobre a qual, recentemente, tive oportunidade de estudar, passando a conhecer melhor sua história e o próprio Jesus Cristo, fazendo as pazes com ele em um momento de grandes questionamentos referentes à minha fé.

Falar em Maria Madalena é lembrar do Centro de Estudos Bíblicos do Espírito Santo, o Cebi, que me apresentou a ela e me proporcionou e ainda proporciona muitos aprendizados, que contribuíram, inclusive, para a elaboração desta pesquisa. Por isso, agradeço imensamente a todos do Cebi, principalmente ao teólogo Rômulo Luiz Silva, que sempre esteve à disposição cada vez que eu pedia a sugestão de algum livro.

Falando em sugestão de livro, agradeço imensamente ao padre Paulo Sérgio Vailant, que em uma simples conversa informal sobre os rumos das Comunidades Eclesiais de Base me deu indicações de literatura que foram importantes. E se é para falar de sacerdotes, tenho que agradecer imensamente ao padre Kelder Brandão, cujos auxílios durante esse período de dois anos e meio foram muito além de questões acadêmicas.

Também muito importante nessa trajetória foi o Sindicato dos Bancários do Espírito Santo. Posso dizer que fui privilegiada de trabalhar em um lugar cuja diretoria recebe com felicidade a notícia de que um funcionário foi aprovado no processo seletivo do mestrado, empolga-se com o projeto de pesquisa, faz de tudo para que ele possa concluir com sucesso seus estudos.

Foram diversas trocas de turno no trabalho para assistir as aulas, participar de eventos na Ufes, chegar a tempo ao aeroporto para ir rumo a algum congresso. Além, é claro, do aprendizado cotidiano sobre diversos temas, seja nas conversas informais, nos cursos realizados ou financiados pelo sindicato, nas reuniões e demais atividades.

Agradeço, de todo coração, a toda a diretoria e funcionários, principalmente Carlos Pereira de Araújo, o Carlão; Rita Lima, Pedro Luchi, Fabrício Coelho, Evelyn Flores, Bruna Gati, Ludmila Pecini, Julia Zimmerle, Lorraine Paixão, Jorge Rangel, o Jorginho; Wilson de Jesus, Lindalva

Firme e Idelmar Casagrande, que descobri que distribuía o Ferramenta quando participava da Pastoral da Juventude somente depois que fui aprovada no processo seletivo do mestrado.

Não faltaram amigos e amigas especiais nessa trajetória. Elizabeth Nader, companheira desde os tempos de aluna especial, com quem formei grupo de estudos para passar no processo seletivo, que partiu a borracha ao meio e a dividiu comigo durante a prova de espanhol (Esqueci a minha em casa) e esteve ao meu lado em tantos e tantos outros momentos, assim como William de Oliveira, Weber Caldas e Elaine Garau. Só tenho a agradecer. Também entra nessa lista o amigo que chegou aos 45 do segundo tempo: Alex Siqueira. Quero deixar clara, ainda, minha gratidão para com minha mãe, Corita de Deus Rodrigues, e Alexandre Lemos Júnior, bastante presente em um momento muito difícil.

Não posso esquecer dos professores: agradeço de todo coração ao meu orientador Edgard Rebouças, a José Antônio Martinuzzo, Maurício Abdalla, Daniela Zanetti, Fabio Malini e Victor Gentilli. Meu muito obrigada também para Hélia Joseph e Robson Torres.

Não posso deixar de agradecer a todos entrevistados, a grande amiga Jaciara Mattedi, Tânia Maria Silveira e à equipe da biblioteca do Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória (IFTAV). Por fim, agradeço ao povo brasileiro por ter financiado meus estudos em uma Universidade Federal.

*“Ensinar o povo a ver criticamente o mundo é sempre
uma prática incômoda para os que fundam seus poderes
sobre a inocência dos explorados”*

Paulo Freire

RESUMO

Esta dissertação busca compreender a participação da comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória na mobilização dos trabalhadores em dois momentos distintos. O primeiro é o período entre 1977 e 1985. O segundo é os anos 2010. No que diz respeito ao final da década de 1970 e meados da de 1980, é estudado o informativo *Ferramenta*, principal veículo de comunicação da Pastoral Operária, bem como os contextos econômico, político, social e eclesial da época. Nos anos 2010, além desses contextos no momento atual são estudadas a comunicação da Arquidiocese de Vitória para, posteriormente, partir especificamente para a comunicação da Pastoral Operária. Para a abordagem teórica, no primeiro capítulo foram utilizados documentos da Igreja, como as encíclicas *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno*, o documento *Gaudium Et Spes*, do Concílio Vaticano II; e os documentos das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. Também foi utilizado livro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para debater o conceito de pastoral social e a origem dela, além de autores como Vito Giannotti, Idelfonso Camacho, Frei Betto e Ana Maria Doimo. No segundo capítulo os autores utilizados foram Bordenave, Milton Santos, Manuel Castells, José Antônio Martinuzzo, Cicília Peruzzo, Maria da Glória Gohn, Luiz Beltrão, Gustavo Cardoso, Cláudia Lamy, Manuel Carlos Chaparro, Paulo Freire e Joana Puntel. Dos documentos da Igreja, no segundo capítulo foram estudados o Decreto *Inter Mirífica*, que é um dos documentos do Concílio Vaticano II; os documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo no que diz respeito especificamente à comunicação; o Diretório de Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e os discursos do Papa Francisco sobre o Dia Mundial da Comunicação Social. No terceiro capítulo, os autores estudados foram Ricardo Lara, Mauri Antônio da Silva, Henrique Cristiano José Matos, Maria da Penha Smarzaró Siqueira. Além da pesquisa bibliográfica, os procedimentos metodológicos utilizados contemplam entrevistas, análise de conteúdo de informativos *Ferramenta* e observação participante. O estudo conclui que o êxito do informativo *Ferramenta* se deu em virtude de fatores como apoio institucional da Igreja à atuação das pastorais sociais e, consequentemente, da comunicação popular como instrumento de mobilização social; contexto histórico de mobilização da classe trabalhadora, entre outros. A pesquisa também aponta que a comunicação da Pastoral Operária na atualidade reflete o enfraquecimento da própria pastoral por causa de um cenário de desmobilização dos movimentos populares e de um novo projeto de Igreja, que deixa de lado as questões sociais, por exemplo. Além disso, dentro desse novo projeto de Igreja não é contemplada a comunicação popular.

Palavras-Chave: Comunicação, Cidadania, Movimentos Sociais, Participação e Igreja

ABSTRACT

This dissertation seeks to understand the participation of the communication of Worker Pastoral of the Archdiocese of Vitória in the mobilization of workers in two different moments. The first period is between 1977 and 1985. The second is the 2010s decade. With regard to the late 1970s and mid-1980s, the study object is informative Ferramenta, the main media of Worker Pastoral, as well as the economic, political, social and ecclesial contexts of this period. In 2010, in addition to these contexts in the present moment, the communication from the Archdiocese of Vitória was studied and later, specifically, for the communication of the Worker Pastoral. For the theoretical approach, Church documents were used in the first chapter, such as the Encyclical *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno*, *Gaudium Et Spes*, Vatican II; and the documents of the Episcopal Conferences of Medellín and Puebla. It was also used a book from the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB) to discuss the concept of social ministry and its origin, as well as authors such as Vito Giannotti, Idelfonso Camacho, Gustavo Gutierrez, Frei Betto, Paulo Freire e Ana Maria Doimo. In the second chapter the authors used were Bordenave, Milton Santos, Manuel Castells, José Antônio Martinuzzo, Cícilia Peruzzo, Maria da Glória Gohn, Luiz Beltrão, Gustavo Cardoso, Cláudia Lamy, Manuel Carlos Chaparro, Paulo Freire e Joana Puntel. From the documents of the Church, in the second chapter were studied the Inter Mirífica Decree, which is one of the documents of the Second Vatican Council; the documents of Medellín, Puebla and Santo Domingo with respect to communication; the Directory of Communication of the National Conference of Bishops of Brazil and the speeches of Pope Francisco on the World Day of Social Communication. In the third chapter, the authors studied were Ricardo Lara, Mauri Antônio da Silva, Henrique Cristiano José Matos, Maria da Penha Smarzaro Siqueira. In addition to the bibliographic research, the methodological procedures used include interviews, content analysis of informative tool and participant observation. The study concludes that the success of the informative tool was due to factors such as institutional support of the Church to the work of social pastoral and, consequently, popular communication as an instrument of social mobilization; historical context of mobilization of the working class, among others. The research also points out that the communication of the Pastoral Worker today reflects the weakening of the pastoral ministry itself because of a scenario of demobilization of popular movements and a new project of the Church, which leaves social issues aside, for example. Moreover, within this new church project, popular communication is not contemplated.

Keywords: Communication; Citizenship; Social Movements; Participation; Church

RESUMEN

Esta disertación busca comprender la participación de la comunicación de Pastoral Obrera de Arquidiócesis de Vitória en la movilización política de trabajadores en dos momentos distintos. El primero periodo se da entre 1977 y 1985. El segundo va desde los años 2010. Sobre los fines de la década de 1970 hasta mediados de 1980, se estudia el informativo *Ferramenta*, principal medio de comunicación de Pastoral Obrera, así como los contextos económico, político, social y eclesial de la misma época. En los años de 2010, además de estos contextos del momento actual, se estudia la comunicación de la Arquidiócesis de Vitória para, después, abordar específicamente la comunicación de la Pastoral Obrera. Para un abordaje teórico, en el primer capítulo se utilizaron documentos de la Iglesia como las encíclicas *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno*, el documento *Gaudium Et Spes*, el Concilio Vaticano II; y los documentos de las Conferencias Episcopales de Medellín y Puebla. También se ha utilizado el libro de la Conferencia Nacional de los Obispos de Brasil (CNBB, por el acrónimo en portugués), para debatir el concepto de pastoral social y el origen del mismo, además de autores como Vito Giannotti, Idelfonso Camacho, Gustavo Gutiérrez, Frei Betto, Paulo Freire, Ana Maria Doimo. En el segundo capítulo, los autores utilizados fueron Bordenave, Milton Santos, Manuel Castells, José Antônio Martinuzzo, Cicília Peruzzo, Maria da Glória Gohn, Luiz Beltrão, Gustavo Cardoso, Cláudia Lamy, Manuel Carlos Chaparro, Paulo Freire e Joana Puntel. De los documentos de la Iglesia, en el segundo capítulo fueron estudiados el Decreto Inter Mirífica, uno de los documentos del Concilio Vaticano II; los documentos de Medellín, Puebla y Santo Domingo, en lo que se refieren específicamente a la comunicación, el Directorio de Comunicación de la Conferencia Nacional de los Obispos de Brasil y los discursos del Papa Francisco sobre el Día Mundial de la Comunicación Social. En el tercer capítulo, los autores estudiados fueron Ricardo Lara, Mauri Antônio da Silva, Henrique Cristiano José Matos, Maria da Penha Smarzaro Siqueira. Además de la investigación bibliográfica, los procedimientos metodológicos utilizados contemplan entrevistas, análisis de contenido de informativos *Ferramenta* y observación participante. El estudio concluye que el éxito del informativo *Ferramenta* se dio en virtud de factores como apoyo institucional de la Iglesia a la actuación de las pastorales sociales y, consecuentemente, de la comunicación popular como instrumento de movilización social; contexto histórico de movilización de la clase obrera, entre otros. La investigación también apunta que la comunicación de la Pastoral Obrera en la actualidad refleja el debilitamiento de la propia pastoral a causa de un escenario de desmovilización de los movimientos populares y de un nuevo proyecto de Iglesia que deja de

lado las cuestiones sociales, por ejemplo. Además, dentro de ese nuevo proyecto de Iglesia no se contempla la comunicación popular.

Palabras clave: Comunicación; Ciudadanía; Movimientos Sociales; Participación; Iglesia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa da primeira edição do informativo <i>Ferramenta</i>	92
---	----

LISTA DE SIGLAS

ACO – Ação Católica Operária

ANAMPOS – Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais

ASIARFA – Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e Seus Afluentes

BNH – Banco Nacional de Habitação

CBN – Central Brasileira de Notícias

CEBI – Centro de Estudos Bíblicos do Espírito Santo

CEB'S – Comunidades Eclesiais de Base

CEDIVES – Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória

CGT – Confederação Geral dos Trabalhadores

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana

CET – Centro de Estudos do Trabalho

CJP – Comissão de Justiça e Paz

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNTI – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria

COB – Central Operária Boliviana

COFAVI – Companhia Ferro e Aço de Vitória

COOBLOFAC – Cooperativa de Blocos de Flor do Campo

CONCLAT – Conferência Nacional da Classe Trabalhadora

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CST – Companhia Siderúrgica de Tubarão

CUT – Central Única dos Trabalhadores

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DRT – Delegacia Regional do Trabalho

ECC - Encontro de Casais com Cristo

ENCLAT - Encontro Nacional da Classe Trabalhadora

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ENS - Equipes de Nossa Senhora

ENOS - Encontro Nacional das Oposições Sindicais

ENTÕES - Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical

FAMOC – Federação das Associações de Moradores de Cariacica

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FIESP – Federação das Indústrias de São Paulo

INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor

INPS – Instituto Nacional de Previdência Social

JOC – Juventude Operária Católica

MCV – Movimento Custo de Vida

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MFC – Movimento Familiar Cristão

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não Governamental

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PASCOM – Pastoral da Comunicação

PEC – Projeto de Emenda Constitucional

PHS – Partido Humanista da Solidariedade

PJ – Pastoral da Juventude

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular

PNAP – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PO – Pastoral Operária

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

RCC – Renovação Carismática Católica

SEDU – Secretaria de Estado de Educação

SIMESP – Sindicato das Indústrias de Máquina do Estado de São Paulo

SINDIBANCÁRIOS/ES – Sindicato dos Bancários do Espírito Santo

SINDIENFERMEIROS – Sindicato dos Enfermeiros no Estado do Espírito Santo

SINDIPSI – ES – Sindicato dos Psicólogos no Estado do Espírito Santo

SINDISAÚDE – Sindicato dos Trabalhadores de Saúde do Estado do Espírito Santo

SINDIUPES – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1 A PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA NAS DÉCADAS DE 1970, 1980 E 2010.....	25
1.1 DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA: <i>DA RERUM NOVARUM</i> AO CONCÍLIO VATICANO II.....	26
1.2 COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE E PASTORAIS SOCIAIS: O QUE SÃO?..	42
1.3 A IGREJA PROGRESSISTA E A PASTORAL OPERÁRIA NO ESPÍRITO SANTO.....	45
1.4 GLOBALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO.....	54
1.5 MAIS ORAÇÃO, MENOS AÇÃO: A IGREJA DEIXA DE LADO A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES.....	55
1.6 PASTORAL OPERÁRIA DO ESPÍRITO SANTO: DO APOGEU À LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA.....	60
2 REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DA COMUNICAÇÃO PARA A MOBILIZAÇÃO POPULAR E SOBRE O PENSAMENTO COMUNICACIONAL DA IGREJA CATÓLICA.....	72
2.1 O CARÁTER EDUCADOR DA COMUNICAÇÃO POPULAR.....	74
2.2 COMUNICAÇÃO POPULAR: QUAIS MEIOS USAR?.....	76
2.3 RELAÇÕES PÚBLICAS A FAVOR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	79
2.4 O QUE A IGREJA PENSA SOBRE A COMUNICAÇÃO.....	81
2.5 O PAPA FRANCISCO E O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS.....	89
3 A COMUNICAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA DE 1977 A 1985 E NOS ANOS 2010.....	95
3.1 ANÁLISE DO INFORMATIVO FERRAMENTA.....	99
3.2 A COMUNICAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA.....	106
3.3 A COMUNICAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA NOS ANOS 2010.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	132

ENTREVISTAS.....	139
APÊNDICE A.....	141
APÊNDICE B.....	198

INTRODUÇÃO

Pensar o território é pensá-lo política e culturalmente, é vê-lo como produtor de sentido e símbolos, segundo Rogério Haesbart (2007, Pág. 214). Assim, a Igreja, enquanto instituição religiosa, pode ser considerada um território pelo fato de ser portadora de tradições, dogmas, rituais, regras de convivência, favorecendo a noção de que se partilha uma identidade comum, um sentimento de integração, além de ser sustentáculo ou não do poder vigente.

No que diz respeito à territorialidade religiosa, Zeny Rosendahl (2005) diz que se trata do grupo de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um determinado território no qual o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e sentimento mútuo de propriedade. Ainda de acordo com Zeny Rosendahl (2005), a territorialidade também se destaca pelas experiências religiosas coletivas ou individuais mantidas no território, o que vai ao encontro do pensamento de Rogério Haesbart, quando ele afirma que o território político-cultural é produtor de sentido e símbolos.

Não há justificativas para o discurso da desterritorialização, de acordo com Rogério Haesbart (2007, Pág. 367), pois segundo ele esse discurso é um mito defendido pelos defensores do neoliberalismo, que pregam o “fim das fronteiras” e o “fim do Estado” como forma de facilitar a livre atuação das forças do mercado, causando o agravamento da desigualdade social. Para Rogério Haesbart (2007, Pág.365), o processo de desterritorialização no qual é envolvida a multiplicidade existente no espaço não é aquele defendido pelo projeto neoliberal, e sim, um processo que ele chama de Des-Territorialização, com hífen, que carrega o múltiplo, o sincrético, uma “condição híbrida”. A Des-Territorialização não se impõe em relação à territorialização, o que acontece, de acordo com Rogério Haesbart (2007, Pág. 366), é a multiterritorialização, um processo de territorialização por meio do movimento, do devir.

Rogério Haesbart (2007, Pág. 369) defende que esse processo de territorialização e Des-Territorialização deveria ser movido pelo “amor a tudo aquilo que existe”, que os territórios devem ser espaços de apropriação e identificação social, “em cuja transformação nos sentíssemos profundamente identificados e comprometidos”. Os territórios, defende Haesbaert (2007, Pág. 370), devem ser espaços estimuladores da diversidade e da igualdade social.

As Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's) são exemplo de territórios ligados à Igreja e que têm como alguns de seus objetivos ser estimuladores da diversidade e da igualdade social. De acordo com Frei Betto (1985, p. 16), as Ceb's consistem em pequenos grupos organizados em torno da paróquia ou da capela. O primeiro caso acontece na zona urbana, o segundo, na rural.

São denominadas comunidades por reunirem pessoas que professam a mesma fé, pertencem a mesma Igreja e são moradoras da mesma região, vivendo problemas em comum, lutando por melhores condições de vida e compartilhando anseios e esperanças libertadores. São chamadas eclesiais por congregarem na Igreja como núcleos básicos de comunidade de fé e são de base porque a elas pertencem pessoas inseridas nas classes populares, como donas de casa, operários, aposentados, entre outros trabalhadores do campo ou da cidade.

As Ceb's podem ser chamadas de territórios porque, segundo Zeny Rosendahl (2005), a própria estrutura administrativa da Igreja, que mantém uma unidade político-espacial, é formada por territórios demarcados, controlados por um profissional religioso. Portanto, o território religioso contém um modo de distribuição espacial e de gestão desse espaço. O poder dos sacerdotes é exercido, de acordo com Zeny Rosendahl (2005), em três níveis hierárquicos de gestão do sagrado, que são o Vaticano, a sede oficial; a Diocese e paróquia, que são político administrativos. Esta última, afirma a pesquisadora, “é evocada como território principal da vida das comunidades”. Zeny Rosendahl (2005) destaca, ainda, que os territórios religiosos se modificam, por exemplo, com a criação de novas dioceses ou fragmentação de paróquias.

Para serem espaços estimuladores da diversidade e da igualdade social, como aponta Haesbart, as Comunidades Eclesiais de Base utilizaram como um de seus instrumentos a comunicação popular ou participatória. Segundo Bordenave:

Na Comunicação Participatória todos os interlocutores exercem livremente seu direito à auto-expressão, como uma função social permanente e inalienável; geram e intercambiam seus próprios temas e mensagens; solidariamente criam conhecimento e saber, e compartilham sentimentos; organizam-se e adquirem poder coletivo; resolvem seus problemas comuns e contribuem para a transformação da estrutura social de modo que ela se torne livre, justa e participativa. (BORDENAVE, 1983, p.40)

No Espírito Santo, mais precisamente na Arquidiocese de Vitória, um dos veículos de comunicação populares criados na década de 70 foi o informativo *Ferramenta*, da Pastoral Operária. Seu processo de produção, desde a captação de pautas até a distribuição do jornal, era feito e voltado não somente por e para integrantes da pastoral, mas também por e para trabalhadores que não eram ligados à Igreja, extrapolando o território da Arquidiocese de Vitória, já que o informativo era da Pastoral Operária dessa Arquidiocese. Assim, colocava-se em prática o que Rogério Haesbart afirma ser a Des-Territorialização, ou seja, o múltiplo, o sincrético. Nesse caso, trata-se de um contexto em que a Igreja repensa a relação entre ela e o

mundo, incentivando a participação dos leigos na transformação da sociedade, o que requer que eles estendam sua atuação para além do território da Igreja, não se fechando nele.

Assim, esta dissertação se justifica ao buscar contribuir para a compreensão da participação da comunicação da Pastoral Operária na mobilização popular dentro e fora do território da Arquidiocese de Vitória em dois períodos distintos. O primeiro é entre 1977, quando o informativo *Ferramenta* foi criado, e 1985, quando a ditadura militar chegou ao fim. Essa data de término foi escolhida em virtude do fato de que onde há um poder ditatorial instalado é preciso estudar as formas de resistência contra ele.

O segundo período é a atualidade, que é de enfraquecimento das Comunidades Eclesiais de Base, causado, por exemplo, por um novo projeto de Igreja a partir do pontificado de João Paulo II, que começou em 1978, sendo importante estudar também as formas de resistência ao sufocamento das Ceb's. Este estudo surgiu de inquietações da pesquisadora que, ao longo de sua trajetória nas Comunidades Eclesiais de Base, sempre ouviu falar da trajetória do padre Gabriel Félix Roger Maire, coordenador do *Ferramenta*, do próprio jornal e acompanhou o declínio das pastorais sociais.

Este estudo utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, entrevistas, observação participante e análise de exemplares do *Ferramenta*. Esta análise foi feita por meio da leitura dos exemplares do período estudado como forma de verificar quais os assuntos mais abordados e se o *Ferramenta*, em seu conteúdo, estava alinhado com as conjunturas política, social e econômica estadual, nacional e internacional.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro inicia com uma contextualização da luta dos trabalhadores no continente europeu na busca por direitos no momento histórico da Revolução Industrial, a partir da bibliografia de Giannotti (2007), necessária para explicitar em qual contexto surgiu a Doutrina Social da Igreja, no século XIX, com a encíclica *Rerum Novarum*, que trata da situação dos operários e aborda os problemas oriundos da sociedade industrial.

Não somente a *Rerum Novarum* foi estudada no primeiro capítulo, mas também a encíclica *Quadragesimo Anno* e o documento *Gaudium Et Spes*, que é um dos 16 do Concílio Vaticano II, além dos documentos das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. A escolha pelo *Gaudium Et Spes* se deu por ser o documento em que a Igreja trata das relações entre ela e o mundo. Para o estudo da *Rerum Novarum* e da *Quadragesimo Anno* foram utilizados os textos das próprias encíclicas, além do pensamento de Camacho (1995). O mesmo livro desse autor

utilizado para estudar as duas encíclicas também serviu de base para os estudos do *Gaudium Et Spes* e das Conferências Episcopais, assim como os próprios textos desses documentos.

Também foram trazidos no primeiro capítulo os conceitos de Teologia da Libertação, de um dos seus sistematizadores, o teólogo e sacerdote dominicano Gustavo Gutiérrez (2000); e de Teoria da Dependência. Para abordar a Teoria da Dependência foram estudados os seguintes autores: Gustavo Gutiérrez (2000) e Luís Ramiro Beltrán (2017).

O segundo capítulo é totalmente dedicado ao debate sobre a comunicação. Ele não foi abordado no primeiro porque se fazia necessário entender o que é a Pastoral Operária, seu contexto de surgimento. Além disso, parte do conteúdo do primeiro capítulo será utilizado para complementar os debates sobre comunicação no segundo e no terceiro capítulos e na conclusão.

O segundo capítulo inicia com o debate sobre a ação dos meios de comunicação na paralisação do sendo crítico, segundo Bordenave (1984); e por meio de uma informação manipulada, que é um dos fatores constitutivos da globalização perversa, de acordo com Milton Santos (2007). A informação, afirma Bordenave (1983), passa por um filtro que sofre intervenção da personalidade do jornalista e das instituições às quais os meios de comunicação pertencem, sendo, portanto, uma construção da realidade.

Diante disso, é discutido o conceito de poder com base em Manuel Castells (2015), que defende ser o poder relacional por não ser abstraído da relação entre aqueles que os detêm e os que estão sujeitos a ele. Iniciando o debate sobre a resistência no campo da comunicação, este estudo utiliza o conceito de Comunicação Participatória, de Bordenave (1983). O terceiro capítulo começa com o resgate da trajetória do informativo *Ferramenta*, mais especificamente no período entre 1977 a 1985. Isso foi feito por meio de entrevistas com ex-integrantes da equipe do jornal e com pessoas que, de forma indireta, contribuíram com o veículo de comunicação, como integrantes de outras pastorais. As entrevistas foram necessárias, pois a pesquisadora não encontrou registros bibliográficos sobre a trajetória do *Ferramenta*, apenas um breve relato sobre ele em um livro.

Logo depois esta dissertação se dedica à análise do informativo *Ferramenta*, de 1977, quando surgiu, até 1985, ano em que acabou a ditadura militar. Todas as edições disponíveis no site do Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro foram analisadas. Para cada uma delas foi feita uma tabela com o resumo de cada matéria e o tema do qual ela trata para verificar quais eram os assuntos mais recorrentes no informativo e se ele estava concatenado com o momento histórico de então. As tabelas estão no apêndice.

Para estudar a comunicação da Pastoral Operária na atualidade foi necessário compreender a da Arquidiocese de Vitória, que está contemplada no terceiro capítulo. Para isso, foram feitas entrevistas com a gerente do Departamento de Comunicação e Marketing da Arquidiocese Maria da Luz Fernandes, o diretor executivo da Fundação Nossa Senhora da Penha e da Rede Católica de Rádio do Espírito Santo Alessandro de Mello Gomes e o coordenador da Pastoral da Comunicação padre Gudialace Silva de Oliveira.

No que diz respeito à comunicação da Pastoral Operária na atualidade, para compreendê-la foi preciso fazer entrevistas com integrantes e parceiros da pastoral e aliar a experiência de observação participante com a bibliografia lida, principalmente a relacionada à Folkcomunicação, que é uma prática na Pastoral Operária.

1 - A Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória nas décadas de 1970, 1980 e 2010

SALVE, MAURÍCIO!

Lutador pela vida!

Ele é de luta!

Lutou todos os dias!

Lutou até o fim

na lida operária.

Quis viver

e viveu como poucos.

Continuará vivo entre nós!

Viveu para os seus.

Viveu para os outros.

Viveu com os outros.

Compartilhou a fé, a vida...

Vai estar sempre presente.

Seu testemunho fica,

seu exemplo edifica:

paciência e oração.

Mauricio Amorim, presente!

Helder Salomão

Antes de abordar a questão da Doutrina Social da Igreja, é preciso resgatar o contexto histórico de seu surgimento, no século XIX, com a Revolução Industrial, que teve como algumas de suas consequências para o operariado a precarização das condições de trabalho. Segundo Giannotti (2007, p.29), no século XIX a Inglaterra foi pioneira no processo de industrialização, vendendo seus produtos, feitos com matéria prima de diversas partes do mundo após séculos de exploração de regiões das Américas, Ásia e África, para vários países.

A situação dos operários, de acordo com Giannotti, era de uma expectativa de vida reduzida, de cerca de 21 anos. Além disso, havia exploração da mão de obra infantil nas fábricas e era inexistente algum tipo de lei que garantisse direitos trabalhistas e de organização operária. Assim como a Inglaterra foi o berço da industrialização, esse país foi, também, berço do movimento operário. Em cidades como Londres, Liverpool e Manchester, principais cidades

industriais inglesas, ocorriam diversas formas de protesto com reivindicações como redução de carga horária de trabalho e liberdade de organização operária. Em 1825 foi criado o primeiro sindicato estruturado do qual se tem notícia, a União dos Fiadores de Algodão, em Manchester, considerada capital da indústria têxtil inglesa. Com o passar do tempo, as reivindicações dos operários ingleses foram se expandindo, englobando, por exemplo, o direito ao voto universal secreto e escola gratuita para todos.

De acordo com Giannotti (2007, Pág. 31), a primeira greve geral da história da industrialização ocorreu em 1842, no norte da Inglaterra. Ele destaca também o processo de industrialização na França, na primeira metade do século XIX, onde, em 1840, ocorreu uma greve de mais de cem mil operários. Giannotti salienta que os primeiros séculos de existência da classe operária são marcados pela precarização do trabalho, mas também pela resistência, pela luta por direitos trabalhistas e de organização operária. Mesmo sob forte repressão, essa mobilização permitiu alcançar conquistas, como a criação de sindicatos, redução da jornada de trabalho, entre outros.

As manifestações não ficaram restritas à Inglaterra e França. Esses dois países foram destacados por terem sido pioneiros no processo de industrialização. Segundo Giannotti (2007, Pág. 34), em 1866, em Baltimore, nos Estados Unidos, foi realizado um congresso no qual foi deliberada a realização de greves em todo o país pela legalização da jornada de trabalho de oito horas, que também era reivindicada na Alemanha, Bélgica e outros países industrializados.

O contexto de surgimento da Doutrina Social da Igreja não foi marcado somente pela precarização do trabalho e resistência da classe trabalhadora. Segundo Camacho (1995, p.244), esse contexto também é de conflito do catolicismo com a sociedade moderna em virtude do processo de secularização, que envolve aspectos como a separação entre a Igreja e o Estado e a prevalência da ciência sobre o método especulativo, fazendo com que o homem moderno sintasse emancipado da tutela das instituições religiosas. A Igreja continua tendo seu espaço na sociedade, porém, não tão privilegiado quanto antes.

1.1 –Doutrina Social da Igreja: da *Rerum Novarum* ao Concílio Vaticano II

Segundo Camacho (1995, p.51), o primeiro documento da Doutrina Social da Igreja é a encíclica *Rerum Novarum*, divulgada em 1891, durante o pontificado de Leão XIII. Afinal, o que é a Doutrina Social da Igreja? Segundo Gonçalves (acesso em 29 dez. 2016), trata-se do conjunto de escritos e mensagens que compõem o pensamento do magistério católico no que diz respeito à questão social. Esses escritos e mensagens podem ser encíclicas, cartas, exortações, pronunciamentos, declarações, entre outros.

Iamamoto (2010, p. 27) define a questão social como as expressões das desigualdades oriundas da sociedade capitalista, que tem na raiz uma produção social cada vez mais coletiva, um trabalho amplamente social e cuja apropriação dos frutos é monopolizada por uma parte da sociedade.

Citando Marques de Melo, Waldemar Luiz Kunsch (2001, p. 51) diz que a Igreja busca refletir a vida da sociedade em determinados momentos. Essa afirmação vai ao encontro do pensamento de Camacho (1995, p. 11). Camacho defende que os textos da Doutrina Social da Igreja não devem ser analisados tirando-os de seu contexto histórico. Luiz Waldemar Kunsch (2001, p.50) fala do comunicar, afirmando que essa é missão da Igreja em virtude da ordem de Jesus Cristo de ir ao mundo e pregar o evangelho a todos os povos para que tenham vida. Inclusive, nessa ordem de Cristo Luiz Waldemar Kunsch identifica o esquema de teoria da comunicação delineado por Harold Lasswell, que pode ser adaptado para a Igreja da seguinte forma:

Cristo (fonte), por sua vida e sua pregação (meios), anuncia o Evangelho (mensagem), a todos os povos (destinatários), para que tenham a vida (efeito). O mesmo vale para os seguidores de Cristo, bispos, padres ou leigos, todos eles investidos, pelo batismo, do múnus profético-comunicador. (KUNSCH, 2001, p. 50)

Portanto, diante dos conceitos e reflexões trazidos por Gonçalves, Iamamoto e Kunsch, é possível afirmar que a Doutrina Social da Igreja, ou seja, o conjunto de escritos e mensagens mencionados por Gonçalves, são um instrumento de comunicação da Igreja com seus fiéis e a sociedade em geral. Por meio dela a instituição expõe suas reflexões sobre a questão social dentro de um determinado contexto histórico. Assim, exorta principalmente seus fiéis e o clero a colocar em prática as orientações contidas como forma de propagar o evangelho a todos os povos, fazendo com que a Igreja cumpra sua missão de comunicar.

Camacho (1995, p. 51) destaca que a *Rerum Novarum* aborda os problemas oriundos da sociedade industrial. Ele (1995, p. 51) salienta que a encíclica é dividida da seguinte forma: descrição da situação da classe operária, rejeição à proposta do socialismo, apresentação da solução para os problemas em questão, que é oferecida pela doutrina da Igreja; e conclusão. Assim a *Rerum Novarum* descreve a situação da classe operária, logo em seu início:

Em todo caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; [...] e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isso deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum

pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários. (*Rerum Novarum*, 1965, p. 10).

Em seguida, a encíclica deixa clara a posição da Igreja em relação ao socialismo e defende a propriedade privada:

Os socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens dum indivíduo qualquer devem ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para os Municípios ou para o Estado. [...] Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Outrossim, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social. (*Rerum Novarum*, 1965, p. 11).

No trecho acima, a encíclica afirma que o fim da propriedade privada prejudicaria os operários. Segundo a *Rerum Novarum* (1965, p. 12), isso aconteceria, pois, caso a propriedade privada fosse abolida, tiraria deles o direito de engrandecer seu patrimônio utilizando-se do salário para adquirí-la, transformando o salário em um bem adquirido. A propriedade privada, de acordo com a *Rerum Novarum*, é um direito natural do homem, que deve ter sob seu domínio não somente os frutos oriundos da terra, mas também a própria terra.

Ao transformar a terra em um bem adquirido, segundo a *Rerum Novarum* (1965, p. 16), o pai a transforma em uma proteção para a instituição familiar, pois ela passa a cumprir a função de defendê-los de problemas financeiros que possam surgir no futuro. A propriedade trata-se de um bem que pode ser transmitido aos filhos por meio de herança. A administração da propriedade pelo Estado, de acordo com a encíclica (1965, p.41), faz com que ele passe a abolir a autoridade paterna, invadindo a sociedade doméstica, ou seja, a família. Ao Estado, segundo o documento papal, cabe intervir em casos de violação de direitos e sua restituição, não devendo ir além. Para a Igreja, naquele documento, os socialistas destroem os laços de família.

Por meio da *Rerum Novarum* fica expressa a crença da Igreja de que não há solução eficaz sem apelar para ela, o que é uma demonstração de seu conflito com a sociedade moderna a partir do momento em que ela se coloca como a detentora da solução para a questão social, cabendo até mesmo ao Estado, que, para a sociedade moderna, deve ser separado da Igreja, agir conforme a Doutrina Social:

É com toda a confiança que nós abordamos este assunto, e em toda a plenitude do nosso direito; porque a questão de que se trata é de tal natureza, que, não se apelando para a religião e para a Igreja, é impossível encontrar-lhe uma solução eficaz. Ora, como é principalmente a nós que estão confiadas a salvaguarda da religião e a dispensação do que é do domínio da Igreja, calarmo-nos seria, aos olhos de todos, trair

o nosso dever. Certamente uma questão dessa gravidade demanda ainda de outros a sua parte de atividade e de esforços: isto é, dos governantes, dos senhores e dos ricos, e dos próprios operários, de cuja sorte se trata. Mas, o que afirmamos sem hesitação, é a inanidade da sua ação fora da Igreja. ((*Rerum Novarum*, 1965, p. 19).

A *Rerum Novarum* (1965, p. 20) prossegue em suas críticas ao socialismo ao afirmar que os defensores desse sistema alegam que não deve haver divisão de classes, sendo que, para a Igreja, o homem deve aceitar sua condição, já que a natureza estabeleceu diferenças entre os homens, como as de talento, força, saúde, entre outras, que os levam a exercer funções diversas. Na *Rerum Novarum* é feita a defesa da conciliação de classes, alegando que elas são destinadas pela natureza a viver em equilíbrio. A não compreensão disso, segundo o documento, leva à confusão e selvageria.

Esta foi a primeira parte da *Rerum Novarum*, que se dedica a explicar sobre a solução socialista. A segunda parte, segundo Camacho (1995, p. 52), aponta as soluções que a Igreja afirma ser verdadeiras, devendo partir dela, do Estado, dos industriais e dos trabalhadores. Cabe à Igreja, de acordo com a *Rerum Novarum* (1965, p. 24), além de investir em obras de caridade, propor os preceitos que irão aproximar operários e patrões, criando entre eles laços de amizade.

Esses preceitos, expostos na Doutrina Social da Igreja, têm como base o evangelho, o que remonta à afirmação feita no início deste capítulo de que a Doutrina Social da Igreja é um instrumento de comunicação com os fiéis e a sociedade em geral. E que por meio dela a Instituição expõe suas reflexões sobre a questão social dentro de um determinado contexto histórico. Assim, exorta principalmente seus fiéis e o clero a colocar em prática as orientações contidas como forma de propagar o evangelho a todos os povos, fazendo com que a Igreja cumpra sua missão de comunicar.

Um exemplo é o trecho abaixo. Em um contexto de precarização do trabalho com o apogeu da indústria, a Doutrina Social da Igreja se utiliza do evangelho de Tiago para propagar/ comunicar a mensagem de que é preciso acabar com a exploração do operariado, orientando as pessoas a também comunicar esse evangelho não somente defendendo suas ideias, mas colocando em prática as orientações sobre como os patrões devem tratar os operários:

Mas, entre os deveres principais do patrão, é necessário colocar, em primeiro lugar, o de dar a cada um o salário que convém. Certamente, para fixar a justa medida do salário, há numerosos pontos de vista a considerar. Duma maneira geral, recordem-se o rico e o patrão de que explorar a pobreza e a miséria, e especular com a indigência, são coisas igualmente reprovadas pelas leis divinas e humanas; que cometeria um crime de clamar vingança ao céu quem defraudasse a qualquer pessoa no preço dos seus labores: “Eis que o salário, que tendes extorquido por fraude aos vossos operários, clama contra vós; e o seu clamor subiu até os ouvidos do Deus dos

exércitos” (Tg 5,4). Enfim os ricos devem precaver-se religiosamente de todo ato violento, toda fraude, toda manobra usurária que seja de natureza e atentar contra a economia do pobre, e isto mais ainda, porque este é menos apto para defender-se, e porque os seus haveres, por serem de mínima importância, revestem um caráter mais sagrado. A obediência a estas leis, - perguntamos nós – não bastaria só, de per si, para fazer cessar todo o antagonismo e suprimir-lhe as causas? (*Rerum Novarum*, 1965, p. 23).

Entre as obrigações do Estado, segundo a *Rerum Novarum* (1965, p. 39), estão proteger a propriedade privada, impedindo “os legítimos patrões de serem despojados do que é seu”; impedir as greves, que causam prejuízos aos patrões, empregados, ao comércio e aos interesses comuns, intervindo, por meio das leis, nas causas que as fazem eclodir, como a carga horária extensa e baixo salário; resguardar o direito ao repouso festivo para que os trabalhadores possam se dedicar à religião, proibir o trabalho infantil, proibir o trabalho feminino, já que, segundo a Igreja, há atividades laborais que não se adaptam a esse sexo, cuja natureza se destina aos trabalhos domésticos, à educação dos filhos e à família.

Aos empregados e proprietários, a *Rerum Novarum* (1965, p. 47) os convoca às associações operárias católicas, que têm como alguns de seus objetivos auxiliar os operários, viúvas e órfãos em casos como os de morte, acidentes e problemas de saúde. Essas associações podem ser compostas somente de trabalhadores, mas também mistas, unindo-se aos patrões, e tendo como foco a caridade. Rechaça-se qualquer outro tipo de associação que não sejam as católicas, ou seja, não há apoio ao movimento sindical. Cabe também aos operários, segundo a *Rerum Novarum* (1965, p.22), fornecer o trabalho que se comprometeu a fazer, não lesar o patrão, seus bens e fazer reivindicações isentas de violência.

Segundo Camacho (1995, p. 52), a *Rerum Novarum* contrapõe duas alternativas, a socialista e a que vem da Doutrina Social da Igreja. Entretanto, Camacho (1995, p. 70) discorda de que haja uma concepção liberal de Estado por haver na encíclica a defesa de que o Estado deve ter iniciativa em questões como a legislação trabalhista, responsabilizando-se em solucionar a questão social, o que, de acordo com ele, distancia-se da concepção liberal, já que esta defende que o Estado deve ficar marginalizado da vida social. Camacho (1995, p. 72) afirma que a *Rerum Novarum* não pretende solucionar a questão entre a ideologia liberal e outras formas de organização política, quer apenas expor a visão da Igreja para a solução da questão social.

A *Rerum Novarum* foi ponto de referência para outras encíclicas, como a *Quadragesimo Anno*, divulgada em 15 de maio de 1931, em comemoração ao 40º aniversário da encíclica sobre a Condição dos Operários. Segundo Camacho (1995, p.101), a *Quadragesimo Anno*, do

pontificado de Pio XI, surge em um cenário de crise do capitalismo e expansão do comunismo. Camacho (1995, p. 99) destaca o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, que causou, entre outros problemas, diminuição da produção e aumento do desemprego; e a Revolução Russa, de 1917, que implantou o socialismo na Rússia.

A *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017) objetiva elencar os benefícios trazidos pela encíclica publicada no final do século XIX, defendê-la, esclarecer alguns pontos criticados inclusive por católicos, atualizá-la diante do contexto da década de 1930 e mostrar a saída para a restauração da sociedade. A *Quadragesimo Anno* enumera as contribuições dadas pela Igreja, patrões, Estado e operários a partir da encíclica que inaugura a Doutrina Social da Igreja.

Com base na *Quadragesimo Anno* é possível afirmar que a comunicação do evangelho por meio da Doutrina Social da Igreja, com base no contexto da precarização da classe operária do século XIX, teve êxito. Afinal, segundo a encíclica, uma das contribuições da Igreja naquele contexto se deu na propagação dos princípios da *Rerum Novarum* por parte de sacerdotes e leigos, inclusive em palestras públicas, universidades católicas, seminários, congressos, entre outros. A encíclica divulgada no pontificado de Pio XI também salienta que os princípios da *Rerum Novarum* foram bem recebidos até mesmo por quem não reconhece a autoridade da Igreja, sendo citados e defendidos em jornais e livros considerados acatólicos.

Coube ao Estado, de acordo com a *Quadragesimo Anno*, desenvolver uma política social mais ativa depois da *Rerum Novarum*, com a aprovação de leis trabalhistas, defendidas nos parlamentos e outras tribunas públicas. Contudo, não se deve deixar de levar em consideração as lutas populares por direitos, que contribuíram para essas conquistas, mas a *Quadragesimo Anno* não as menciona. A contribuição dada pelos patrões e operários se deu, de acordo com a encíclica, principalmente por meio das associações, que atuaram de forma variada de acordo com a realidade de cada país. Em locais nos quais não era possível criar associações confessionais, a *Quadragesimo Anno* propunha que fosse feito um trabalho de conscientização em meio aos trabalhadores para que pudessem atuar nas associações sindicais com base na disciplina da religião.

A *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017) também aborda a questão do direito de propriedade. Como já dito neste capítulo, a encíclica divulgada no pontificado de Pio XI tem como um de seus objetivos esclarecer alguns pontos da *Rerum Novarum*, criticados, inclusive, por católicos. A questão da propriedade privada é um deles, conforme deixa claro o trecho abaixo:

Sabeis, veneráveis Irmãos e amados Filhos, que Leão XIII de feliz memória defendeu tenazmente o direito de propriedade contra as aberrações dos socialistas do seu tempo, mostrando que a destruição do domínio particular reverteria, não em vantagem, mas em ruína da classe operária. Mas como não falta quem com flagrante injustiça calunie o Sumo Pontífice e a Igreja de ter zelado e zelar somente os interesses dos ricos contra os proletários, e os mesmos católicos não concordam na interpretação do genuíno e verdadeiro modo de pensar de Leão XIII, pareceu-nos bem vingar de tais calúnias a sua doutrina que é a católica e defendê-la de falsas interpretações. (*QuadragesimoAnno*, acesso em 02 jan. 2017).

A encíclica prossegue afirmando que a propriedade privada tem dois domínios, o individual, que diz respeito aos interesses particulares; e o social, relacionado ao bem comum. Camacho (1995, p.109) destaca que a Igreja, com essa afirmação, pretende afastar-se das críticas de alguns católicos, que acham que o conceito de propriedade defendido pela Instituição religiosa é de origem pagã, devendo ser substituído por um de origem cristã. Nesse conceito cristão, de acordo com Camacho, o direito à propriedade é perdido quando não se faz o uso devido dele.

Camacho (1995, Pág. 109) salienta, ainda, que, diante disso, Pio XI destaca as obrigações dos proprietários e do Estado no que diz respeito à propriedade privada. Dessa forma, o papa invoca a afirmação de Leão XIII de que “o direito de propriedade distingue-se de seu exercício”. De acordo com Camacho (1995, p.110), o Sumo Pontífice deixa claro que o direito atua no campo da justiça comutativa. Já o uso é regulado por outras virtudes. Portanto, o que a encíclica defende, segundo Camacho, é a expropriação da propriedade em virtude do uso indevido dos bens. Contudo, cabe ao Estado, segundo Camacho, zelar para que a dimensão social da propriedade seja mantida, determinando o que é lícito ou não no uso dos bens.

A *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017) também aborda a questão da relação entre capital e trabalho. Ao primeiro, atribui o erro de querer todo o lucro para si. Ao segundo, o de achar que a propriedade deve passar para as mãos do Estado e que os frutos do trabalho pertencem ao operariado. A encíclica defende que uma classe não pode ser excluída pela outra da participação nos lucros, sendo a repartição dos bens materiais pautadas no bem comum e na justiça social.

O documento pontifício ratifica que os operários devem ter condições de formar um patrimônio, não somente para se resguardar diante das eventualidades da vida, mas também para deixar como herança aos filhos, assim como propunha a *Rerum Novarum*. A encíclica ratifica, ainda, outro princípio do documento de Leão XIII: o operário somente poderá formar um patrimônio se receber um justo salário.

De acordo com a *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017), o salário deve ser regulado e determinado por três fatores: sustento do operário e da família, situação da empresa e exigências do bem comum. Para Camacho (1995, p.112), no quesito sustento da família Pio XI contrasta com Leão XIII, pois fala de salário familiar. O pontífice não nega que outros membros da família podem contribuir para o sustento. Contudo, estabelece regras, como o fato dos trabalhadores serem somente adultos e, quanto às mulheres, deve ser priorizado o trabalho no lar, mas se as condições não permitirem, elas podem trabalhar fora de casa.

A situação da empresa diz respeito ao fato de que, segundo a *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017), não se pode exigir da empresa mais do que ela tem condições de pagar, correndo o risco de arruiná-la e arruinar os próprios operários que dela dependem para sobreviver. Entretanto, se a deficiência nos lucros for causada pelo descuido na procura pelo progresso técnico e econômico, a encíclica encara como injusto fazer com que isso cause impacto negativo no salário do trabalhador.

Outro exemplo dado pela encíclica é nos casos em que a empresa se vê obrigada a vender seus produtos por um preço inferior ao justo. Nessas ocasiões, a encíclica taxa como “réus de culpa grave” aqueles que submetem a empresa a isso, pois privam o operariado de um salário justo. A encíclica encerra a questão da situação da empresa concluindo que patrões e operários devem vencer juntos as dificuldades, com auxílio da autoridade pública, devendo haver entre as duas classes a união e concórdia cristã, principalmente nos momentos mais graves.

Assim como a *Quadragesimo Anno* condena os baixos salários, ela faz críticas às remunerações altas demais. Isso está ligado às exigências do bem comum, pois a encíclica afirma que tanto os baixos quanto os altos salários são os responsáveis pelo fato de muitos operários não terem emprego, devendo a remuneração ser regulada de tal forma que o maior número possível de trabalhadores possa encontrar trabalho, sustentar a si e à família.

A parte central da *Quadragesimo Anno*, segundo Camacho (1995, p.113), é quando se aborda a restauração da ordem social, que compreende a reforma das instituições e a mudança dos costumes. De acordo com Camacho, o conteúdo central da encíclica mostra que é preciso uma reforma do Estado, associações, corporações, modelo de concorrência e de mercado, pois nem o capitalismo nem o socialismo são possíveis, sendo que a raiz desses problemas está na deterioração dos costumes e no egoísmo, sendo, portanto, necessária uma reforma de costumes com base em virtudes cristãs como moderação e caridade.

Nesse aspecto, mais uma vez a encíclica (Acesso em 02 jan. 2017) insiste na harmonia entre as classes, que deve ser assegurada pelo Estado para que elas não caminhem para o ódio e a guerra. Defende, ainda, corporações nas quais em primeiro lugar estão os interesses comuns à profissão, sem perder de vista a necessidade da atividade coletiva se orientar para o bem comum de toda a sociedade, e, resolvidas separadamente, as questões relativas aos interesses particulares dos patrões e operários.

Além disso, a encíclica deixa claro que a livre concorrência é justa e vantajosa dentro de certos limites, mas não pode “servir de norma reguladora à vida econômica” para que a economia possa ser útil à humanidade, pautada na caridade, justiça social e não no individualismo. A *Quadragesimo Anno* também propõe a cooperação econômica internacional, por exemplo, por meio de tratados, para que as nações se auxiliem economicamente. O documento papal também aborda a questão dos sindicatos, conforme trecho abaixo:

Recentemente iniciou-se, como todos sabem, uma nova organização sindical e corporativa, à qual, vista a matéria desta nossa carta encíclica não podemos deixar de nos referir, com alguma consideração oportuna. O Estado reconheceu juridicamente o sindicato, dando-lhe porém caráter de monopólio, já que só ele, assim reconhecido, pode representar respectivamente operários e patrões, só ele concluir contratos e pactos de trabalho. A inscrição no sindicato é facultativa, e só neste sentido se pode dizer que a organização sindical é livre; pois a quota sindical e certas taxas especiais são obrigatórias para todos os que pertencem a uma dada categoria, sejam eles operários ou patrões; como obrigatórios para todos são também os contratos de trabalho estipulados pelo sindicato jurídico. Verdade é que nas regiões oficiais se declarou que o sindicato jurídico não exclui a existência de associações profissionais. (*Quadragesimo Anno*, acesso em 02 jan. 2017).

A encíclica se opõe à organização sindical e defende aquilo que chama de corporações, que podem agregar patrões e empregados, deixando clara mais uma vez a defesa da conciliação de classes, com intervenção do Estado quando ambas não chegam a um acordo, evitando, dessa forma, a deflagração de greves e atos considerados violentos pela Igreja.

Como já foi dito neste capítulo, a encíclica diz que nem o capitalismo nem o socialismo são possíveis. Essa afirmação fica evidente quando a *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017) faz críticas a ambos. O primeiro é classificado pela encíclica como um sistema econômico em que o poder é “um verdadeiro despotismo econômico nas mãos de poucos”. Essa realidade, segundo a encíclica, é fruto de uma concorrência sem limites, na qual sobrevivem aqueles que forem os competidores mais violentos e mais inescrupulosos, gerando, inclusive, o emprego da força para resolver questões políticas entre os Estados, o que pode ser uma referência à 1ª Guerra Mundial.

No que diz respeito ao socialismo, a *Quadragesimo Anno* (Acesso em 02 jan. 2017) afirma que ele se dividiu em duas facções principais. Uma delas é o comunismo, que, segundo a encíclica, procura realizar por meios violentos a guerra de classes e a destruição da propriedade particular. E, de acordo com o documento papal, quando chega ao poder, se demonstra bárbaro e desumano. Para provar isso, Pio XI afirma que a mortandade e as ruínas se alastraram por regiões da Ásia e da Europa Oriental, o que pode ser uma referência ao êxito da Revolução Russa de 1917. Ele declara também que o comunismo dissemina o ódio contra Deus e a Igreja. A encíclica chama a outra facção de socialismo, a qual considera mais moderada pois, embora não suprima a luta de classe e o fim da propriedade privada, as abrande e limita. Contudo, exorta aos católicos que não defendam esse sistema, como mostra o trecho abaixo:

Ora, se os falsos princípios assim se mitigam e obliteram, pergunta-se, ou melhor, perguntam alguns sem razão, se não será bem que também os princípios católicos se mitiguem e moderem para sair ao encontro do socialismo e congraçar-se com ele a meio caminho? Não falta quem se deixe levar da esperança de atrair por este modo os socialistas. Esperança vã! Quem quer ser apóstolo entre os socialistas é preciso que professe franca e lealmente toda a verdade cristã, e que de nenhum modo feche os olhos ao erro. Esforcem-se antes, se querem ser verdadeiros arautos do Evangelho, por mostrar aos socialistas que as suas reclamações, na parte que tem de justas, se defendem muito mais vigorosamente com os princípios da fé e se promovem muito mais eficazmente com as forças da caridade. (*Quadragesimo Anno*, acesso em 02 jan. 2017)

Segundo Pio XI, “ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista”. Ele faz críticas aos fiéis que apoiam o socialismo com base na ideia de que a Igreja favorece os ricos e, por isso, veem nesse sistema econômico uma forma de defender os interesses do operariado. Para Pio XI, basta ler o conteúdo da *Rerum Novarum* para concluir que essa afirmação se trata de calúnia.

A reforma dos costumes, segundo a encíclica, está na renovação do espírito cristão, na restituição da vida econômica por meio de sua cristianização, respeitando a lei de Deus por meio de atitudes como empregar os bens segundo os princípios da fé, garantindo a justa distribuição de riquezas. A *Quadragesimo Anno* salienta que, aliada à justiça deve estar a caridade, que devem fazer parte das instituições, promovendo a paz, a cooperação, unindo os membros da sociedade em uma grande família a ponto de um ajudar o outro, inclusive patrões e empregados, que poderão entender as demandas uns dos outros sem conflito.

Três décadas depois da *Quadragesimo Anno*, mais precisamente em 1962, tem início o Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII. O término do Concílio se deu em 1965, no pontificado de Paulo VI, pois o papa anterior faleceu em 1963. Entretanto, antes de abordar o

Concílio, é preciso discorrer sobre a Teologia da Libertação, que o precede. O professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), educador popular e assessor de pastorais sociais Maurício Abdalla Guerrieri afirma que a Teologia da Libertação surge a partir da Teoria da Dependência, assim como a Filosofia da Libertação, a pedagogia do oprimido, de Paulo Freire; e outras práticas e teorias que pensam a ação social com base na libertação, na ruptura da dominação do povo latino-americano. (www.radiouniversitaria.ufes.br).

Maurício Abdalla Guerrieri destaca que, embora a Teologia da Libertação não estivesse sistematizada ainda, antes mesmo do Vaticano II passou a existir uma prática religiosa que organizava as pessoas na perspectiva da libertação. Ele salienta também que em Medellín, na Colômbia, em 1968, foi realizada uma Conferência Episcopal que colocava a realidade dos pobres, a realidade de exclusão, como foco de ação, aproximando a Igreja dos pobres, dos movimentos sociais, da inserção na luta social. Afirma, também, que isso foi sistematizado como Teologia da Libertação na década de 1970 pelo padre Gustavo Gutierrez e por outros teólogos latino-americanos, como Leonardo Boff. (www.radiouniversitaria.ufes.br).

E o que é a Teoria da Dependência? Para explicá-la, Luis Ramiro Beltrán (Acesso em 11 jan. 2017) remonta à década de 1940, quando foi implantado com otimismo pelos governos latino-americanos o modelo de desenvolvimento vigente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Contudo, esse modelo passou a se mostrar inoperante e começou a ser questionado, surgindo, então, a Teoria da Dependência, por meio da qual se defendia que era preciso mudar a estrutura de dependência dos países latino-americanos em relação aos Estados Unidos e à Europa. Entre as desigualdades registradas no modelo econômico adotado estava a venda barata de matérias primas para os Estados Unidos e a compra de produtos caros vindos desse país.

Gutiérrez (2000, p. 137) destaca que por meio da Teoria da Dependência percebe-se que o subdesenvolvimento é fruto de um processo, devendo ser estudado dentro de uma perspectiva histórica, como subproduto histórico do desenvolvimento e da expansão dos grandes países capitalistas. Segundo Gutiérrez (2000, p. 138), a dinâmica da economia capitalista estabelece a criação de um centro e de uma periferia, gerando riqueza para uma minoria, enquanto a maioria fica com os desequilíbrios sociais, tensões políticas e pobreza. O autor salienta, ainda, que as sociedades da América Latina ingressaram na história do desenvolvimento do sistema universal de interdependência totalmente dependentes da colonização ibérica. Sendo assim, sua trajetória é a das sucessivas modificações da situação de dependência.

Gutiérrez (2000, p. 16) explica que a Teologia da Libertação é a manifestação do direito dos pobres de expressar sua fé. Gutiérrez (2000, p. 33) diz também que ela busca ler as Escrituras a partir da realidade do povo pobre, estando atento às interpelações que se faz diante de seu processo histórico. Portanto, são importantes os seguintes elementos: revelação e história, fé em Cristo e vida do povo, escatologia e prática para compor o círculo hermenêutico¹. Além disso, ela quer transmitir a compreensão de que a falta de compromisso com os pobres distancia as pessoas da mensagem cristã, e que fé e ação andam juntas.

E quem é o pobre? Gutierrez (2000, p. 17) afirma que entre os aspectos que caracterizam a realidade do pobre estão a carência de teto e alimento, falta de atendimento às necessidades básicas como saúde e educação, desemprego, entre outros. Trata-se, de acordo com ele, de um universo no qual o aspecto socioeconômico é fundamental, mas não é o único. O teólogo destaca que os recortes sociais devem ser levados em consideração. Para isso, ele cita, por exemplo, o racismo, a marginalização dos indígenas, o machismo, muitas vezes disfarçado de tradição cultural. São temas que devem estar presentes na Teologia da Libertação com o protagonismo daqueles que pertencem a esses grupos.

Como foi dito no início deste capítulo, a Doutrina Social da Igreja nasce num contexto de conflito entre o catolicismo e a sociedade moderna. Entretanto, o Vaticano II busca sanar esse atrito entre ambos. Camacho (1995, p. 247) destaca que os documentos desse Concílio mostram um espírito de reconciliação da Igreja com a sociedade moderna, a aceitação da nova forma de ser dessa sociedade em que o homem é o centro, o sujeito.

Camacho (1995, p. 247) salienta que, tratando as mudanças como algo protagonizado pela Igreja oficial, se reconhece como de toda a instituição religiosa aquilo que antes eram iniciativas ou experiências de pessoas ou grupos. Essa afirmação vai ao encontro do que foi dito por Maurício Abdalla, já que o educador popular afirma que antes mesmo do Concílio Vaticano II, embora a Teologia da Libertação ainda não estivesse sistematizada, já existia uma prática religiosa pautada na perspectiva da libertação.

O tema central do Concílio Vaticano II, de acordo com Camacho (1995, p. 251), foi a Igreja em sua dupla dimensão: para dentro e para fora. A primeira diz respeito a como ela entende a si mesma, a segunda, sobre o que ela pode dizer a um mundo mergulhado em questões graves,

¹ A ideia de que a possibilidade e compreensão depende do horizonte histórico em que se encontra o sujeito que se propõe a compreender algo.

como as que se referem à vida humana, justiça social, paz internacional, guerras e evangelização dos pobres.

O Concílio pretendia responder, segundo Camacho (1995, p.252), o que a Igreja pode trazer para o mundo diante dos problemas que ele levanta, não se tratando somente de evangelização no sentido estrito, mas também de outras formas de atuação, respondendo a questões dos campos social, econômico e político, cultural, etc. Posteriormente, se indagava sobre qual o lugar da Igreja no mundo e a partir de onde ela fala quando se pronuncia sobre esses assuntos para, depois, repensar seu novo espaço na sociedade respondendo como a Igreja entende a si mesma e se sua nova forma de estar no mundo não a obriga a rever sua autocompreensão.

O estudo dos documentos do Concílio Vaticano II se concentrará, neste capítulo, no documento *Gaudium Et Spes*, pois nele a Igreja trata das relações entre ela e o mundo. Segundo o *Gaudium Et Spes* (1997, p. 540) a mensagem do Concílio não é somente para os católicos e os cristãos de outras religiões, mas para toda a humanidade, expondo a concepção da presença e da atividade da Igreja na atualidade. E esse mundo é marcado por muitas transformações, conforme aponta a própria *Gaudium Et Spes* (1997, p. 545), que contemplam realidades como o crescimento das sociedades industriais, aumento do êxodo rural, novos meios de comunicação social, permitindo o conhecimento, a circulação das informações e difusão dos modos de pensar; mudanças no estilo de vida daqueles que são obrigados a migrar, discrepâncias entre as nações ricas, as menos prósperas e as pobres.

Diante dessa realidade, o *Gaudium Et Spes* (1997, p.548) destaca que não há uma posição de passividade das pessoas. Isso fica claro quando afirma que muitos, com uma viva consciência, reivindicam aquilo do qual se julgam privados. Por exemplo, a mulher luta pela real igualdade de direito com os homens, trabalhadores do campo e da cidade querem um salário justo, mas também participar da organização da vida econômica, política, social e cultural; os povos defendem que os bens da cultura devem ser estendidos a todos, as nações em desenvolvimento e as que se tornaram independentes recentemente querem participar dos bens da civilização, tanto no campo político, quanto no econômico.

E essas reivindicações populares não devem ser condenadas pela Igreja, segundo o *Gaudium Et Spes* (1997, p. 560), que, para defender isso, inclusive contra argumenta os socialistas. Ao falar sobre o ateísmo, o documento destaca que entre os que esperam a libertação econômica e social do homem está uma das formas da não crença em Deus. Essas pessoas, de acordo com o *Gaudium Et Spes*, afirmam que a religião afasta o homem da construção terrena ao dar a ele a esperança de uma vida enganosa no futuro. Porém, o documento do Concílio Vaticano II

defende que a crença em Deus não se opõe à dignidade humana, nem a relevância das tarefas terrenas é reduzida diante da esperança escatológica, e que tanto aqueles que crêem quanto os que não crêem devem contribuir para a reconstrução do mundo, no qual vivem em comum.

Assim como a *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*, o Concílio Vaticano II, por meio do *Gaudium Et Spes* (1997, p. 568), exorta à promoção do bem comum, o qual denomina como “conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”. O bem comum, segundo o documento, implica em direitos e deveres, universais e invioláveis, que dizem respeito a toda a humanidade, sendo necessária, então, a acessibilidade a todos de tudo aquilo que é necessário para uma vida verdadeiramente humana, como alimentação, vestuário, educação, trabalho, direito à conveniente informação e liberdade religiosa.

Para isso, é preciso, segundo a *Gaudium Et Spes* (1997, p. 569), considerar toda e qualquer pessoa como o “outro eu”, tornando-nos o próximo dela, além de eliminar qualquer forma de discriminação. Quanto aos católicos, o documento (1997, p. 590) fala também do protagonismo do leigo, pois as atividades seculares também cabem a ele, não devendo esperar dos sacerdotes uma solução pronta para qualquer questão, assumindo por si mesmo as próprias responsabilidades.

O *Gaudium Et Spes* (1997, p.578) mostra a abertura da Igreja em relação à sociedade moderna ao defender, por exemplo, a autonomia da ciência. O documento mostra isso ao responder questionamentos daqueles que acreditam ser a ligação entre a atividade humana e a religião um obstáculo para a autonomia dos homens, das sociedades ou das ciências esclarecendo que as sociedades têm leis e valores próprios que o homem descobre, utiliza e organiza, sendo legítimo exigir essa autonomia. Assim como afirma que, em todos os campos do saber, a investigação metódica baseada no modo verdadeiramente científico e nas normas morais não é oposta à fé, sendo, portanto, deploráveis atitudes de alguns cristãos que não reconhecem a legítima autonomia da ciência, levando muitos a crer na incompatibilidade entre ela e a fé.

No capítulo III, que aborda a questão da vida econômico social, o *Gaudium Et Spes* se debruça, entre outros assuntos, sobre a situação da classe trabalhadora, tanto no campo quanto na cidade. O *Gaudium Et Spes* (1997, p. 624) fala, por exemplo, da necessidade do justo rendimento para os agricultores, da obrigação do Estado de garantir boas condições de vida e de trabalho para que as pessoas não precisem migrar e, caso elas migrem, favoreça sua integração à vida social do povo ou da região que a acolheu.

Ao contrário da *Rerum Novarum* e da *Quadragesimo Anno*, o *Gaudium Et Spes* não se posiciona contra o movimento grevista. O documento (1997, p. 627) aponta como um dos direitos fundamentais do ser humano a criação e participação em associações que os representem e contribuam para a ordenação da vida econômica, social e realização do bem comum, cumprindo também o papel de se chegar a uma solução pacífica quando surgirem conflitos, embora, se necessário, a greve possa ser um meio necessário na defesa dos direitos dos trabalhadores e alcance das suas reivindicações.

Na vida política, o documento (1997, p. 636) afirma que a população deve defender seus direitos contra o abuso da autoridade pública, além de destacar a necessidade efetiva de participação livre e ativa dos cidadãos, sem discriminação, no estabelecimento das bases jurídicas da comunidade política, na gestão da coisa pública, na determinação do campo e fim das várias instituições e na escolha dos governantes, cabendo ao cidadão o direito e o dever de fazer o uso do seu voto livre em vista da promoção do bem comum. O *Gaudium Et Spes* (1997, p. 638) condena governos totalitários ou ditatoriais.

No que diz respeito à propriedade privada, o *Gaudium Et Spes* (1997, p. 631) afirma que ela não é incompatível com as “várias formas legítimas de propriedade pública”. Entretanto, cabe à autoridade pública impedir que a propriedade privada não seja utilizada para o bem comum. Também se opõe à concentração de terras, defendendo sua distribuição, quando não suficientemente cultivadas, para aqueles que possam fazer delas um espaço produtivo.

O Concílio Vaticano II também aborda a questão da comunicação. Isso é feito no decreto *Inter Mirifica*, um dos 16 documentos do Concílio. O pensamento comunicacional da Igreja nos documentos do Concílio Vaticano II e das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (Celam) serão abordados no segundo capítulo desta dissertação.

De acordo com Camacho (1995, p.462), enquanto o Vaticano II significou a abertura ao mundo moderno, a Conferência Episcopal de Medellín dirigiu essa abertura ao povo latino-americano, que não é somente destinatário da mensagem dessa conferência, assim como aconteceu no Vaticano II, mas também protagonista, produtor. Camacho afirma que a Igreja do Vaticano II, aberta ao mundo, agora é a Igreja dos pobres, que tem consciência de que eles são os principais destinatários da Boa Nova e que os incentiva a ter iniciativa na vida eclesial. Um dos resultados é a concretização das comunidades de base.

O contexto histórico e social de Medellín, segundo Camacho (1995, p.455), situa-se numa época em que já passaram as expectativas desenvolvimentistas e há maior consciência da

dependência e do subdesenvolvimento da América Latina. Em Cuba, a Revolução tem êxito, derrubando o governo do ditador Fulgêncio Batista, fomentando também o nascimento de movimentos guerrilheiros, como a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Entretanto, ditaduras militares se estabelecem mediante golpes de Estado, como no Brasil, em 1964; e Peru, em 1968.

Camacho (1995, p.459) destaca que a ideia de realização da Conferência de Medellín nasceu durante o próprio Concílio Vaticano II, sendo convocada por Paulo VI em janeiro de 1968 para agosto do mesmo ano. O Documento de Medellín (2004, p.87) ratifica a imprescindibilidade da ação educadora da Igreja diante da carência de uma consciência política, objetivando estimular a participação dos cristãos na vida política como dever de consciência e exercício da caridade. Quanto à organização dos trabalhadores, o Documento de Medellín afirma o seguinte:

Por isso, na estrutura intermediária profissional, a organização sindical rural e operária deverá adquirir a força e a presença suficiente a que os trabalhadores têm direito. Suas associações deverão ter uma força de solidariedade e responsabilidade capaz de fazer valer o direito de sua representação e participação nos meios de produção e no comércio nacional, continental e internacional. Assim deverão exercer, igualmente, o direito de se fazerem representar política, social e economicamente, onde quer que sejam adotadas decisões relativas ao bem comum. Simultaneamente, as organizações sindicais deverão lutar com todos os meios ao seu alcance, para formar moral, econômica e sobretudo tecnicamente, aqueles que forem designados para o exercício dessas atividades. (Documentos do Celam – Medellín, 2004, p. 84).

De acordo com Camacho (1995, p. 467), se prolonga na América Latina, na década de 1970, a fase expansionista, promovendo a industrialização para substituir as importações tradicionais de bens de consumo. Acontece um grande processo de transnacionalização da economia, com crescimento da pobreza, atentado aos direitos humanos e liberdades democráticas, entre outros problemas.

Camacho (1995, p. 481) relata que foi na década de 1970 que foi realizada a Conferência Episcopal de Puebla, no México. Convocada para outubro de 1978, a Conferência teve que ser realizada em janeiro de 1979, no pontificado de João Paulo II, após as mortes sucessivas de Paulo VI e João Paulo I. A libertação, em Puebla, é destacada como uma libertação de todas as formas de servidão do pecado social e pessoal e para o crescimento progressivo no ser, pela comunhão com Deus e os homens. Entretanto, não é uma formulação apenas doutrinal, pois parte também da escuta do clamor dos pobres e sua aspiração por libertar-se.

1.2 – Comunidades Eclesiais de Base e Pastorais Sociais: o que são?

De acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (2008, p. 33), no contexto de abertura da Igreja, de diálogo da instituição religiosa com a sociedade e protagonismo dos leigos, começaram a se organizar, a partir dos anos 1970, as pastorais sociais. Elas tratam-se da caridade e solicitude para com aqueles cuja vida está ameaçada, concretizando a opção preferencial pelos pobres, por quem vive de forma desumana. Sua missão passa pela organização dos excluídos, pelas mobilizações sociais e comprometimento político.

Uma das primeiras a surgir foi a Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975. De acordo com Giannotti (2007, p. 41), durante a Ditadura Militar, principalmente no governo do general Emílio Garrastazu Médici, que foi de 1969 a 1974, o Brasil viveu o chamado “Milagre Econômico”. Havia um crescimento econômico pautado no papel do Estado como impulsionador do grande capital nacional e internacional, no investimento em grandes empreendimentos, entre outros.

Segundo a CNBB (2008, p. 41), um dos locais onde os grandes empreendimentos chegaram foi na Amazônia. Considerado um “território sem gente” pelos militares, esse espaço passou a ser pólo de atração para empresários nacionais e internacionais. Com seu direito à terra totalmente violado diante dessa situação, os camponeses se uniram aos membros da Igreja para dar visibilidade às diversas formas de violência pelas quais estavam passando, surgindo, então, a CPT. A partir daí vieram outras pastorais, como a Pastoral dos Migrantes, Pastoral da Mulher Marginalizada, Pastoral Carcerária, Pastoral do Menor, Pastoral Operária, entre outras.

Nas Comunidades Eclesiais de Base (Ceb’s) surgiram muitas lideranças das Pastorais Sociais. De acordo com Frei Betto (1985, p. 16), as Ceb’s consistem em pequenos grupos organizados em torno da paróquia ou da capela. O primeiro caso acontece na zona urbana, o segundo, na rural. São denominadas comunidades por reunirem pessoas que professam a mesma fé, pertencem a mesma Igreja e são moradoras da mesma região, vivendo problemas em comum, lutando por melhores condições de vida e compartilhando anseios e esperanças libertadores. São chamadas eclesiais por congregarem na Igreja como núcleos básicos de comunidade de fé e são de base porque a elas pertencem pessoas inseridas nas classes populares, como donas de casa, operários, aposentados, entre outros trabalhadores do campo ou da cidade.

O conceito de Ceb’s apresentado dialoga com o que afirma Zeny Rosendahl (2005, p.1991) ao dizer que o território é um dos fatores que faz com que um grupo religioso fortaleça o sentido de pertencimento a uma determinada instituição religiosa, favorecendo a noção de que se

partilha uma identidade comum, um sentimento de integração, não sendo o território identitário religioso apenas ritual e simbólico, mas local de práticas ativas.

Alinhando o conceito de Ceb's à afirmação de Zeny Rosendahl, é possível afirmar que a comunidade é um território e fortalece o sentimento de pertencimento à Igreja Católica. Esse sentimento de pertencimento não se dá somente pelo fato das pessoas professarem a mesma fé, mas também por abranger um grupo que mora numa mesma localidade e, por isso, compartilha dos mesmos problemas coletivos, ou seja, têm uma identidade em comum.

Segundo Frei Betto (1985, p. 18), os agentes de pastoral, leigos ou religiosos das próprias comunidades, com vivência nela, são seus animadores, têm o papel de assessorar e estimular o engajamento do povo, fazendo com que ele construa sua própria história. Um dos cuidados que o agente de pastoral deve ter é o de não cair na atitude colonialista de não querer aprender com a comunidade, querendo se limitar a ensinar a ela, reproduzindo comportamentos elitistas, academicistas e populistas.

Frei Betto (1985, p.31) destaca que as Ceb's se orientam por meio do método ver, julgar e agir², ou seja, as pessoas, reunidas, expõem seus problemas, suas dificuldades. Diante disso, algumas questões se destacam como mais importantes. Essa parte chama-se ver, procedida pelo julgar, no qual se questionam como Jesus agiria nessa situação e como a comunidade deve agir. O questionamento deve ser iluminado por uma leitura bíblica, partindo posteriormente para a reflexão. A terceira etapa, o agir, contempla o planejamento, a ação concreta para enfrentar o problema.

Não trata-se, segundo Frei Betto (1985, p. 31), de um método linear, pois a comunidade pode passar meses em torno do mesmo problema. Cada reunião é um momento de avaliação da resistência, de estruturar as próximas etapas da luta para dar continuidade à ação, mas sob a consciência crítica das falhas e erros. Um momento não está separado do outro ou dotado de sequências estanques que provocariam, na sucessão das reuniões, o eterno retorno ver-julgar-agir.

Frei Betto (1985, p.32) destaca que as Ceb's são políticas, não enquanto grupos partidários, mas pelo fato de nelas emergir a consciência crítica do povo, a crítica a ordem social injusta, por ser a Igreja expressão da palavra do oprimido. Assim, para Frei Betto, despolitizar as Ceb's é

² Método criado pelo cardeal Joseph Cardijn, fundador da Juventude Operária Católica. Ele sugeriu ao Vaticano a incorporação desse método como parte do ensino e práticas sociais católicas. A sugestão foi aceita pelo papa João XXIII.

castrar seu caráter pastoral libertador e torná-las reprodutora do discurso dominante, aprofundando a ideologia do opressor em meio aos oprimidos. O religioso salienta, ainda, que a ação das Ceb's se dá de modo intra-ecclesial, ou seja, por meio de celebrações, festas litúrgicas, novenas, catequese, preparação de sacramentos, entre outros, e extra-ecclesial, que contempla, por exemplo, a vinculação às lutas populares, na cidade e no campo.

Essa atividade extra-ecclesial mostra que as Ceb's não se fecham em si mesmas. Segundo Frei Betto (1985, p. 23), a partir das reflexões sobre diversos temas, como mencionado ao explicar o método ver-julgar-agir, as Ceb's fortaleceram as lutas populares ajudando a criar ou recriar movimentos sociais autônomos que englobam todos que defendem a causa dos oprimidos, independente da crença e, inclusive, independente de ter uma crença.

Percebe-se na Doutrina Social da Igreja, em sua prática na América Latina a partir do Concílio Vaticano II, a influência da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. A Doutrina Social da Igreja, seja por meio do Concílio Vaticano II, da *Rerum Novarum* e da *Quadragesimo Anno*, fala sobre uma realidade na qual existem oprimidos e opressores. Paulo Freire (1970, p. 16) afirma que a humanização e desumanização são possibilidades do homem, mas somente a humanização é sua vocação. Ao se referir aos oprimidos e aos opressores, destaca que os dois estão desumanizados. O oprimido, por ser injustiçado, explorado. O opressor, por roubar a humanidade do oprimido.

Contudo, ao contrário do que dizem a *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*, que pregam a conciliação de classes, a construção de laços de amizade entre patrão e operário, Paulo Freire (1970, p.17) destaca que somente o poder que nasce do oprimido pode libertá-lo e libertar também o opressor ao retirar dele o poder de oprimir, humanizando-o. Os opressores, segundo Paulo Freire (1970, p.24), não libertam nem se libertam.

Esse libertar dos oprimidos se dá, de acordo com Paulo Freire (1970, p.17), quando eles chegam ao conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar pela libertação, sendo o próprio oprimido aquele que entende o significado de uma sociedade opressora, os efeitos dessa opressão. Destaca-se, então, o protagonismo do oprimido em seu processo de libertação, o que é possível visualizar no protagonismo do leigo, possibilitado principalmente a partir do Concílio Vaticano II, tendo, por exemplo, as pastorais sociais como espaço de conhecimento dessa necessidade de libertação e busca por ela.

Paulo Freire (1970, p.27) defende que a ação educadora pressupõe que o educador não deve se considerar proprietário do saber, não sendo ele apenas o que educa, nem o educando aquele que

é educado, pois ambos são sujeitos num processo em que crescem juntos. Daí a necessidade, como destaca Frei Betto ao explicar o que são as Ceb's, de o agente de pastoral não cair na atitude colonialista de não querer aprender com a comunidade, de se limitar a ensinar a ela, o que nada mais é do que um comportamento elitista.

Paulo Freire (1970, p. 20) defende, ainda, que a educação libertadora deve ser pautada na ação e na reflexão, pois, segundo ele, o conhecimento de uma realidade que não leve à ação não conduz à transformação. Logo, o método ver, julgar e agir vai ao encontro dessa ideia ao promover a reflexão dos problemas da comunidade, além da proposta e execução de ações concretas para solucionar essas adversidades.

1.3 – A Igreja progressista e a Pastoral Operária no Espírito Santo:

No Brasil, o novo jeito de ser Igreja ganhou espaço. Encontrou a porta aberta principalmente no Espírito Santo e se espalhou para o resto do país. Vitória foi berço das Ceb's, conforme relata Frei Betto no livro Dom João Batista da Motta e Albuquerque:

A Igreja de Vitória tornou-se referência no país porque abraçou o modelo pastoral de organizar os fiéis pobres em CEBs. Era uma novidade na Igreja Católica. Vitória tornou-se um centro de “turismo” pastoral. Vinha gente de toda parte – bispos, padres, freiras, leigos – para conhecer as CEBs. E a Igreja capixaba tornou-se também um centro de pesquisas eclesiológicas. Os mais eminentes teólogos iam a Vitória para se nutrirem naquela nova metodologia pastoral. Era vista como uma Igreja modelo. Nas favelas da cidade havia pelo menos 14 barracos que abrigavam agentes de pastoral, incluindo aquele em que eu morava. A opção pelos pobres era um fenômeno comunitário. Acredito que alguns setores da Igreja Católica encaravam com apreensão esse “laboratório” eclesial. Mas graças ao apoio da CNBB, Dom João e Dom Luís nunca se intimidaram. (GURGEL, Antônio de Pádua de, 2005)

De acordo com Antônio de Pádua Gurgel (2005, p. 30), um dos principais responsáveis pela aplicação dos ideais da Teologia da Libertação em solo capixaba foi o bispo Dom João Batista da Mota e Albuquerque, que teve como um de seus apoiadores o bispo auxiliar Dom Luís Gonzaga Fernandes, um dos responsáveis pela disseminação das comunidades eclesiais de base no interior, em municípios como Colatina, Marilândia, Itarana, Itaguaçu, entre outros.

Dom João tomou posse em 1958 como primeiro arcebispo metropolitano de Vitória. Ele participou do Concílio Vaticano II e se empenhou em aplicar as novidades estabelecidas. Uma delas foi a realização de missas em português, prática que ele já havia introduzido parcialmente antes mesmo do Concílio com as chamadas missas dialogadas, ou seja, com alguns trechos na língua nacional para incentivar a participação dos fiéis.

Gurgel (2005, p. 81) afirma que Dom João não se empenhou somente em mudanças litúrgicas. Com apoio do padre Alberto Fontana e do Frei Betto, que foi morar no Espírito Santo em 1973, ao sair da prisão, o bispo criou, em 1976, uma equipe de assessoria social, econômica e política. O objetivo era prestar serviço às comunidades, aos pequenos grupos de Igreja e de excluídos, como mulheres e trabalhadores. Além disso, foi criado o Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória (Cedives)³. Para estar à frente desses projetos foram contratados jovens atuantes na Pastoral da Juventude (PJ). Por meio dessa iniciativa eram ministrados cursos como os de educação libertadora, direito à terra, saúde comunitária e, também, foram criadas pastorais, como a Comissão Pastoral da Terra e a Pastoral Operária.

O Cedives também teve como um de seus papéis fomentar a comunicação da Arquidiocese, como relata o jornalista, militante das Comunidades Eclesiais de Base e ex-deputado estadual do Espírito Santo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Claudio Humberto Vereza Lodi.

Fui contratado por Dom João, juntamente com minha esposa, Tereza Côgo, que na época era minha noiva, para trabalhar no Cedives. Na época quase todas as dioceses tinham um centro de documentação que produzia e fazia releitura de materiais de escritos populares, além de fazer troca desses materiais entre si. O centro de documentação não era somente para arquivar materiais, era também para produzir. Por exemplo, saía um documento dos bispos do Brasil. A linguagem era de bispo. Então a gente fazia uma versão popular (LODI, 2016).

A Pastoral Operária do Espírito Santo surgiu não somente em um cenário de apogeu dos ideais progressistas dentro da Igreja, mas também em um momento de reestruturação econômica do Espírito Santo. Em nível nacional, de acordo com o dossiê “Pastoral Operária – 10 anos a serviço da classe operária” (1986, p. 16), essa pastoral nasceu oficialmente em 1976, em um encontro em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, no qual representantes de sete estados e integrantes da CPT debateram a necessidade de uma articulação específica para o meio operário popular urbano. Nesse mesmo ano foi realizado, em São Paulo, o Primeiro Encontro Nacional da Pastoral Operária, onde foram debatidos, entre outros assuntos, os desafios que a classe operária apresentava à Ação Pastoral da Igreja. Entretanto, segundo o dossiê, experiências

³ Hoje denominado Centro de Documentação Dom Luís Gonzaga Fernandes, o local se limita a tarefa de arquivamento e é aberto ao público para pesquisa.

anteriores auxiliaram no surgimento da pastoral, como a Juventude Operária Católica (JOC)⁴ e Ação Católica Operária (ACO)⁵.

No que diz respeito à reestruturação da economia capixaba, Maria Cristina Dadalto e Márcia Barros Ferreira Rodrigues (Acesso em 17 jan. 2017) destacam que a implementação do Programa de Erradicação do Café, efetuada nos anos 1960, causou a liberação de cerca de 50% da área cafeeira capixaba e, conseqüentemente, resultou em um grande fluxo migratório. Um dos objetivos da erradicação era romper com a dependência da economia cafeeira e com a estagnação econômica na qual o Espírito Santo se encontrava. Abriu-se espaço para a industrialização, viabilizada pelos capitais estrangeiro e estatal, com foco na exportação.

Tem início, então, segundo Maria da Penha Smarzaro Siqueira (2010, p. 79), nos anos 1960, o processo industrial. Em meados dos anos 1970 começa a implantação dos “Grandes Projetos Industriais”, dos quais destacam-se as empresas de Pelotização da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)⁶, Samarco Mineração, Aracruz Florestal⁷, Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST)⁸ e modernização da Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi)⁹. Desses empreendimentos, somente a Samarco e a Aracruz Florestal não se localizavam na Grande Vitória. Portanto, grande parte dos empregos gerados estavam nessa região.

Ainda de acordo com Maria da Penha Smarzaro Siqueira (2010, p. 84), a Grande Vitória não tinha infraestrutura para receber o grande número de migrantes, o que causou a marginalização de grande parte dessas pessoas, que eram em sua maioria de baixa qualificação profissional. Alguns eram aproveitados na primeira fase dos grandes projetos, mas na fase de operação eram dispensados, pois era priorizada mão de obra especializada. O metalúrgico aposentado e militante da Pastoral Operária José Lopes do Rosário passou por essa situação quando migrou de Barra de São Francisco para a Grande Vitória:

Primeiramente trabalhei em Tubarão, na construção civil. Quando vencia o contrato com a empresa ela dispensava os trabalhadores. Era uma prática comum. E nesse embalo eu saí. Depois fui trabalhar em outra empresa da área de construção civil, a Metro, em Jardim da Penha (ROSÁRIO, 2016).

⁴A Juventude Operária Católica foi fundada na Bélgica em 1923, sendo oficializada em 1925. Expandiu-se internacionalmente. Ela se propõe a ensinar o jovem trabalhador a viver uma vida completa e mais humana, a ser um corpo representativo que defenda o direito dos operários.

⁵A Ação Católica Operária nasceu em 1948, por iniciativa de um antigo membro da JOC. Em seu princípio chamou-se Liga Operária Católica (LOC), com dois ramos distintos: LOC masculina e LOC feminina. A finalidade era agrupar os operários católicos adultos, especialmente os antigos jocistas.

⁶Atualmente a empresa se chama apenas Vale. Foi privatizada em 1997.

⁷Hoje a empresa se chama Fibria, após ter se chamado Aracruz Celulose

⁸Hoje ArcelorMittal Tubarão, a empresa foi privatizada em 1992

⁹Hoje, ArcelorMittal Cariacica

Além disso, segundo Maria da Penha Smarzaró Siqueira (2010, p. 84), os trabalhadores tinham que conviver com a carência de políticas urbanas para atender necessidades como saúde, educação, lazer, habitação, transporte coletivo, entre outros. Diante dessa realidade, surgiu a necessidade de mobilizar os trabalhadores:

Em julho de 1974, particularmente, foi feito um encontro sobre o assunto. Nessa ocasião, foram convidados vários agentes de pastoral, padres e operários que tiveram que se defrontar, através do Brasil, com os problemas da industrialização. Vieram pessoas que já tinham experiência de trabalho em cidades industriais para uma troca de experiências. Contamos com a ajuda de pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Juiz de Fora. Nessa reunião foi decidido reforçar a pastoral urbana e, também, a de periferia; ter uma pastoral específica para o mundo operário. Neste encontro, um padre da Arquidiocese aceitou estudar como iniciar a Pastoral Operária. Também foi decidido que três operários de Vitória que participaram do encontro fossem também ao congresso da Ação Católica Operária, em setembro de 1974, em São Paulo, para um primeiro entrosamento. Assim as coisas começaram (Informação verbal)¹⁰.

Entretanto, antes disso os trabalhadores já se reuniam em uma associação criada por Maurício Amorim¹¹, conforme relata o metalúrgico aposentado e militante da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória José Ferreira Machado:

Seu Maurício montou uma associação de trabalhadores dentro da casa dele, em Campo Grande. Lá formamos eletricitista, pedreiro, carpinteiro. Oferecia curso técnico. Tudo voluntário. Ele fez um pedido para a Misereor¹² para montar a infraestrutura. Também era feita análise de conjuntura e formação sindical. (MACHADO, 2016)

De acordo com José Ferreira Machado, o nome inicial da Pastoral foi Ação Católica Operária, que foi mudado posteriormente para não restringir a participação do operariado.

Meu amigo, Maurício Amorim, convidou diversos amigos das Comunidades Eclesiais de Base, entre eles eu, que na época era metalúrgico e trabalhava na empresa Metalpen, em Campo Grande¹³, para estruturar a pastoral. Com o passar do tempo, começaram as reflexões sobre a necessidade de abandonar o nome Ação Católica Operária, já que o operariado não era formado somente por católicos. Foi quando o grupo de São Paulo veio para cá e fizemos uma assembleia. De Ação Católica Operária o grupo passou a se chamar Pastoral Operária (MACHADO, 2016).

¹⁰ Informação obtida em relatório da Pastoral Operária, sem data, que consta nos arquivos dessa pastoral, guardados no Centro de Documentação Dom Luís Gonzaga Fernandes, na Mitra Arquidiocesana, em Vitória.

¹¹ Considerado um dos principais fundadores da Pastoral Operária no Espírito Santo, Maurício Amorim faleceu no dia 28 de janeiro de 2016 e atuou na Pastoral até o fim de sua vida. Quando começou a organizar os trabalhadores ele era funcionário do Porto de Vitória. Chegou a atuar como sindicalista no Sindicato dos Arrumadores.

¹² Organização Não Governamental ligada à Igreja Católica da Alemanha que auxilia projetos sociais em países de terceiro mundo.

¹³ Campo Grande é o principal bairro do município de Cariacica, vizinho a Vitória.

Os grupos de Pastoral Operária eram mais fortes nos municípios de Cariacica e Serra, segundo José Ferreira Machado. Suas ações se davam principalmente nas comunidades e nos locais de trabalho.

Esses municípios tinham o maior número de operários da construção civil, metalúrgicos e ferroviários, principais públicos com o quais a Pastoral trabalhava, e que foram atraídos pelos grandes empreendimentos industriais. A categoria comerciária era foco da Juventude Operária Católica por ser composta principalmente de jovens. A gente se reunia nas comunidades católicas, discutia os problemas da empresa. Na empresa a gente agia. No final de semana a gente avaliava como foi nossa ação no local de trabalho. (MACHADO, 2016).

Recordando a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, abordada no item 1.2 deste capítulo, as discussões proporcionadas pela Pastoral Operária geraram o reconhecimento da situação de opressão na qual os trabalhadores viviam e despertaram neles a necessidade de se libertar dessa opressão, sendo protagonistas da transformação de suas realidades. Um exemplo desse despertar para a consciência crítica é o metalúrgico aposentado e militante da Pastoral Operária José Lopes do Rosário:

Entrei na Pastoral Operária através dos meus amigos. Seu Maurício vinha da casa dele para fazer o encontro em Porto de Santana¹⁴. Eles iam na casa dos trabalhadores e convidavam para a reunião na comunidade. Conversávamos como era a empresa da gente, como tratava o funcionário, como era a segurança. Aí a gente respondia “Ah, é boa, paga a gente”. Aí depois perguntava: mas e a segurança, dão botina para trabalhar? “Não, Não Dá Não. Aí a gente descobria que o valor dos trabalhadores não tava sendo atendido. Com a pastoral discutindo os direitos dos trabalhadores eu passei a entender que o patrão estava errado. (ROSÁRIO, 2016).

A atuação da Pastoral Operária não ficou restrita à Grande Vitória. Foram criados grupos de Pastoral Operária também no interior do Espírito Santo por meio da Comissão Campo Cidade:

Seu Maurício convocou assembleia em Colatina para discutir sobre a importância da Pastoral Operária. No final da assembleia o padre de lá propôs criar um grupo. Por meio das discussões da Pastoral Operária também foi criada a Associação de Trabalhadores Rurais, em Marilândia. Nós íamos na associação para dar formação, eles também vinham para cá, para as formações que dávamos aqui. Isso fazia parte da integração entre trabalhadores do campo e da cidade. (MACHADO, 2016).

No planejamento da Pastoral Operária para 1986 constam, além dos grupos da Grande Vitória e Colatina, os de Linhares. A organização dos trabalhadores fora da Pastoral Operária, como na criação da Associação dos Trabalhadores Rurais, em Marilândia, também ocorreu na Grande

¹⁴ Bairro de Cariacica.

Vitória, por meio da formação das chapas de oposição sindical, formadas para disputar as eleições sindicais com o objetivo de tirar da direção os sindicalistas atrelados aos interesses dos patrões, inserindo uma diretoria que de fato lutaria em prol da categoria.

Vale lembrar que o contexto era de um regime autoritário, que, segundo Vito Giannotti, (2007, p. 187), trouxe transformações na estrutura sindical, como intervenções em sindicatos dirigidos pela esquerda, federações e confederações, fazendo deles entidades assistencialistas e de colaboração com o governo. Também houve a proibição às greves. Vito Giannotti (2007, p. 199) recorda que, no final da década de 1970, eclodiram várias greves, das quais se destacou a dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em São Paulo, despontando o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva como uma de suas principais lideranças, fomentando outras greves pelo país a fora e a tomada dos sindicatos pelas oposições. Um dos casos de formação de oposição sindical que se destaca no Espírito Santo foi a retirada do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil das mãos das diretorias atreladas aos patrões, conforme recorda José Lopes do Rosário:

Na época o sindicato tava na mão do patrão. Com essa descoberta do valor dos trabalhadores, nos unimos e chegamos à conclusão de que deveríamos tomar os sindicatos. (ROSÁRIO, 2016).

Claude Raffestin (1993, p. 51) destaca que existem dois tipos de poder. O poder com "P" maiúsculo e o poder com "p" minúsculo. O primeiro refere-se ao conjunto das instituições e aparelhos que submetem os cidadãos à dominação do Estado. No caso do contexto da década de 1970, quando nasceu a Pastoral Operária, pode-se dizer que esse Poder com "P" maiúsculo era o Governo Militar e seus apoiadores, que por meio de diversos aparatos de repressão, como as intervenções nos sindicatos, buscava subjugar os cidadãos.

O poder com "p" minúsculo encontra-se presente nas relações, na oposição entre dominador e dominados, é imanente a outros tipos de relações, como as econômicas, sociais e culturais. Portanto, no contexto de surgimento da Pastoral Operária, pode-se dizer que o poder com "p" minúsculo é a resistência dos trabalhadores e sua articulação contra um governo repressor, que beneficia as transnacionais, fazendo os trabalhadores se mobilizarem por meio da Pastoral Operária em busca de liberdade democrática, manutenção e conquista de direitos trabalhistas, entre outros.

Ana Maria Doimo (1986, p. 105) relata que o movimento da construção civil iniciou em 26 de abril de 1978, quando a empresa de transporte que prestava serviços para a então Companhia

Vale do Rio Doce (CVRD) suspendeu o transporte gratuito para os trabalhadores que saíam das periferias de Cariacica e Vila Velha rumo ao Porto de Tubarão. O movimento foi ampliado seis meses depois, na época da Campanha Salarial, tendo como algumas reivindicações reajuste e piso salarial. Em setembro de 1979, foi deflagrada a greve dos trabalhadores da construção civil.

Uma das marcas da atuação dos trabalhadores por meio da Pastoral Operária era solidariedade de classe entre as categorias profissionais, visível na fala do metalúrgico aposentado e militante da Pastoral Operária José Ferreira Machado:

A gente tava numa reunião normal da Pastoral Operária, tinha até uns padres franceses e Waldemar Lyrio¹⁵ chegou na Mitra com um monte de trabalhador e falou: “Nós entramos em greve. Nosso presidente não quis assumir nossa luta então me ofereci para assumir a luta. Os trabalhadores acataram e estamos aqui para pedir apoio”. Largamos a reunião e partimos para a organização com eles. Quando a gente tava de luta cá eles também tavam apoiando a gente. Quando eles tavam lá a gente também tava colhendo um alimento¹⁶ para não deixar a greve enfraquecer. Qualquer coisa que servia de ajuda a gente tava com eles. No sindicato deles tinha um cara que tava lá, um tal de Oswaldo, do lado dos patrões, há uns 12 anos, e ia ficar lá até morrer. Depois dessa greve eles lançaram uma chapa e apoiamos o tempo todo com eles. O meu (Sindicato) era dos metalúrgicos. Tinha um senhor lá, o Carlos Valente, que estava há 12 anos no sindicato sem eleição. A gente começou a questionar. A gente ia para a porta das fábricas, para a Samarco, para a Simetal, em João Neiva. Pegava os três turnos e à noite a gente fazia a assembleia. Quando veio a eleição a gente ganhou. Passou para a mão dos trabalhadores e está até hoje. No sindicato fui diretor de pessoal. (MACHADO, 2016)

Ana Maria Doimo (1986, p. 105) destaca que a greve da Construção Civil foi o primeiro movimento grevista organizado que eclodiu no Espírito Santo após o golpe militar de 1964. Ainda segundo Doimo, é impossível resgatar o Movimento da Construção Civil sem falar do envolvimento de suas lideranças com a Pastoral Operária. Ela salienta que, em meio aos documentos desses trabalhadores encontravam-se diversas publicações que mostram a relação entre a prática da fé religiosa com a prática política, como roteiros de missas com programação de encontros de trabalhadores, folhetos alusivos à greve, convocatória para plenárias da pastoral, entre outros.

Não é de se admirar que esses trabalhadores tivessem tanto acesso a essas publicações, uma vez que, conforme já relatado, Dom João Batista da Motta e Albuquerque, por meio do Cedives, apoiou a comunicação popular, que, inclusive, é incentivada, por exemplo, pelo documento de

¹⁵ Militante da Pastoral Operária falecido em 20 de janeiro de 2012, Waldemar era uma das lideranças entre os trabalhadores da construção civil que comandavam o grupo de oposição ao sindicato, que estava nas mãos dos patrões

¹⁶ Para doar aos grevistas e auxiliar na manutenção da greve.

Puebla (2004, p. 496), que defende a democratização da comunicação ao afirmar que a difusão das informações não deve ser exclusividade dos meios massivos, apontando a comunicação popular como forma de dar voz aos grupos marginalizados, conforme será estudado no segundo capítulo desta dissertação.

De acordo com Cicília Peruzzo (Acesso em 04 de agosto de 2016), a comunicação popular é formada por iniciativas de movimentos sociais, segmentos populacionais organizados e associações sem fins lucrativos, por exemplo. Entre seus objetivos estão promover mobilização social, conscientização, entre outros. Essa comunicação vai muito além dos jornais e sua origem se vincula à ação dos movimentos populares desde os anos 1970, durante o período ditatorial.

A própria Pastoral Operária tinha seu informativo, o *Ferramenta*. De acordo com Claudio Humberto Vereza Lodi, foi a equipe do Cedives que deu o pontapé inicial para a criação do *Ferramenta*, a pedido do padre francês Jean Fugeray¹⁷, que coordenava a Pastoral Operária na época; Maurício Amorim e Waldemar Almeida Lyrio.

Os jornais da grande mídia não faziam matérias que servissem para formação e informação. Por isso eles pediram a nós que elaborássemos um jornal para a Pastoral. Os movimentos de trabalhadores não tinham repercussão em *A Gazeta*, *A Tribuna* e *O Diário*¹⁸. Os trabalhadores já estavam agindo a partir da Pastoral Operária. Faziam pequenos movimentos, estavam organizando chapas de oposição aos sindicatos. Foi o trabalho pastoral que gerou lideranças que quiseram tomar o sindicato das mãos dos pelegos, nomeados pela ditadura. Os jornais da grande mídia eram censurados ou faziam auto censura, pois qualquer movimento popular ou sindical era considerado subversivo. A grande mídia, sempre representativa do grande capital, ou do capital que lhe financia pela publicidade, não tinha e não tem interesse em movimentos que se revoltam e lutam por direitos. Então a Igreja tinha que promover a formação e informação de suas lideranças para atuarem no mundo fora da Igreja (LODI, 2016).

Claudio Humberto Vereza Lodi relata que a Pastoral Operária, quando procurou o Cedives, já tinha em mente como seria o informativo.

Eles falaram: "vai ter notícias do movimento sindical, de oposição, o que os documentos da Igreja orientavam sobre o papel do cristão no mundo do trabalho e na sociedade". Isso foi evoluindo na questão da política do ponto de vista mais genérico, movimento popular de bairro, movimento negro, movimento de trabalhadores rurais. Teria sempre textos reflexivos para gerar reunião de grupos da Pastoral Operária, servir de subsídios na reunião e trazer notícias nacionais de boletins de Igreja ou não, de sindicatos e outras arquidioceses, como o Movimento Custo de Vida¹⁹, movimento popular forte em São Paulo, primeiras greves que surgiram no ABC. A logomarca com a chave de fenda eu tirei de uma publicidade de loja de ferramentas. Pensei: "isso aqui vai dar certinho.

¹⁷ Jean Fugeray faleceu em 2005

¹⁸ Principais jornais impressos do Espírito Santo na época. Somente *O Diário* já não existe mais.

¹⁹ O Movimento Custo de Vida (MCV) é considerado como o primeiro movimento popular que ocupou as ruas no meio da década de 70 e que rapidamente ganhou expressão maciça e nacional. Teve sua origem no Clube das Mães, em São Paulo, denunciando o alto custo de vida e as péssimas condições de vida das famílias trabalhadoras. O MCV teve seu nome mudado posteriormente para Movimento Contra a Carestia.

Coloca a palavra *Ferramenta* no meio da logo e fica muito bacana”. Eu e Tereza fazíamos a redação. Traduzíamos para a linguagem popular. Frases curtas e resumido. Sempre com ilustração, para permitir o debate a partir do desenho. Era mensal. Com o tempo a própria equipe da Pastoral Operária foi elaborando, pois por volta de 1979 a equipe do Cedives se resumiu a mim. Tereza saiu, os bispos preferiram não ter mais aqueles contratados, Dom Luiz Gonzaga Fernandes foi transferido, muitos agentes de pastoral também foram transferidos. Quando Padre Gabriel²⁰ chegou, em 1980, ele assumiu mais o *Ferramenta* (LODI, 2016).

A Pastoral Operária do Espírito Santo também protagonizou em terras capixabas a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Tratava-se, segundo Ana Maria Doimo (1986, p. 112), do contexto de emancipação dos movimentos sociais em relação às pastorais. Estava sendo gestado um partido para representar politicamente os interesses dos movimentos, tendo como *locus* principal a região do ABC Paulista. A pedagoga aposentada e tesoureira da Associação de Amigos de Padre Gabriel Maire²¹, Carlinda Januário do Rosário, relata sobre esse período:

Tinha espião nas assembleias (dos sindicatos). No outro dia a polícia tava primeiro onde tinha o piquete de greve para bater nos trabalhadores que estavam liderando a greve. Chegou um ponto que falamos assim: “não podemos ser só oposição. Temos que fazer parte da decisão, temos que fazer as leis. Temos que participar do governo”. Começamos a conversar nas igrejas, fazer a discussão. Precisava também ter uma central para, a nível de Brasil, trabalhar a unificação dos sindicatos, que já estavam fortes (ROSÁRIO, 2016)

A CUT, segundo Doimo (1986, p. 112), foi gestada pensando-se em um espaço que permitisse a articulação nacional de movimentos sociais. Foi criada, então, a Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais (Anampos), embrião da Central. Segundo o relatório da assembleia da Pastoral Operária, que não tem data²², entre as pessoas escolhidas na Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) para representar o Espírito Santo na comissão Pró-CUT, que seria criada, estava Vitor Buaiz²³. Foi deliberado que a Pastoral Operária levaria as discussões sobre a criação da Central para seus grupos.

²⁰ Padre Gabriel Félix Roger Maire, francês, chegou ao Espírito Santo, mais precisamente ao município de Cariacica, em 1980. Engajou-se em diversas causas populares, como as dos operários, jovens, mulheres, na luta por moradia, entre outros. Em virtude de sua atuação política, recebeu várias ameaças de morte, que se concretizaram em 23 de dezembro de 1989. Seu assassinato permanece impune até hoje.

²¹ Organização Não Governamental situada no bairro Porto Novo, em Cariacica, e que tem como objetivo desenvolver projetos sociais na região.

²² O relatório se encontra no Centro de Documentação Dom Luís Gonzaga Fernandes, localizado na Mitra Arquidiocesana, em Vitória.

²³ Vitor Buaiz militou no Sindicato dos Médicos (Simes). Além de médico é professor. Em 1988 foi eleito prefeito de Vitória e, em 1994, governador do Espírito Santo.

Não somente a Anampos foi um dos embriões da CUT. Alves, Colbari e Tosi (1995, Pág. 98) afirmam que o Encontro Nacional das Oposições Sindicais (ENOS) e o Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (ENTOES), ambos em 1980, prepararam terreno para a realização dos Encontros Nacionais da Classe Trabalhadora (Enclat) e dos Congressos Nacionais da Classe Trabalhadora (Conclats), que também contribuíram para a criação da Central. Portanto, os anos 1970 e 1980 foram os momentos de auge da Pastoral Operária no Espírito Santo.

1.4 – Globalização e neoliberalismo

Antes de abordar especificamente a Pastoral Operária do Espírito Santo na atualidade, é necessário fazer um panorama sobre a globalização e o neoliberalismo. No próximo tópico será relatado o novo projeto de Igreja a partir do pontificado de João Paulo II e o atual projeto de Igreja da Arquidiocese de Vitória, com base na visão do atual bispo, Dom Luiz Mancilha Vilella. Posteriormente, será feito um novo tópico para traçar um panorama da Pastoral Operária em nível nacional, estadual e também relatar a experiência da autora desta pesquisa a partir da observação participante.

Milton Santos (2007, p. 38) afirma que vivemos uma globalização perversa, pautada na tirania do dinheiro e da informação. O geógrafo (2007, p. 46) destaca que, no mundo globalizado, imperam a competitividade e o consumo. A competitividade, por exemplo, não se restringe às empresas ou aos partidos políticos, pois abrange também a esfera do indivíduo. O outro, independente de ser empresa, instituição ou indivíduo deve ser removido por ser considerado um obstáculo. Segundo Vito Giannotti (2007, p. 269), a palavra competitividade, além de gestão participativa e nova gestão foram propagandeadas pelo empresariado, provocando mudanças no comportamento da classe trabalhadora, afetando sua ação de mobilização.

Introjeta-se, de acordo com Vito Giannotti, a ideia de uma atitude colaborativa, por meio da qual todos devem defender a empresa como sua. Para ele, a palavra “parceria”, quando utilizada pelo empresariado para dialogar com os trabalhadores, quer substituir o conceito de classe social. Giannotti (2007, p. 273) salienta ainda que, para vencer a concorrência, apela-se para cortes financeiros que afetam diretamente os trabalhadores. Por isso, a partir da década de 1990, aposta-se, por exemplo, na terceirização dos serviços não essenciais, fazendo com que os terceirizados passem a trabalhar em empresas que não garantem direitos trabalhistas; desregulamenta-se as relações entre capital e trabalho para que as empresas possam flexibilizar questões como jornada de trabalho, salário, entre outros.

Vito Giannotti (2007, p., 302) destaca que, no Brasil, o neoliberalismo deixou um rastro de desemprego, arrocho salarial, privatizações, entre outros, principalmente depois de oito anos de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Segundo Henrique José de Matos (2003, Pág.238), a avalanche neoliberal colocou a soberania nacional em crise, desmobilizou os movimentos populares, fez com que o Estado tivesse sua capacidade regulatória reduzida, por causa, por exemplo, das cadeias de decisões e atuações inter-relacionadas do mundo globalizado.

Na eleição presidencial de 2002, FHC apoiou o ex-ministro da Saúde de seu mandato, José Serra, do PSDB. Também concorreu nesse pleito o ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, que tentava pela quarta vez chegar presidência. Lula ganhou destaque nacional como liderança sindical nas greves do ABC paulista, no final da década de 1970.

Lula, segundo Vito Giannotti, era a esperança de milhões de eleitores para “inverter o rumo imposto pelo neoliberalismo” e resgatar a dívida social do país. Vito Giannotti (2007, p. 303) recorda que, na reta final da campanha eleitoral de 2002, Lula divulgou a “Carta ao Brasileiros”, comprometendo-se a manter os compromissos político-econômicos de FHC, ou seja, manter o projeto neoliberal. O ex-metalúrgio venceu no segundo turno e em seu governo juntou partidos sem afinidade política nem ideológica. Dentro do próprio partido muitos dirigentes aderiram aos programas e diretrizes neoliberais e desenvolveram práticas afastadas dos movimentos sociais.

1.5 – Mais oração, menos ação: a Igreja deixa de lado a opção preferencial pelos pobres

Já na década de 1980, a partir do pontificado de João Paulo II, começa um novo projeto de Igreja, com fortalecimento dos sacerdotes conservadores, conforme relata Padre Gabriel Maire no livro *Ecos de Vitória*:

A viagem do Papa certamente influenciou a eleição do novo presidente do CELAM (Comitê Episcopal Latino-Americano): Dom Ivo Lorscheiter, brasileiro e aberto, foi claramente derrotado por um argentino, conservador, levado à presidência. Pouco antes, o Papa tinha feito do antigo presidente, o intrigante, jovem e político Trujillo jLopes (Colombiano), um dos mais jovens cardeais do mundo: ora, Trujillo Lopes é de uma das tendências mais conservadoras do episcopado latino-americano, e particularmente contrário à Teologia da Libertação. Quanto à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Banco Brasil), ela acaba de conduzir o mesmo presidente e secretário geral, de tendência aberta, ou seja, evangélica – no sentido primeiro da palavra. Mas em relação a quatro anos atrás, os conservadores marcam pontos. Então, o que vai acontecer nos próximos quatro anos..., já que se constata que a tendência atual de Roma, pelo jogo de nomeação dos bispos no Brasil, é de fortalecer os conservadores? Estamos bem posicionados em Vitória para o saber! Então, depois da grande Esperança do Concílio e da Igreja latino-americana “fazendo a escolha preferencial pelos pobres”, é preciso preparar-se para lutar de novo numa Igreja muito

clerical, autoritária, moralizante e populista a despeito de ser profética? Finalmente, isso também depende de todos nós, na base! (MAIRE, Apud MOSCHEM et.al, 2016)

As reflexões trazidas pelo padre Gabriel Maire acerca do fortalecimento do conservadorismo dentro da Igreja a partir do pontificado de João Paulo II, são confirmadas na declaração de Henrique Cristiano José Matos (2003, Pág. 232). O autor destaca que bispos “começaram a questionar o ‘envolvimento político’ da CNBB, afirmavam que a sociedade civil já tinha condições de se organizar politicamente sem o apoio da Igreja, que deveria sair do campo “profano” e se dedicar à missão essencialmente religiosa.

Segundo Henrique Cristiano José Matos (2003, Pág. 235), grupos neoconservadores criticam a opção preferencial pelos pobres, usando como argumento o fato de que a Igreja é destinada para todos. As Ceb’s são taxadas como uma Igreja paralela na qual os leigos ocupam o espaço de ministros “ordenados”, enfraquecendo o papel dos sacerdotes. As instâncias romanas, destaca o autor, fortalecem a ideia da “retomada do clero como condutor da vida eclesial”. A Teologia da Libertação, de acordo com o autor, é colocada sob suspeita, inclusive, com respaldo de documentos da Igreja. Isso fica claro, por exemplo, na carta escrita por João Paulo II em 10 de dezembro de 1980, na qual fazia advertências aos bispos:

[...] a Igreja perderia sua identidade mais profunda – e, com a identidade, a sua credibilidade e a eficácia verdadeiras em todos os campos – se sua legítima atenção às questões sociais a distraísse daquela missão essencialmente religiosa que não é primordialmente a construção de um mundo material perfeito, mas a edificação no Reino que começa aqui para manifestar-se plenamente na Parusia. Muitas outras instâncias têm o objetivo, o dever e a capacidade de velar pelo bem-estar das pessoas, pelo equilíbrio social, pela promoção da justiça; a Igreja não se esquivava à sua participação nessa tarefa e assume com frequência mesmo atividades de suplência. Não pode fazê-lo, porém, em detrimento da missão que é sua e que nenhuma outra instância realizará, se ela não o fizer...Mais grave seria a perda de identidade se, a pretexto de atuar na sociedade, a Igreja se deixasse dominar por contingências políticas, se tornasse instrumento de grupos ou pusesse seus programas pastorais, seus movimentos e suas comunidades à disposição ou ao serviço de organizações partidárias. A vós, pastores, confio a responsabilidade de conservar a Igreja no Brasil na mais perfeita fidelidade à sua missão essencialmente religiosa. O vosso povo bom e profundamente religioso, mas que sofre de tão agudas carências na sua vida religiosa, espera de vós essa fidelidade e vos será grato por ela. Confio-vos, ademais, a preocupação de que o desejo de estar sempre próxima de todos os homens, especialmente dos mais pobres, e de se fazer promotora e defensora da dignidade e

dos direitos do homem, não atenuar jamais na vossa Igreja a determinação de preservar sempre a sua natureza verdadeira... (JOÃO PAULO II, apud MATOS, 2003, p. 233)

Vito Giannotti (2007, p. 230) caracteriza João Paulo II como um conservador, anticomunista e empenhado em destruir a Teologia da Libertação, sobretudo na América Latina. Para isso, segundo Giannotti, teve o apoio do cardeal Josef Ratzinger²⁴, perseguindo os sacerdotes que defendiam essa Teologia. De acordo com Giannotti, essa atitude fortaleceu, principalmente na América Latina, a Renovação Carismática Católica (RCC), que chegou ao Brasil, segundo Brenda Carranza (1998, Pág.47), no final da década de 60.

Brenda Carranza (1998, p.47) afirma que ao chegar ao Brasil a RCC foi se espalhando pelo território nacional e provocando a rejeição da ala progressista da Igreja Católica, que a considerava uma tentativa de retomada do catolicismo de salvação individual. A RCC também era vista como instrumento de domesticação, servindo como muro de contenção contra a evasão de fiéis para as igrejas pentecostais. Para isso, uma de suas estratégias foi mudar o nome de Pentecostalismo Católico para Renovação Carismática Católica, combatendo as associações que eram feitas com os pentecostais e dando mais força aos traços que os diferem, como a devoção a Nossa Senhora e adesão ao Papa.

Além disso, Brenda Carranza (1998, p. 50) salienta que a RCC também proclama a Igreja Católica como a verdadeira, adotando o discurso demonizador em relação as outras expressões religiosas. Com o passar do tempo, o movimento carismático, que antes tinha adesão maior da classe média, passou a atingir as camadas populares. Brenda Carranza atribui isso à utilização de recursos religiosos, como curas e milagres, que incorporam elementos como emoção, conforto, tranquilidade, aliviando o sofrimento de pessoas que vivem em realidades caóticas. O imaginário demoníaco também é trazido à tona quando se faz do Diabo um elemento estruturante da realidade. Assim, não se tem uma explicação da realidade e de suas relações historicamente construídas, e sim, intervenções sobrenaturais que impedem as pessoas de prosperar.

Quanto ao campo da política, Brenda Carranza discorda de quem afirma que a RCC se preocupa somente com o espiritual, pois esse movimento busca ocupar o poder público por meio da política partidária, incentivando seus membros e lideranças a se candidatar em nome da RCC, da Igreja e de Deus, com visão clientelista e confessional. Um exemplo disso é o mencionado por Martins, Passos e Silva (Acesso em Maio de 2018), no qual o deputado federal Diego

²⁴ Adotou o nome de Bento XVI ao tornar-se Papa em 2005 após a morte de João Paulo II. Após sua renúncia, em 2013, tornou-se Papa Emérito.

Garcia, do Partido Humanista da Solidariedade (PHS), utilizou como um dos argumentos para justificar seu voto favorável ao *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff o fato de ter sido eleito pelo projeto de fé e política da Renovação Carismática Católica do Paraná.

Padre Gabriel Maire, no livro *Ecos de Vitória*, relata como se dava, na década de 1980, ainda no auge das Ceb's, o conflito entre a Renovação Carismática e a Teologia da Libertação:

Em uma comunidade, um grupo da “Renovação Carismática Católica” tentou diminuir a força do trabalho, para retomar formar tradicionais de oração, sem ligação com a vida e as lutas do povo. Foi preciso reagir. As desavenças duraram meses. Todo o Conselho Pastoral do setor foi reclamar junto ao bispo...A Renovação Carismática se torna um meio de combater o espírito das comunidades de base, que dão as palavras em primeiro lugar aos “pequenos”, aos “pobres”, no espírito da Teologia da Libertação”. (MAIRE, apud. MOSCHEN, et. al 2016).

Henrique Cristiano José de Matos (2003, Pág. 242) afirma que a partir dos anos 90, destaca-se a crescente secularização, principalmente nos grandes centros urbanos. Entretanto, há também o crescimento de um despertar religioso de cunho individualista. Nesse contexto, o autor salienta a ascensão do pentecostalismo, inclusive na Igreja Católica, por meio da RCC.

De acordo com Henrique Cristiano José de Matos (Apud SOARES, Seminário, 50 anos CNBB) os preceitos religiosos transformaram-se em objeto de sedução por meio da utilização de procedimentos comuns aos do mercado de bens de consumo, pelos preceitos do marketing da fé. Os pregadores, nesse contexto, passaram a concentrar em si a credibilidade da mensagem emitida, como os padres cantores. Eles, inclusive, entram no jogo dos meios massivos na guerra pela audiência, principalmente nos programas de domingo, cujo nível cultural e evangélico sempre foi alvo de críticas da Igreja Católica.

Trata-se, segundo Henrique Cristiano José de Matos (Apud ANTONIAZZI & GODOY, p.13) de uma religiosidade pautada nas emoções e no espetáculo. Henrique Cristiano José de Matos (2003, Pág. 244) destaca, ainda, que por meio da RCC surgiram grupos que se apresentam como “comunidades cristãs alternativas”. Segundo o autor, eles não são tão presos ao território, como a tradicional paróquia.

Em relação à Arquidiocese de Vitória hoje, o atual bispo, Dom Luiz Mancilha Vilella, que passou a cumprir essa função em 2004, tem uma postura despolitizadora em relação às Ceb's. Dom Luiz (2013, p. 17) expressa isso no seu conceito do que são as Comunidades Eclesiais de Base. Analisando as três palavras separadamente, Dom Luiz afirma que comunidade se refere a local e caráter coletivo da organização, eclesial, à fé; e base, ao fato de ser constituída de poucos membros.

O bispo (2013, p. 21) enfatiza que as Comunidades Eclesiais de Base não são associações de bairro, movimentos políticos, partidos políticos ou sindicatos. Todavia, recomenda que os fiéis que têm vocação para atuar nesses espaços o façam. Entretanto, para Dom Luiz, esses compromissos fazem parte da vocação missionária de cada um, sendo distintos da Comunidade Eclesial de Base. Assim, evitam-se nelas, de acordo com o bispo, ideologias, sejam elas de direita ou de esquerda.

Ao contrário do pensamento de Frei Betto, exposto no item 1.2 deste capítulo, Dom Luiz não enxerga o termo base como uma referência às pessoas inseridas nas classes populares, como donas de casa, operários, aposentados, entre outros trabalhadores do campo ou da cidade, o que já demonstra uma Igreja afastada dos excluídos, dos trabalhadores, do povo. Assim como o bispo da Arquidiocese de Vitória, Frei Betto defende que as Ceb's não são grupos partidários. Entretanto, para Frei Betto, devem fortalecer as lutas populares auxiliando na criação e recriação de movimentos sociais, associações de bairros, entre outros. Essa afirmação se choca com o pensamento de Dom Luiz, pois o bispo afirma que a atuação nesses espaços é algo distinto das Ceb's. Trata-se, portanto, de um caráter despolitizador, e, como afirma Frei Betto, de castração do caráter pastoral libertador das Ceb's, tornando-as reprodutoras do discurso dominante, aprofundando a ideologia do opressor em meio aos oprimidos.

O conceito de Ceb's de Dom Luiz também contraria o Documento 25 da CNBB (Acesso em 20 jul. 2018). Esse documento afirma que as Ceb's são um “sinal da vitalidade da Igreja”, espaço de escuta da Palavra de Deus, busca de relações fraternas, celebração dos mistérios cristãos e compromisso com a transformação da sociedade. A CNBB destaca que é preciso valorizar as experiências de sociabilidade, a solidariedade entre vizinhos. Ao contrário do que diz Dom Luiz, o documento da CNBB afirma que as Ceb's devem participar de relações de reciprocidade expressas, por exemplo, em espaços periféricos e que buscam o desenvolvimento de associações de vizinhança e movimentos que reivindicam melhorias de equipamento urbano.

Em sua Carta Pastoral, escrita logo que assumiu a Arquidiocese de Vitória, Dom Luiz dedica grande parte à Renovação Carismática Católica, a qual expressa seu apoio:

Sei que muitos presbíteros e leigos não têm simpatia por este Movimento. Contudo, o Santo Padre e a CNBB já se mostraram favoráveis a ele com as devidas recomendações. A RCC não tem, pois, necessidade de reconhecimento ou licença de algum padre, uma vez que a Conferência Episcopal já se pronunciou com orientações precisas. Isto é evidente e não o há o que comentar. (VILELA, Dom Luiz Mancilha, 2013)

Ele destaca que a RCC presta um testemunho de fé e serviço às Comunidades Eclesiais de Base:

Como pastor de vocês, saibam que lhes quero muito bem e lhes sou grato pelo testemunho de fé e serviço que a maioria absoluta de vocês, da RCC e de outros Movimentos e Comunidades Cristãs, presta às e nas Comunidades Eclesiais de Base. Todos os Movimentos reconhecidos oficialmente pela Igreja têm direito de crescerem em número e qualidade. Não se pode negar o bem que a Legião de Maria²⁵, Apostolado da Oração²⁶, Vicentinos²⁷, Ordens Terceiras²⁸, RCC, Comunidades Cristãs, os vários movimentos familiares como Encontro de Casais com Cristo²⁹, Equipes de Nossa Senhora³⁰, Movimento Familiar Cristão³¹, etc. têm feito à Igreja. (VILELA, Dom Luiz Mancilha, 2013).

1.6 –Pastoral Operária do Espírito Santo: do apogeu à luta pela sobrevivência

Antes de discorrer sobre a Pastoral Operária do Espírito Santo, é importante dissertar brevemente sobre a Pastoral Operária em nível nacional. Segundo um dos coordenadores nacionais, Jardel Neves Lopes (2016, informação verbal), a coordenação nacional é um colegiado. Tem um representante do Sul, um do Sudeste, um do Norte-nordeste, um padre e um bispo que acompanham.

A coordenação nacional da Pastoral Operária conta com dois coordenadores liberados, ou seja, que recebem uma remuneração para se dedicar exclusivamente à pastoral. Um deles é o próprio Jardel. O outro é Mônica Helena Fidélis. Entre as responsabilidades deles estão as visitas pastorais às bases de todo o Brasil:

As visitas são um termômetro do quadro da Pastoral Operária hoje. A gente está sempre nesse exercício de visitar para não correr o risco da coordenação nacional ficar distante da realidade da base, tem que estar sempre bebendo da fonte do que está acontecendo na base para ter a visão do todo para poder contribuir, seja na questão de material formativo, seja para articular onde não está articulado, fortalecer onde está

²⁵ A Legião de Maria é uma associação de leigos católicos que destina-se à evangelização, tem como uma de suas propostas a santificação dos homens, realizando trabalhos espirituais.

²⁶ Apostolado da Oração, segundo o site do movimento, constitui a união dos fiéis que se juntam ao Sacrifício Eucarístico, exercendo uma obra redentora nossa redenção pela união vital de Cristo, colaborando com a salvação do mundo. Ver <http://www.apostoladodaoracao.com.br/o-que-e.asp>

²⁷ A Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) é uma organização de âmbito internacional fundada em Paris, em 1833. É composta por leigos, denominados vicentinos, que monitoram em sua área de atuação a necessidade de auxílio material, como alimentos, remédios e roupas entre as pessoas. Normalmente a própria comunidade doa esses produtos para que os Vicentinos disponibilizem para quem precisa deles.

²⁸ As Ordens terceiras são associações de leigos católicos, vinculadas às tradicionais ordens religiosas medievais, em particular às dos franciscanos, carmelitas e dominicanos. Reúnem-se em torno à devoção de seu santo padroeiro.

²⁹ O Encontro de Casais com Cristo (ECC) busca evangelizar as famílias. Procura construir o Reino de Deus a partir da família, da comunidade paroquial, para que os casais se reencontrem com eles mesmos, com os filhos, com a comunidade e com Cristo.

³⁰ As Equipes de Nossa Senhora (ENS) são um movimento de espiritualidade conjugal cujo objetivo é ajudar os casais a viver plenamente o sacramento do Matrimônio, anunciando ao mundo os valores do casamento cristão pela palavra e pelo testemunho de vida.

³¹ O Movimento Familiar Cristão (MFC) é voltado para a evangelização de famílias para, a partir delas, transformar a sociedade. Também se propõe a promover os valores humanos e cristãos.

fraco, animar. Esta visita é uma ponte entre nós, que estamos nessa função de coordenação nacional, e os grupos de base. (FIDÉLIS, 2016)³²

Por meio dessas visitas, entre as conclusões que a coordenação nacional chega é de que mudou o perfil dos militantes da pastoral e sua atuação está cada vez mais fraca:

A Pastoral Operária, de um modo geral está bastante fragilizada. Já chegou a 100 dioceses. Hoje está em um pouco mais de 60. A abrangência está menor, os grupos estão cada vez com menos pessoas, uma média de 5, 7, no máximo 10 pessoas, mas em geral é em torno de 5 ou 7. Muitos militantes que já não estão mais no dia a dia do trabalho, os aposentados. Poucos estão na linha de produção das fábricas, como foi no início da Pastoral Operária. Muitos estão na área de serviços, temos aí professores, área de saúde, vendas, de modo geral é esse o quadro. (LOPES, , 2016).

Há poucas alterações entre as regiões:

A região sudeste é uma região onde tem muitas pessoas das antigas mesmo, não houve uma renovação, isso é claro. A maioria é aposentados, têm poucos jovens. Você vai na região sul, uma região onde tinha um grande número de Pastoral Operária, hoje se resumiu a dois no Paraná, bem fragilizado também. Tem um até que não está tão fragilizado. A região central, em Goiás, tinha um grupo de Pastoral Operária, que não existe mais. A região nordeste e norte é onde a gente percebe que tem mais jovens. Não é que a maioria são jovens, mas dentro desse contexto nacional existe um certo número de jovens. Na região nordeste, mais nordeste do que norte, dá para perceber. (FIDÉLIS, 2016)

Jardel Neves Lopes atribui o enfraquecimento da Pastoral Operária a fatores como o novo projeto de Igreja a partir do pontificado de João Paulo II e a disputa por liderança entre as próprias pastorais e movimentos sociais:

A Pastoral Operária é uma das primeiras pastorais sociais da Igreja. A partir da PO nasce o Partido dos Trabalhadores, a Central Única dos Trabalhadores. Hoje a CUT tem 76 mil funcionários liberados para o trabalho dela, nós temos 2. Foram nascendo outros sindicatos, a linha de movimento de direitos humanos cresceu bastante, muitos centros de direitos humanos, coisa que antes não existia. Depois foram surgindo várias pastorais sociais. Foram surgindo outras coisas. A Igreja mudou bastante com o papado de João Paulo II e o papado de Bento XVI. A Igreja, que antes dava apoio prioritário às questões sociais deixou de dar esse apoio prioritário às questões sociais e voltou-se muito para dentro. Deixou de alimentar uma espiritualidade de luta, uma espiritualidade libertadora. Os que já vinham nessa caminhada se dividiram para outros movimentos, desde partido, sindicato e movimentos diversos, e a pastoral vai, de certa forma, minguando. Aquilo que produzia militância para a Pastoral Operária, era essa igreja de luta, essa igreja libertadora. Havia agências de fora que investiam na Pastoral Operária, como a Misereore, ligada à Igreja da Alemanha, que investiam no processo de desenvolvimento do Brasil através da formação de lideranças. As pastorais eram um canal muito grande. (LOPES, 2016).

³² Entrevista concedida a Elaine Rodrigues Dal Gobbo em 14 de agosto de 2016

De acordo com Jardel Neves Lopes, algumas das iniciativas para fortalecimento da Pastoral Operária são o investimento em formação. Para isso estão sendo convidadas pessoas que já foram militantes da pastoral, que estão na pastoral e que estão na universidade estudando-a para formular materiais de formação voltados para os grupos de base. Trata-se de uma adaptação dos antigos materiais a atual realidade dos grupos e da classe trabalhadora, revitalizando sem perder a essência. Além disso, a Pastoral Operária quer iniciar um grupo de trabalho de atuação junto aos sindicatos e fortalecer a economia solidária:

A gente precisa sentar, estudar, aprofundar e ver como a gente interage. A gente contribuiu muito com a formação dos sindicatos. Hoje não há necessidade para a Pastoral contribuir com formação de sindicato, mas há sempre como contribuir de alguma forma. De um tempo para cá a gente entrou na economia solidária. A gente tem que estudar mais qual é o lugar da Pastoral Operária na economia solidária e qual o lugar da economia solidária na Pastoral Operária. (LOPES, 2016)

A Pastoral Operária também quer ampliar o debate sobre as questões de gênero, segundo Mônica Helena Fidélis (2016, informação verbal). Não somente em virtude da desigualdade sofrida pela mulher no mercado de trabalho, mas também por causa do novo perfil da pastoral. Segundo ela, hoje existem mais mulheres do que homens na Pastoral Operária. Em alguns lugares, como São Paulo, a pastoral é majoritariamente masculina, ao contrário do nordeste e do norte. A juventude também é um tema que a pastoral precisa discutir, de acordo com Mônica. No Espírito Santo, a atuação da Pastoral Operária está restrita ao município de Cariacica, mais especificamente nas paróquias Bom Pastor, em Campo Grande; Bom Jesus, em Novo Horizonte; São Francisco de Assis, em São Francisco; e São Francisco de Assis, em Porto de Santana³³. De acordo a aposentada e militante da pastoral Eni Maria de Almeida, nos municípios da Serra e Vila Velha a pastoral chegou ao fim depois que o Irmão³⁴ Francesco D'Aiuto, que ajudava a coordenar, foi transferido para a Paraíba. No interior, o motivo foi outro.

Tinha uma coordenação estadual, trabalhando com Colatina, Linhares, São Mateus e Cachoeiro de Itapemirim. Depois que o padre Carlos Pinto foi coordenador Pastoral, na época de Dom Silvestre, ele acabou com a coordenação estadual. Falou que a gente não tinha nada a ver com as outras dioceses, que não podíamos fazer essa ligação porque não pertencíamos a eles. Tinha representante de Colatina, Linhares, São Mateus e Cachoeiro. Vinham de lá pra cá, tinha encontros de formação, retiros, seminários, simpósios, em 2004 teve o congresso estadual da Pastoral Operária. Agora a gente não tem mais. Não tinha como mais se reunir. As dioceses pagavam a diária e a passagem para virem para cá. Não teve reação dos bispos. O grupo de Linhares já tava bem fraco então acabou de vez. Colatina resistiu até 2006, mas depois também dispersou tudo. Aqui em Cariacica não acabou porque a gente conseguiu manter o grupo reunido. Mesmo que tenha pouca gente, vamos continuar reunidos e trabalhando. Quem dava a maior força era seu Maurício. Ele nunca aceitou que falasse

³³ Os bairros citados são onde ficam a comunidade matriz de cada paróquia.

³⁴ Irmão trata-se de um frade que não é ordenado.

que a Pastoral Operária tivesse morrido. A teimosia dele fez com que nós também não aceitássemos. Por isso que a gente leva o trabalho a frente, a fé, o compromisso e a perseverança naquele ideal que ele passou para a gente. (ALMEIDA, 2016)

A servidora pública e militante da Pastoral Operária, Marina de Oliveira (2016, informação verbal), afirma que o declínio do apoio às pastorais sociais começou com Dom Silvestre Scandian³⁵. No caso específico da Pastoral Operária, ganhou mais força ainda com a perda de dois sacerdotes: Padre Gabriel Félix Roger Maire, assassinado em 1989; e Monsenhor Rômulo Neves Balestrero³⁶, falecido em 2008, de câncer:

O apoio declinou mais ainda quando monsenhor ficou doente. Vieram outros padres e não tivemos mais apoio. Não tinham compromisso com nenhuma pastoral. Quando entrou Dom Silvestre a gente sentiu diferença. Ele não dizia que não, mas também não apoiava. Não é somente com a Pastoral Operária, mas a Pastoral da Criança, da Juventude, tava todo mundo no auge e de repente baixou todo mundo de uma vez só. Faleceu Padre Gabriel, foi uma queda grande, pois tínhamos um apoio muito grande dele. Temos hoje apoio de um ou outro padre. Enquanto Diocese, enquanto arcebispo, não temos muito apoio. Na época de Dom Silvestre a gente ainda conseguia fazer um trabalho a nível de Estado, nós tínhamos um carro da Cáritas para visitar o trabalho da PO de outras dioceses. A gente tinha dois liberados pagos pela Misereio. A gente tinha um trabalho mais articulado a nível de diocese, Espírito Santo, Brasil. Se tivesse que sair numa sexta num encontro para voltar num domingo tinha gente com disponibilidade para isso. (OLIVEIRA, 2016)

Monsenhor Rômulo Neves Balestrero foi um incentivador das atividades da pastoral, como a Marcha pela Vida e Cidadania, que existe ainda hoje:

O município de Cariacica estava abandonado. Numa reunião da área Cariacica Viana sugerimos uma caminhada pela Vida. Foi em 2000, fizemos uma caminhada da prefeitura até Campo Grande. Então fizemos como esse grito de Cariacica e Viana. No segundo ano já foi com o caráter de 1º de maio e começou a sair de Campo Grande até a Câmara ou até a Prefeitura. Teve um ano em que a marcha teve mais de 5 mil pessoas. Monsenhor Rômulo chamou todas as comunidades para participar e ela foi evento da festa do Bom Pastor³⁷. Tivemos muita cobertura da mídia corporativa. A rádio FM Líder³⁸ ajudou bastante. Fizemos chamadas na rádio, a equipe de divulgação fez várias entrevistas antes da marcha, houve a cobertura da marcha. Depois da morte do monsenhor, não tivemos mais destaque na FM Líder. Tinha 30 minutos de aviso das comunidades e falavam da marcha no meio. (Oliveira, 2016)

De acordo com Eni Maria de Almeida, quando Dom Luiz assumiu a Arquidiocese de Vitória todas as pastorais sociais ficaram precarizadas em termos de infraestrutura.

³⁵ Atual bispo emérito da Arquidiocese de Vitória, Dom Silvestre Scandian foi arcebispo dessa Arquidiocese de 1984 a 2004.

³⁶ Ex-pároco da Paróquia Bom Pastor, em Campo Grande, Cariacica

³⁷ Festa do padroeiro da Paróquia Bom Pastor, em Campo Grande, Cariacica.

³⁸ Rádio ligada à Fundação Rômulo Neves Balestrero. Na época a emissora se situava na matriz da Paróquia Bom Pastor, em Campo Grande, a qual era ligada. Atualmente está ligada diretamente à Arquidiocese de Vitória.

A Pastoral Operária e outras tinham sala na Mitra, como a Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral Carcerária, todas tinham. Disseram que a prefeitura que gerenciava e que a prefeitura precisava das salas, mas não foi feito nada. Fizeram uma única sala para todas as pastorais. Cada Pastoral tem um armário. Pegamos todos nossos arquivos e doamos para o centro de documentação. Quando precisamos de algo, procuramos lá. A gente tinha formação a nível arquidiocesano para todas as pastorais, paga pela Mitra, com assessores bons para formar lideranças. A Mitra oferece poucas formações. Esse ano teve o curso de Doutrina Social da Igreja, mas somente para duas pessoas de cada pastoral, que devem ser multiplicadoras. Deve ter uns três ou quatro anos que teve uma formação a nível arquidiocesano, no Colégio Agostiniano. (ALMEIDA, 2016)

De acordo com Marina de Oliveira (2016, informação verbal), a Arquidiocese, atualmente, se limita a auxiliar a Pastoral Operária, as vezes, em alguma formação específica organizada por ela, por meio de pagamento de assessoria. Não se pode contar com recurso financeiro para viagem rumo a Assembleia Nacional da Pastoral Operária, por exemplo. A saída encontrada é fazer uma campanha de arrecadação entre os próprios integrantes da Pastoral para conseguir o dinheiro e possibilitar a ida de alguém.

Marina de Oliveira acredita que a realidade de individualismo destacada por Milton Santos e Vito Giannotti neste mesmo item do capítulo também é um dos fatores que contribui para o enfraquecimento das pastorais sociais, sindicatos e movimentos sociais:

O neoliberalismo traz o individualismo. A gente não consegue chamar pessoas novas. Ninguém está preocupado com mais nada. Cada um tá na sua gavetinha. O pior é que hoje como as comunidades pegaram muito a linha da RCC então elas não se preocupam mais com o social. O social delas é o assistencialismo. É mais as pessoas estão passando fome, vamos doar cesta básica, mas não vamos lutar pelo combate à fome. Não tem mais grupo de jovens, não tem mais PJ. Quando eu entrei na PO a primeira coisa que eu fiz foi ir na PJ, e conseguimos umas quatro pessoas para ajudar nesse trabalho, com teatro sobre o que é a PO. As pastorais estão muito defasadas por causa de muita gente envelhecendo, não tem mais muita liderança. As pastorais têm tendência de ir buscando as pessoas que acham que são boas para elas também. Elas acabam disputando as lideranças pastorais. As celebrações eram mais na nossa linha, tinha uma equipe de liturgia enquanto pastoral. Então isso ajudava mais. Hoje não, a equipe de liturgia tem que ser bem romanizada, tem que estar bem certinha como o padre fala, o leigo não tem mais a vez de celebrar. (OLIVEIRA, 2016)

A aposentada e militante da Pastoral Operária Eni Maria de Almeida aponta a chegada do PT à presidência também como um fator desmobilizador dos movimentos sociais, além da RCC:

A chegada do PT ao poder fez com que os movimentos sociais se calassem. Muitos foram para o governo. Indo para o governo, abandonaram a base. Muitos abandonaram a Pastoral Operária e foram para o governo. Isso enfraqueceu muito. As pessoas foram para secretarias de governo, de prefeitura. Depois que eles vão para lá não voltam para a Pastoral. O movimento popular, muitas vezes, não quer criticar o governo, como as pastorais, as associações de moradores. Saíram da Pastoral e do movimento popular para não ter que criticar o governo. Lula não deu apoio aos movimentos. O governo não governou com os movimentos, nem ele nem a Dilma.

Não ouviu as demandas dos movimentos sociais. Além disso, a Igreja de um tempo pra cá não priorizou mais a opção pelos pobres e a Pastoral Operária foi criada no princípio da opção pelos pobres. A Igreja agora quer templo cheio, muito barulho, mas ação não tem, não existe ação. Quem faz a ação social da igreja são as pastorais sociais. Os conselhos da comunidade têm representação da pastoral. Nos conselhos, como hoje a renovação está dominando muito, não aceitam muito a prática mais social da Igreja, então vão deixando de lado as opiniões da gente, não levam em conta. (ALMEIDA, 2016)

Marina de Oliveira confirma a fala de Eni Maria de Almeida:

Seu Maurício dizia: “a PO é uma pastoral. A gente trabalha a questão política, partidária, mas nós somos uma pastoral. Se tiver que denunciar a gente tem que denunciar”. Nesse sentido a gente sempre teve clareza. Mas muitas pessoas que eram combativas baixam a guarda e isso acaba influenciando não no grupo todo, mas em algumas pessoas. Parece que muitos movimentos pensaram “agora a gente tem um salvador da pátria, agora as coisas vão melhorar”. (OLIVEIRA, 2016)

Segundo Marina de Oliveira (2016, informação verbal), atualmente a Pastoral Operária se dedica à Cooperativa de Blocos (Cooblofac), no Bairro Flor do Campo, em Cariacica; e a duas farmácias alternativas, uma também em Flor do Campo e outra em Novo Horizonte, Cariacica. A Cooblofac foi criada em 1999 como ação concreta da Campanha da Fraternidade Sem Trabalho Porque?. Marina de Oliveira recorda que Maurício Amorim tirou dinheiro do próprio bolso para ajudar a montar a cooperativa, com foco nos desempregados, pessoas com problemas de álcool, drogas, ex-presidiários. A Pastoral Operária conversou com a comunidade, que indicou as pessoas. Maurício Amorim conversou com um por um, fez o convite. A Pastoral Operária acompanha para auxiliar, mas a ideia é que os próprios trabalhadores façam a gestão. Quando as pessoas conseguem trabalho com carteira assinada saem da cooperativa

Por meio da farmácia alternativa, segundo Eni Maria de Almeida (2016, informação verbal), a Pastoral Operária promove o acesso à saúde com gasto inferior. A farmácia de Novo Horizonte é um trabalho conjunto com a Pastoral da Saúde e a Pastoral da Criança. Para o cientista político e agente social de uma Organização Não Governamental (ONG) Isaías Santana da Rocha, que ingressou na Pastoral Operária no final da década de 70 e se desligou dela no início dos anos 90, a Pastoral teve dificuldades para se adaptar à mudança no perfil da classe trabalhadora na década de 90.

Eu achava (quando saiu da Pastoral) que o espaço que a gente ocupou com todo esse sistema de informação, já não mobilizava mais os trabalhadores. Por quê? Porque a gente ficou em muitas reflexões e não tinha nenhuma ação que impactava a própria realidade do trabalhador. O desemprego foi crescendo e não adiantava mais você ficar refletindo e o mundo operário também se desfazendo até pela própria evolução...Então eu chamava a atenção lá na Arquidiocese e na discussão a nível nacional, também essa

reflexão corroborada por outras lideranças de outros estados, de que a necessidade era trabalhar uma pastoral do mundo do trabalho. Você saía daquele mundo operário propriamente dito...para o mundo do trabalho de uma maneira geral, porque o próprio mundo do trabalho passou por transformações. A área de serviços, que não existia, começou a aparecer. O que eu entendi é que essa pastoral tinha também que se atualizar e se recompor de acordo com a realidade colocada. Então essa foi uma das minhas divergências e que eu vi também, com consciência, que a minha contribuição, a minha insistência dessa mudança, e a não compreensão, até por um capricho histórico do conjunto dos militantes da Pastoral Operária não estavam contribuindo mais. Então até para não atrapalhar eu achei melhor sair, me desligar do trabalho e deixar eles tocarem. Eu ficava questionando: como é que eu vou lá no bairro Flexal II, por exemplo, fazer discussão no grupo de base, e chego lá o chefe de família, o grupo que tá lá em maioria tá desempregada, passando necessidade? Então qual é a ação que nós vamos tomar pra resolver esse problema? Nós vamos criar uma cooperativa? (SANTANA, 2018)

Segundo Isaías, diante desse contexto, a criação de cooperativas foi um acerto:

Mas, para minha surpresa, dois ou três anos depois eles já estavam com outros projetos. Foram criados várias cooperativas na região de Campo Grande, na Serra, por exemplo, começaram a trabalhar a questão da reciclagem, da pesca... Teve que se virar porque o povo estava ficando sem conseguir garantir o mínimo de estabilidade para sustentar sua família. Se adequaram, tiveram que se adequar à realidade. Porque a militância que vem desse mundo católico, do catolicismo, eles têm muita resistência a novas coisas, a novas formas, há um carinho muito grande eu acho até salutar, mas você tem uma questão muitas das vezes conjuntural, ou pode ser até de evolução, que você é obrigado a ter que mudar a forma. Você pode até garantir os princípios, mas a forma tem que ser mudada porque senão não atende, não vai conseguir incidir de forma a impactar aquela realidade. (SANTANA, 2018)

A servidora pública Marina de Oliveira (2016, informação verbal) afirma também que quinzenalmente a Pastoral Operária realiza o Círculo Bíblico nas comunidades Santo André, Flor do Campo, São Francisco e Vila Rica, na Paróquia São Francisco, cuja matriz fica no bairro de mesmo nome. O organizador dessa atividade é o militante da Pastoral Operária José Machado. Segundo Manoel David Neto (2017, Pág.09), os Círculos Bíblicos são compostos de pessoas que, juntas, buscam rezar e se aprofundar nos estudos dos textos bíblicos. Nesse aprofundamento acerca da bíblia, os participantes procuram fazer a ligação entre o que está sendo estudado e a realidade da vida.

Além dos livros do Círculo Bíblico feitos pelo Cebi, são utilizados materiais da Pastoral Operária Nacional, como o tríduo do 1º de Maio. Durante três encontros os participantes, com auxílio desse conteúdo, refletem sobre o mundo do trabalho, as estruturas sociais, políticas, econômicas e seus reflexos em meio à classe trabalhadora.

Além das entrevistas, para conhecer melhor a Pastoral Operária foi feita a observação participante. Por meio dela constata-se que a Pastoral Operária tem como atividades principais a Marcha Pela Vida e Cidadania, o Encontro de Velhos e Novos Amigos da Pastoral Operária,

no qual sempre é feita uma análise de conjuntura; o intercâmbio campo-cidade, a Missa dos Mártires, um retiro realizado no final do ano, o trabalho na Cooperativa de Blocos e nas duas farmácias alternativas.

No Encontro de Novos e Velhos Amigos da Pastoral Operária, ocorrido em agosto de 2016, percebe-se a ausência de jovens. Apesar do auditório da Apae, onde o evento foi realizado, estar lotado, o que é significativo até mesmo pelo fato da atividade ter ocorrido em um domingo de manhã, percebe-se que a Pastoral Operária não consegue atrair a juventude para esse tipo de debate. O assessor do Encontro foi o educador popular e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Maurício Abdalla Guerrieri. Entre as propostas apresentadas por ele e aprovadas na primeira reunião da Pastoral Operária após o evento da análise de conjuntura estão trabalhar a paciência histórica, retomar as organizações de base (bairros, igrejas, juventude, estudantes, grupos de cultura e setores de resistência), fortalecer as organizações de trabalhadores em perspectiva de oposição, unificar as lutas e despartidarizar os movimentos sociais, trabalhar a consciência e a formação política, além de buscar e criar mecanismos de informação e formação alternativos aos oligopólios da mídia.

A ausência da juventude também ocorreu no intercâmbio campo-cidade, por meio do qual foi realizada uma visita a um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Jacupemba, Aracruz, no dia 24 de setembro de 2016, data em que vários sindicatos e movimentos sociais foram prestar solidariedade às pessoas do assentamento, que se localiza entre o eucaliptal.

Um ônibus cheio, organizado pela Pastoral, saiu de Campo Grande, em Cariacica. A Pastoral Operária se organizou em uma campanha de arrecadação de alimentos, nas comunidades, para os acampados, assim como os outros sindicatos e movimentos presentes. Durante o intercâmbio campo-cidade foi realizada uma celebração na capela do assentamento, que valorizou os aspectos culturais da vida do agricultor. No ofertório, foram apresentados os frutos do trabalho agrícola.

No momento do abraço da paz, durante a celebração, cantou-se a música “é bonita demais, é bonita demais, a mão de quem conduz a bandeira da paz”³⁹ enquanto representantes de movimentos como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos

³⁹ A música se chama “É bonita demais”. Seu compositor e intérprete é o Padre José Fernandes de Oliveira, mais conhecido como Padre Zezinho.

Pequenos Agricultores (MPA) e Levante Popular da Juventude entravam com suas respectivas bandeiras, fazendo uma alusão à importância dos movimentos sociais na promoção da paz.

A Missa dos Mártires, realizada anualmente em novembro, sempre em uma comunidade diferente, busca manter viva a memória de pessoas que morreram em prol das causas sociais e fazer com que seus ideais permaneçam vivos. O destaque dessa missa é o Padre Gabriel Félix Roger Maire, mas outros nomes também são rememorados, como Santo Dias da Silva⁴⁰, Padre Josimo⁴¹, Verino Sossai⁴², Irmã Cleuza⁴³, Jean Alves da Cunha⁴⁴, entre outros.

O retiro da Pastoral Operária, ocorrido em dezembro de 2016, nas Irmãs Agostinianas, em Tabajara, Cariacica, contou com a assessoria do Centro de Estudos Bíblicos do Espírito Santo (CEBI-ES)⁴⁵. Os debates foram acompanhados de dinâmicas de grupo para que os participantes expressassem o que refletiram a partir da leitura do texto bíblico do livro de Isaías sobre a criação do mundo.

Nas reuniões da Pastoral Operária normalmente prepara-se as atividades mais próximas, avalia-se as anteriores e debate-se a atual conjuntura, como no caso das eleições municipais de 2016. A Pastoral Operária se mantém financeiramente por meio de rifas e sorteios, por exemplo, como os que foram realizados no Encontro de Velhos e Novos Amigos da Pastoral Operária. Outra forma de captar recursos é por meio de excursões, como as que realizam para Aparecida e Trindade, em Goiás. Uma das falhas de comunicação da Pastoral Operária é, nas excursões realizadas, em nenhum momento falar na Pastoral, não explicar o que é, do que se trata.

A Pastoral Operária busca, na medida do possível, já que não conta com pessoas liberadas, remuneradas pela Mitra para se dedicar exclusivamente à pastoral, participar de formações e manifestações populares. Esteve presente no curso sobre Doutrina Social da Igreja, promovido pela Comissão de Justiça e Paz (CJP) da Arquidiocese de Vitória, na 1ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, em Resplendor, Minas Gerais, que teve como objetivo denunciar o crime ambiental cometido pela Samarco e fazer com que ele não caia no esquecimento; contou com representante na equipe de animação do Grito dos Excluídos 2016,

⁴⁰ Metalúrgico e militante da Pastoral Operária assassinado durante um piquete de greve pela Polícia Militar, em São Paulo

⁴¹ Sacerdote e coordenador da CPT assassinado a mando de fazendeiros no Tocantins

⁴² Sindicalista rural assassinado em 1989, em Pedro Canário, Espírito Santo

⁴³ Freira agostiniana, natural de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, assassinada em Lábrea, no Amazonas, por defender a causa indígena

⁴⁴ Liderança do Movimento de Meninos e Meninas de Rua, assassinada em 1992.

⁴⁵ Centro de estudos com foco na leitura popular da bíblia, prestando serviços como projetos de estudo e aprofundamento bíblico, atualização e capacitação de assessores, intercâmbio de experiências, elaboração e distribuição de subsídios, apoio aos movimentos populares, entre outros.

também participou da construção do de 2017, e teve um importante papel no suporte às ocupações das escolas de Cariacica por parte dos estudantes secundaristas que lutavam contra a PEC 241, que congela os gastos públicos durante 20 anos.

Caso tivesse escola ocupada em seu bairro, cada integrante da Pastoral Operária deveria articular com a comunidade a arrecadação de alimento para os estudantes, pois essa era a principal demanda dos secundaristas para a manutenção das ocupações. Na falta de apoio da comunidade, teriam que ligar para outro integrante para se articularem e suprirem a demanda dos estudantes de determinada escola. A tarefa tornou uma amplitude maior após a articulação com movimentos sociais e pessoas interessadas em ajudar, feita meio de um grupo no *whatsapp*. Os integrantes da Pastoral Operária também participaram de outras atividades em apoio às ocupações, como a Vigília em frente ao Escola Viva, em São Pedro; e à Secretaria Estadual de Educação (Sedu).

Segundo a assistente social e militante da Pastoral Operária, Katia Mariano (2016, informação verbal), a Marcha Pela Vida e Cidadania, realizada todo dia 1º de maio, é uma forma de dialogar com os moradores dos bairros por onde a marcha passa, com sindicatos, associações e movimentos sociais que participam dessa manifestação, denunciando os ataques contra a classe trabalhadora.

Conforme relatado neste mesmo capítulo por Marina de Oliveira, a marcha, inicialmente, era realizada em Campo Grande. Hoje ela é itinerante. Sai sempre de um bairro da periferia de Cariacica rumo a um bairro de Viana. Em 2016, por exemplo, saiu de Vila Rica, em Cariacica; e seguiu para Vila Bethânia, Viana. Mantém, portanto, a proposta inicial de unir os dois municípios. Ela foi marcada pelo alerta em relação a um possível golpe de Estado para tirar a então presidenta Dilma Rousseff de seu cargo e como isso poderia afetar negativamente a classe trabalhadora por meio da retirada de direitos.

A manifestação popular também contou com denúncias contra o crime ambiental cometido pela Samarco por meio do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais; o extermínio da juventude negra, a violência contra a mulher, entre outros problemas sociais. As temáticas mostram a variedade de sindicatos, movimentos sociais e pastorais presentes, sem que entre eles haja um que tenha mais espaço que o outro. Todos têm seu lugar de fala no carro de som, sem que haja distinção por parte da Pastoral Operária, organizadora da marcha.

Um exemplo disso é o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes) e o Coletivo Sindiupes pela Base⁴⁶. Ambos participam e têm espaço na Marcha, assim como a CUT e a Intersindical, representada principalmente pelo Sindicato dos Bancários do Espírito Santo (Sindibancários/ES), que vê na Marcha Pela Vida e Cidadania uma atividade independente de patrões, governos e partidos, uma alternativa ao 1º de Maio da CUT, com caráter festivo, e não de denúncia, conforme relata na matéria intitulada Sindibancários Convida para a Marcha do Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, publicada no site da entidade:

Em todo o Brasil, inclusive no Espírito Santo, algumas centrais sindicais, como a Força Sindical e a CUT, transformaram o 1º de maio em um dia de festa. Mas para o Sindibancários trata-se de um dia de luta. Por isso que todo ano participamos da marcha com os movimentos sociais e pastorais, que saem às ruas, com autonomia e independência, para denunciar os retrocessos que muitas leis que estão tramitando na Câmara e no Senado querem impor aos direitos trabalhistas (Acesso em 20 maio 2018)

Em 2018 a Marcha pela Vida e pela Cidadania saiu do bairro Castelo Branco rumo a Jardim Botânico, ambos no município de Cariacica. Antes de sua realização, segundo o professor e secretário institucional da Federação das Associações de Moradores de Cariacica (Famoc) Dauri Correia da Silva⁴⁷ (2018, informação verbal), aconteceram atividades em parceria com a Rede de Cursinhos Populares Afirmação⁴⁸ nas quais foram realizadas rodas de conversa sobre temas relacionados à marcha e que também podem ser tema de redação ou de questões objetivas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

De acordo com Dauri Correa da Silva (2018, informação verbal), uma das temáticas debatidas foram Educação e Trabalho, cujos debatedores foram representantes do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (DCE), do Conselho Municipal de Educação de Cariacica, da Famoc e um professor da Rede de Cursinhos Populares Afirmação. A outra temática, afirma o secretário institucional da Famoc (2018, informação verbal), foi Saúde e Trabalho, com representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Saúde do Estado do Espírito Santo (Sindisaúde), Sindicato dos Enfermeiros no Estado do Espírito Santo (Sindienfermeiros), Sindicato dos Psicólogos (Sindpsi-ES), além do presidente do Conselho Municipal de Saúde e o do Conselho Estadual de Saúde. A primeira roda de conversa foi na Igreja Adventista de Santana, em Cariacica. A segunda, no colégio estadual Alzira Ramos, em

⁴⁶ Grupo de Oposição sindical ao Sindiupes

⁴⁷ Dauri Correa da Silva não é integrante da Pastoral Operária, mas a Famoc é um dos movimentos que apoia atividades da pastoral. Na Marcha pela Vida e Cidadania, Dauri participa todos os anos da comissão de comunicação.

⁴⁸ Rede de pré-vestibulares populares criada em 2017 em bairros da periferia da Grande Vitória. Seu principal objetivo é preparar para o Enem estudantes dessas localidades oriundos de escolas públicas e que não têm condições de pagar um cursinho privado.

Rio Marinho, no mesmo município e um dos bairros que fizeram parte do trajeto da marcha em 2018.

A temática sobre Saúde e Trabalho, de acordo com Dauri Correa da Silva (2018, informação verbal), também foi debatida em Cariacica Sede, a pedido da Rede de Cursinhos Populares Afirmação. Segundo ele, mesmo após a marcha as rodas de conversa serão mantidas, com novos temas, em parceria com a rede de cursinhos e atendendo a uma demanda já existente de algumas comunidades, como a de Jardim Botânico, em Cariacica, que solicitou a realização da atividade nesse local. De acordo com Dauri Correa da Silva (2018, informação verbal), optou-se pela permanência desse tipo de atividade pelo fato da marcha não se resumir a reuniões organizativas, sendo ela um percurso.

Durante a reunião de avaliação da Marcha pela Vida e Cidadania, uma das deliberações foi a de que a Pastoral Operária deve tomar a iniciativa de convidar pastorais, sindicatos, igrejas e movimentos sociais para a construção do Grito dos Excluídos. Caso contrário, corre-se o risco de acontecer como em 2017, quando a Arquidiocese de Vitória não tomou a iniciativa de convocar para a construção dessa manifestação popular e seus preparativos começaram de última hora, inclusive, sem participação da Arquidiocese, como acontecerá em 2018. As reuniões para a edição de 2018 já iniciaram.

Neste capítulo foi possível compreender o que é a Doutrina Social da Igreja, como ela influenciou no surgimento das pastorais sociais, o contexto no qual nasceu a Pastoral Operária e sua atuação. Também foram debatidas algumas possíveis justificativas para a sua fragilidade atual e relatadas suas atividades realizadas hoje. Parte desse conteúdo servirá de subsídio para o próximo capítulo, auxiliando na reflexão sobre a democratização da comunicação, por exemplo; e para o capítulo 3, no qual será abordada a comunicação da Pastoral Operária nas décadas de 1970 e 1980, por meio da análise do *Ferramenta*, que era o principal veículo de comunicação da Pastoral; além da comunicação dessa Pastoral na atualidade.

2 – Reflexões acerca do papel da comunicação para a mobilização popular e sobre o pensamento comunicacional da Igreja Católica

Neste capítulo serão feitas reflexões sobre o papel da comunicação como instrumento de mobilização popular e sobre os meios, tecnológicos ou não, a serem utilizados para alcançar esse objetivo. Também será apresentado o pensamento da Igreja a respeito da comunicação. Porém, primeiramente será preciso discutir o papel dos veículos de mídia hegemônicos.

No que diz respeito à comunicação comercial, Bordenave (1984, Pág. 31) destaca que seus veículos têm como algumas de suas características a penetração ideológica, causando a paralisação do sentido crítico, além de favorecerem o consumismo e serem agentes do conformismo. Os meios de comunicação comerciais, ainda de acordo com Bordenave (1983, Pág. 31), estão longe de apoiar o surgimento de uma nova civilização, de um novo homem.

Esse pensamento vai ao encontro do que defende Milton Santos (2007, Pág. 38), que ao falar da perversidade da globalização, que coloca o dinheiro como centro, e não o homem, aponta que a informação é um dos fatores constitutivos dessa perversidade. Trata-se, segundo Milton Santos (2007, Pág. 39), de uma informação manipulada, que confunde em vez de esclarecer. Para Milton Santos (2007, Pág. 40), uma das fábulas da globalização perversa é a ideia de aldeia global, ou seja, a de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta e, portanto, é possibilitado às pessoas saber de maneira instantânea o que acontece em qualquer lugar.

Milton Santos (2007, Pág. 40) atribui a isso o caráter de fábula porque, na verdade, essa comunicação, feita com a intermediação das mídias, facilita muito mais o conhecimento sobre o que se passa em locais longínquos do que sobre o que está próximo, ao contrário do que acontece nas verdadeiras aldeias. E essa informação, de acordo com Milton Santos, tem uma interpretação interessada, até mesmo interesseira dos fatos.

Esse tipo de interpretação, da qual Milton Santos fala, tem como uma de suas origens a seleção dos fatos, enfatizada por Bordenave (1983, Pág. 74), que afirma ser essa seleção uma espécie de filtro que sofre intervenção não somente da personalidade do jornalista, mas das instituições às quais os meios de comunicação pertencem. Assim, ao contrário do que muitos acreditam, o que se lê, assiste ou ouve é uma construção da realidade, o que, segundo Bordenave, pode ser utilizado para oferecer uma informação tendenciosa.

Dessa forma, os detentores dos meios de comunicação hegemônicos detêm um poder que, de acordo com Manuel Castells (2015, Pág. 57), é uma capacidade relacional. Um poder, segundo

o autor, que influencia de forma assimétrica as decisões dos atores sociais, fazendo com que eles favoreçam as vontades, interesses e valores dos detentores do poder. Uma das formas de exercício do poder, segundo Manuel Castells (2015, Pág.57), é por meio da construção de significados pautados em discursos que podem orientar os atores sociais em suas ações.

Manuel Castells (2015, Pág. 57) explica que o poder é uma capacidade relacional por não ser abstraído da relação entre aqueles que os detêm e os que estão sujeitos a ele. É assimétrico por sempre haver um grau maior de influência de um ator social em relação a outro. Entretanto, nunca há poder absoluto, existindo a possibilidade de resistência e questionamento desse tipo de relação.

Bordenave (1983, Pág. 78) também acredita nessa resistência quando ressalta que os sistemas de comunicação dominantes, que segundo ele são os oficiais e os da classe dominante, não têm uma penetração decisiva nas mentes das classes subalternas, a ponto de impor de forma implacável a sua ideologia para manutenção de seu domínio, apesar de empenhar-se para manter sua dominação.

Segundo Bordenave (1983, Pág. 77), o sistema de comunicação oficial é o que pertence ao Estado, que também investe financeiramente nos meios privados para se comunicar e, até mesmo, para ganhar o apoio político deles. Os da classe dominante são as redes nacionais de rádio e TV, empresas cinematográficas, entre outros que estão nas mãos dessa classe. Este último sistema, de acordo com Bordenave (1983, Pág. 77), está a serviço dos interesses dos proprietários da maior parte da riqueza do país.

.Para Bordenave (1983, Pág. 83), uma das provas de que os dois sistemas mencionados não têm uma penetração decisiva nas mentes das classes subalternas é a própria resistência delas em relação a eles por meio da criação de novos meios de comunicação, que se contrapõem aos comerciais e realizam uma comunicação considerada horizontal por permitir o acesso, a participação e sua autogestão pela população organizada. Essa comunicação, segundo Bordenave (1983, Pág.84), por promover ou facilitar a participação é chamada de Participativa ou Participatória:

Na Comunicação Participatória todos os interlocutores exercem livremente seu direito à auto-expressão, como uma função social permanente e inalienável; geram e intercambiam seus próprios temas e mensagens; solidariamente criam conhecimento e saber, e compartilham sentimentos; organizam-se e adquirem poder coletivo; resolvem seus problemas comuns e contribuem para a transformação da estrutura

social de modo que ela se torne livre, justa e participativa. (BORDENAVE, 1983, p.40)

Segundo Cicília Peruzzo (2009), esse tipo de comunicação, ao qual ela chama de popular, originou-se nos movimentos populares dos anos 70 e 80, na América Latina como um todo, tendo caráter mobilizador coletivo, assim como afirma Bordenave, que perpassa pela produção dos próprios canais de comunicação. Também de acordo com Peruzzo (2008, Pág.132), quando se fala em movimentos populares refere-se às organizações das classes subalternas, cujo objetivo é alcançar melhor nível de vida por meio de acesso a bens de consumo individual e coletivo, da garantia de direitos básicos de sobrevivência e da participação política. Maria da Glória Gohn (2000) conceitua esses movimentos da seguinte forma:

São ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial. (GOHN, 2000)

2.1 – O caráter educador da comunicação popular

Antes de dar início à discussão sobre o papel educador da comunicação popular, é preciso fazer uma reflexão sobre o que é cidadania. A cidadania, de acordo com Peruzzo (2008, Pág.128), inclui direitos no campo da liberdade individual, como igualdade, locomoção e justiça; exercício do poder político, a exemplo da participação política em todos os níveis, como eleições, plebiscitos e órgãos de representação (Sindicatos, movimentos, associações, etc); além de acesso a direitos sociais, como lazer, moradia, saúde, entre outros. Destaca-se, ainda, segundo Peruzzo (2008, Pág. 129), que além de direitos a cidadania inclui deveres: responsabilidade pelo conjunto da coletividade e cumprimento das normas de interesse público são alguns deles.

Para alcançar direitos, Maria da Glória Gohn (1994, Pág. 15) enfatiza o conceito de cidadania coletiva, que é aquele elaborado a partir dos movimentos sociais e que se concretiza quando os movimentos elaboram estratégias de formulação de demandas e táticas de enfrentamentos a seus oponentes quando identificados os interesses opostos. Essas táticas e estratégias visam a obtenção do bem comum, que é um direito social.

As táticas e estratégias as quais Maria da Glória Gohn se refere são visíveis, por exemplo, quando Peruzzo (2008, Pág. 132) enfoca as relações entre comunicação e educação no processo de conquista da cidadania no âmbito da comunicação popular com base na comunicação que surge da práxis nos movimentos populares.

Peruzzo (2008, Pág.123) enfatiza que a comunicação popular tem um caráter educador. Contudo, há dois tipos de alinhamento entre comunicação e educação. Um enfoca a relação entre ensino e aprendizagem, mediada por um processo comunicativo, com utilização dos meios de comunicação nas instituições de ensino, com enfoque na recepção crítica das mensagens provenientes dos meios de comunicação de massa.

O outro, de acordo com Peruzzo (2008, Pág.123), é a educomunicação no âmbito da educação informal, como nos movimentos populares, organizações não governamentais e outros espaços de mobilização para tratar de assuntos relacionados a diversas temáticas sociais. Esta última é que está ligada ao papel educador da comunicação popular.

Peruzzo (2008, Pág. 140) explica que os meios de comunicação populares contribuem de forma dupla para a construção da cidadania. A primeira é quando oferecem um potencial educativo em virtude do conteúdo das mensagens transmitidas, que podem trazer benefícios como socialização do legado histórico do conhecimento, facilitação da compreensão das relações sociais e das estruturas de poder, melhor compreensão dos assuntos públicos do país, esclarecimento sobre os direitos da pessoa humana e discussão sobre os problemas locais.

A outra forma de contribuir para a construção da cidadania, de acordo com Peruzzo (2008, Pág. 141) é pelo fato de que, ao participarem da produção das mensagens, transmissão, mecanismos de planejamento e gestão do veículo de comunicação popular, as pessoas tornam-se sujeitos, protagonistas da comunicação, e não somente receptores. Assim, as pessoas envolvidas no processo mudam seu modo de se relacionar tanto com a sociedade quanto com os sistemas dos meios de comunicação de massa. Isso acontece porque ao se apropriarem das técnicas e instrumentos tecnológicos de comunicação elas adquirem uma visão mais crítica por causa das informações que recebem e em virtude do que aprendem por meio da vivência prática.

Peruzzo (2008, Pág. 141) exemplifica essa situação com a prática da seleção de notícias. Por meio dela e outros mecanismos de produção e transmissão de mensagens do cotidiano dos comunicadores populares é permitido a eles se deparar com conflitos de interesse que condicionam a informação, as estratégias e possibilidades de manipulação, além de conhecer

melhor a força que tem os veículos de comunicação. Segundo Peruzzo (2008, Pág.141), trata-se da explicitação das relações entre comunicação e educação.

A apropriação das técnicas e dos instrumentos tecnológicos, apontada por Peruzzo, é considerada por Milton Santos (2007, Pág. 144) como uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, que abre caminho para uma globalização como ela deveria ser, na qual o homem é o centro, e não mais o dinheiro. Essa revanche se dá quando a cultura popular se difunde por meio de instrumentos que em sua origem são próprios da cultura de massa, propagando o discurso dos “de baixo”, dos pobres, das minorias, dos excluídos.

2.2 – Comunicação popular: quais meios usar?

Quais meios de comunicação os movimentos populares podem utilizar como instrumento de mobilização? De acordo com Bordenave (1983, Pág. 84) não se deve excluir os meios que ele afirma ser os de certa sofisticação, como rádio, TV e jornal impresso. Contudo, é preciso mudar sua metodologia de programação, dando espaço à participação da população.

Bordenave (1983, Pág. 83) também aponta como alternativa as formas não tecnológicas de se comunicar, por exemplo, o teatro popular, o de fantoches, a literatura de cordel, os jornais murais, escritos em muros e tapumes, entre outros. Segundo Bordenave (1983, Pág. 84), a corrente que se posiciona a favor do uso do meio “pobre” de baixa tecnologia é a Folkcomunicação, que inclui provérbios, mitos, lendas, anedotas, trava-línguas, cantorias, danças, folguedos, entre outros.

Segundo Luiz Beltrão, Folkcomunicação (1980, Pág. 24) “é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. Essas manifestações, segundo o autor (1980, Pág. 27), resultam principalmente de atividades artesanais do agente comunicador e seu processo de difusão se desenvolve de maneira horizontal.

Segundo Beltrão (1980, Pág. 23), por meio da Folkcomunicação as camadas populares fazem intercâmbio de elementos de informação, educação, incentivo à melhoria das vidas espiritual e material, entretenimento e sonho adequado às condições socioeconômicas do seu dia a dia. Beltrão (1980, Pág. 35) faz uma comparação entre os líderes de opinião no sistema de comunicação social e na Folkcomunicação. No primeiro é frequente as autoridades políticas, científicas, artísticas e econômicas, por exemplo. No segundo, nem sempre são autoridades

reconhecidas, mas possuem um certo carisma, atraem ouvintes, leitores, admiradores, seguidores, atraem conselheiros ou orientadores da audiência sem que haja uma consciência integral desse papel.

Contudo, Beltrão (1980, Pág. 35) destaca que também há líderes que não somente têm consciência disso como agem abusivamente para ampliar esta posição. Entre os exemplos que ele utiliza estão Padre Cícero Romão Batista⁴⁹ e Frei Damião⁵⁰. O autor (1980, Pág. 61) afirma que na Folkcomunicação as manifestações religiosas são oportunidades de comunicação, como as festas de padroeiro e as sessões públicas de oração. Outro exemplo dado é a “devoção” àqueles que se posicionaram contra formas de opressão, “não recuando sequer diante da morte”. Nesse caso, ele utiliza como um de seus exemplos Zumbi dos Palmares.

Outra forma de comunicação não tecnológica é a que Cicília Peruzzo (Acesso em 02 jan. 2018) chama de interpessoal, que se realiza pela expressão oral, pela comunicação face a face, como nas reuniões e demais atividades dos movimentos sociais. Na era da internet esses espaços presenciais são recriados no ciberespaço naquilo que Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy (Acesso em 19 fev. 2018) chamam de comunidades online. Segundo os autores, no debate sobre a territorialidade das comunidades na internet, elas se diferem das comunidades virtuais por estarem ligadas a grupos já associados em comunidades *off-line*.

Com o advento da internet, outros meios passaram a ser utilizados pelos movimentos populares como instrumento de mobilização social. Cecília Peruzzo (Acesso em 02. Jan. 2018) afirma que principalmente a partir do início do século XXI aconteceu uma crescente adesão de iniciativas

⁴⁹ Padre Cícero Romão Batista chegou em Juazeiro do Norte, no Cariri, Sertão do Ceará, em 1872. Conhecido como “Padim Ciço”, é amado por muitos e conhecido como “coronel de batina” por outros. Ele teve conflitos com a Igreja depois de surgirem relatos de que uma hóstia dada a uma beata por Padre Cícero tinha se transformado em sangue na boca da religiosa. Foi acusado de heresia pela Igreja e proibido de ordenar. Porém, foi considerado pelo povo um santo em vida e o Cariri se tornou lugar de peregrinação. Aproveitando-se desse prestígio, Padre Cícero ingressou na carreira política. Foi prefeito de Juazeiro por cerca de 20 anos, vice-governador do Ceará, aproximou-se de Lampião para combater a Coluna Prestes e no final da vida foi deputado federal.

⁵⁰ Frei Damião Bozzano, cujo nome de batismo era Pio Giannotti, nasceu em 1898, em Bozzano, na Itália. Em 1931 chegou ao Brasil, mais precisamente ao Recife, capital pernambucana. Dedicou-se ao que ele denominava de santas missões pelo interior do nordeste, por meio das quais era montado um palanque ao ar livre no qual o frade fazia um discurso conservador. Esbraveja contra o carnaval, a dança, a mini saia, o divórcio, os métodos contraceptivos, o comunismo. Nas eleições de 1989 declarou abertamente seu apoio a Fernando Collor de Melo para a presidência. Em seu discurso também incentivava o ódio contra o protestantismo, o que culminou em destruição de igrejas protestantes por parte de seus seguidores. O frade atraía multidões.

de comunicação popular que incorporaram as novas tecnologias da comunicação, como webradio, blogs, websites entre outros.

Esses veículos de comunicação, segundo Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy (Acesso em 19 fev. 2018), são característicos do atual modelo comunicacional, que é o da auto-comunicação de massa, caracterizado pela globalização comunicacional, interligação em rede dos meios de comunicação de massa e interpessoais, além da interação em rede com diferentes padrões de interação.

Esse quarto modelo, explicam Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy (Acesso em 19 fev. 2018), trata-se da mistura dos três primeiros, que são o da comunicação interpessoal (Entre duas ou mais pessoas dentro de um grupo), comunicação um-para muitos (um indivíduo envia uma única mensagem para um grupo limitado de pessoas) e comunicação de massa (uma única mensagem é enviada para uma massa de pessoas). Sobre a prática social em rede na internet, os autores (Acesso em 19 fev. 2018) destacam que uma das suas utilidades é a intervenção social. Os movimentos sociais, de acordo com Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy, têm utilizado as redes para, de forma fácil e gratuita, difundirem seus propósitos, ações e angariar simpatizantes, inclusive em outras partes do globo.

José Antônio Martinuzzo, citando Adler e Firestone, (2014, Pág. 21) destaca que as pessoas, em virtude principalmente das mídias participativas da *web*, passaram a ter maior poder de escolha, mais capacidade de procurar informações que interessam a elas e filtrar as que não querem ver nem ouvir. O autor, citando Wolton, (2014, Pág. 18) afirma que na era da internet o problema-chave da comunicação é chamar e prender a atenção em tempos de múltiplos estímulos, que são provenientes das mais diversas matizes e origens.

Citando Davenport e Beck, José Antônio Martinuzzo (2014, Pág. 19) salienta que a atenção é pré-requisito para que a pessoa tome uma decisão sobre determinada ação. A atenção, de acordo com o pesquisador (2014, Pág. 19), é limitada em um ambiente de comunicação abundante e, por isso, escassa e disputada. Portanto, um dos problemas mais importantes das organizações, afirma o autor, citando Davenport (2014, Pág.20), é conquistar e manter os “olhares”. Para José Antônio Martinuzzo, na sociedade atual existir equivale a perceber e ser percebido na rede midiática.

Esses processos comunicacionais acontecem na sociedade em rede, que Manuel Castells (2015, Pág.66) afirma ser aquela “cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias da comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica”. Embora a internet possibilite a intervenção social por parte dos movimentos sociais, Manuel Castells (2015, Pág. 124) diz que algumas das características da sociedade em rede são a maior concentração da propriedade dos meios de comunicação e o fato dos grandes conglomerados de mídia, atualmente, poderem oferecer uma variedade de produtos em uma única plataforma, bem como um único produto em várias plataformas.

2.3 – Relações Públicas a favor dos movimentos sociais:

De acordo com Manuel Carlos Chaparro (2003, Pág. 34), o criador da assessoria de imprensa, também chamada de assessoria de comunicação ou relações públicas, foi o jornalista dos Estados Unidos Ivy Lee, que em 1906 montou um escritório onde passou a desenvolver um projeto profissional de relações com a imprensa. Ivy Lee, segundo Chaparro (2003, Pág. 34), estava a serviço do empresário John Rockefeller, um homem impopular por aspirar ao monopólio, combater de todas as formas as pequenas e médias empresas, com fama de impiedoso e sanguinário, que chegou a mandar atirar contra grevistas em uma greve no Colorado.

Chaparro (2003, Pág. 34) afirma que cabia a Ivy Lee, por meio do trabalho de relações públicas, fazer com que John Rockefeller passasse a ser venerado pela opinião pública. Chaparro (2003, Pág. 36) destaca que, para isso, o jornalista criou uma declaração de princípios em forma de carta aos editores, na qual constava explicações como o fato de que o trabalho de assessoria de imprensa não é um serviço de imprensa secreto, que o objetivo é fazer divulgação de notícias com franqueza à imprensa e ao público, informações sobre assuntos de interesse público, e não agenciamento de anúncios.

Entre outras iniciativas de Ivy Lee, segundo Cicília Peruzzo (1981, Pág. 12), estava a dispensa dos agentes de segurança da família Rockefeller, abertura das portas da organização para a imprensa, abertura do diálogo com líderes da comunidade e do governo, criação de fundações filantrópicas, centros de pesquisa, universidades, hospitais, museus e concessão bolsas de estudo.

Contudo, Chaparro (2003, Pág. 38) salienta que não foi somente colaborando com boas matérias jornalísticas que Ivy Lee buscou mudar a imagem de John Rockefeller. Também houve a prática de pagamento de propina, almoços sedutores, viagens, entre outras formas de comprar a

imprensa. Também criou fatos noticiáveis. Apesar disso, para Chaparro (2003, Pág. 38) não se pode tirar de Ivy Lee o mérito de ser o fundador das relações públicas.

Em qual contexto histórico surgem as relações públicas? Chaparro (2003, Pág. 34) recorda que ela surge após a Guerra de Secessão, quando os empreendedores do norte ampliaram seus negócios especulando terras, construindo estradas de ferro, explorando recursos minerais, abrindo bancos. O autor (2003, Pág. 35) destaca que esse cenário permitiu o surgimento dos chamados barões ladrões, que eram industriais que se dedicavam a negociatas e visavam o lucro fácil. Foi um período marcado pela contenção da resistência operária. Além disso, pagava-se por peças, premiava-se quem mais produzisse, padronizava-se as tarefas.

Cicília Peruzzo (1981, Pág. 12) salienta que as relações públicas nascem a favor do capital em um contexto em que os antagonismos de classe se evidenciam. Essa atividade, de acordo com Peruzzo (1981, Pág. 28), tem como objetivo a harmonia social, a satisfação de interesses bilaterais. Segundo Peruzzo (1981, Pág. 28), no modo de produção capitalista harmonia social trata-se da identificação entre os interesses público e privado. É fazer com que este último ganhe uma roupagem de interesse público. De acordo com ela (1981, Pág. 57), uma das nuances das relações públicas burguesas está nas relações entre aqueles que possuem dinheiro e os que possuem a força de trabalho.

No âmbito empresarial, por exemplo, Peruzzo (1981, Pág. 139) salienta que os programas de relações públicas têm como um de seus objetivos conquistar os trabalhadores, submetendo-os aos interesses do capital, conservar as condições de exploração. Quando a serviço da classe dominante, segundo Peruzzo (1981, Pág. 139), as relações públicas “são um ato pedagógico e político, não crítico libertador”.

Assim, para Peruzzo (1981, Pág. 139), quando utilizadas dessa forma, as relações públicas se inserem na concepção bancária de educação. Segundo Paulo Freire (1970, Pág. 33), a concepção bancária da educação consiste na utilização dos seres humanos como mero depósito de informações que são guardadas, arquivadas, sem que haja busca pela invenção, pela transformação, por não estarem relacionadas com a práxis nem despertarem o senso crítico.

Contudo, Peruzzo (1981, Pág. 139) defende que as relações públicas também sejam utilizadas a serviço da classe dominada. Quando assim acontece, de acordo com Peruzzo (1981, Pág. 139), elas se enquadram na concepção libertadora de educação. Ou seja, problematiza, desmistifica a realidade, transforma o mundo.

E o que é necessário para fazer com que as relações públicas sejam colocadas a serviço da classe dominada? Peruzzo (1981, Pág. 145) elenca alguns elementos, como a necessidade de o relações públicas ser um ser de relações. De acordo com Freire (1967, Pág. 46) o ser de relações não apenas está no mundo, mas com o mundo, o que é resultado de uma abertura à realidade, fazendo com que a pessoa se integre a seu contexto e interfira nele. Portanto, o ser humano deixa de ser aquilo que Paulo Freire (1967, Pág. 49) chama de ser de contatos, ou seja, um ser de acomodação, ajustamento, adaptação.

Outros elementos necessários para que as relações públicas sejam colocadas a serviço da classe dominada, segundo Peruzzo (1981, Pág. 145), são reconhecer-se enquanto classe, estudar alianças com as classes subalternas; podendo isso ocorrer quando o objetivo do relações públicas for o mesmo delas, ou seja, transformação socioeconômica e política com o fim de atingir uma sociedade livre e justa; oferecer suas técnicas para as classes subalternas.

Peruzzo (1981, Pág. 146) salienta algumas atitudes concretas da atividade do relações públicas a serviço da classe dominada, como ajudar os movimentos a melhorar sua imagem perante o público, ajudá-los a tornar aceitáveis seus programas e objetivos, por exemplo, mostrando que eles satisfazem as aspirações públicas; ajudar o bom fluxo de comunicação entre as lideranças e a base dos movimentos, além de ajudar as classes subalternas e os movimentos populares a se comunicarem entre si.

Peruzzo (1981, Pág. 146) afirma que, para concretizar essas propostas, é preciso que o relações públicas tenha relações com organismos da sociedade civil para buscar neles apoio para suas causas. Peruzzo destaca, ainda, a importância de se relacionar com os meios de comunicação de massa para conseguir cobertura jornalística. Peruzzo (1981, Pág. 146) também aponta como formas de concretizar as atividades dos relações públicas a serviço das classes dominadas o estabelecimento de canais de comunicação entre os dominados, preparação e aplicação de pesquisas para conhecer as necessidades e posicionamento das camadas populares, preparação de jornais murais e todo e qualquer tipo de comunicação, preparação de eventos como grupos teatrais, reuniões, palestras, festas; documentação da história dos dominados.

2.4 – O que a Igreja pensa sobre a comunicação

Antes do Vaticano II a Igreja havia divulgado ao longo de sua trajetória milenar diversos documentos sobre a comunicação. Entre os primórdios de sua história e o ano de 1500, por exemplo, foram 87 documentos com a finalidade de ditar normas para imperadores, reis, bispos e fiéis, buscando orientá-los sobre como se posicionar em relação aos escritos, livros e teatros.

De acordo com Joana Puntel (2012, Pág. 07), nesses documentos raramente a liberdade de expressão estava presente.

Segundo Joana Puntel (2012, Pág.1) o decreto *Inter Mirifica*, um dos 16 documentos do Concílio Vaticano II, publicado na década de 60, foi um marco no pensamento comunicacional da Igreja por se tratar da primeira vez que um concílio geral versa sobre a comunicação social, assegura a obrigação e o direito dela utilizar instrumentos de comunicação e apresenta uma orientação geral da instituição religiosa para os leigos e o clero sobre o emprego dos meios.

Por se tratar de um marco é que esta pesquisa estudará o pensamento da Igreja a respeito da comunicação com base no *Inter Mirifica* e nos documentos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (Celam) de Medellín, na Colômbia; de Puebla, no México; e de Santo Domingo, na República Dominicana. Não foi inclusa a conferência do Rio de Janeiro pois em seus documentos não constam nada especificamente a respeito da comunicação, até mesmo porque ela aconteceu em 1955, anteriormente à publicação do decreto *Inter Mirifica*, que como já foi dito, é considerado um marco no pensamento comunicacional católico. Outro documento da Igreja a ser estudado é o Diretório de Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

No *Inter Mirifica* (1997, Pág. 08) a Igreja afirma que o Concílio Vaticano II trata da questão dos meios de comunicação por reconhecer que eles, quando utilizados corretamente, são benéficos à humanidade, sendo importantes na propagação e afirmação do reino de Deus. Entretanto, por meio do decreto a Igreja salienta que os meios de comunicação podem ser utilizados também com o objetivo contrário. Joana Puntel (2012, Pág. 48) afirma que quando a Igreja fala em meios de comunicação no *Inter Mirifica* ela está se referindo principalmente aos jornais, rádios, televisão e cinema. A Igreja deixa claro que não basta que ela possua veículos de comunicação, é preciso que os leigos façam parte do processo comunicativo:

Além disso, comete principalmente aos leigos penetrar de espírito cristão esta classe de meios, a fim de que respondam à grande esperança do gênero humano e aos desígnios divinos. (Documentos do Concílio Vaticano II, 1997)

Quanto ao uso correto dos meios, Joana Puntel (2012, Pág. 53) afirma que o decreto *Inter Mirifica* destaca que a comunicação deve se adequar “à ordem concreta dos valores, antes que à existência concreta das coisas”, ou seja, não se deve adequar o conteúdo ao mundo atual como ele é, e sim, ao mundo como deveria ser. Para Joana Puntel (2012, Pág. 50), a principal contribuição do *Inter Mirifica* está na defesa do direito à informação, tratando-o como um bem social, e não objeto de interesses comerciais.

Os deveres dos receptores, entre eles, os jovens e seus pais; dos autores e da sociedade civil também são destacados no decreto *Inter Mirifica* (1997, Pág. 91). Aos receptores cabe evitar conteúdos que causem dano espiritual, muitas vezes difundidos para atender meramente os interesses econômicos das empresas de comunicação, aumentando sua lucratividade. Cabe também a eles ter criticidade em relação aos meios e buscar outras fontes de informação, como peritos em determinados assuntos, educadores, entre outros, para formular sua própria opinião.

Aos autores, ou seja, jornalistas, escritores, produtores, realizadores, exibidores, distribuidores, diretores, vendedores e outros que intervêm na realização e difusão das comunicações, cabe tratar fatores econômicos, políticos e artísticos de modo que não causem prejuízo ao bem comum. Para Joana Puntel (2012, Pág. 64), a parte do decreto que trata dos deveres dos autores deixa a desejar ao atribuir a todas as categorias mencionadas a mesma responsabilidade no processo comunicativo.

À autoridade civil compete, segundo o *Inter Mirifica* (2012, Pág. 65), evitar danos aos costumes e ao progresso da sociedade utilizando-se da execução das leis. Na visão de Joana Puntel (2012, Pág. 65) esse pensamento não está claro. Ela afirma que na língua original do *Inter Mirifica*, o latim, fala-se em *civiles auctoritas* (autoridade civil) em um determinado momento e em *publica potestas* (poder público) em outro. Os termos são utilizados como se tivessem o mesmo sentido, de acordo com Joana Puntel, que afirma, ainda, que em várias línguas foi utilizado o termo sociedade civil. Joana Puntel afirma que atribuir deveres à sociedade civil não é o mesmo que atribuí-los às autoridades públicas, aos governos.

No entanto, Joana Puntel destaca que o Monsenhor Deskun, que acompanhou a redação e aprovação do decreto, atribui a essa parte a preocupação da Igreja com a transformação “do mundo da informação e do espetáculo” em feudos. Ele se posiciona contra o que ele chama de dois extremos perigosos: o monopólio estatal, que, segundo ele, é opressor da liberdade; e um liberalismo que não leve em consideração os mais graves abusos.

Além disso, o decreto *Inter Mirifica* (1997, Pág. 96) defende a necessidade de formação de sacerdotes, religiosos e leigos na área da comunicação, bem como o investimento nos veículos de comunicação da Igreja, como jornais, revistas, iniciativas cinematográficas, rádios e emissoras de televisão. Assim, segundo o decreto (1997, Pág.96), impede-se o fracasso desses meios por motivos técnicos ou financeiros. O *Inter Mirifica* também cria o Dia Anual das Comunicações, a ser celebrado em todas as dioceses do mundo como forma de alertar os fiéis sobre suas obrigações no que concerne à comunicação, orar por essa causa e ajudar financeiramente às instituições e iniciativas da Igreja.

No que diz respeito à comunicação, o que é defendido no documento de Medellín não se difere muito do *Inter Mirifica*. O documento (2004, Pág. 218) reconhece que os avanços tecnológicos conseguiram fazer com que pela primeira vez os conteúdos difundidos pelos meios de comunicação se colocassem ao alcance de todos, inclusive dos analfabetos, ao contrário da cultura tradicional. Outros aspectos positivos destacados são a aproximação dos homens e povos, fazendo com que fiquem mais solidários, de acordo com o documento.

Mesmo afirmando serem os meios de comunicação importantes para a sensibilização no que diz respeito ao processo de libertação da América Latina, Medellín (2004, Pág. 219) destaca que muitos deles são vinculados a grupos políticos e econômicos que almejam a preservação do *status quo* social. Além disso, podem transmitir às pessoas informações, conhecimentos e influências negativos e positivos. No documento de Medellín a Igreja reafirma seu direito de ter meios de comunicação, a necessidade de formação, principalmente dos leigos, para atuar nesses veículos; e convida os sacerdotes, religiosos e religiosas que se dediquem às tarefas de auxiliar nessa formação, na assessoria e inspiração das obras apostólicas sobre a comunicação.

A comunicação também é abordada no documento de Puebla (1997, Pág. 533), que se mostra mais maduro do que o de Medellín ao afirmar que a comunicação está atrelada à realidade sociocultural e é um dos fatores que mantêm essa realidade. Destaca-se, além dos pontos positivos, como a democratização da cultura por meio da mídia e o lazer proporcionado por ela, mas também atribui aos meios de comunicação a manipulação ideológica em nome dos poderes políticos e econômicos, que necessitam promover a dependência e dominação dos povos.

Puebla (1997, Pág. 534) denuncia o monopólio da informação, a informação que atende aos interesses de empresas e transnacionais, a programação, que produz transculturação por meio de conteúdos estrangeiros; o sistema publicitário, o uso do esporte para alienação, a criação de necessidades fictícias. O documento faz críticas à própria Igreja, afirmando que faltava por parte da instituição religiosa a preocupação em formar pessoas na área da comunicação social, capacitá-las, estimular atitude crítica em relação à grande mídia e se opor ao impacto das mensagens alienantes.

Puebla (1997, Pág. 535) avança na questão da comunicação popular ao dizer que é positiva a iniciativa dos meios de comunicação grupal e dos pequenos meios de comunicação, cuja produção estava crescendo em meio às pastorais sociais, além de defender a criação de meios de comunicação alternativos. Entre as opções apresentadas no documento estão a formação na área de comunicação para o público geral e as pastorais sociais, criação e potencialização de um departamento ou organismo específico, nacional e diocesano, para a comunicação e

incorporá-los nas atividades de todas pastorais; introdução, na liturgia, de técnicas de som e imagem, símbolos e formas de expressão aptos para representar a relação com Deus; incentivar a leitura crítica da mídia, intensificar o uso dos meios de comunicação de grupos, criar veículos de comunicação que deem voz aos desamparados em virtude da situação de injustiça, pobreza e marginalização da América Latina, e defender o direito à informação.

O documento de Santo Domingo (2004, Pág. 759), no que diz respeito à comunicação, também faz críticas à concentração dos meios de comunicação nas mãos de determinados grupos políticos e econômicos. Ele defende a articulação da Igreja com a comunicação massiva, comunitária e grupal; promoção da autêntica e responsável liberdade de expressão com o intuito de “fomentar valores culturais próprios e para buscar a integração latino-americana”, possibilitar formação técnica e crítica para os agentes de pastoral, inclusive nas universidades católicas, que devem ter uma formação “do melhor nível humano, acadêmico e profissional em comunicação social”

Em 2014 a CNBB lançou o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. O Diretório (2014, Pág. 10) “propõe e motiva a Igreja a ampliar suas relações com a comunidade humana, na perspectiva da ‘cultura do encontro’”, assim como o Decreto *Inter Mirifica* fez ao apontar para uma “comunicação aberta ao diálogo com o mundo, a sociedade e suas tecnologias”. O Diretório tem a seguinte finalidade:

O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil tem como objetivo motivá-la a atualizar e aprofundar os conhecimentos e referências, tanto de seus pastores quanto de seus fiéis sobre a natureza e a importância da comunicação para a vida da comunidade eclesial, nos processos de evangelização e no diálogo com a sociedade, tendo presentes as mudanças pelas quais o mundo vem passando, entre as quais se encontra o avanço acelerado das tecnologias. (Diretório de Comunicação da CNBB, 2014)

O Diretório (2014, Pág. 24) faz críticas à mercantilização da comunicação, afirmando que ela se reduz à lógica do mercado quando se submete ao sistema econômico e comercial, privilegia o espetáculo e o entretenimento. Ainda segundo o Diretório (2014, Pág. 24), a busca por critérios mercantis de audiência resulta em perda da qualidade da programação, tornando a comunicação social banal e vulgar. O documento (2014, Pág. 24) se opõe ao monopólio das mídias ao afirmar que a criação de grupos monopolizadores pode condicionar a visão e interpretação da realidade, “propondo modelos distorcidos da existência humana, da família e da sociedade”. De acordo com o Diretório:

Para muitos, a realidade corresponde ao que é construído pelas mídias. O que as mídias não reconhecem explicitamente torna-se também insignificante. Assim, indivíduos ou grupos podem ser submetidos a um “silêncio total” ao serem ignorados pelas mídias. A voz do Evangelho também pode ser ignorada e reduzida ao silêncio. Daí a importância de os cristãos serem capazes de anunciar a Palavra e dar voz aos que dela são privados. (Diretório de Comunicação da CNBB, 2014)

Em virtude do poder da mídia de influenciar a opinião pública (2014, Pág.114), o Diretório destaca que a Igreja vê que é notória a necessidade de ter seus próprios veículos de comunicação e de estabelecer diálogo com veículos não católicos. O documento (2014, Pág. 115) defende, inclusive, a necessidade de mecanismos de participação da sociedade, como a definição de regras e normas para que os meios de comunicação favoreçam o desenvolvimento social.

Para o Diretório (2014, Pág.161), os cidadãos devem participar de movimentos em prol da democratização da comunicação, além de defender (2014, Pág.160) que as universidades incentivem pesquisas sobre políticas de comunicação, apoiar iniciativas como observatórios de imprensa, ser contrária a mensagens publicitárias que ferem os direitos humanos e defender o estabelecimento de um marco regulatório, conforme previsto na Constituição Federal.

O documento da CNBB (2014, Pág.158) ratifica o de Puebla no que diz respeito à comunicação popular ao resgatar a afirmação de que ela beneficia grupos marginalizados e minimiza os efeitos manipuladores do sistema massivo de comunicação na América Latina. A comunicação popular é definida no Diretório da seguinte forma:

A comunicação popular ou alternativa é aquela que tem o povo como seu sujeito, conhecida, por isso, como comunicação do povo. Ela cumpriu papel importante na luta pela redemocratização do país, na construção de cidadania e no combate às desigualdades sociais, recebendo forte apoio da Igreja. Está voltada especialmente para a libertação dos pobres e excluídos. Sem espaço na grande mídia, os indígenas, por exemplo, têm na comunicação popular a força para mostrar sua cultura, seus costumes, sua vida. A seu exemplo, outros grupos e minorias apostam na comunicação alternativa. (Diretório de Comunicação da CNBB, 2014)

Sobre a comunicação popular na atualidade, com o advento das novas tecnologias, o Diretório afirma que:

A comunicação popular – feita pelo povo, a partir dele e para ele – é uma comunicação transformadora que visa mudar as estruturas. O povo é seu protagonista. Ela continua atual e deve ser incentivada, inclusive lançando mão dos novos meios que a tecnologia coloca à sua disposição. Os meios católicos devem abrir espaço também para essa

comunicação e incentivá-la como forma de fazer acontecer o Reino de Deus. (Diretório de Comunicação da CNBB, 2014)

Sobre a opção preferencial pelos pobres, o Diretório de Comunicação da CNBB diz:

A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. Os pobres desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Isso também diz respeito às práticas comunicacionais da Igreja diante da realidade da pobreza que marca o nosso continente e, especialmente, o nosso país. A Igreja desenvolve sua ação comunicacional tendo em vista os desejos e as necessidades dos pobres, vendo neles não apenas seus destinatários, mas os verdadeiros protagonistas do seu próprio desenvolvimento. É preciso ter ouvido atento aos clamores e às reivindicações dos pobres, assumindo um compromisso de escuta, de diálogo e comunhão com os mais necessitados. (Diretório de Comunicação da CNBB, 2014)

Ainda sobre a opção preferencial pelos pobres, o Diretório (2014, Pág. 105) deixa claro que a missão essencial dos meios de comunicação católicos é servir aos pobres, defender a vida e os direitos dos mais vulneráveis e excluídos, além de denunciar as desigualdades sociais e econômicas, libertando os pobres da injustiça e os promovendo integralmente.

O Diretório (2014, Pág. 50) enxerga a comunicação para além das ações técnicas, sendo o comunicador “um artista da palavra, da imagem, do som, da dança, do teatro, do design, da criação artística em seu sentido maior”. O documento da CNBB (2014, Pág. 57) vai ao encontro do pensamento de Luiz Beltrão, já debatido neste capítulo, sobre a religiosidade popular como manifestação comunicativa, destacando a devoção aos santos padroeiros, realizações de festejos, peregrinações aos santuários, novenas, procissões, entre outras atividades religiosas.

O Diretório também aborda sobre os princípios éticos que devem reger o uso dos meios de comunicação social. Segundo o documento (2014, Pág. 86), esse uso deve “respeitar a pessoa e a comunidade humana na sua dignidade e importância, que jamais podem ser sacrificadas por nenhum interesse”, cabendo, portanto, ao comunicador, observar o bem comum.

Quanto às novas tecnologias, o Diretório (2014, Pág. 88) afirma que elas, associadas à formação para seu uso, são instrumentos para romper os monopólios, distribuindo e tornando acessíveis os bens, permitindo que todos indivíduos e nações possam participar do desenvolvimento. O documento da CNBB (2014, Pág.89) parte do princípio de que toda pessoa tem o direito de se comunicar, sendo a comunicação um direito humano. O Diretório (2014, Pág.136) enfatiza que a Igreja se esforça para estar presente na web por meio de portais de notícias, sites, blogs e redes sociais.

No que diz respeito à formação para a comunicação, o Diretório (2014, Pág.100) defende que o aprimoramento das estratégias de comunicação devem ser colocadas como prioridade para que a ação pastoral atinja, de forma eficiente, seus objetivos. Para isso, torna-se necessário, segundo o documento, a formação dos leigos. Também é destacada, no documento (2014, Pág.107), a importância da Pastoral da Comunicação (Pascom):

Nos últimos anos, constata-se no Brasil um grande incentivo para que, em cada Igreja particular e paróquia, se constitua a Pastoral da Comunicação como estratégia privilegiada da ação evangelizadora. A existência dessa pastoral só é possível graças à colaboração dos leigos presentes nas comunidades que assumem as várias atividades da comunicação, desde planejamento e gestão, até ações específicas como a acolhida dos fiéis, a redação de notícias para os boletins, o cuidado com os murais, a atualização contínua dos sites, a realização de cursos de comunicação para as comunidades, entre outras atividades relativas à comunicação da Igreja. (Diretório de Comunicação da CNBB, 2014)

Segundo Élide Maria Fogolari e Rosane da Silva Borges (2016, Pág. 80), a Pascom deve se organizar a partir dos documentos da Igreja, como cartas, encíclicas, documentos de Concílios, documentos da CNBB e do CELAM. De acordo com as autoras (2016, Pág.89), essa pastoral deve “acolher as iniciativas da Igreja, divulgá-las, colocar-se a serviço e integrá-las entre si”, cabendo a ela também estar a serviço das demais pastorais, promover a elas formação, além de integrar grupos, pastorais e movimentos entre si.

Élide Maria Fogolari e Rosane da Silva Borges (2016, Pág.99) destacam que a Pascom deve ser alicerçada nos seguintes itens: formação, que deve possibilitar maior conhecimento teórico e prático no campo da comunicação; articulação, que trata-se da animação e motivação daqueles que atuam ou não no campo da comunicação; produção, que diz respeito à criação de materiais de comunicação; e espiritualidade, com realização de encontros, retiros, leituras orantes, entre outros.

A Pascom, afirmam Élide Maria Fogolari e Rosane da Silva Borges (2016, Pág. 46), deve adotar um modelo de comunicação dialógica, ou seja, aberto ao diálogo, a interação entre emissor e receptor, sendo ambos “enunciadores e enunciatários, indivíduos e sujeitos”. Nesse modelo de comunicação, de acordo com as autoras (2016, Pág.50), todos se apropriam dos discursos que circulam em seu meio, reelaboram-os e criam seus próprios discursos, não havendo relação de poder entre produtor e consumidor.

A comunicação dialógica se difere da horizontal, vertical, segundo Élide Maria Fogolari e Rosane da Silva Borges (2016, Pág. 45), por ser esta última autoritária, na qual o emissor é

senhor da palavra e os sujeitos da comunicação estão em posições marcadas pela sujeição e pelo poder: um é dono o discurso, o outro, o escuta sem possibilidade de interagir.

No próximo capítulo serão estudadas a comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória de 1977 a 1985, com foco em seu principal veículo de comunicação, o Ferramenta; e as formas de se comunicar que essa pastoral utiliza na atualidade.

2.5 – O Papa Francisco e o Dia Mundial das Comunicações Sociais

Por meio do Decreto *Inter Mirifica* foi criado o Dia Mundial das Comunicações Sociais, comemorado no domingo que antecede a Festa de Pentecostes. Anualmente é elaborada pelo papa uma mensagem com reflexões a respeito da comunicação por ocasião dessa data. O Papa Francisco emitiu cinco mensagens sobre esse tema, entre os anos de 2014 e 2018. Em 2013, ano em que assumiu o pontificado, quem assinou a mensagem foi o então Papa Bento XVI. Isso aconteceu porque o pontificado do atual Papa começou em fevereiro, sendo que a mensagem é divulgada sempre no dia 24 de janeiro, quando se celebra a memória de São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas.

Em 2014, por meio da mensagem do Dia Mundial das Comunicações Sociais o Papa Francisco (Acesso em 02 jun. 2018) afirma que as inovações tecnológicas, como o progresso nos transportes e o avanço nas tecnologias da comunicação fazem com que o mundo pareça menor, o que deveria proporcionar a proximidade entre as pessoas com mais facilidade. Apesar disso, segundo o pontífice, as desigualdades sociais se acentuam.

A contribuição dos meios de comunicação para essa realidade de exclusão pode ser explicada, de acordo com o Papa Francisco, pelo fato da velocidade da informação superar a capacidade de reflexão e discernimento das pessoas e por causa do fechamento a uma esfera de informações que atendam às expectativas e ideias das pessoas, a interesses políticos e econômicos, apesar da riqueza da variedade de opiniões que hoje podem ser expressas. O Papa defende que a conexão digital pode fazer com que os indivíduos se isolem dos demais e que a exclusão se manifesta também no fato de que ainda há quem não tenha acesso aos meios de comunicação.

Entretanto, o Papa Francisco defende que não se pode rejeitar os *mass media*, e sim, fazer com que a comunicação esteja a serviço da cultura do encontro. Essa cultura, de acordo com o pontífice, não é colocada em prática quando a comunicação busca induzir ao consumo e à manipulação das pessoas. O Papa defende que é preciso abrir as portas da Igreja, e isso deve acontecer também no ambiente digital para que as pessoas entrem e para que o evangelho não fique restrito ao templo, saindo ao encontro de todos.

O Papa Francisco salienta que não é com “bombardeio de mensagens religiosas” que se faz o testemunho cristão. Ele sai em defesa do diálogo, que afirma ser a capacidade de reconhecer “que o outro tem algo bom a dizer, dar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas”. Inclusive, renunciar à pretensão de que as próprias ideias e tradições sejam únicas e absolutas.

A mensagem do ano de 2015 (Acesso em 02 jun. 2018) teve como ponto de referência a família, que de acordo com o Papa Francisco é o primeiro lugar onde se aprende a comunicar, a conviver com as diferenças, como as de gênero e de gerações; a falar a língua materna, a inserir-se na dimensão religiosa, decifrar olhares, silêncios e compreender a “comunicação enquanto descoberta e construção de proximidade”. O Papa Francisco afirma que nenhuma família é perfeita, mas que é preciso que as pessoas se amem, apesar das limitações, abrindo espaço para o perdão.

O perdão, de acordo com o pontífice, é uma dinâmica da comunicação, pois através dele ela é reatada e pode crescer. Segundo o Papa Francisco, uma criança que aprende, em seu lar, a ouvir, falar de modo respeitoso e expressar seu ponto de vista sem negar o dos outros “será um construtor de diálogo e reconciliação na sociedade”. Assim, percebe-se que o Papa destaca o papel da família na formação de cidadãos abertos ao diálogo não somente no ambiente familiar, mas também em outros espaços, refletindo-se na maneira como se utiliza os meios de comunicação.

O Papa Francisco salienta que as famílias nas quais há filhos com algum tipo de deficiência têm muito a ensinar no que diz respeito às limitações e à comunicação. As deficiências, segundo o pontífice, podem fazer com que as pessoas se fechem, mas o amor da família e dos amigos pode fazer com que a pessoa com deficiência se abra, compartilhe, comunique-se de modo inclusivo, contribuindo para que a escola, paróquia e associações, por exemplo, tornem-se mais acolhedoras para com todos, a não excluir.

Na mensagem também é destacado que as tecnologias da comunicação hoje são irrenunciáveis principalmente para os jovens. Elas podem, segundo o Papa Francisco, prejudicar a comunicação com a família e entre as famílias ao causar o isolamento, apesar da presença física. Também ajudam, quando, por exemplo, auxiliam na manutenção do contato com as pessoas que estão longe. Esse último aspecto, segundo a mensagem, pode ser colocado em prática quando a família orientar os filhos em relação à utilização das tecnologias com base nos critérios da dignidade da pessoa humana e do bem comum, devendo ser auxiliados nessa tarefa

pela comunidade cristã. O Papa Francisco destaca, ainda, que é preciso não se limitar a produzir e consumir informação, apesar do fato de que os meios de comunicação estimularem isso.

Em 2016 a mensagem divulgada por ocasião do Dia Mundial das Comunicações (Acesso em 02 jun. 2018) teve como base o Ano da Misericórdia⁵¹, destacando que o ato de ser misericordioso é uma forma de se comunicar, levando as pessoas a se abrir umas para as outras, e não a se isolar, comunicando-se sem excluir ninguém. Segundo o Papa Francisco, a comunicação pode construir pontes entre pessoas, famílias, grupos sociais e povos, seja no ambiente físico ou no digital.

O pontífice afirma que a linguagem deve ter como base a misericórdia e apela àqueles que têm responsabilidades institucionais, políticas e de formação da opinião pública para que sejam vigilantes em relação ao modo como se expressam a respeito das pessoas que agem ou pensam de forma diferente, sem alimentar “as chamas da desconfiança, do medo, do ódio”. O Papa condena a comunicação que expressa orgulho soberbo em relação ao triunfo contra o inimigo, que humilha aqueles que são considerados descartáveis e perdedores, que julga as pessoas e não as situações de pecado, como a violência, corrupção e exploração. Palavras e gestos duros ou moralistas, segundo o Papa Francisco, podem alienar, em vez de promover libertação.

O Papa Francisco afirma que é fundamental que as pessoas escutem, pois esse ato é maior do que a ação de ouvir. Para ele, a escuta refere-se ao âmbito da comunicação, requer proximidade, atenção, desejo de compreender, valorizar, respeitar e guardar a palavra alheia, enquanto ouvir está ligado à informação. Escutar, segundo o Papa, faz com que as pessoas saiam da condição de espectadores, usuários, consumidores. É ser capaz de compartilhar questões e dúvidas, colocar capacidades e dons a serviço do bem comum. Segundo o Papa, o que vai determinar se a comunicação é autêntica ou não é o próprio homem, por meio da sua capacidade de fazer bom uso das tecnologias.

No ano de 2017 a mensagem do Dia Mundial das Comunicações (Acesso em 02 jun. 2018) destaca que o progresso tecnológico permitiu o acesso instantâneo às notícias, que podem ser boas, más, verdadeiras ou falsas. A mensagem, segundo o Papa, quer encorajar aqueles que no âmbito profissional ou nas relações pessoais recebem as informações e as repassam a fazer uma comunicação que rejeita preconceitos contra o próximo e promova uma cultura do encontro.

⁵¹ O Papa Francisco convidou as pessoas em 2016 a contemplar a misericórdia divina e serem misericordiosas umas com as outras.

Em seu discurso o Papa Francisco defende que é preciso romper com a angústia e medo resultantes da ênfase dada a notícias negativas, como as que falam sobre guerras, terrorismo e escândalos. O texto deixa claro que isso não é promover desinformação, ignorar o sofrimento, nem cair em um otimismo ingênuo que não se deixa tocar pelos males que acontecem, e sim, ir contra as ideias de que uma notícia boa não desperta atenção e ao fato de o sofrimento ser elevado a espetáculo.

Em sua mensagem, o Papa Francisco buscar dar contribuições para uma comunicação criativa, que não conceda o protagonismo ao mal, mas que evidencie possíveis soluções, com abordagem propositiva e responsável. Para isso, ele afirma ser preciso decifrar a realidade com os “óculos da boa notícia”. A boa notícia, de acordo com o pontífice, não é ausente de sofrimento, pois qualquer drama que aconteça no mundo pode se tornar cenário possível de uma boa notícia, já que é possível “encontrar o caminho da proximidade e suscitar corações capazes de se comover, rostos capazes de não se abater, mãos prontas a construir”.

O Papa Francisco deixa claro que, mesmo diante do sofrimento que assola a humanidade, é possível extrair coisas boas e não se deixar abater pelas ruínas. Ele compara o que acontece de positivo com o Reino de Deus, que segundo o texto é como se fosse uma semente escondida em relação a quem enxerga com superficialidade e que cresce no silêncio. Os problemas que acometam o mundo são comparados ao joio, que apesar de estar presente não rouba a alegria de quem consegue ver a semente do Reino germinar.

A última mensagem referente ao Dia Mundial das Comunicações foi a de 2018 (Acesso em 02 jun. 2018), que enfocou nas *fake news*. Destaca-se, no discurso, que a comunicação humana é essencial para a comunhão, mas as pessoas podem utilizar de modo distorcido sua capacidade de comunicar. Essa distorção pode ocorrer, segundo o Papa, por meio das *fake news*, ou seja, notícias falsas. Diante disso, ele afirma querer contribuir para a prevenção da difusão desse tipo de notícia, para a valorização da profissão jornalística e para a responsabilidade de cada um na promoção da verdadeira comunicação.

Algumas das formas de captar a atenção dos receptores para as *fake news*, de acordo com o Papa, estão no fato delas se apoiarem sobre “estereótipos e preconceitos generalizados no seio de um certo tecido social”, além de explorar emoções imediatas, como ansiedade, desprezo, ira e frustração. Elas causam danos, segundo o Papa Francisco, que dificilmente podem ser apagados mesmo depois de desmentidas.

O pontífice afirma que alguns fatores contribuem para a dificuldade de desvendar e erradicar as *fake news*, como o fato de as pessoas interagirem em ambientes digitais homogêneos e impermeáveis a opiniões divergentes, não possibilitando um confronto sadio com outras fontes de informação. De acordo com o Papa, as notícias falsas têm como resultado a arrogância e o ódio, pois se pauta no descrédito do outro, na sua transformação como inimigo.

Por mais que não seja tarefa fácil, o Papa convida a todos a não se eximir da responsabilidade de identificar as notícias falsas, destacando serem louváveis iniciativas educativas que auxiliem nessa atividade e que ensinem as pessoas a não serem divulgadoras desse tipo de informação. Cabe ao jornalista, de acordo com o pontífice, lembrar que a velocidade em comunicar uma notícia e o impacto sobre a audiência não devem ser o centro, e sim, as pessoas. O papa defende um jornalismo que promova a paz, mas que não negue a existência dos problemas graves. Um jornalismo hostil a *slogans* sensacionalistas e declarações bombásticas, sendo um serviço voltado especialmente para aqueles que não têm voz, que se comprometa a buscar as reais causas dos conflitos, favorecer sua compreensão e superação.

O conteúdo das mensagens do Papa Francisco remetem, principalmente, à necessidade de uma comunicação que promova o diálogo e respeito à diversidade de ideias, tanto no âmbito dos veículos de comunicação quanto nas relações pessoais. Destaca a importância do compromisso com a transformação da sociedade e a dignidade humana, denunciando os problemas vividos em meio à sociedade, mas sem fazer disso um espetáculo e promovendo reflexão sobre a origem desses males e como mudar essa realidade.

O pensamento do Papa Francisco deixa clara a diferença entre comunicação e informação, assim como o faz Dominique Wolton (2010, Pág.16), que atribui ao primeiro o compartilhamento, sentimentos, amor, ideia de relação, de negociação, sendo a tolerância uma de suas condições estruturais. Já a informação, segundo Wolton, diz respeito à produção e divulgação de informações, o que não necessariamente aumenta a comunicação e a compreensão, assim como diz o Papa Francisco na mensagem referente ao ano de 2014, na qual diz que o testemunho cristão não se faz com “bombardeio de informações”, mas na capacidade de dialogar, de reconhecer “que o outro tem algo bom a dizer, dar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas”.

Para Wolton (2010, Pág.17), em uma sociedade onde as informações circulam em maior número de forma mais veloz, os sujeitos resistem àquelas que as incomodam e querem mostrar seus pontos de vista, gerando a incomunicação e a necessidade de negociação. Assim como o

Papa Francisco, Wolton enfatiza que hoje os receptores são mais numerosos e heterogêneos por causa da variedade de representações, culturas e visões de mundo. Diante disso, o autor afirma ser a comunicação e a informação um dos nós de paz e de guerra no século atual, sendo um desafio a convivência com pontos de vista diferentes e a convivência com respeito em meio à diversidade de ideias para que as pessoas não se fechem guetos.

Esse desafio é destacado pelo Papa Francisco, por exemplo, na mensagem do ano de 2016, na qual faz, entre outras considerações, a de que uma comunicação misericordiosa leva as pessoas a se abrir umas para as outras, a não a se isolar, não promover exclusão e que requer proximidade, atenção, desejo de compreender, valorizar, respeitar e guardar a palavra alheia. A aceitação das diferenças também está na metáfora feita na mensagem de 2015, na qual o Papa afirma que as famílias que têm filhos com deficiência têm muito a ensinar em termos de comunicação ao buscar incorporar essas pessoas, consideradas diferentes das demais e muitas vezes rechaçadas, ao convívio social.

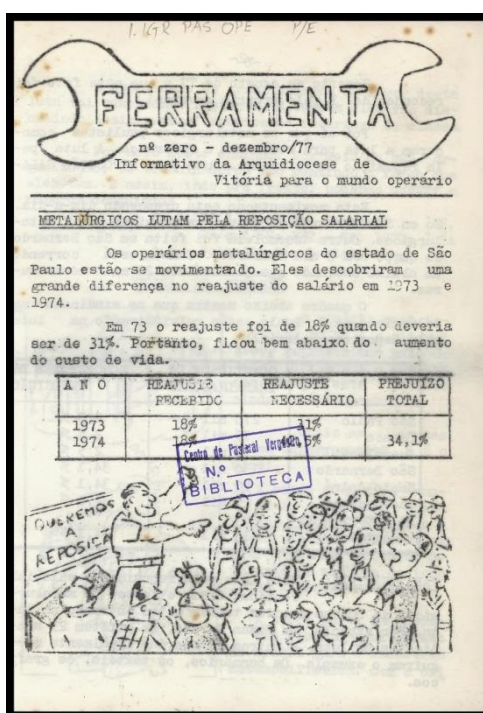
No próximo capítulo será analisado o informativo Ferramenta, de 1977, ano em que foi lançado, até 1985, quando termina a ditadura militar no Brasil. O conteúdo do segundo capítulo servirá de subsídio para o estudo desse informativo e, também, da comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória na atualidade.

3.0 - A Comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória de 1977 a 1985 e nos anos 2010

Conforme já relatado no primeiro capítulo desta dissertação, Dom João Batista da Motta e Albuquerque, por meio do Cedives, apoiou a comunicação popular. Ela, inclusive, como já visto no capítulo 2, é incentivada, por exemplo, pelo documento de Puebla (2004, p. 496), que defende a democratização da comunicação ao afirmar que a difusão das informações não deve ser exclusividade dos meios massivos, apontando a comunicação popular como forma de dar voz aos grupos marginalizados. Esse princípio como também foi exposto no segundo capítulo, é ratificado pelo Diretório Nacional de Comunicação da CNBB.

A própria Pastoral Operária, conforme informado no primeiro capítulo, tinha seu informativo, o *Ferramenta*, criado em 1977:

Figura 1 – Capa da primeira edição do *Ferramenta*, dez. 1977



(www.cpvsp.org.br)

Um aspecto destacado pelo aposentado e militante da Pastoral da Operária da Arquidiocese de Vitória, José Lopes do Rosário, é que os próprios trabalhadores participavam do processo de produção do jornal.

Participávamos de reuniões semanais com Padre Gabriel, onde os trabalhadores relatavam os problemas vividos no ambiente de trabalho e debatiam. Eu, por exemplo, conversava com os colegas na hora do almoço e levava tudo para a reunião. Muitas

vezes percorríamos eventos da Igreja no interior do Estado para conversar com os trabalhadores do campo e trazer suas demandas, além de distribuir o informativo. Diante das discussões trazidas, Gabriel preparava os textos. (ROSÁRIO, 2016).

A historiadora e militante do movimento feminista Ana Lúcia da Rocha Conceição (2018, informação verbal) afirma que as pautas do *Ferramenta* também eram angariadas fora do ambiente de trabalho dos operários, como nas demais pastorais sociais. No início da década de 80 ela integrou a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP)⁵² e depois foi para a Pastoral da Juventude (PJ). Na época, segundo Ana Lúcia, a PJ tinha uma equipe de comunicação que funcionava na Cáritas de Vitória, no espaço da Arquidiocese. Essa pastoral criou o jornal *O Desafio*, idealizado pelo jornalista Paulo Soldatelli⁵³. De acordo com a historiadora, embora a PJ tivesse seu próprio jornal, contribuía com o *Ferramenta*, que estava aberto a receber notícias das outras pastorais, não somente das que tinham a juventude como foco.

Era muito interessante que no momento do café vinha a equipe do *Ferramenta* e falava “olha, o *Ferramenta* tá montando”, pedia ou sabia alguma coisa que ia acontecer, então já tinha aquela referência, aquela ligação. E aí era meio que automático assim. “Vai acontecer tal coisa”. Vou dar um exemplo: em 85 a gente organizou o Encontro da Juventude do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que a gente chama de noroeste 2. Aí a nossa função era informar, divulgar, passar o que estava acontecendo. Essa era a função da equipe de comunicação, que era formada por jovens daqui de Vila Velha, de Cariacica, de Vitória, mais exatamente ali na região de São Pedro e da Serra. Então era o núcleo assim que articulava essas informações. (CONCEIÇÃO, 2018)

Ana Lúcia (2018, informação verbal) afirma que a equipe do *Ferramenta* também se dedicava ao fomento da comunicação popular, auxiliando na elaboração de jornais de chapas de oposição sindical, associações de moradores e movimentos sociais, a exemplo do movimento de mulheres, que com o auxílio de jornalistas que atuavam no *Ferramenta*, como Paulo Soldatelli e Davi Protti⁵⁴, criou o informativo Mulheres em Ação⁵⁵.

O jornalista e professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Giovandro Marcus Ferreira (2016, informação verbal), recorda que a preparação dos textos para o *Ferramenta* não era feita somente por Padre Gabriel, mas por uma equipe de comunicadores voluntários, entre eles, seminaristas e estudantes de comunicação.

⁵² Pastoral que organiza a juventude do meio popular de forma que ela reconheça seu compromisso cultural, político e afetivo em seu meio social e sua comunidade.

⁵³ Jornalista e atualmente coordenador do curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas Espírito-Santenses (Faesa).

⁵⁴ Jornalista, fotógrafo, professor aposentado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁵⁵ Informativo do grupo de mulheres da região de Castelo Branco, em Cariacica.

Comecei a atuar no *Ferramenta* a convite do Gabriel. Eu era seminarista e estudante de jornalismo. E ele dizia que, além de padre, o sonho dele era ser jornalista. Aí criou-se uma grande afinidade entre nós. Lembro que tínhamos uma reunião de preparação de pauta. Aí a gente via o que estava em voga no campo eclesial e no campo sociopolítico. O Gabriel estava sempre com o radar mais ligado, sobretudo porque frequentava os grupos da Pastoral Operária, discutia também com os trabalhadores, e tinha sempre as proposições. Dividíamos as pautas. Na outra reunião cada um trazia o que havia escrito e avaliava. Depois era preciso datilografar, enviar para o desenhista e depois para a gráfica. (FERREIRA, 2016).

O próximo passo, a distribuição, destaca-se, segundo a pedagoga aposentada e tesoureira da Associação de Amigos de Gabriel Maire⁵⁶, Carlinda Januário do Rosário (2016, informação verbal), pelo fato de não se resumir a entregar o informativo de mão em mão ou a colocá-lo em locais considerados estratégicos para as pessoas interessadas em lê-lo poderem ter acesso ao exemplar.

Foram formados grupos de leitores nas comunidades. As pessoas recebiam o *Ferramenta* em casa, entregue por um representante da Pastoral Operária. Para receber o informativo pagava-se um valor simbólico para manutenção do jornal. Depois marcava-se uma data para que as pessoas se reunissem e debatessem os temas abordados na edição daquele mês. Esses debates criaram em muita gente nas comunidades uma reformulação do pensamento, criou consciência crítica e contribuiu com o crescimento dos movimentos sociais, pois levou muitas pessoas a participar deles. (ROSÁRIO, Carlinda Januário do, 2016).

As reflexões proporcionadas nas comunidades por meio do *Ferramenta* eram baseadas no método ver, julgar e agir, ou seja, o estudo de uma determinada realidade, a reflexão sobre ela e quais as ações concretas que aquele grupo poderia colocar em prática para que essa realidade possa mudar, segundo Giovandro Marcus Ferreira (2016, informação verbal). Ele afirma que “existia a preocupação de no final das matérias levantar algumas questões para o debate”, ou, quando essas questões não eram levantadas, orientava-se “para quem estivesse dirigindo o grupo que puxasse as reflexões” (FERREIRA, 2016, informação verbal). Ferreira (2016, informação verbal) explica que, durante as reuniões para leitura do *Ferramenta*, o ver (do método ver, julgar e agir) “era a leitura da matéria”. O julgar, a reflexão sobre o que foi lido, como a importância do engajamento no bairro e no sindicato, por exemplo. O agir, a ação concreta: criar associação de moradores, fazer aniversário do buraco da rua e chamar imprensa, entre outros.

Ferreira (2016) destaca que existia a “preocupação de catalisar a imprensa de massa, ou imprensa burguesa”, o que ele considera uma dicotomia, pois, segundo o professor, “a Igreja

⁵⁶ Associação que tem como objetivo desenvolver trabalhos sociais em bairros da região de Porto de Santana, em Cariacica, uma das localidades onde Padre Gabriel atuou.

tinha uma reflexão muito crítica em relação a essa mídia, por isso que talvez tenha demorado a ter uma participação maior nos meios de comunicação de massa”. Ela achava, de acordo com o professor (2016) Giovandro, que “as comunidades seriam a semente de uma nova sociedade, que as publicações alternativas e populares seriam semente de uma nova maneira de comunicar”. Para ele, “o *Ferramenta* concretizou a preocupação da Igreja em fazer a reflexão do mundo operário, se aproximando desse mundo, emergindo desse mundo”, pensando “uma comunicação a partir do lugar do pobre, no caso aí, do trabalhador” (FERREIRA, 2016).

A igreja buscava, sobretudo, a partir das conferências latino-americanas, afirma Ferreira (2016, informação verbal), “se colocar em um outro lugar de fala em nossa sociedade”, contribuindo “para repensar o lugar da Igreja a partir do lugar desse operário”.

Era uma instituição que buscava se articular de maneira mais horizontal internamente, criando novas estruturas na Arquidiocese de Vitória e se articular com os setores menos favorecidos. O *Ferramenta* era ligado à Igreja, que faz parte desse contexto maior de redirecionamento institucional, buscando, o que se falava muito na época, a opção preferencial pelos pobres. Seria muita pretensão dizer que o *Ferramenta* conseguiu mobilizar a classe trabalhadora. Ele mobilizava parte da classe trabalhadora, sobretudo a partir de lideranças ligadas a ela, como na construção civil, metalúrgicos, ferroviários e portuários. (FERREIRA, 2016, informação verbal).

Além do valor simbólico da assinatura do jornal, Padre Gabriel também passou a utilizar outro recurso para auxiliar na manutenção do *Ferramenta*. Segundo Mosquem et. al (2016, p. 106) o sacerdote recebia doações oriundas de seu país de origem, a França, que eram investidas não somente no jornal, mas também em fundo de solidariedade a grevistas e construção de centros pastorais.

De acordo com o cientista político e agente social Isaías Santana da Rocha (2018, informação verbal), que militava na Pastoral operária na década de 80 e fez parte da equipe do *Ferramenta*, o jornal, com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base, auxiliou na tomada dos sindicatos da mão dos patrões, como o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, o dos Comerciários e Metalúrgicos. Através de reflexões proporcionadas pelo informativo, segundo Isaías Santana da Rocha (2018, informação verbal), foram criados sindicatos que antes não existiam, como o dos trabalhadores do cal e gesso e o Sindicato das Confecções. Além disso, para o cientista político e agente social, o informativo também foi relevante para a criação de movimentos populares.

...juntamente com outros segmentos que refletiam também essa questão política na época foi decisivo na criação de movimentos, por exemplo, que eram Anampos, Enclat, Conclat. Depois contribuiu na organização da Central Única dos Trabalhadores. E do ponto de vista político a construção do Partido dos Trabalhadores na época. O boletim Ferramenta, através da Pastoral Operária, teve uma contribuição fundamental para a construção desses mecanismos... (ROCHA, 2018)

As pautas do jornal, segundo Isaías Santana (2018, informação verbal), não se resumiam ao mundo do trabalho, abarcando também outras situações que envolvem o cotidiano dos trabalhadores, como a falta de infraestrutura urbana.

Ele (O trabalhador) tem que se locomover, ele tem que ter infraestrutura, ele tem que ter saúde, ele tem que ter transporte, ele tem que ter água tratada, questão de esgoto sanitário. Então foram muitas necessidades que foram criadas em torno disso, e isso fez com que as nossas reflexões enquanto Pastoral Operária e quanto boletim Ferramenta também iam abarcando todas essas reflexões sobre essas realidades e tentando fazer algumas ações para reduzir o impacto. (ROCHA, 2018)

Para Ana Lúcia (2018, informação verbal), o *Ferramenta* chegou a diversos tipos de trabalhadores, inclusive aos que não sabiam ler e podiam se informar por meio dos debates feitos em grupos nas comunidades.

3.1 – Análise do informativo *Ferramenta*:

Esta parte da dissertação se dedica à análise do informativo *Ferramenta*, de 1977, quando surgiu, até 1985, ano em que acabou a ditadura militar. Todas as edições disponíveis no site do Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro foram analisadas. Para cada uma delas foi feita uma tabela com o resumo de cada matéria e o tema do qual ela trata para verificar quais os assuntos mais recorrentes no informativo e se ele estava concatenado com o momento histórico de então. As tabelas se encontram no apêndice.

O *Ferramenta*, a partir da edição nº 41, de outubro de 1981, passou a ter editorial. Na edição 44, de janeiro de 1982, começou a ter editoria fixa, que é a de entrevista. Também foram feitos resumos de cada uma delas. Abaixo, segue tabela com os temas, editorias fixas, os assuntos dos quais tratam, e quantidade em que aparecem nas edições estudadas no período entre 1977 e 1985:

Temas ou Editorias	Assunto	Quantidade
Sindicalismo	Notícias que falam sobre a organização dos trabalhadores do campo e da cidade em prol de direitos trabalhistas, seja por meio dos sindicatos, centrais, associações, além de matérias ou notas que fazem críticas às organizações de trabalhadores que não dão apoio às bases em suas mobilizações, eleições de sindicatos, oposições sindicais, entre outros.	157
Direitos Trabalhistas	Mobilizações por direitos trabalhistas nas quais não há o informativo não deixa claro se houve participação do sindicato ou qualquer outra entidade de representação dos trabalhadores, nem há críticas por parte do jornal ou qualquer outro indício de que essa entidade se negou a dar apoio, explicação sobre como ter acesso a determinados direitos, denúncias de violações de direitos trabalhistas por parte dos patrões e de péssimas condições de trabalho sem indícios de mobilizações, leis que retiram direitos	75

	trabalhistas e pesquisas sobre precariedade nas condições de trabalho e violações de direito.	
Igreja Povo	Notícias relacionadas à Igreja, como encontros de pastorais, grupos de juventude, assembleias diocesanas, estudos bíblicos, mensagens papais, entre outros.	45
Série	Série sobre a história da classe trabalhadora no Brasil e no exterior como objetivo de fazer os trabalhadores conhecerem sua, como se deram suas conquistas.	27
Editorial	Editoria fixa que apresenta o conteúdo da edição e ao mesmo tempo reflete sobre ele.	26
Custo de Vida	Notícias sobre inflação, alta do custo de vida.	20
1º de Maio	Manifestações dos trabalhadores no dia 1º de Maio em diversas partes do país, resgate da história desse dia de luta para destacar seu real significado para a classe trabalhadora.	17
Acidentes de Trabalho	Notícias sobre acidentes de trabalho ocorridos, dados sobre quantidade de trabalhadores acidentados,	14

	ineficácia da legislação que versa sobre o assunto.	
Conflitos no Campo	Grilagem, êxodo rural, reforma agrária, violência no campo, entre outros.	11
Ferramenta	Quando o próprio informativo é abordado no jornal, como em casos nos quais avisam que ele vai subir de preço, pedem sugestões de notícias, explicam quais são os objetivos da publicação, entre outros.	11
Entrevista	Editoria fixa do informativo	10
Conjuntura Política Nacional	Notícias sobre a política nacional, como criação e extinção de partidos, Diretas Já, entre outras.	09
Conjuntura Política Internacional	Golpes ditatoriais em outros países, mobilização popular contra ditaduras, derrubada de governos autoritários, entre outros.	08
Protagonismo Feminino	Mobilização feminina por igualdade entre homens e mulheres, mobilizações de grupos de mulheres em prol de suas comunidades. Matérias sobre a atuação das mulheres no movimento sindical entram na categoria sindicalismo, e não nesta.	05

Movimentos Populares	Matéria que não trata de movimentos populares específicos, e sim, de um conjunto de movimentos populares que se une para realizar uma determinada atividade, como um carnaval protesto, por exemplo.	05
Grandes Empreendimentos	Instalação de grandes empreendimentos, atraso nas obras, mobilização contra instalação desses empreendimentos.	04
Luta por Moradia	Notícias sobre a luta por moradia	04
Conjuntura Política Estadual	Matérias sobre a conjuntura política do Espírito Santo	04
Transporte público	Mobilizações populares que reivindicam melhorias no transporte público, mas cuja atuação não está organizada dentro de um movimento específico para isso.	03
Movimento de Transporte	Mobilizações populares que reivindicam melhorias no transporte público, cuja atuação faz parte do Movimento de Transporte, além de notícias sobre a rearticulação desse movimento.	02
Demissões	Notícias sobre demissões e desemprego	02

Poesia	Poesias publicadas no informativo e de autoria dos trabalhadores	02
Conjuntura Econômica Nacional	Crise Econômica brasileira	02
Distribuição de renda	Desigualdade na distribuição de renda no Brasil	02
Luta Indígena	Mobilizações indígenas pelo direito à terra	01
Atentados do governo militar	Atentados por parte do governo militar, como bombas em bancas de jornal, sequestros, entre outros.	01
Repressão aos movimentos sociais	Violência contra os movimentos sociais	01
Infraestrutura urbana	Mobilizações por melhor infraestrutura urbana, como água e esgoto nas comunidades.	01
Violência Urbana	Assaltos e outras formas de violência urbana	01
Crônica	Publicação de Crônicas	01
Violência contra a mulher	Notícia sobre violência contra a mulher	01
Luta racial	Notícia relacionada a questões raciais	01
Enchente	Enchente e suas consequências	01
Violência Policial	Violência da polícia na abordagem aos cidadãos, não aos movimentos sociais	01
Trabalhadores da Pesca	Mobilização dos trabalhadores da pesca	01

Desigualdade Salarial	Diferença salarial discrepante dentro de uma mesma empresa	01
-----------------------	--	----

Diante da análise do informativo *Ferramenta*, é possível perceber que ele estava concatenado com as conjunturas nacional e estadual da época. Não é de se estranhar que a maioria de suas matérias sejam ligadas à temática do sindicalismo, uma vez que, segundo Ricardo Lara e Mauri Antônio da Silva (Acesso em 30 maio de 2018), na década ressurgiu o sindicalismo combativo, principalmente em São Bernardo do Campo, região do ABC Paulista onde se desenvolveu o parque automobilístico brasileiro.

A mobilização dos operários do ABC é abordada no *Ferramenta*, assim como a de outros sindicatos do Brasil, inclusive do Espírito Santo, como o da Construção Civil e outros. Outras formas de organização dos trabalhadores noticiadas no *Ferramenta* e destacadas por Ricardo Lara e Mauri Antônio da Silva estão a criação da CUT e o avanço do sindicalismo rural, como na edição de dezembro de 1980, que divulga o Encontro de Oposições Sindicais de Trabalhadores do Campo, em Marilândia, no Espírito Santo.

O *Ferramenta* também salienta em diversas edições outras formas de retirada de direitos dos trabalhadores além da impossibilidade de sua organização. São as mesmas que Ricardo Lara e Mauri Antônio da Silva destacam, como o arrocho salarial, cuja política encontrada para mantê-la foi a lei de greve de 1º de julho de 1964, a lei n.º 4.330, que proibiu a greve no serviço público, nas empresas estatais e nos serviços essenciais. Segundo os autores, a greve só seria considerada legal em caso de atraso no salário ou de não pagamento conforme as decisões judiciais.

Henrique Cristiano José Matos (2003, Pág.30) destaca que na década de 80 o processo de redemocratização entra em sua fase decisiva. Segundo ele, não somente os sindicatos, mas também os movimentos populares, com apoio da Igreja, adquirem novo fôlego. Henrique Cristiano José Matos afirma que a instituição religiosa deixou de ser aquela que até então era quase a única capaz de ser a voz dos setores da sociedade que a ditadura calou.

Nos edições do *Ferramenta* fica clara a aglutinação de pessoas em torno de determinadas reivindicações específicas de alguns movimentos, como os de transporte, moradia, entre outros.

Essa capacidade da Igreja de ser a voz de vários setores da sociedade fica evidente também nas edições do *Ferramenta* nas quais há matérias em que essa instituição religiosa se coloca ao lado dos oprimidos, por exemplo, denunciando situações de retiradas de direitos, dando formações políticas ou em outras ações que se encaixam na categoria Igreja Povo e que não se limitam à Pastoral Operária.

Como já exposto no primeiro capítulo desta dissertação, segundo Maria da Penha Smarzaró Siqueira (2010, p. 84), a Grande Vitória não tinha infraestrutura para receber o grande número de migrantes que chegaram em virtude da implantação dos grandes empreendimentos nas décadas de 70 e 80, o que causou a marginalização de grande parte dessas pessoas. Elas passaram a conviver com a carência de políticas urbanas para atender necessidades como saúde, educação, lazer, habitação, transporte coletivo, entre outros. Essa realidade é refletida no *Ferramenta*, que noticia as mobilizações populares por melhor infraestrutura urbana e denuncia o caos nas periferias.

3.2 – A comunicação da Arquidiocese de Vitória

Para estudar a comunicação da Arquidiocese de Vitória foram feitas entrevistas com a gerente do Departamento de Comunicação e Marketing da Arquidiocese Maria da Luz Fernandes, o diretor executivo da Fundação Nossa Senhora da Penha e da Rede Católica de Rádio do Espírito Santo Alessandro de Mello Gomes e o coordenador da Pastoral da Comunicação padre Gudialace Silva de Oliveira.

De acordo com Maria da Luz Fernandes (2018, informação verbal), a Arquidiocese de Vitória não tem uma política de comunicação, e sim, orientações para a comunicação que funcionam como se fossem as políticas. Nelas, segundo a gerente de Comunicação e Marketing, o bispo Dom Luiz Mancilha Vilella determina o funcionamento dos três níveis de comunicação. Um deles é o Departamento o qual ela gerencia, que cuida do que é oficial da instituição, como o site, revista Vitória, assessoria de imprensa, redes sociais e da imagem visual da Igreja em meio à sociedade.

Outro nível de comunicação apontado por Maria da Luz (2018, informação verbal) é a Pastoral da Comunicação, que tem um coordenador, uma comissão arquidiocesana, e fica ligada ao Departamento de Pastoral. Além disso, tem diálogo aberto com o Departamento de

Comunicação, pois precisa interligar e conectar informações, mas hierarquicamente, fica no Departamento de Pastoral. Maria da Luz explica que a Pastoral da Comunicação trabalha mais as pessoas envolvidas nas paróquias.

O papel da Pascom é pastoral, trabalhar com grupos nas paróquias, tentar fazer com que as pessoas estejam mais preparadas, dar mais formações, acompanhar os processos para poder fazer a ponte entre o que acontece lá e o que chega para a Mitra para a divulgação. Faz formações sobre redação, fotografia, estudo sobre os documentos da Igreja sobre comunicação, tanto no nível da reflexão sobre o pensamento da Igreja quanto à comunicação, oficinas práticas para fazer determinadas coisas, como fazer post no facebook. São oficinas práticas específicas para aprender a fazer. O pessoal da Pascom não precisa necessariamente ter formação em jornalismo. Há necessidade de se fazer. Claro que tem paróquia que tem jornalista, que tem formação em Rádio e TV, e que trabalha na paróquia também, mas a gente parte do princípio que na pastoral qualquer um pode ser agente e, portanto, há necessidade de formar. (FERNANDES, 2018)

O terceiro núcleo, de acordo com a gerente de Comunicação e Marketing, (2018, informação verbal) é o núcleo das rádios, que abrange a América AM, América FM e FM Líder, que segundo ela têm autonomia, pois precisam ter sua linha editorial, mas obedecendo as orientações gerais. Maria da Luz (2018, informação verbal) afirma que os três núcleos dialogam por meio da ampliada da comunicação, que funciona da seguinte forma: quando sentem necessidade, ou seja, não há uma periodicidade, eles se reúnem. Ela exemplifica com a campanha sobre a água, feita no final de 2017.

Ano passado, no final do ano, percebemos o problema da água. Então a gente fez um material e uma baita campanha, em todos os veículos, os oficiais da instituição, as rádios e as pascoms, que distribuíram pelas paróquias. Então de vez em quando a gente faz isso. Ou com eventos da Igreja. Agora a gente está na celebração dos sessenta anos da Arquidiocese. (FERNANDES, 2018)

Quanto à existência de jornais específicos de pastorais sociais, Maria da Luz (2018, informação verbal) afirma que com o surgimento das redes sociais e a redefinição do conceito de Comunidades Eclesiais de Base por parte do bispo Dom Luiz Mancilha Vilella eles não são mais necessários. Conforme destacado no primeiro capítulo desta dissertação, em seu conceito de Comunidades Eclesiais de Base, analisando as três palavras separadamente, o bispo afirma

que comunidade se refere a local e caráter coletivo da organização, eclesial, à fé; e base, ao fato de ser constituída de poucos membros. O bispo (2013, p. 21) enfatiza que as Comunidades Eclesiais de Base não são associações de bairro, movimentos políticos, partidos políticos ou sindicatos. Todavia, recomenda que os fiéis que têm vocação para atuar nesses espaços o façam. Entretanto esses compromissos fazem parte da vocação missionária de cada um, sendo distintos da Comunidade Eclesial de Base. Assim, evitam-se nelas, de acordo com o bispo, ideologias, sejam elas de direita ou de esquerda.

Com o surgimento de facebook e whatsapp nas paróquias, mais o da Arquidiocese, deixou de ser uma necessidade. Talvez também porque Dom Luiz redefiniu o conceito de Comunidade Eclesial de Base na Arquidiocese de Vitória. Há alguns anos atrás, a gente tratava as Ceb's como se fossem um movimento, tinha de um lado a Renovação Carismática, a Legião de Maria, e de outro lado tinha as Ceb's. Ceb's é uma estrutura física, é uma pequena paróquia, onde todas as pastorais, movimentos podem acontecer. Esse juntar todo mundo na comunidade ou na paróquia acabou com as necessidades de cada um ter sua coisinha. Paróquias têm jornais e muita página de facebook. Unifica. (FERNANDES, 2018)

Em virtude dessa ideia de unificação, Maria da Luz Fernandes destaca que a orientação é que as pastorais não tenham perfil no Facebook, concentrando as informações de todas elas na fanpage institucional. As informações devem ser enviadas pela Pastoral da Comunicação das paróquias.

Facebook de pastoral existe. A mídia que funciona mais na igreja hoje é facebook e whatsapp. A nossa ideia é que uma fanpage institucional é suficiente. A ideia é unificar. O pessoal da Pascom da paróquia manda para o departamento de pastoral ou de comunicação. Os grupos de Pascom devem enviar. Criando laços com as pessoas, a pessoa te envia direto. Para divulgar na grande imprensa, a gente orienta que envie direto para o departamento de comunicação e marketing. (FERNANDES, 2018)

A comunicação feita pelos agentes de pastoral, segundo Maria da Luz, seja nos jornais paroquiais ou as enviadas para as redes sociais institucionais, devem ser objetivas, informativas.

A gente trabalha com a ideia da informação. A gente entende que tem muito agente de pastoral que não tem muito conhecimento para falar da coisa em si, explicando. A gente orienta que façam informação. É nessa linha que a gente trabalha com ele. A gente trabalha o lead. A gente pede que sejam bastante objetivos, bastante

informativos. Por exemplo: abertura da campanha da Fraternidade. O tema é esse, vai ser no lugar tal, no dia tal, contamos com a participação de todos. E não ficar falando sobre segurança, como é que se evita a violência. A gente procura fugir disso para não ter discursos diversificados, ainda mais com o pluralismo que existe hoje, ou coisas erradas também. Pensamentos de católicos que não representam fielmente o da Igreja. (FERNANDES, 2018).

Em relação às rádios, a Arquidiocese tem a 91,1, que é a América FM, da Fundação Rômulo Neves Balestrero; a 101, 5, que é a FM Líder; e a América 690 AM. Essas últimas são da Fundação Nossa Senhora da Penha. De acordo com o diretor executivo da Fundação Nossa Senhora da Penha e da Rede Católica de Rádio do Espírito Santo Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal), a rádio América FM toca somente música católica, tem uma programação religiosa que atinge a todos os segmentos da Igreja, não sendo uma rádio de um segmento, e sim, de todos os segmentos.

Contudo, Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) destaca que o ibope aponta que o segmento que mais ouve a rádio, que mais tem apelo são a Renovação Carismática Católica e várias Comunidades de Vida e Aliança. Ele frisa que pessoas relacionadas às Ceb's estão ligadas na Rádio América, mas “participam menos, exigem menos, procuram menos”, havendo procura maior por parte de outros grupos.

A gente busca pessoas para entrevista, aí tem dificuldade; a gente busca fazer programas, e tem dificuldade, e os outros grupos chegam e propõem, mesmo que a gente não procure. Os outros grupos chegam e propõem, apresentam projetos... E como eu falei, a Igreja é de todos, a rádio é da Igreja. A gente não nega projeto, a gente tenta adaptar as coisas para que fiquem dentro de uma regularidade daquela proposta que a gente tem para a rádio, para a rede né, mas os outros grupos procuram mais do que os grupos de Ceb's. (GOMES, 2018)

Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) salienta que, na questão financeira, as Ceb's também contribuem menos, inclusive, têm apoiado menos a Associação dos Amigos da Rádio América do que os demais segmentos. Ele relata que as paróquias contribuem com 3% da renda de arrecadação, mas não é o bastante. Essa porcentagem equivale a cerca de 65 mil reais, sendo que a rádio, enxuta, gasta em média 200 mil. Segundo Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal), em virtude da crise comercialmente se arrecada cerca de 30 mil. Por isso, é necessário, de acordo com o diretor executivo, apoios.

Exemplo: eu vou pegar um exemplo claro - Mães que Oram pelos Filhos⁵⁷, que é um movimento que cresce hoje no Brasil e no mundo. As mães que oram apresentaram uma proposta de programa. É um programa altamente vendável, do ponto de vista financeiro e do ponto de vista do público. A gente fez uma mudança para que ele seja mais social, então ele tem uma parte de reflexão formativa, é formação para mãe e para o filho. Formação que caminha mais no sentido catequético mesmo e tem uma parte de oração. Por exemplo, os grupos falam em línguas e tal, no programa não. Então eles têm essa responsabilidade com essa linha da rádio também. Um programa que eu fiquei muito triste que acabou foi o programa do Cebi⁵⁸. Muito triste, muito triste. Porque ele era um programa, Elaine, e você conheceu de perto, né, que precisava ir se moldando, se ajustando, mas infelizmente o grupo não teve pernas. E aí eu também faço essa análise - o povo que está ligado aos movimentos mais progressistas tem menos pernas que as outras pessoas, dos outros grupos, desses grupos mais jovens, né, que a gente encontra na Igreja. Menos pernas. (GOMES, 2018)

Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) afirma que se alguma pastoral quiser ter programa na rádio há espaço e que as gravações são feitas em horário comercial, pois essa é a tendência nas rádios atualmente, já que o custo do ao vivo é mais alto, principalmente nos programas de final de semana e os da noite. Para Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal), as pessoas ligadas às Ceb's estão em número menor na Igreja hoje, assumem um grande número de compromissos e não têm muita disponibilidade para atuar na rádio. Mesmo assim, ele buscará fazer uma aproximação delas com esse veículo de comunicação.

Eu estou para fazer uma reunião, Elaine, eu vou até adiantar aqui, pra você, chamar esses grupos mais ligados às Ceb's, para nós fazermos uma conversa, fazermos um bate papo. E eu tenho uma proposta para fazer para esses grupos para ocuparem boa parte da programação. Mas vai depender das pernas que a gente vai ter para fazer. A programação a gente mexe, a gente vai até fazer uma mexida agora, e essa reunião vai ter que acontecer antes dessa mexida, possivelmente até o final do mês (de abril). Eu vou pedir uma reunião com um determinado grupo, em muito especial com as pastorais, para que a gente possa discutir sobre a possibilidade de a gente fazer algo diferente. E eu tenho até sugestões para isso já. (GOMES, 2018)

⁵⁷ Movimento surgido no bairro Mata da Praia, em Vitória, no Espírito Santo, com o objetivo de orientar, formar e direcionar a criação e funcionamento dos grupos de mães que oram pelos filhos e que desejam fazer parte deste movimento específico.

⁵⁸ Programa A Palavra na Vida, do Centro de Estudos Bíblicos do Espírito Santo, que chegou ao fim depois que deixou de ser ao vivo aos domingos e passou a ser gravado em dias de semana em horário comercial. A equipe não tinha como comparecer às gravações nesse horário.

Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) afirma que a rádio América AM está em período de transição. Ela vai se transformar em FM. Por isso, por enquanto, ela basicamente repete a programação da América FM. Já a FM Líder, de acordo com Alessandro, apesar de ser da Igreja Católica tem uma programação secular.

A rádio Líder evangeliza também, porém, ela só toca música secular e ela também tem jornalismo, mas jornalismo de uma maneira mais jovem, mais pop, com entradas mais soltas, mas é uma rádio também católica. Por exemplo, algumas músicas acabam não tocando, músicas que não dignificam a sociedade, músicas que têm algumas delas duplo sentido, músicas que atrapalham do ponto de vista da formação sociológica das pessoas, enfim... “Ah, é uma censura?” Tudo que você não toca é censura. Não adianta a gente ser hipócrita e dizer que não. Tudo que você não toca, tudo que você não faz é censura, mas a gente ideologicamente também tem que pensar no público que nós queremos atingir. Então é censurado por uma classe de público que eu quero atingir. Suponhamos: eu estou numa rádio classe A, B, que só toca internacional - eu não vou tocar música brasileira porque eu só toco internacional. Uma rádio que toca MPB. Eu não vou tocar um funk na rádio que toca MPB, então a mesma coisa é na Líder e outras rádios católicas. A gente não toca determinada música porque atende determinado segmento. (GOMES, 2018)

Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) explica que esse jornalismo da FM Líder que ele chama de “jovem” é aquele em que o jornalista entra no estúdio, “bate papo” com o locutor, apura de dentro do estúdio, é solto, leve, dialogado. Apesar da FM Líder ser uma rádio secular, e a América, religiosa, Alessandro destaca que o conteúdo do jornalismo não se difere muito.

O jornalismo é o mesmo. O que difere é que na América entram mais conteúdos religiosos. Exemplo: nós saímos agora da Festa da Penha. A Festa da Penha é um conteúdo extremamente religioso e que tem muita matéria para a América, que não é o mesmo conteúdo que entra na Líder. Na Líder a Festa da Penha - claro, ela entra também como uma festa religiosa, mas ela entra mais como cultural. Religioso-cultural. Mas não deixa de ter matéria da Festa da Penha. Na América ela tem mais característica religiosa. Lá na Líder ela tem mais característica cultural. (GOMES, 2018)

O diretor executivo da Fundação Nossa Senhora da Penha e da Rede Católica de Rádio do Espírito Santo salienta que mesmo as rádios de conteúdo católico não devem limitar as pautas jornalísticas aos temas religiosos. Por isso, segundo ele, a Rádio América não trata apenas de temas religiosos em seu conteúdo jornalístico.

O jornalismo de religião, em que pese na América, ele ter um apelo forte, mas ele não é o único e ele não pode ser só ele. Até porque quando eu falo de economia eu estou falando de religião. Quando eu falo de política, eu estou falando de religião. Quando eu falo de cidades eu estou falando de religião. Quando eu falo de mobilidade eu estou falando de religião. Do ponto de vista do sentido filosófico e antropológico da religião tudo o que a gente fala que serve para a sociedade como bem, tanto bem material ou bem imaterial ou até o bem emocional da pessoa, isso é falar de religião. Essa é a igreja de Jesus Cristo. Eu não preciso literalmente trazer uma reflexão das cartas de Paulo, por exemplo, eu já estou refletindo Paulo quando eu ajudo a fazer o bem para outra pessoa, quando eu informo. (GOMES, 2018)

Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) informa que, diante das dificuldades financeiras advindas da crise mundial, e por causa do processo de migração para a FM, que segundo ele é caro, ficou decidido que a América AM será vendida. O diretor executivo da Rede Católica de Rádio (2018, informação verbal) afirma que chegou-se à conclusão de que a Arquidiocese de Vitória não precisa de três FMs para fazer o trabalho de evangelização. Ele (2018, informação verbal) destaca que o comprador será um grupo do norte do Espírito Santo, que também vai arrendar a FM Líder por dois anos e meio.

A proposta foi aceita, de acordo com Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal), pois possibilita sanar todos os problemas de dívidas, reformular a programação da América, fazer publicidade da rádio em um momento de crise em que ninguém está fazendo isso, possibilitando a realização de promoções e o aumento da audiência. Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) afirma que quem quiser divulgar atividades de suas comunidades ou pastorais deve entrar em contato com o departamento de jornalismo da rádio por telefone ou e-mail.

No que diz respeito à Pastoral da Comunicação, seu coordenador, o padre Gudialace Oliveira da Silva (2018, informação verbal), a define como uma estrutura que tem como objetivo ajudar as comunidades a se comunicar melhor e a se relacionar com os meios de comunicação. O sacerdote declara que ela tem uma organização arquidiocesana e também paroquial. A primeira é composta por um representante de cada área pastoral, além dele, que é coordenador da pastoral e, portanto, da comissão.

Na comissão arquidiocesana a tarefa da Pascom é formar os leigos e os agentes pastorais dando qualificação crítica em relação aos meios de comunicação e ajudando a compreender que a comunicação vai muito além dos seus meios. Além disso, dar assessoria técnica, como na área de fotografia, vídeo, redes sociais, entre outros. O sacerdote explica como é essa formação crítica em relação aos meios de comunicação:

Hoje um dos assuntos que estão muito em voga é sobretudo a questão do fake news. Então nós precisamos ter uma postura de não acreditar que tudo aquilo que nos aparece ou que vem na nossa linha do tempo, que nós recebemos via whatsapp seja verdade. Mas a gente tem uma falsa impressão de, por exemplo, aquilo que é divulgado por instituições ou grandes organizações da comunicação também é verdade, e não é sempre assim. Essas organizações também estão imbuídas de uma porção de atravessamentos institucionais, patrocínios. Então é oferecer a eles essa possibilidade de, ao ter uma informação, não tratar como se fosse uma verdade absoluta. É um lado da verdade que se apresenta. (SILVA, 2018)

Entretanto, os participantes dessa formação, segundo padre Gudialace (2018, informação verbal), não precisam ser multiplicadores desse tipo de formação em suas comunidades. Ele explica que nas paróquias a Pastoral da Comunicação atua no sentido de auxiliar na comunicação entre a paróquia e seus paroquianos, e entre as outras pastorais. Ela é responsável por atividades como elaboração de folders, convites, ajudar o padre na divulgação dos avisos, ajudar as equipes de liturgia, por exemplo, sobre como se segura um microfone, qual a postura que se deve utilizar para falar e dando visibilidade para as ações que são realizadas, por exemplo, por meio da transmissão online pelas mídias sociais ou de fotos e vídeos comunitários. Em relação ao conteúdo dos veículos de comunicação, o coordenador da Pascom afirma que são dadas orientações técnicas do que deve ser divulgado ou não.

Nós falamos sobre direito de imagem, que é uma coisa extremamente complicada. Quando você vai tirar uma foto embora você esteja dentro da igreja, cuidado pra você não tirar uma foto de uma pessoa que está numa posição ruim - porque às vezes você tira a foto e a pessoa está com um olho meio entreaberto, uma boca meio aberta, sei lá, bocejando, e a pessoa pode ser exposta ao ridículo ali porque você lançou e alguém pode pegar e fazer um meme com aquela foto, essas coisas todas. Os textos devem sempre ser aprovados pelo padre. Você apresenta para não correr o risco de sair uma heresia ou alguma coisa que não condiz com a nossa teologia, que possa criar um mal estar entre o padre ou a Igreja, ou com alguma outra Igreja ou alguma outra pessoa. A questão dos crimes cibernéticos, então, que as pessoas têm que estar atentas. Não falar 'fulano de tal 'ladrão' 'não presta', ou compartilhar isso vindo de uma outra sabendo que o fato de você compartilhar mesmo que você não tenha sido o publicador, a primeira pessoa a ter colocado, você também pode sofrer uma penalização por causa disso. A paróquia também pode sofrer. Então trabalhamos essas questões. (SILVA, 2018)

Segundo o sacerdote, outra orientação é que os veículos de comunicação das paróquias noticiem somente assuntos relacionados à Igreja.

Porque se a gente não consegue trabalhar muito bem o que está dentro do templo, se a gente leva isso pra comunidade, pra fora, então aí que a gente perde o controle mesmo. É uma pastoral que está se organizando, se mobilizando. A gente vai inclusive lançar um subsídio agora para ajudar as paróquias que já tem, e aquelas que não tem, entender o que é a Pascom, como se estrutura, qual é a sua função, pra depois dar possibilidade de fazer um trabalho como esse, mas hoje a gente não consegue dar conta não, porque para fazer um trabalho como esse precisa de um profissional. E a gente sabe hoje como até as grandes empresas do setor de comunicação sofrem com questão de apuração, que nem os repórteres têm a possibilidade ou às vezes não

querem sair para ir até o local, então imagina dentro de uma comunidade? Se você abre, o que vai dar de pessoas que vão mandar mensagem ou que vão ligar pra dizer alguma coisa sem estar lá, sem saber muito bem? Então pode ser uma fonte de fake news muito grande. (SILVA, 2018)

Ainda segundo o sacerdote, o conteúdo dos veículos de comunicação de cada paróquia depende do direcionamento dado pelo padre que está acompanhando o trabalho da Pascom naquela localidade.

Os padres têm uma autonomia muito grande nas paróquias. Nós damos a orientação e não temos garantia de que isso vai ser conduzido, vai ser vivido lá nas paróquias. Então dentro de grande parte dos nossos boletins informativos, das nossas revistas, está sob a orientação direta do padre. Então nós vamos dizer como é que deve ser feito um texto para revista, como deve ser um texto para o face, por exemplo, o que você deve usar no instagram, o que você usa num cartaz. Então nós vamos dizer o que é que cabe. Agora, o que é que você vai escrever, o padre da paróquia é quem vai orientar. Você não vai usar o instagram pra ficar fazendo texto. Isso a gente vai dar como orientação. No facebook você não vai poder colocar um milhão de fotos... Todas repetidas. Então um texto que vai ser gravado, você deve muito se valer de uma linguagem mais informal que ajuda as pessoas. Agora num texto escrito você vai se valer dos pronomes, daquelas partículas que remetem a um fato anterior sem necessidade de repeti-lo porque daí a pessoa como está lendo pode voltar em caso de dúvida para saber do que se trata. Essas orientações nós passamos. Agora, como é que lá o padre vai utilizar, se ele vai preferir trabalhar com lead ou se ele vai possibilitar uma reflexão mais aprofundada, então isso fica por conta. (SILVA, 2018)

A fala do padre Gudialace em relação à autonomia dos padres no que diz respeito ao fato de poderem possibilitar ou não, nas mídias utilizadas pela paróquia, a reflexão sobre os temas abordados, contradiz o que Maria da Luz Fernandes apresenta como uma das orientações de Dom Luiz Mancilha Vilela para a comunicação. Como foi exposto neste capítulo, segundo a gerente do Departamento de Comunicação e Marketing da Arquidiocese de Vitória uma das orientações é ser informativo, restringir-se ao *lead* para evitar “não ter discursos diversificados” e “pensamentos de católicos que não representam fielmente o pensamento da Igreja”.

O coordenador da Pascom afirma que não existem jornais específicos de pastorais sociais. Para ele, caso alguma pastoral quisesse fazer isso deve ser encaminhado para o Departamento de Pastoral, não sendo da alçada da Pastoral da Comunicação responder se há possibilidade, e sim, do Departamento de Comunicação e Marketing, que está sobre responsabilidade de Maria da Luz Fernandes. De acordo com o sacerdote, sua missão na Pascom é “formar os agentes das comunidades e das paróquias”.

3.3 – A comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória nos anos 2010

Atualmente a Pastoral Operária não conta com informativo impresso. O *Ferramenta* chegou ao fim em 2004. Segundo a militante dessa pastoral Eni Maria de Almeida (2016, informação

verbal), o motivo foi a falta de recursos financeiros. Os veículos de comunicação utilizados são um grupo no *Facebook* intitulado Pastoral Operária – ES, com cerca de 300 membros, e uma página, nessa mesma rede social, intitulada Marcha Pela Vida e Cidadania, criada no final de 2017 para divulgar a Marcha e que tem cerca de 30 curtidas. A criação dessa página, de acordo com o professor, ambientalista e secretário institucional da Federação das Associações de Moradores de Cariacica (Famoc) Dauri Correia da Silva (2018, informação verbal), se deu porque a Marcha é um processo, não estando ligada somente às reuniões organizativas.

O grupo da Pastoral Operária – ES é público, ou seja, qualquer pessoa pode ver as publicações e solicitar participação. Ele agrega alguns dos integrantes da pastoral, ex-integrantes, parceiros e simpatizantes. Todos podem fazer postagens sem que haja a aprovação de um moderador. O grupo funciona como um mural de avisos, onde são divulgadas as futuras atividades da Pastoral Operária.

Também são feitas postagens sobre atividades já ocorridas, com fotos e vídeos feitos com celular. Além disso, são divulgados eventos de Igrejas, tanto a Católica quanto as protestantes, por meio de conteúdo da Pastoral Operária Nacional e em menor escala das pastorais operárias de outros estados, pronunciamentos do Papa Francisco, principalmente no que diz respeito às questões sociais, Ceb's, Teologia da Libertação e posts sobre eventos que tenham algum cunho social.

São comuns, ainda, posts que abordam assuntos referentes às conjunturas política, econômica e social do Brasil e do Espírito Santo, com postura crítica às reformas do Governo Temer. Os assuntos variam de acordo com a conjuntura. Na greve dos caminhoneiros, por exemplo, o número de postagens sobre o assunto foi significativo, com demonstração de apoio aos grevistas por parte dos integrantes do grupo.

A página Marcha pela Vida e Cidadania também funciona como um mural de avisos, onde são divulgadas as atividades relacionadas à Marcha, tanto para divulgação dos eventos que irão acontecer quanto para dar visibilidade ao ocorrido por meio de fotos, vídeos e matérias, normalmente feitas por sindicatos. Os demais assuntos postados no Grupo Pastoral Operária – ES também se fazem presentes nessa página, porém, com uma quantidade menor de posts.

Isso se deve ao fato de que no grupo toda e qualquer pessoa participante dele pode postar, ao contrário do perfil, que é gerenciado por Dauri Corrêa. Nota-se que depois da realização da Marcha os assuntos mais postados são referentes a questões de políticas públicas como as de saúde e educação, principalmente no âmbito da Grande Vitória. Também são frequentes

postagens sobre questões ambientais, o que pode ser influência da área de militância do gerenciador do perfil. É importante ressaltar que a degradação ambiental e o sucateamento das políticas públicas anualmente são alguns dos temas trabalhados na Marcha.

A utilização da internet pela Pastoral Operária por meio de redes sociais como Facebook e whatsapp, dialoga com o pensamento de Gustavo Cardoso e Cláudia Lamy sobre as territorialidades na internet, exposto no segundo capítulo desta dissertação, quando afirmam que os espaços presenciais são recriados no ciberespaço. Nesse caso, a Pastoral Operária, que existe no Espírito Santo há 44 anos, na era da internet é recriada em comunidades online, e não em comunidades virtuais, pois as primeiras se associam a grupos já existentes presencialmente, diferentemente das segundas.

O professor Dauri Correa (2018, informação verbal) não é militante da Pastoral Operária, mas coordena todo ano da comissão de Comunicação, Mobilização e Divulgação da Marcha pela Vida e Cidadania. De acordo com ele, na comissão de comunicação de 2018, por exemplo, havia militantes da Famoc, Cebi, Brigadas Populares, Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e Seus Afluentes (Asiarfa), Partido dos Trabalhadores, entre outros.

A divulgação da Marcha, especificamente, não é feita somente via grupo no Facebook. Utiliza-se, ainda, cartazes, distribuídos principalmente em paróquias da Área Cariacica Viana e em menor escala no comércio, escolas e sedes de sindicatos e movimentos sociais; além de panfletos, distribuídos notadamente em feiras e ruas de comércio. A cada edição também é feita arte específica para essa rede social, como a voltada para a linha do tempo, além da arte para banner e faixa. A confecção da arte, de acordo com o militante da Famoc, é custeada pelo mandato do deputado federal do PT Helder Salomão. Para Dauri (2018, informação verbal), não há contradição nessa situação:

Muito antes de cumprir algum mandato o Helder já militava nas Comunidades Eclesiais de Base, foi da Pastoral da Juventude, da Pastoral Operária, é genro do saudoso Maurício Amorim. Sempre que possível sempre participou das reuniões da Marcha, muitas vezes não dá para participar porque tem agenda em Brasília ou porque pode gerar algum constrangimento. Mas sempre ligo para ele e pergunto: “deputado, tem como o Rafael⁵⁹ fazer as artes para a gente?” (CORREA, 2018)

Feitas as artes, o próximo passo, segundo Dauri, é encontrar parceiros para pagar a impressão dos cartazes e panfletos. Nesse caso, quem normalmente financia essa parte é o Sindicato dos

⁵⁹ Rafael Klofer, designer que presta serviços para o mandato do deputado estadual Helder Salomão e integrante das Comunidades Eclesiais de Base.

Bancários, que, inclusive, divulga em seu site e página no face a realização da Marcha, convidando a categoria bancária para participar. Essa entidade também faz cobertura da atividade para esses dois veículos.

Dauri (2018, informação verbal) afirma que, em 2018, uma das ações de comunicação foi enviar uma carta sobre a Marcha, por e-mail, para todas as paróquias da Arquidiocese de Vitória. O arquivo em JPG do panfleto da marcha também foi enviado por e-mail para as paróquias e para uma lista de contatos. Essa mesma carta foi enviada, segundo Dauri, por uma pastora da Igreja Presbiteriana para as igrejas que fazem parte do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (Conic). De acordo com o militante, não é possível avaliar o retorno dessa estratégia de comunicação.

Não tivemos um feedback porque não tivemos disponibilidade de tempo de entrar em contato com cada paróquia para confirmar recebimento, por exemplo. Mas algumas pessoas entraram em contato com a gente espontaneamente. Uma senhora de uma paróquia de Guarapari, do padre Pierre⁶⁰, me falou que a carta foi lida lá e que ela não poderia ir porque tinha compromisso no dia da Marcha. Uma outra senhora, da paróquia de Cobilândia, falou que deram o comunicado a respeito da carta. Na reunião do Fórum das Pastorais a carta foi mencionada por um padre que havia recebido em sua paróquia e foi a partir daí que a comunicação da Arquidiocese, que estava presente, resolveu fazer matéria para o site. (CORREA, 2018)

Uma das iniciativas anunciadas em relação à Marcha na reunião de avaliação da edição de 2018, ocorrida no dia 09 de maio, foi o resgate da memória dessa atividade. De acordo com Dauri (2018, informação verbal), será apresentado um projeto para a Lei de Incentivo à Cultura João Bananeira⁶¹ com o objetivo de resgatar a memória da Marcha, que chega à 20ª edição em 2019. O secretário institucional da Famoc afirma que a ideia é que seja dedicado um capítulo para cada edição da Marcha, contextualizando o tema com a conjuntura da época e resgatando fotos e materiais de comunicação, como cartazes, de cada uma delas.

A ideia de publicação desse livro encaixa-se naquilo que Cicília Peruzzo aponta como uma das formas de concretização das relações públicas a serviço da classe dominada, conforme debatido no segundo capítulo desta dissertação, que é a documentação da história dos dominados. Para a assistente social e militante da Pastoral Operária Katia Mariano (2016, informação verbal) a própria Marcha pela Vida e Cidadania é um importante instrumento de comunicação por se

⁶⁰ Padre Pierre Mukandi, da Paróquia São Tiago Maior, em Setiba, Guarapari.

⁶¹ Lei de Incentivo à Cultura do município de Cariacica.

tratar de uma forma de dialogar com os moradores dos bairros por onde a Marcha passa, com sindicatos, associações e movimentos sociais que participam dessa manifestação junto com a pastoral, denunciando os ataques contra os trabalhadores e trabalhadoras.

De acordo com Kátia, na marcha, em outras atividades da Pastoral Operária e em atividades realizadas por outros movimentos e das quais a pastoral participa, utiliza-se formas de comunicação como camisas, bandeiras, faixas e pirulitos. As camisas, segundo Kátia, foram feitas como forma de marcar presença da pastoral nos eventos, de dizer “a Pastoral Operária está aqui”.

A Pastoral Operária também divulga suas atividades no site Século Diário, no site da Pastoral Operária Nacional e no jornal Conquistar⁶². Embora enviem informações para os veículos de comunicação da Arquidiocese de Vitória, segundo Kátia Mariano (2016, informação verbal) nem sempre conseguem dar visibilidade às suas atividades na Rádio América⁶³, na Revista Vitória⁶⁴ e no site da Arquidiocese, por exemplo.

A pastoral não costuma divulgar suas atividades na grande mídia, segundo Kátia (2016, informação verbal). Somente para divulgação Marcha pela Vida e Cidadania é que é feito contato com os grandes jornais do Espírito Santo. Segundo Dauri Correa (2018, informação verbal), a equipe de comunicação envia um texto anexo em forma de carta convite, parecida com a que foi enviada para as paróquias, para os e-mails dos editores, independente da editoria.

Outra forma de tentar espaço na grande mídia é enviando esse mesmo material para jornalistas conhecidos da equipe de comunicação. Entretanto, os profissionais destacados por Dauri nem sequer trabalham nas redações, e sim, em assessorias de imprensa. O professor afirma que a equipe não procura fazer *follow up* a respeito do material enviado e que essa estratégia de divulgação não tem trazido retorno.

Não há divulgação em veículos impressos das paróquias, pois a Pastoral Operária não tem jornal próprio e nas quatro paróquias onde se faz presente somente na Bom Pastor existe informativo impresso, que é a revista *O Mensageiro*. Nessa paróquia não tem Pastoral da Comunicação, quem faz o informativo é um jornalista contratado. De acordo com a funcionária pública e

⁶² Jornal da Pastoral Operária Nacional

⁶³ Rádio da Arquidiocese de Vitória

⁶⁴ Revista da arquidiocese de Vitória

militante da Pastoral Operária Marina de Oliveira (2018, informação verbal) depois da morte do Monsenhor Rômulo Neves Balestrero perdeu-se a aproximação entre a pastoral e os sacerdotes da Bom Pastor e, conseqüentemente, com os veículos de comunicação da paróquia. Nas demais somente na São Francisco, localizada na região de Porto de Santana, há Pastoral da Comunicação. Porém, não existe jornal impresso.

Como foi dito no primeiro capítulo desta dissertação, na parte sobre a observação participante, durante a celebração no assentamento do MST, ocorrida no intercâmbio campo-cidade de 2017, foram valorizados os aspectos culturais da vida do agricultor no momento do ofertório, quando apresentados os frutos do trabalho agrícola. No momento do abraço da paz, cantou-se a música “é bonita demais, é bonita demais, a mão de quem conduz a bandeira da paz”⁶⁵ enquanto representantes de movimentos, sociais, principalmente os do campo, entravam com suas respectivas bandeiras, fazendo alusão à importância dos movimentos sociais na promoção da paz.

Nesse caso, além de utilizados símbolos extraídos da vida da comunidade, como as bandeiras de movimentos sociais nos quais muitos dos presentes militam, ocorre o que Frei Betto (1985, Pág. 63) chama de reapropriação da memória histórica e “atualização do significado evangélico das lutas populares”. De acordo com ele, isso faz com que a celebração não seja apenas de mitos fundadores da fé, sacralizadores da “passividade social e política”. Segundo Frei Betto, a liturgia deve refletir a inter-relação que há entre os membros da comunidade e o que há de comum no que diz respeito aos seus interesses sociais e anseios, fazendo uma inovação da linguagem litúrgica e do sentido dos símbolos.

O pensamento de Frei Betto dialoga com o de Luiz Beltrão, exposto no segundo capítulo desta dissertação, que afirma serem as manifestações religiosas, como festas de padroeiro e sessões públicas de oração, oportunidades de comunicação. Outro exemplo dado por Luiz Beltrão no mesmo capítulo mencionado, é a “devoção” àqueles que se posicionaram contra formas de opressão, “não recuando sequer diante da morte”. Nesse caso, a Missa dos Mártires, realizada anualmente pela Pastoral Operária, também é um exemplo de Folkcomunicação ao resgatar a memória de pessoas que perderam suas vidas por lutarem por causas sociais.

⁶⁵ A música se chama “É bonita demais”. Seu compositor e intérprete é o Padre José Fernandes de Oliveira, mais conhecido como Padre Zezinho.

Outra forma de comunicação não tecnológica utilizada pela Pastoral Operária, já mencionada também no segundo capítulo, é a que Cicília Peruzzo (2015) chama de interpessoal, que se realiza pela expressão oral, pela comunicação face a face. Ela acontece nas principalmente nas reuniões mensais da própria Pastoral, onde avaliam as atividades realizadas e planejam as próximas, como nos encontros em conjunto com outras entidades da sociedade civil organizada para organização de ações em conjunto, como Grito dos Excluídos, entre outras.

Nos retiros da Pastoral Operária, conforme relatado no primeiro capítulo, é feita dinâmica de grupo. Esse recurso, segundo Frei Betto (1985, Pág. 58), como canal não escrito de comunicação, permite que a relação educando e educador não se torne uma relação entre uma pessoa que ensina e outra que aprende. Para Frei Betto, “ela permite partir do próprio grupo e ajudá-lo a descobrir que ele sabe muito a respeito daquilo que ele quer saber”.

CONCLUSÃO:

Por meio da análise da comunicação da Pastoral Operária em dois períodos distintos, percebe-se que vários fatores contribuíram com o fazer comunicacional da pastoral. Entre eles estão o avanço tecnológico, as conjunturas social, política e econômica; além do enfraquecimento das Comunidades Eclesiais de Base em virtude de um novo projeto de Igreja advindo do Vaticano a partir do pontificado de João Paulo II. Esse novo projeto de Igreja foi colocado em prática na Arquidiocese de Vitória a partir da gestão bispo Dom Silvestre Scandian, tomando mais força com a posse do bispo Dom Luiz Mancilha Vilela, influenciando nas mudanças ocorridas na comunicação da Pastoral.

No período de 1977 a 1985, que é o recorte feito neste estudo para análise do informativo *Ferramenta*, o principal instrumento de comunicação da Pastoral Operária foi esse informativo. Criado com o objetivo de ser instrumento de formação, informação e mobilização, ele fez jus à Doutrina Social da Igreja ao não limitar seu conteúdo a questões meramente religiosas da Igreja Católica. O informativo mesclou notícias sobre atividades referentes a essa religião, trouxe reflexões com base na leitura popular da bíblia e não deixou de lado questões sobre as conjunturas política, social e econômica do Espírito Santo, do Brasil e, em menor escala, do mundo, com foco principalmente na América Latina.

Essa iniciativa colocava em prática algumas ideias defendidas pelo documento *Gaudium Et Spes*, que afirma que a crença em Deus não se opõe à dignidade humana, que tanto aqueles que creem quanto os que não creem devem contribuir para a reconstrução do mundo (1997, Pág.560). O *Gaudium Et Spes* (1997, Pág.568) exorta à promoção do bem comum, que trata-se do “conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”.

O bem comum, segundo o documento, contempla os direitos e deveres que dizem respeito a toda a humanidade, sendo necessária, então, a acessibilidade a todos de tudo aquilo que é necessário para uma vida verdadeiramente humana, como alimentação, vestuário, educação, trabalho, direito à conveniente informação e liberdade religiosa. O documento também defende que as reivindicações populares não devem ser condenadas pela instituição religiosa e que a Doutrina Social da Igreja não é somente para os católicos e demais cristãos, mas para toda a humanidade.

Logo, o informativo buscava promover o bem comum ao contemplar em suas páginas conteúdos como os relacionados ao sindicalismo, violação de direitos trabalhistas, conflitos no campo, protagonismo feminino, falta de infraestrutura urbana, entre outros. Conteúdo este que por ter também um caráter formativo e de incentivo à mobilização era utilizado como instrumento de reflexão para impulsionar a ação transformadora, seja no ambiente de trabalho, nas comunidades e outros espaços. Ele atingia, inclusive, os não católicos, fazendo com que a Doutrina Social da Igreja fosse colocada em prática também no que diz respeito a não se limitar aos adeptos do catolicismo.

A abordagem de conteúdos ligados às conjunturas social, política e econômica estadual, nacional e internacional também ia ao encontro do decreto *Inter Mirifica*, que assim como o *Gaudium Et Spes* é um dos 16 documentos do Concílio Vaticano II. Esses assuntos, conforme diz Cláudio Humberto Vereza Lodi (2016, informação verbal) no primeiro capítulo desta dissertação, eram abordados como forma de tornar públicas as ações da Pastoral Operária, dos movimentos popular e sindical, que não tinham espaço na grande mídia. Assim, o *Ferramenta* concebia a informação como um bem social, e não com fins comerciais, de acordo com o que é defendido no *Inter Mirifica*.

A iniciativa de tornar públicas as ações dos movimentos populares, fossem eles ligados à Igreja ou não, reconhecia o que diz os documentos de Puebla e Medellín. Ambos afirmam serem muitos meios de comunicação vinculados a grupos políticos e econômicos que almejam a preservação do *status quo* social, a promoção da dependência e dominação dos povos. Daí a necessidade de tornar públicas ações que não têm espaço nesses veículos por se chocarem com os interesses desses grupos.

Além disso, o *Ferramenta* se encaixava no conceito de comunicação participatória, de Bordenave (1983, Pág.84); e de comunicação popular, de Cicília Peruzzo; abordados no segundo capítulo desta dissertação. Segundo Bordenave (1983, Pág. 84) a comunicação participatória possibilita aos interlocutores exercer seu direito à auto-expressão, intercambiar temas e mensagens, criar conhecimento e saber, organizar-se, adquirir poder coletivo, resolver os problemas em comum. Cicília Peruzzo ratifica a afirmação de Bordenave ao dizer que esse tipo de comunicação, o qual ela chama de popular, tem origem nos movimentos populares, tem caráter mobilizador coletivo e perpassa pela produção dos próprios canais de comunicação.

O *Ferramenta* se encaixava nesses conceitos não apenas pelo seu objetivo de promover reflexão e mobilização. Ele também contava com seu público alvo, a classe trabalhadora, não somente

como leitores, mas como partícipes do processo de produção. As demandas e atividades dos operários, das demais pastorais, movimentos populares e comunidades eram levadas para as reuniões de pauta, onde eram discutidas coletivamente, selecionadas para integrar a edição do jornal, distribuído pelos próprios trabalhadores.

Apostar na comunicação popular como um dos instrumentos de mobilização da classe trabalhadora foi uma escolha que vai ao encontro dos objetivos de uma pastoral social. Tendo como base o conceito de pastoral social exposto no primeiro capítulo desta dissertação, percebe-se que ela tem metas iguais às da comunicação popular: organizar os excluídos e promover mobilizações sociais. Portanto, a comunicação popular pode ser parte integrante do trabalho de uma pastoral.

Apostar na comunicação popular também era uma forma de colocar em prática a Doutrina Social da Igreja, já que o documento de Puebla, por exemplo, destaca a necessidade de criar meios de comunicação alternativos, dando voz aos desamparados em virtude da situação de injustiça, pobreza e marginalização. Puebla também defende o incentivo à leitura crítica da comunicação.

A equipe do *Ferramenta* não somente atuava na comunicação popular por meio da produção desse informativo, mas também no suporte à criação de outros meios de comunicação de movimentos populares, como o Mulheres em Ação, do Movimento de Mulheres de Castelo Branco, conforme relatou a historiadora Ana Lúcia da Rocha Conceição (2018, informação verbal), no terceiro capítulo desta dissertação.

A promoção da leitura crítica da comunicação se dava, com a equipe do *Ferramenta*, por meio da própria confecção do jornal. Conforme afirma Cicília Peruzzo (2008, Pág. 141) no segundo capítulo desta dissertação, uma das formas que os meios de comunicação populares tem de contribuir para a promoção da cidadania é proporcionar às pessoas serem protagonistas da comunicação, e não meros receptores. Assim, as pessoas envolvidas no processo podem mudar seu modo de se relacionar com a sociedade e com os sistemas de comunicação de massa.

Segundo Cicília Peruzzo (2008, Pág. 141), ao se apropriarem das técnicas, assim como faziam os comunicadores populares do *Ferramenta*, adquire-se uma visão mais crítica por causa das informações que recebem e do que aprendem por meio da vivência prática ao se deparar com conflitos de interesse que condicionam a informação, estratégias, possibilidades de manipulação e ao possibilitar o conhecimento da força que os veículos de comunicação têm.

Logo, no processo de produção do *Ferramenta* ficavam explícitas as relações entre comunicação e educação.

Um veículo de comunicação, por si só, não é capaz de mobilizar um determinado grupo. Existe uma série de fatores que, aliados a um informativo com uma linguagem e projeto gráfico que sejam atrativos ao público alvo, por exemplo, no caso dos impressos, influenciam nos resultados que esse veículo quer atingir. Os relatos dos entrevistados nesta pesquisa apontam que o *Ferramenta* teve êxito em sua missão.

Como afirma Giovandro Marcus Ferreira (2016, informação verbal) no terceiro capítulo desta dissertação, essa mobilização se deu principalmente entre as categorias profissionais em meios às quais a Pastoral Operária tinha mais penetração, como ferroviários, metalúrgicos e operários da construção civil. Logo, o engajamento das lideranças da Pastoral em meio a essas categorias, aliado ao *Ferramenta*, potencializou a capacidade de mobilização.

Há, ainda, outros fatores importantes. O *Ferramenta* nasceu em um contexto no qual a Pastoral Operária tinha apoio institucional da Arquidiocese de Vitória, que forneceu espaço na Mitra para as reuniões, sacerdotes progressistas para acompanhar os trabalhos da Pastoral, cursos de formação e outras iniciativas que impulsionaram o trabalho dessa e de outras pastorais. Logo, havia um investimento da Igreja na formação política e técnica dos agentes de pastoral.

Logo, o êxito do *Ferramenta* na mobilização dos trabalhadores, principalmente das categorias que sofriam influência maior da Pastoral Operária, está na junção de diversos fatores, como o apoio institucional da Arquidiocese de Vitória, o engajamento das lideranças da Pastoral e, também, o contexto de mobilizações populares ocorridas Brasil a fora, como a greve dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo. Muitas delas também foram impulsionadas pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica.

O método de distribuição também foi um fator importante para o êxito do jornal. Como destacou a pedagoga Carlinda Januário do Rosário (2016, informação verbal) no primeiro capítulo desta dissertação, ele não era apenas lido individualmente por cada trabalhador que o recebia, e sim, refletido em grupo nos locais de trabalho e nas comunidades. Denota-se a preocupação de não somente levar informação, mas também de fazer com que o leitor refletisse e debatesse sobre ela, inclusive, debatesse com pessoas de seu cotidiano, com quem viviam problemas em comum e com quem poderiam se unir para resolver esses problemas.

A maneira de captar as pautas também contribuiu para que o informativo auxiliasse a Pastoral em seu trabalho de mobilização, uma vez que a seleção de notícias partia da realidade do público alvo. Entre os pauteiros estavam os próprios trabalhadores, lideranças da Pastoral Operária que em seu ambiente de trabalho e outros espaços captavam as angústias do operariado, as situações de opressão, depois transformadas em notícias. Portanto, o leitor se via, se identificava naquele informativo.

Para compreender a comunicação da Pastoral Operária na atualidade foi preciso estudar o que pensa e orienta a Arquidiocese de Vitória no que diz respeito à comunicação. Afinal, a pastoral está nesse território e seu gestor, o bispo Dom Luiz Mancilha Vilella, determina para as paróquias, comunidades, pastorais e movimentos as diretrizes que estabelecem como a comunicação deve ser produzida, praticada, vivenciada, ou seja, as territorialidades no campo da comunicação.

É visível na fala dos entrevistados, no terceiro capítulo, principalmente da gerente de Comunicação e Marketing da Arquidiocese Maria da Luz Fernandes (2018, informação verbal) e do padre e coordenador da Pastoral da Comunicação Gudialace Silva de Oliveira (2018, informação verbal), que a formação dada pela Arquidiocese de Vitória em termos de comunicação é muito pautada na técnica. O foco principal dessas formações são os agentes da Pascom, e não os das demais pastorais.

Esse foco se explica no fato de que entre as orientações do bispo Dom Luiz Mancilha Vilella está a de unificar, ou seja, concentrar as informações de todas as pastorais e movimentos de uma mesma comunidade no jornal impresso e na fanpage da paróquia e do Departamento de Pastoral. Como a ideia, na Arquidiocese de Vitória, é fazer com que os agentes da Pascom recebam essas informações para serem divulgadas nos veículos de comunicação da paróquia e encaminhadas para a Comunicação Institucional, eles acabam sendo o principal público alvo dessas formações.

Os documentos da Igreja, no que diz respeito à comunicação, defendem a necessidade de formações técnicas, mas o estudo não pode se limitar a ela. Uma das orientações é a formação teórica, como a de leitura crítica da comunicação, o que é feito na comissão arquidiocesana. Contudo, os agentes da Pascom que participam dela formam um grupo limitado e não têm a

incumbência de serem multiplicadores desse tipo de formação nas comunidades. Logo, trata-se de uma atividade destinada a um grupo muito restrito.

Essa ideia de unificação exposta pela gerente de Comunicação e Marketing da Arquidiocese de Vitória Maria da Luz Fernandes no segundo capítulo (2018, informação verbal) pode trazer dificuldades ao processo de comunicação das pastorais sociais, por exemplo. Como afirma José Antônio Martinuzzo no segundo capítulo (2014, Pág. 18), o problema-chave da comunicação é chamar e prender a atenção em tempos de múltiplos estímulos, que são provenientes das mais diversas matizes e origens. De acordo com ele, a atenção é pré-requisito para que a pessoa tome uma decisão sobre determinada ação. Ela é limitada em um ambiente de comunicação abundante e, por isso, escassa e disputada. Portanto, um dos problemas mais importantes das organizações, afirma José Antônio Martinuzzo (2014, Pág.20), é conquistar e manter os “olhares”. Assim, as pessoas passaram a ter maior poder de escolha, mais capacidade de procurar informações que interessam a elas e filtrar as que não querem ver nem ouvir.

Com base no pensamento de José Antônio Martinuzzo é possível concluir que a orientação episcopal de que as pastorais não podem ter sua própria página nas redes sociais, tendo que divulgar suas atividades nas fanpages das paróquias e do Departamento de Pastoral, dificulta a tarefa de conquistar e manter os olhares. Essa orientação ficou clara na fala da gerente de Marketing e Comunicação da Arquidiocese de Vitória Maria da Luz Fernandes (2018, informação verbal) no terceiro capítulo desta dissertação e nas orientações sobre comunicação dada para as pastorais sociais, realizada em 1º de abril de abril de 2017 na Cúria Metropolitana. No caso da Pastoral Operária, por exemplo, que organiza atividades nas quais não há restrição de credo no que diz respeito ao público alvo e, algumas delas, elaboradas em conjunto com sindicatos, movimentos e outros grupos que não fazem parte da Igreja, ter sua própria página nas redes sociais é uma forma de facilitar a comunicação inclusive com esse público.

Afinal, as pessoas que se interessam e participam das iniciativas da Pastoral Operária que não são católicas ou não têm um credo, dificilmente entrarão nas redes sociais de paróquias e do Departamento de Pastoral para saber informações sobre a pastoral, dificilmente curtirão e seguirão essas páginas, já que fazendo isso acabarão recebendo informações que não são de seu interesse. Como elas têm maior poder de escolha, mais capacidade de procurar informações, conforme afirma José Antônio Martinuzzo, a possibilidade de optarem por interagir com a

página da Pastoral Operária, com quem fazem trabalhos em conjunto, é muito maior do que a de dedicar sua atenção às outras páginas mencionadas.

Além disso, o próprio Diretório de Comunicação da CNBB (2014, Pág. 158) afirma que com o advento das novas tecnologias a comunicação popular, que segundo esse documento é feita pelo povo, a partir dele e para ele, deve utilizar os novos meios que a tecnologia coloca à disposição. Portanto, as pastorais podem ter suas próprias mídias, feitas pelos próprios agentes de pastoral. O fato de a Pastoral Operária ter sua própria página no Facebook não exclui a importância das atividades dela serem divulgadas também nos perfis institucionais da Arquidiocese de Vitória, já que a pastoral faz parte da instituição religiosa.

Outra orientação que acaba sendo um cerceamento à comunicação é o fato de as pastorais não poderem ter jornais impressos específicos. Esse tipo de mídia é importante no sentido de possibilitar o aprofundamento dos debates a serem feitos a respeito, por exemplo, dos assuntos que afetam a classe trabalhadora nas conjunturas estadual e nacional. Faz-se necessário utilizar meios de comunicação que possibilitem um conteúdo mais aprofundado, mais analítico, para explicar quais as principais consequências dessa e de outras iniciativas prejudiciais à classe trabalhadora. Já que, conforme o pensamento de Bordenave (1983, Pág. 78), exposto no segundo capítulo desta dissertação, o sistema de comunicação dominante está a serviço dos interesses dos proprietários da maior parte da riqueza do país. Ele têm, portanto, interesse em iniciativas como a retirada de direitos da classe trabalhadora, fazendo-se necessários veículos de comunicação que façam um contraponto.

Esse conteúdo mais analítico, inclusive, é cerceado nas orientações episcopais sobre a comunicação, conforme é visível na fala da gerente de Comunicação e Marketing Maria da Luz Fernandes (2018, informação verbal). Ela diz que orienta-se a fazer informação, ou seja, limitar-se ao *lead* pelo fato de, segundo a jornalista, muitos agentes de pastoral não terem conhecimento para falar sobre determinados assuntos. Entretanto, muitas vezes, para atrair público para determinados eventos, é preciso trazer uma reflexão sobre o tema que será abordado, não podendo se limitar a dizer quando ele acontecerá, o dia, a data, o local, o horário, se é gratuito ou não e quem está organizando. Como diz o Papa Francisco, na mensagem referente ao Dia Mundial das Comunicações 2018, exposta no terceiro capítulo desta dissertação, é necessária uma comunicação que busque as reais causas dos conflitos, favoreça sua compreensão e

superação. Essa orientação do bispo de limitar-se ao lead, *inclusive*, trata-se de um cerceamento da liberdade de expressão dos agentes de pastoral.

Também há contradições em relação aos documentos da Igreja quando o padre e coordenador da Pastoral da Comunicação Gudialace da Silva de Oliveira (2018, informação verbal) afirma que os jornais paroquiais devem limitar suas pautas às atividades das paróquias. O Diretório de Comunicação da CNBB, por exemplo, “propõe e motiva a Igreja a ampliar suas relações com a comunidade humana, na perspectiva da cultura do encontro” (2014, Pág. 2010). Isto posto, os jornais paroquiais podem dialogar com a realidade dos bairros onde a paróquia está inserida, por exemplo, e até ir além disso.

As orientações do bispo vão ao encontro da postura despolitizadora que ele tem em relação às Ceb’s, já que para esse sacerdote o termo base, de Comunidades Eclesiais de Base, se refere ao fato de a comunidade ser constituída de poucos membros (2013, Pág. 21), em vez de se referir às pessoas inseridas nas classes populares, como donas de casa, operários, aposentados, entre outros trabalhadores do campo ou da cidade, contrariando o conceito de Frei Betto (1985, Pág.16) e o próprio Documento 25 da CNBB.

O Documento 25 da CNBB (Acesso em 20 jul. 2018) não desvincula as Ceb’s das lutas sociais. Para Frei Betto (1985, Pág. 18), as Ceb’s devem fortalecer as lutas populares auxiliando na criação e recriação de movimentos sociais, associações de bairros, entre outros. Essa afirmação se choca com o pensamento de Dom Luiz (2013, Pág. 21), pois o bispo afirma que a atuação nesses espaços é algo distinto das Ceb’s. Trata-se, portanto, de um caráter despolitizador, e, como afirma Frei Betto (1985, Pág. 32), de castração do caráter pastoral libertador das Ceb’s, tornando-as reprodutoras do discurso dominante, aprofundando a ideologia do opressor em meio aos oprimidos.

Esse caráter despolitizador tem reflexo em uma comunicação que prima pela formação técnica em detrimento da leitura crítica dos meios de comunicação, que não vai além dos muros da instituição religiosa. Uma comunicação que limita-se à divulgação de notícias que dizem respeito única e exclusivamente às atividades da Igreja, que deve se restringir a dar informações básicas sobre as atividades das pastorais sem promover reflexão. Busca cercear o diálogo das pastorais com grupos e pessoas que não fazem parte da Igreja tentando impedir, por exemplo que elas tenham suas próprias páginas nas redes sociais e jornais impressos. Não incentiva a

comunicação popular, pois ela tem como um de seus objetivos a mobilização popular. Cercea a liberdade e o direito de expressão dos agentes de pastoral.

Nas rádios FM Líder e América o que se pode perceber por meio do depoimento de Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal) é que a questão comercial, da qual depende a sobrevivência desses veículos de comunicação, acaba impondo a exclusão de grupos ligados às Comunidades Eclesiais de Base, bem como o fato de pessoas ligadas a elas não terem disponibilidade de tempo para se dedicar à rádio em horário comercial, conforme afirma o próprio Alessandro de Mello Gomes. Ainda em relação às rádios, de acordo com a fala de Alessandro de Mello Gomes (2018, informação verbal), a rádio América, apesar de não ser secular, busca ir além dos muros da Igreja ao veicular notícias que não são restritas a questões religiosas.

Ainda sobre a ação despolitizadora da atual gestão da Arquidiocese de Vitória em relação às pastorais, essa realidade está presente, por exemplo, na falta de apoio ao Grito dos Excluídos, conforme relatado por Marina de Oliveira (2016, informação verbal), no primeiro capítulo. Criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1995, com apoio das pastorais sociais, sindicatos e movimentos sociais, o Grito dos Excluídos, no Espírito Santo, desde 2017 passou a ser realizado de forma independente da Arquidiocese. Em 2018, conforme dito no primeiro capítulo desta dissertação, na parte correspondente à observação participante, quem tomou iniciativa de convidar as demais pastorais, sindicatos e movimentos para participar da organização do Grito dos Excluídos foi a Pastoral Operária, única pastoral que tem participado das reuniões de organização.

Isso mostra a resistência dessa pastoral diante da postura despolitizadora da Arquidiocese de Vitória em relação às Ceb's e às pastorais sociais. Uma das orientações para a comunicação das pastorais é de que elas não tenham página no Facebook. Entretanto, não se pode dizer que o fato de a Pastoral Operária não seguir as orientações episcopais no que diz respeito à comunicação, pois tem um grupo no Facebook, por exemplo, também é uma forma de resistência. Outras pastorais também estão presentes nessa rede social. Outras orientações não são seguidas, por exemplo, o fato de não poder se aprofundar em um tema, de não poder promover reflexão. O próprio padre Gudialace Silva (2018, informação verbal) afirma que nos jornais paroquiais fica a critério do padre permitir isso ou não, o que contraria as orientações que, segundo Maria da Luz Fernandes (2018, informação verbal), são do bispo.

Ainda sobre a comunicação da Pastoral Operária, se pensarmos a comunicação para além dos veículos de mídia e incluirmos a folkcomunicação, os próprios círculos bíblicos são um importante instrumento de reflexão, bem como a Missa dos Mártires e a Marcha pela Vida e pela Cidadania, na qual os movimentos sociais e sindicatos, por exemplo, têm o direito de fala no carro de som para fazer diversas reflexões sobre suas pautas.

Como sugestão para a Pastoral Operária, a pesquisa aponta que os integrantes da pastoral e seus parceiros, que auxiliam na comunicação, necessitam de formação teórica, como leitura crítica da mídia, pois isso deve ser uma constante nos movimentos, e técnica também. Falta mais preparo para lidar com as redes sociais. Além disso, é mais interessante ter uma página do que um grupo. Também é preciso produzir os próprios materiais para tornar a página mais atrativa, com gifs, vídeos simples, mas bem editados; responder as mensagens de maneira instantânea, se inserir em grupos de temas relacionados e compartilhar neles o conteúdo da página e, inclusive, evitar conteúdos muito partidários.

Como as Comunidades Eclesiais de Base e a própria Pastoral Operária tiveram participação ativa na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), há muitas postagens no grupo que são extremamente partidárias. Uma coisa é o integrante da pastoral ser filiado ao partido, e ele tem esse direito. Outra coisa é utilizar o veículo de comunicação da pastoral para fazer propaganda do partido. Ainda em relação ao conteúdo postado no grupo da pastoral no Facebook, algumas atividades são priorizadas, como os eventos de análise de conjuntura, as rodas de conversa, o Grito dos Excluídos, mas nada se divulga sobre a Cooperativa de Blocos e a viagem para Aparecida, por exemplo, que é organizada pela pastoral quase que anualmente.

Essa realidade faz com que algumas atividades, como a Cooperativa de Blocos, possam acabar passando despercebidas. Isso vai ao encontro do que afirma José Antônio Martinuzzo (2014, Pág. 30), no segundo capítulo desta dissertação, de que na sociedade atual existir equivale a perceber e ser percebido na rede midiática. Logo, como forma de divulgar o trabalho da cooperativa e, até mesmo, atrair mais clientes, é preciso dar mais visibilidade a ela e as outras iniciativas da Pastoral Operária. Essa visibilidade deve ir para além das redes sociais, materiais impressos distribuídos em locais estratégicos e divulgação em mídias sindicais. O diálogo com os grandes meios de comunicação também deve ser feito. Entretanto, o integrantes da Pastoral

Operária precisam de formação teórica sobre o que é relações públicas, além de formação técnica: como escrever um release, para quem enviar, como enviar, etc.

Percebe-se que a Pastoral Operária desenvolve a sua comunicação sem nenhum apoio por parte da Arquidiocese, pois a instituição quer que as pastorais se encaixem nas orientações de comunicação já mencionadas. Ao contrário do contexto do período de 1977 a 1985, a Pastoral a Operária não tem apoio institucional, não tem sacerdotes acompanhando seu trabalho. Os principais parceiros da pastoral em relação à comunicação são os sindicatos, sendo importante buscar novas parcerias, principalmente em termos de formação, como Organizações não Governamentais que atuam na defesa da democratização da comunicação e universidades, que devem cumprir esse papel, promover essa troca de saberes junto aos movimentos sociais.

Percebe-se, ainda, que a Pastoral Operária não está presente no “chão de fábrica”, pois o perfil da classe trabalhadora mudou muito, por exemplo, com a ampliação do setor de serviços. A equipe hoje conta com aposentados e mulheres, poucos jovens, sendo que antes era bastante masculina e com trabalhadores ativos. É perceptível, por meio deste estudo, que a Pastoral concentra suas atividades principalmente em eventos de formação, análise de conjuntura e manifestações populares junto a outros movimentos sociais, sindicatos e pastorais.

Além disso o enfraquecimento da comunicação da Pastoral Operária se dá não somente em virtude de um projeto de Igreja que não mais deu apoio às mobilizações populares e, conseqüentemente às pastorais, mas também ao próprio contexto de enfraquecimento dos movimentos populares com a chegada do PT à presidência, conforme foi destacado no segundo capítulo por Eni Maria de Almeida (2016, informação verbal) e à realidade de individualismo exacerbado apontada por Milton Santos em virtude do neoliberalismo.

Milton Santos (2007, p. 38) afirma que uma das coisas que imperam no mundo globalizado é a competitividade, que abrange também a esfera do indivíduo. O outro, de acordo com o autor, deve ser removido por ser considerado um obstáculo. Portanto, conclui-se que diante desse cenário as organizações populares atraem menos pessoas, pois em uma sociedade cada vez mais individualista as pautas coletivas são deixadas de lado.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Wânia Malheiros Barbosa; COLBARI, Antônia; TOSI, Alberto. **Bancários – 60 Anos de História**. Vitória. Gráfica Ita. 1995.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **La Comunicacion para el desarrollo en latinoamerica: un recuento de medio siglo**. Colômbia. Disponível em <http://revistas.udem.edu.co/index.php/anagramas/article/view/1117/1090>. Acesso em 11 jan. 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação – A Comunicação dos Marginalizados**. São Paulo. Cortez Editora. 1980.

BETTO, Frei. **Comunicação Popular e Igreja**. In: Festa, Regina; Da Silva, Carlos Eduardo Lins. Paulinas. 1986.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos Meios e Mensagens – Introdução à Comunicação como Processo, Tecnologia, Sistema e Ciência**. Petrópolis. Editora Vozes. 1984.

BORGES, da Silva Rosane; FOLGOLARI, Maria Élide. Pascom – **A ação evangelizadora na Igreja à luz do Diretório de Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CARDOSO, Gustavo; LANY, Claudia. **Da Comunicação em Massa à Comunicação em Rede: Modelos Comunicacionais e a Sociedade de Informação**. Disponível em: http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/51_por.pdf. Acesso em: 18 nov. 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Cem Anos de Assessoria de Imprensa**. In: Duarte, Jorge. São Paulo. Editora Atlas. 2003.

CAMACHO, Idelfonso. **Doutrina Social da Igreja – Abordagem Histórica**. São Paulo. Loyola: 1995.

CARRANZA, Brenda. **Sob o Fogo do Espírito**. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (org) São Paulo. Paulinas. 1998

Carta Encíclica Quadragésimo Anno (Sobre a Restauração e Aperfeiçoamento da Ordem Social em Conformidade com a Lei Evangélica). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 02 jan. 2016.

Carta Encíclica Rerum Novarum (Sobre a Condição dos Operários). São Paulo: Paulinas, 1965.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COMISSÃO PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL. **Pastoral Operária – 10 anos a serviço da classe operária**. Rio de Janeiro: 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A Missão da Pastoral Social**. Brasília, Edições CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja**. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=87-25-as-comunidades-ecclesiais-de-base-na-igreja-do-brasil&Itemid=251. Acesso em 20 jul. 2018.

DADALTO, Maria Cristina, RODRIGUES; Márcia Barros Ferreira. **Migração e Violência: o ‘baiano’ na construção da sujeição criminal na RMGV do Espírito Santo**. Brasil. Disponível em <http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-7-1-Art7.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

DOCUMENTOS DO CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo/ Conselho Episcopal Latino-Americano. São Paulo: Paulus, 2004.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II (1962 – 1965) - [organização geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997.

FREI BETTO. **O que são as Comunidades Eclesiais de Base**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação para a Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1970.

GIANNOTTI, Vito. **História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro. Mauad: 2007.

GOHN, Maria da Glória. **500 Anos de Lutas Sociais no Brasil: Movimentos Sociais, ONGS e Terceiro Setor**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194>. Acesso em 10 jan. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo. Cortez Editora. 1994.

GONÇALVES J. ALFREDO, PE. **Doutrina Social da Igreja – História e Desafios**. Brasil. Disponível em <http://www.cefep.org.br/>. Acesso em 29 dezembro 2016.

GUERRIERI, Maurício Abdalla. **Teologia da Libertação**. Entrevista concedida ao Programa Soy Loco Por Ti, da Rádio Universitária da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Agosto de 2014.

GURGEL, Antônio de Pádua. **Dom João Batista da Mota e Albuquerque**. Vitória: Contexto Editora, Jornalismo e Assessoria Ltda, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação-Perspectivas**. São Paulo. Edições Loyola: 2000.

IAMAMOTO V., Marilda. **O Serviço Social na Contemporaneidade – Trabalho e Formação Profissional**. São Paulo. Cortez Editora: 2010.

KUNSCH, Luiz Waldemar. **O Verbo se faz Palavra**. São Paulo. Paulinas: 2001.

LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antônio da. **A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n122/0101-6628-sssoc-122-0275.pdf>. Acesso em 30 maio de 2018.

MAINWARING, Scott; KRISCHKE, Paulo. **A Igreja nas Bases em Tempo de Transição**. Porto Alegre. Centro de Estudos de Cultura Contemporânea: 1986.

MAIRE, Padre Gabriel. **Ecos de Vitória. Cariacica**. Gráfica e Editora Quatro Irmãos: 2016.

MARTINUZZO, José Antônio. **Os Públicos Justificam os Meios: Mídias Customizadas e Comunicação Organizacional na Economia da Atenção**. São Paulo. Summus, 2014.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História – 500 Anos de Presença da Igreja Católica no Brasil – Período Republicano e Atualidade**. São Paulo. Paulinas: 2003.

NETO, Manoel David. **Círculos Bíblicos – O Evangelho no Lar**. Vila Velha. Gráfica e Editora Quatro Irmãos. 2017.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais: Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro.** Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html

PAPA FRANCISCO. **Mensagem de sua santidade Papa Francisco para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais. Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor.** Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html

PAPA FRANCISCO. **Mensagem de sua santidade Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo.** Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco para o 51ª Dia Mundial das Comunicações Sociais - Tema: Não tenhas medo, que Eu estou contigo. Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo.** Disponível em

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20170124_messaggio-comunicazioni-sociali.html.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco para o LII Dia Mundial das Comunicações Sociais - Tema: A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz.** Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html

PERUZZO, Cíclia M. K. **Relações públicas no modo de produção capitalista.** S.Paulo, Summus Editorial, 1988. 3ª edição.

PERUZZO, Cíclia, M. Krohling Peruzzo. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação Popular e Comunitária. Comunicação e o conhecimento em experiências comunitárias.** Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/ideias_de_paulo_freire...com_identific.autoria...comp%C3%B3s2015_2753.pdf . Acesso em 14 nov. 2017.

PERUZZO, Cíclia, M. Krohling Peruzzo. **Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária Revisitados e as Reelaboraões no Setor.** Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/947/887. Acesso em 10 jan. 2018.

PERUZZO, Cíclia. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania.** In: Rolim, Renata (Org). Recife. UFPE. 2008.

PERUZZO, M Krohling Cíclia. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>

PERUZZO, M Krohling Cícilia. **Comunicação nos Movimentos Populares**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1.998.

PUNTEL, Joana. Decreto Inter mirífica – Grande Conquista do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo. Ática. 1993

ROSENDAHL, Zeny. **Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço**. In: CORRÊA, LOBATO ROBERTO.; ROSENDAHL, ZENY. (Org). Rio de Janeiro. EdUERJ: 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização – Do Pensamento Único à Consciência Universal**. São Paulo. Editora Record. 2007.

SINDICATO DOS EMPREGADOS EM ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS DO ESPÍRITO SANTO. **Sindibancários convida para a Marcha do Dia do Trabalhador e da Trabalhadora**. Disponível em: <http://www.bancarios-es.org.br/sindibancarios-convoca-a-categoria-para-a-17-marcha-pela-vida-e-cidadania-no-proximo-domingo-1-de-maio/>.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e Empobrecimento Urbano – O caso da Grande Vitória – 1950 a 1980**. Vitória: Grafitusa Editora, 2010.

VILELA, Dom Luiz Mancilha. **Comunidade Eclesial**. Vitória. Mitra Arquidiocesana de Vitória: 2013.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2009.

ENTREVISTAS:

ALMEIDA, Eni Maria de. Pastoral Operária. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Cariacica, 04 jun. 2016.

CONCEIÇÃO, Ana Lúcia da Rocha. Ferramenta. 2018. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Vila Velha, 08 maio 2018.

FERNANDES, Maria da Luz. Comunicação da Arquidiocese de Vitória. 2018. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Vitória, 05 abril 2018.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Ferramenta. 2018 Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo via Skype, 05 nov. 2016.

FIDÉLIS, Mônica Helena. Pastoral Operária Nacional. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo. Cariacica, 11.ag. 2016.

GOMES, Alessandro de Mello. Comunicação das rádios da Arquidiocese de Vitória. 2018. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Vitória, 15 mar. 2018.

LODI, Vereza Humberto Claudio. Pastoral Operária. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Vila Velha, 25 junh. 2016.

LOPES, Jardel Neves. Pastoral Operária Nacional. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo. Cariacica, 11 ag. 2016.

MACHADO, José Ferreira. Pastoral Operária. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Cariacica, 27 nov. 2016.

MARIANO, Kátia. Comunicação da Pastoral Operária. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Cariacica, 2 set. 2016.

OLIVEIRA, Gudialace Silva de. Pastoral da Comunicação. 2018. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Vila Velha, 19 mar. 2018.

OLIVEIRA, Marina de. Pastoral Operária. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Cariacica, 25 nov. 2016.

ROSÁRIO, Carlinda Januário do. Pastoral Operária. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Cariacica, 23 nov. 2016.

ROSÁRIO, José Lopes do. Pastoral Operária. 2016. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Cariacica, 23 nov. 2016.

SANTANA, Isaías. Pastoral Operária e Ferramenta. 2018. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo, Vitória, 15 maio. 2018

SILVA, Dauri Correa da. Marcha pela Vida e pela Cidadania. 2018. Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo. Cariacica, 20 jul. 2018.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

Entrevista concedida por Alessandro de Mello Gomes à autora da pesquisa

Primeiramente, nome completo e sua função.

Alessandro de Mello Gomes. Eu sou diretor executivo da Fundação Nossa Senhora da Penha, que é mantenedora da rádio América AM e rádio Líder FM, e também diretor executivo da RCR Espírito Santo. O que é a RCR Espírito Santo? É um guarda chuva que coloca todas as rádios, das duas fundações juntas. Ou seja, a 91,1, que é a América AM, da Fundação Rômulo; a 101,5 que é a Líder, na Fundação Nossa Senhora da Penha; e a 690 AM, que também é da Fundação Nossa Senhora da Penha, e a revista Vitória.

Tá. Me diz uma coisa, antes a Líder que era da Fundação Rômulo Neves Balestrero. Como se deu essa mudança?

Então, ela funcionava em 91,1. Quando a arquidiocese assumiu a 91,1 nós precisamos fazer uma série de alterações. Como o canal 91,1 é um canal educativo e o canal 101,5 estava comercial, nós resolvemos levar uma rádio secular, católica, porém secular, com música secular, para o canal 101,5 para favorecer as vendas, e trazer a católica para a 91,1.

Então a FM Líder se tornou católica porém secular?

É, ela é católica - todas elas são, as três - porém com programação secular.

Passando para a Fundação Nossa Senhora da Penha, e a AM ficou para a Fundação Rômulo Balestrero?

Não. Vamo lá, vamos repetir. A 91,1, a frequência, é da Fundação Rômulo. Lá está a Rádio América FM. Na Fundação Nossa Senhora da Penha nós temos a 690 AM, que é a América AM, e temos a Líder que é 101,5. Só mudou o nome.

E por que a arquidiocese assumiu a Líder?

Então, a Paróquia do Bom Pastor, que era responsável por fazer gestão da Líder, do canal 91, eles estavam com uma dificuldade para manter o canal. Todos os meses a Paróquia estava tendo de colocar dinheiro no canal porque não estava vendendo suficiente para manter, então todos os meses a paróquia colocava dinheiro para pagar a diferença, especialmente de folha de pagamento. E aí o Dom Luis assumindo, foi até um momento muito difícil porque a rádio passou a dever muito. Ela veio zerada de dívida, a Paróquia pagou tudo, não mandou para cá

com dívida. Porém, como ela não se pagava, já no primeiro mês ela passou a ter dívida. Aí no segundo mês, no terceiro mês... Isso só foi aumentando. A gente fez um trabalho para estancar esse problema. Ainda temos problemas, mas as coisas estão muito mais bem encaminhadas do que estavam. É um trabalho de formiguinha, porque a gente está num momento de crise também, né? Crise econômica e financeira, ética e moral no Brasil né. Então a gente está tendo um trabalho maior para estancar esse problema, mas a gente está trabalhando muito para isso.

Você acha que essa dificuldade também se devia ao fato de ser educativa e, né, o apoio cultural que se fala?

Sem dúvida. Vender apoio cultural é mais complicado do que vender comercial. Em que pese, Elaine, no mercado hoje nós temos várias rádios educativas vendendo comercial normalmente. Qual é a diferença do apoio cultural para o comercial? É que você não pode falar de promoção, não pode falar preço. Basicamente isso. Basicamente.

Não pode comparar com outros produtos, não tem isso?

Não, não pode comparar com outros produtos. No entanto, a linha é muito tênue entre uma e outra. Existem rádios- a grande maioria das rádios, eu diria - fazem normalmente. Nós não. Nós respeitamos a Legislação. Então a gente tem essa dificuldade. O apoio cultural não pode gerar lucro, já a vende de comercial pode gerar lucro, então... mas é muito tênue essa linha. É muito difícil até. A gente tem que ficar observando para não errar.

Me diz uma coisa, qual seria a diferença básica entre as três rádios em termos de programação?

Vamos lá. A rádio América FM é uma rádio que só toca música católica, tem uma programação religiosa muito forte, atingindo a todos os segmentos da igreja, não é uma rádio de um segmento. É uma rádio de todos os segmentos. “Ah, mas é programação católica, talvez ela esteja indo pra um lado mais de um determinado segmento”... É o que a gente faz leitura no IBOPE né. Determinado segmento tá querendo mais aquela música, mas determinado segmento da programação está voltado para outro segmento, e assim por diante. Por isso que eu digo que ela é uma rádio da igreja, não é uma rádio de um segmento. Mas de vários, dos vários. Ah tá, e ela é uma rádio forte de jornalismo. Eu diria até que, do ponto de vista subliminar, não proposital, mas acidental, o jornalismo é ainda mais importante - tanto do ponto de vista informativo quanto do ponto de vista formativo, do que é parte religiosa, vamos dizer assim. Eu digo isso porque a população, o ouvinte foi comprando isso. Ele mesmo foi levando para

esse caminho. A rádio América AM é uma rádio que tá em período de transição. Ela vai se transformar em FM. Vai passar pelo período de migração. Então ela por enquanto, ela basicamente repete a programação da América FM. A gente não vai mexer na programação por agora porque essa programação vai sofrer alteração. A rádio Líder é uma rádio que evangeliza também, porém ela só toca música secular e ela também tem jornalismo, mas jornalismo de uma maneira mais jovem, mais pop, com entradas mais soltas, mas é uma rádio também católica. Por exemplo, algumas músicas acabam não tocando, músicas que não dignificam a sociedade, músicas que têm algumas delas duplo sentido, músicas que atrapalham do ponto de vista da formação sociológica das pessoas, enfim... “Ah, é uma censura?” Tudo que você não toca é censura. Não adianta a gente ser hipócrita e dizer que não. Tudo que você não toca, tudo que você não faz é censura, mas a gente ideologicamente também tem que pensar no público que nós queremos atingir. Então é censurado por uma classe de público que eu quero atingir. Suponhamos: eu estou numa rádio classe A, B, que só toca internacional - eu não vou tocar música brasileira porque eu só toco internacional. Uma rádio que toca AM - opa, que toca MPB. Eu não vou tocar um funk na rádio que toca MPB, então a mesma coisa é na Líder e outras rádios católicas. A gente não toca determinada música porque atende determinado segmento.

Quais os principais estilos de música que tocam na Líder, por exemplo?

Sertanejo, principalmente sertanejo.

Exceto os de duplo sentido, por exemplo?

Alguns até tocam, desde que eles não firam a dignidade humana, desde que ele não tenha duplo sentido com relação a dissolução do casamento, fale mal de religião, fale mal do pobre. Que não seja - ou vou citar um exemplo, citar um sertanejo, alguns funks, até alguns pagodes, que tratam a pessoa de maneira abusiva. Coisa desse tipo

Você fala que é um jornalismo mais jovem. O que você quer dizer com jornalismo mais jovem?

Na verdade o jornalismo da América também é um jornalismo mais jovem né. Ele é diferente. Ele não é aquele jornalismo duro, que você vem e faz o bloco noticioso e vai embora. O jornalismo Jornal Nacional. Não. O jornalista entra no estúdio, ele bate papo com locutor... Muitas vezes ele passa até mais tempo dentro do estúdio. De manhã por exemplo tanto na Líder quanto na América as jornalistas passam o tempo todo lá dentro do estúdio, apuram de lá, e aí o tempo todo está entrando em diálogo com o locutor, e tá muitas vezes brincando com o

locutor. Não tem a Maju, do tempo? Aquilo ali. Solto. Leve. Dialogado. Bate-papo. Esse que é o jornalismo mais jovem. Jovem de jornalismo mesmo, não é jovem de pessoa, tá?

De ser algo mais solto, mais leve...

Isso.

Em termos de conteúdo, há uma diferença do jornalismo da Líder para o da América? Porque você fala que a América é mais religioso, né? Por exemplo, a rádio América seria mais cobertura de eventos católicos ou a FM Líder seria mais fora desse contexto de igreja?

Não. O jornalismo é o mesmo. O que difere é que na América entram mais conteúdos religiosos. Exemplo: nós saímos agora da Festa da Penha. A Festa da Penha é um conteúdo extremamente religioso e que tem muita matéria para a América, que não é o mesmo conteúdo que entra na Líder. Na Líder a Festa da Penha - claro, ela entra também como uma festa religiosa, mas ela entra mais como cultural. Religioso-cultural. Mas não deixa de ter matéria da Festa da Penha. Na América ela tem mais característica religiosa. Lá na Líder ela tem mais característica cultural.

Fora das temáticas religiosas, quais as principais que vocês costumam abordar em termos de jornalismo?

Atualidades, tudo que a gente tem de factual a gente tá trabalhando, e campanhas, programas especiais, programas jornalísticos, né, especiais como por exemplo fizemos um a pouco tempo sobre o aborto, fizemos um sobre a violência. Esse do aborto ele foi até pra rede nacional, e concorreu a prêmio também. Fizemos um... teve um agora recentemente... Foram vários né. Vários assim especiais. E coberturas que a gente costuma priorizar também, por exemplo “ah, tem coletiva do governador” - “vamo lá”; “ah, tem coletiva do prefeito tal” - “vamos ver se vale a pena ir lá”. A gente vai avaliar também, porque nem tudo a gente vai cobrir né. Exemplo: tem uma da prefeitura de Vitória hoje, uma coletiva, que não vale a pena ir. É pro prefeito falar de uma ordem de serviço de um determinado parque, então a gente não vai lá cobrir. É isso. É nessa linha.

Você avalia que vocês mesclam bem religião e situações fora desse contexto religioso, como você acha?

Não, mescla bastante. O jornalismo de religião, em que pese na América ele ter um apelo forte, mas ele não é o único e ele não pode ser só ele. Até porque quando eu falo de economia eu to

falando de religião. Quando eu falo de política eu to falando de religião. Quando eu falo de cidades eu estou falando de religião. Quando eu falo de mobilidade eu estou falando de religião. Do ponto de vista do sentido filosófico e antropológico da religião tudo o que a gente fala que serve para a sociedade como bem, tanto bem material ou bem imaterial ou até o bem emocional da pessoa, isso é falar de religião. Essa é a igreja de Jesus Cristo. Eu não preciso literalmente trazer uma reflexão das cartas de Paulo, por exemplo, eu já estou refletindo Paulo quando eu ajudo a fazer o bem para outra pessoa, quando eu informo. Rui Barbosa fala que a imprensa é a vista da nação, né? É por ela que a gente enxerga o mal ou o bem. Então isso aí já é fazer religião.

Quando você fala dos segmentos religiosos, de que tem espaço para todos os segmentos, você fala pelo IBOPE. Como você caracteriza pelo IBOPE quais os segmentos que mais ouvem?

Olha, eu diria pra você que está mesclado, mas o segmento que mais ouve a rádio que mais tem apelo, são esses segmentos mais novos da igreja. Alguns movimentos mais novos, a renovação carismática, várias das comunidades de vida e aliança, mas nada que não tenham outros grupos, né? As Ceb's por exemplo que estão ligadas na rádio América. Mas elas, por si só, participam menos, exigem menos, procuram menos, participam menos. E os outros grupos nos procuram mais. Participam mais. Eu diria que com relação às sebs, a gente tem que ir mais atrás deles do que eles vêm para trazer notícia para a gente.

E a que você atribui isso?

Olha, é até difícil dizer. Eu vou falar uma opinião muito particular minha, né. Eu acho que lá atrás houve um problema grande com as rádios - acho não, houve né. Eu estava aqui logo depois da fundação da rádio. Eu estou falando de 20 e tantos anos atrás - 26 anos. Eu estava aqui e quem tinha maior participação eram as ceb's. O movimento mais progressista da igreja era o que mais participava das rádios. Depois eu já não estava aqui, num outro momento houve uma mudança e o movimento que mais estava a frente foi o movimento carismático. Aliás eu diria que basicamente era o movimento que estava a frente. Depois houve uma mudança novamente aí nenhum dos movimentos. E foi quando Dom Luis me chamou, numa terceira fase para tentar juntar todo mundo. Eu te digo, a gente tem mais dificuldades para juntar as sebs do que os outros. A gente busca pessoas para entrevista, aí tem dificuldade; a gente busca fazer programas, e tem dificuldade, e os outros grupos chegam e propõe, mesmo que a gente não procure. Os outros grupos chegam e propõe, apresentam projetos... E como eu falei, a igreja é

de todos, a rádio é da igreja. A gente não nega projeto, a gente tenta adaptar as coisas para que fiquem dentro de uma regularidade daquela proposta que a gente tem para a rádio, para a rede né, mas os outros grupos procuram mais do que os grupos de sebs.

Você pode me falar um pouco dessas tentativas?

De procurar? Por exemplo, padres para dar entrevista, para participar da programação: é sempre mais difícil. É sempre mais difícil. A Associação dos Amigos da Rádio América, que é algo importantíssimo para manter financeiramente - os outros segmentos têm abraçado mais do que os segmentos de cá. E a gente precisa de dinheiro para sobreviver. É muito difícil. As paróquias contribuem com 3% da renda de arrecadação, mas não é o bastante. Isso dá cerca de 65 mil reais, variando aí entre 65 e 70 mil reais, e nós gastamos 200. Isso com a rádio enxuta. E de comercial hoje por causa da crise entra 30 e poucos mil apenas, né? Por causa da crise. Então a gente precisa muito desses apoios. Exemplo: eu vou pegar um exemplo claro - Mães que Oram pelos Filhos, que é um movimento que cresce hoje no Brasil e no mundo. As mães que oram apresentaram uma proposta de programa. É um programa altamente vendável, do ponto de vista financeiro e do ponto de vista do público. A gente fez uma mudança para que ele seja mais social, então ele tem uma parte de reflexão formativa, é formação para mãe e para o filho. Formação que caminha mais no sentido catequético mesmo e tem uma parte de oração. Por exemplo, os grupos falam em línguas e tal, no programa não. Então eles têm essa responsabilidade com essa linha da rádio também. Um programa que eu fiquei muito triste que acabou foi o programa do Cebi. Muito triste, muito triste. Porque ele era um programa, Elaine, e você conheceu de perto, né, que precisava ir se moldando, se ajustando, mas infelizmente o grupo não teve pernas. E aí eu também faço essa análise - o povo que está ligado aos movimentos mais progressistas tem menos pernas que as outras pessoas, dos outros grupos, desses grupos mais jovens né que a gente encontra na igreja. Menos pernas.

Menos pernas em que sentido você quer dizer?

Para trabalhar mesmo, porque já estão abarrotados de trabalho. Quando eu digo menos pernas é isso. Tem muito trabalho. Então os outros grupos parece que tem mais gente à disposição para fazer, vamos dizer assim né. E a gente sabe que esses outros grupos também têm esse problema. Então eu vou citar como exemplo esse do sebi, que eu sempre achei ser um programa espetacular e de que a gente tava fazendo uma proposta de moldar esse programa para que ele já se transformasse num modelo FM. Eu espero que volte, em breve, para que a gente possa ter essa reflexão social.

Existe a possibilidade de voltar?

Existe toda a possibilidade, já na FM inclusive. Toda possibilidade.

Se alguma pastoral quiser sugerir programa, é possível?

É possível, tem espaço. Para todas as pastorais. Para todas. Quem dera se todas procurassem para ter uma... uma pontinha de programa.

Mas assim, o fato de ter gravações em horário comercial, você não acha que dificulta muito? Porque as pessoas trabalham, é complicado.

Então, hoje é uma tendência esse tipo de gravação, porque eu agora mesmo dei uma consultoria para uma rádio lá de Volta Redonda, e lá eles viram que a tendência era essa, fazer muita coisa gravada. Estou indo nesse final de semana para uma cidade chamada Capelinha, lá em Minas - fica a 7 horas de estrada lá do aeroporto de Belo Horizonte. E vou para o Acre no final do mês. Todo mundo tá sentindo que a tendência é essa. É uma tendência de gravar. Por que? O custo do ao vivo está muito alto. Especialmente para os programas de finais de semana. Os programas do meio de semana são mais fáceis, mas os dos finais de semana e os da noite, o custo tem ficado muito alto. Como eu falei, a gente tem um custo de 200 mil por mês. Então, quando a gente coloca na ponta do lápis, tem que ir diminuindo custos mesmo. Dificulta, concordo com você. Dificulta para as pessoas virem gravar, mas hoje é uma tendência por causa da crise financeira. Não só nossa, tá? Várias rádios, as grandes, tão gravando final de semana.

Mas por exemplo, a gente estava gravando em dia de semana, isso que dificulta...

Não, não, gravando para o fim de semana.

O que me parece então é que os grupos mais novos, como os de renovação carismática, têm grupos maiores, vamos dizer assim, e gente com disponibilidade para estar tocando esses projetos.

É o que eu entendo.

E os grupos de Ceb's têm grupos menores hoje em dia. Grupos menores, com pessoas que já tem uma série de outros compromissos e que não tem essa disponibilidade toda. Então isso seria o fator dificultador, no caso?

Eu acho que é o principal fator. Eu estou para fazer uma reunião, Elaine, eu vou até adiantar aqui, pra você, chamar esses grupos mais ligados às Ceb's, para nós fazermos uma conversa,

fazermos um bate papo. E eu tenho uma proposta para fazer para esses grupos para ocuparem boa parte da programação. Mas vai depender das pernas que a gente vai ter para fazer. A programação a gente mexe, a gente vai até fazer uma mexida agora, e essa reunião vai ter que acontecer antes dessa mexida, possivelmente até o final do mês. Eu vou pedir uma reunião com um determinado grupo, em muito especial com as pastorais, para que a gente possa discutir sobre a possibilidade de a gente fazer algo diferente. E eu tenho até sugestões para isso já.

Me diz uma coisa, você tem autonomia para trabalhar aqui na rádio, mas quais são as orientações vindas da arquidiocese? Você tem uma política de comunicação, como é?

Tem política de comunicação. Tem um documento de Dom Luis com as diretrizes para a comunicação. Dom Luis, mesmo no documento, ele deixa bem claro que é muito à vontade para a gente trabalhar, mas ele diz “olha, o caminho é esse”. Vou resumir aqui né o que tem no documento: os veículos de comunicação são para divulgar questões da igreja, mas também questões sociais. Temos por obrigação cobrir os eventos da igreja independente de qual movimento, enfim, cobrir os eventos da igreja. Seremos uma rádio católica que fale para o povo, e uma rádio mais paulina do que petrina. Ou seja, que nós sejamos mesmo os novos areópagos da comunicação, mas que não esqueçamos a parte petrina da igreja. É juntas essa parte social com a questão mística, com a religião... com a religião não, com a oração. Enfim, mas que não esqueçamos, ela é mais paulina do que petrina.

A revista Vitória também é de responsabilidade sua?

Não, a revista Vitória nós temos aqui a parte administrativa e comercial dela. A parte editorial é com a Maria da Luz.

Tem mais alguma coisa que você acha importante falar sobre a questão das rádios?

Então, tem uma coisa nova, que está surgindo agora. Diante dessas dificuldades financeiras advinda da crise mundial e diante do processo de migração para a FM, que é algo extremamente caro - primeiro o orçamento ficava em 800 mil reais, a gente parte do ideal para o possível, né? E, chegamos, diminuímos aí para 400, 450 mil. Diminuindo um pouco qualidade de equipamentos, reaproveitando alguma coisa, enfim, não o ideal, mas o possível. Ainda assim é muito caro, né? E nós andamos pensando sobre a Fundação Rômulo, os problemas financeiros dela, e aí nós definimos, o conselho da Fundação Nossa Senhora da Penha, juntamente com o pessoal da Fundação Rômulo e com o Dom Luis, né, os dois conselhos, as duas fundações e o Dom Luis, decidimos por vender a AM. Então a conclusão que nós chegamos foi: nós realmente

não precisamos de três FMs para fazer o trabalho de evangelização, com duas nós faremos muito bem esse trabalho de evangelização. E aí definimos por vendermos uma. A empresa, o grupo que tá comprando, que é do norte do estado né, eles têm rádio lá, eles pediram que ao comprar o AM, que nós cedêssemos a Líder para eles, eles arrendariam a Líder por dois anos e meio, até fazer a conversão mesmo, eu acho que não vai chegar a dois anos e meio. Avaliando a proposta comercial deles, é muito boa para a gente. E como a gente tá dando uma mexida na América agora, de programação, financeiramente a gente paga todos os problemas de dívidas, a gente faz a mexida que precisa na América, faz publicidade dessa rádio, que hoje está crescendo muito no IBOPE. Faz publicidade num momento de crise que ninguém está fazendo publicidade de rádio, a gente bota a rádio na rua, faz promoção, aumenta a audiência dela, e a gente consegue daqui a pouco retomar a outra FM e estender esse nosso projeto de evangelização. Na verdade com a Líder vai ser uma parada, entre dois anos e dois anos e meio, enquanto a gente reorganiza os problemas financeiros advindos da Fundação Rômulo.

Me diz uma coisa, quem quiser divulgar as ações na comunidade, das pastorais, dos seus grupos, como faz?

Pode nos procurar, pode procurar o Rodrigo Boltinho, pode procurar a Vanuza Fernandes, pode procurar o departamento de jornalismo, todos nós estamos à disposição. Pode ligar para o 3198-0850 ou pode encaminhar email para agenda@escuteamerica.com.br.

E essa reunião com os grupos das sebs, tem alguma previsão?

Eu quero fazer até o final do mês. Não sei se vai dar tempo.

Abril?

Abril. Talvez esteja ficando muito em cima, mas eu pretendo fazer até o final do mês. Ou na primeira ou segunda semana de maio.

Obrigada.

De nada.

Entrevistas concedida por Ana Lúcia Rocha Conceição à autora da pesquisa.

Nome completo, por favor.

Ana Lúcia da Rocha Conceição.

Me diz uma coisa, Ana Lúcia, como se deu a sua participação no Ferramenta, especificamente?

Se deu quando eu entrei na Pastoral da Juventude do meio popular e depois a Pastoral da Juventude geral. E aí eu participava de uma equipe de comunicação da Pastoral da Juventude, que era uma equipe que colaborava também com o Ferramenta. Então algumas informações, colaborávamos juntos porque funcionava tudo no mesmo espaço na arquidiocese, na Caritas de Vitória. Em 84 surge a Pastoral da Juventude, e aí se cria uma secretaria, e na secretaria uma equipe de comunicação.

Essa equipe de comunicação foi criada em 85 então?

É, entre 84 e 85. Foi nesse período aí. Então essa equipe de comunicação criou, tinha o jornalzinho O Desafio, e aí o Ferramenta. Quer dizer, o Ferramente, era um jornal assim que todo mundo, todas as pastorais sociais contribuía com uma informação ou outra. Para ser mais exata, por exemplo, 85 foi o ano internacional da juventude, então houve grandes mobilizações. Então a gente contribuía assim, com a participação efetiva. Tem sempre umas informações lá no Ferramenta das ações promovidas.

Como funcionava a Secretaria de Comunicação?

Era uma equipe né. Tinha a arquidiocese, que tinha um setor de comunicação, que tinha um jornal, e aí o Paulo Soldatelli, que era um dos jornalistas, e idealizador do Desafio, que era um jornalzinho que tinha na Pastoral da Juventude. Então ele colaborava com informação e a gente escrevia e ajudava na edição e aí por sua vez sempre era procurada, ou seja, era referência das secretarias da Pastoral da Juventude para os outros instrumentos né, como o Ferramenta.

O Ferramenta então acabava servindo assim de divulgação de trabalhos, de atividades de outras pastorais, né? Principalmente no que se referia a questão do trabalho, da realidade da juventude no mundo do trabalho.

Isso. Porque assim, existia a JOC - Juventude Operária Católica - que tinha uma sala também na arquidiocese e a Pastoral da Juventude, então se dialogava. Era muito interessante que no momento do café vinha a equipe do Ferramenta e falava “olha, o Ferramenta tá montando”, pedia ou sabia alguma coisa que ia acontecer, então já tinha aquela referência, aquela ligação. E aí era meio que automático assim. “Vai acontecer tal coisa”. Vou dar um exemplo: em 85 a gente organizou o Encontro da Juventude do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que a gente chama de noroeste 2. Aí a nossa função era informar, divulgar, passar o que estava acontecendo. Essa era a função da equipe de comunicação, que era formada por jovens daqui de Vila Velha, de Cariacica, de Vitória, mais exatamente ali na região de São Pedro e da Serra. Então era o núcleo assim que articulava essas informações.

Quem chegava lá na hora do café normalmente era o Padre Gabriel ou tinham outras pessoas?

A hora do café era aquele grande encontro assim. Tinha a irmã Elza, que colaborava na pastoral operária, era assessora da pastoral operária, colaborava também. Tinha o Isaías e na Serra tinha o... está me fugindo a memória aqui, mas tinha o Rosenberg e o outro, que também era da Pastoral da Juventude.

Acho que eu sei quem é. É um advogado hoje, né?

Isso. Que colaboravam porque estavam próximos ali. O Isaías era militante do antigo sindicato da construção civil, que agora é o setracon, e o Rosenberg era funcionário. Aí tinha... Quer dizer, uma coisa puxava a outra. Então nesse momento do café acabava se encontrando e aí acabava sabendo da pauta. A pauta era a equipe do Ferramenta, que tinha essas referências de quem buscar para conversar. Por exemplo, da JOC tinha o José Gomes, então tinha esse contato assim legal com o Padre Gabriel e entre a gente e eles. Então assim, a gente não tinha especificamente a Pastoral do jovem trabalhador tal, mas a JOC tinha essa referência quanto a questão operária, da juventude operária. Então circulava, então se permitia, e Gabriel, pela personalidade dele tinha essa facilidade de envolver todos os segmentos nessas informações. Então a gente meio que... dava a tarefa e dizia “olha, vocês precisam ter alguma coisa de tal... vai acontecer tal coisa”, então ele como representante da social então ele buscava, e a gente conseguia produzir e dialogar entre.

Pela personalidade dele, pelo carisma dele...

O carisma dele né. Então quer dizer, sentava para a gente produzir uma informação e para ir para o Ferramenta. E como era fechado mensalmente, então era aquela correria ali no sentido... o tempo para fazer as coisas. E se não me engano a impressão era feita ali mesmo, que tinha uma gráfica né a diocese em Vitória. As coisas funcionavam muito juntinhas ali, tudo próximo. Por exemplo, no caso do movimento de mulheres, que depois eu comecei a participar e a me aproximar, sempre tinha uma questão do 8 de março, e aí quer dizer eu pude conviver com o Gabriel nessa questão no Movimento de Mulheres que ia para o Ferramenta algumas informações. Em 88 e 89. Sempre tinha alguma coisa do 8 de março, aliada à luta das mulheres, em especial as mulheres de Cariacica. E aí ele sempre colocava essa autonomia das mulheres, que tinha que ter e tudo, não tinha que ser... pra não estar atrelado a ninguém. Mas aí sempre a gente buscava, tanto aí que eu passei a ser uma das colaboradoras pelo Movimento de Mulheres de Cariacica, então assim, algumas informações que você encontra no Ferramenta, aí era aquele Movimento de MULheres de Cariacica, que era de Castelo Branco, Jardim Botânico, Porto Santana, então a gente conseguia nas nossas pautas sempre ter alguma divulgação. Ir para o jornal ou trazer o jornal. O jornal, o Ferramenta, era um instrumento, um material educativo, formativo, de estudo para os movimentos. No caso a Pastoral da Juventude e mais ainda no movimento de Mulheres de Cariacica.

E em relação ao Movimento de Mulheres, eu queria saber o seguinte: o Ferramenta contribuiu com a formação desse movimento? Eu queria que você me falasse um pouco sobre isso.

Sim, porque como é que foi... Era chamado Movimento de Mulheres de Periferia. Aí era muito próximo Sebi, as comunidades eclesiais de base e as mulheres.

Independente dessas mulheres serem católicas ou não?

Você tinha um grupo maior que era católico. Então, como o Gabriel atuava no que era chamado setor 3, alguma coisa assim...

Porto Santana...

É, você tinha o setor de Porto Santana, e o lado de Campo Grande tinha um setor que era maior, mas Gabriel trabalhava muito com as mulheres de Rosa da Penha, Castelo Branco, Jardim Botânico. Era o nicho, né, o núcleo forte. Então o Ferramenta, o Gabriel, ele trazia as mulheres, e boa parte dessas mulheres não sabia escrever. Sabiam ler, mas algumas não sabiam escrever.

Então aí se reunia muito, como a casa dele era ali em Vila Palestina, a Nair, que era uma das militantes do movimento de mulheres e colaboradora dele e amiga pessoal dele, então sempre tinha essa ponte. O material chegava, então assim, o Ferramenta tinha duas ações: a da gente levar as informações, fazer circular as informações, e aí o Gabriel impulsionou com o Ferramenta a criar um jornal para o Movimento de Mulheres. Num estilo parecido com o Ferramenta, que era o Mulheres em Ação. Aí criou esse jornal onde as próprias mulheres produziam os textos, as informações. Chamava Mulheres em Ação. O Jonas trouxe até um exemplar para você dar uma olhada. Você percebe que assim, claro que como a equipe do Ferramenta era uma equipe que tinha esse auxílio de jornalista, Paulo Soldatelli, o Davi Proti e o Anselmo. O Anselmo criou o BEABA, que era uma editora deles. Então eles três auxiliavam assim. Eles eram funcionários da arquidiocese, da comunicação, e auxiliava o Ferramenta. Só que aí o jornalzinho Mulheres em Ação, de Cariacica, ele tinha um fazer artesanal, não tinha toda aquela questão elaborada quanto o Ferramenta. Mas o Movimento de Mulheres de Cariacica tinha o seu jornal, que circulava de dois em dois meses, mimeografado com aquela antiga... Mimeógrafo não, mas aquela impressora, aquela gráfica, aquele tinteiro, preto e branco, e era isso. Mas circulava, então isso era muito bom. Circulava entre Cariacica e Viana, que tinha um núcleo lá em Vila Betânia, que era tudo junto Cariacica e Viana. Então era Canaã e Vila Betânia. Então isso permitia circular as informações até... Por isso que eu falo, é muito parecido no sentido assim, até o formato do jornal, permitiu fazer isso. Então assim, o Ferramenta ele era um boletim, ajudava a mobilizar, no sentido das campanhas, as campanhas sindicais. Muita gente colaborava nos sindicatos e na eleição de uma diretoria, ou chamar as pessoas né pra votação. Principalmente o Sindicato da Construção Civil, o Sindicato dos Motoristas, que era muito oposição né. Mobilizava.

Mobilizava mesmo, para chamar para votar na chapa na eleição...

É, aí no processo da Constituinte, de assinatura, de mobilizar, de fazer os ciclos de debate, para a discussão das eleições. Então o Ferramenta era um material assim muito... E aí por causa do Movimento de Mulheres foi muito presente, tanto de dar visibilidade para dentro do Ferramenta quanto para fomentar, enquanto conteúdo mesmo. Formativo para as mulheres, para os grupos de base.

Por exemplo, o Ferramenta, pelo que as pessoas falam, ele era muito além de ser um conteúdo informativo, ele era formativo. As pessoas além de ler se reuniam em grupos para discutir aquilo ali dentro do método ver, julgar e agir.

Isso.

Nessas formações, dentro do método ver, julgar e agir, posso dizer que surgiram ali associações de moradores, grupos de mulheres...

É, surgiram. Grupos de Mulheres, vários grupos de base da Pastoral Operária. Tinha a irmã Tereza, que morava em Nova Brasília...

Já ouvi falar bastante. Irmã Rufina?

Isso. E a irmã Rufina. Na região que eu morava elas eram referência. Fomentavam esse debate né e circulavam essas informações. Foi muito importante nesse sentido. Para uma época em que a tecnologia de comunicação, de informação era impressa, então isso permitiu. E ao alcance de todos. Digo assim, ao alcance de todos que eu digo letrados e não letrados.

Letrados e não letrados. Os não letrados até pelos debates...

Os debates e mesmo que... Os desenhos e tudo, as pessoas se viam representadas, visualizadas naqueles conteúdos e tudo mais. Isso é bacana. Tanto que assim, até 87 a Pastoral da Juventude do Meio Popular, que ela existe até hoje mas não aqui no Espírito Santo mais, só no Nordeste, ela chegou num momento que ela até parou de existir em função de ser... Assim, para a própria forma como a igreja foi... Eu lembro que foi um ato e Gabriel... mas dizia assim: “olha, não dá, então é melhor cada um ir para suas ações”. Uns foram para o Movimento de Mulheres, outros foram para uma luta mais sindical, outros de bairro. Então assim, o Ferramenta ele tinha essa... E aonde que ele chegava? Nesses bairros, nesses locais que é referência. Hoje você tem lá Jardim Botânico, que é a região lá de Castelo Branco, o Vale dos Reis e Porto Santana. Isso em Santana, o bairro de Santana também que é Penha, Isaías, agora... Então aquele núcleo ali. E Nova Brasília foi um dos primeiros lugares a ter a... Com a saída das irmãs... Com a morte do Gabriel, o Ferramenta, assim, a própria dinâmica depois de 89 foi tendo uma retração. Se buscou... Mas aí depois em 88 pra frente eu me afastei por outras questões, mas aí o Ferramenta parou de ser aquela coisa assim circulante em todos esses espaços.

Você é da Amucabuli, né? A Amucabuli veio dessa origem?

Sou.

Do Ferramenta, dessas questões...

Sim. Pois é, o Ferramenta... O Gabriel, ele defendia que tínhamos de ser grupo de mulheres sem precisar sem personalidade jurídica. Mas, no passar do tempo, a gente teve de se posicionar. A Vicabule surgiu dessa luta toda. Ela passa a ser gestada a partir de 87, e aí ela ganha esse nome jurídico em 90. Em 92, no auge da Constituinte na sua operabilidade.

Só que ela está fora desse eixo que você falou aí.

Ela está fora. Ela até 89, até 90... A Amucabule foi fundada quanto instituto, como instituição, lá em Jardim América. Lá na Igreja Passionista. Mas ela funcionava inclusive em Vera Cruz. Quando ela sai de Vera Cruz, por uma questão de ameaça, assim... O cenário em função do assassinato do Gabriel retraiu muito a gente. Então, aí, por uma necessidade foi para Jardim América. E lá, nesse processo, se constituiu como uma associação. Mas foi por uma questão governamental.

Você pode falar um pouco mais sobre esse jornal da Pastoral da Juventude que você falou no início?

Do Desafio? O Desafio era um jornal mantido e organizado pela secretaria da Pastoral da Juventude do Meio Popular, e ele funcionou até 87. O auge dele que eu peguei foi 85, 86, e ele finalizou em 87. Aí depois veio o jornal da Pastoral da Juventude Geral, como era chamada na época. Então esse jornal ele tinha informações do chamado Leste 2, que era o Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. E aí a secretaria funcionava aqui, aí tinha informação daqui do estado, do interior... Esse jornal fomentou a criação da Pastoral da Juventude Geral, da arquidiocese. Coisa que ficou um bom tempo. E aí com o tempo começou a ser nagada por algumas pessoas porque achavam que a PJ era muito esquerda. E era. E a gente pagava um preço muito alto. Então esse jornalzinho dava conta de o método ver, julgar e agir, tão difundido nas formações... Ele é muito falado, é muito explicado dentro do Desafio. Então assim, o método ver, julgar e agir, como que a juventude... E aí vivenciar aquela prática ali, aqueles processos de ocupação. Aí você tem as realidades, no caso aqui em Vila Velha, em Santa Rita, a realidade de São Pedro, a ocupação de São Pedro, e em Porto Santana mais aquela região de Flexal. E então tem esse olhar para a realidade. E aí como tinha, além de ter... Porque assim, um dos ganhos que a arquidiocese tinha era o setor de comunicação. Que aí você tinha os arquivos, que eram... O Claudio Vereza, que atuava, né, catalogando todos os jornais, e eu tive

o privilégio de ser estagiária durante esse tempo assim, uns dois anos, lá naquele setor. As informações para manter o jornal assim, a partir de um ponto de referência ou retomar um... Esses arquivos na comunicação colaboravam muito. Então as pessoas tinham uma militância. Tinha um profissionalismo mas tinha esse carisma também que ajudava bastante.

Me diz uma coisa, você ainda vai à igreja hoje?

Olha, eu vou pouquíssimo. Eu vou para eventos. Eu não tenho atuação mais na igreja. Em termos religiosos, eu tenho uma outra prática religiosa, mas assim, no bairro e tal, na região, eu tenho lá as comunidades e tudo, mas eu não tenho hoje, até a Pastoral da Juventude fez, em 2013, um encontro chamando uns “Pejoteiros”, que nós éramos chamados assim, para o encontro. Aí o Paulo Soldatelli, o Giovani, Leila... pessoas que passaram pela PJMP e foram protagonistas dessa luta aí. Tinha pessoas que vieram da JOC, passaram pela PJMP, foram para a PJ Geral. Aí fez uns dois encontros, se identificou que boa parte das pessoas dessa PJ não estavam na igreja, e aí sempre lembrando das ações que faziam. E uma parte dessas pessoas estão na educação. Ou no ensino superior ou gestores e tal. Então, aí identificou que PJMP ela teve né, assim... Mas aí achou que não valeria a pena continuar reunindo só pelo saudosismo. Ou era reunir para fazer uma ação coletiva ou... Se pensou como proposta retomar essa memória – qual foi o legado deixado pela PJMP? Mas não foi a frente. E, recentemente, a PJ Geral tentou fazer isso, mas também não deu muito certo. E ficou. Ficou um tempo aí, e aí assim, os escritos, os materiais... Se hoje me perguntarem o que é PJ Geral eu não sei.

Como você enxerga a Igreja Católica hoje?

Ela está tentando retomar alguns pontos, algumas pautas, mas ela tá percebendo que não é em todos os lugares. Tem lugares que estrategicamente a Igreja Católica está se aproximando, mas a preocupação assim com a estética, com o ritual não tem atraído tantas pessoas. Uma efetivação das pessoas. E também essa dinâmica de outros espaços religiosos aumentou, e aí eu penso que ela está se reinventando, mas retomar essas pautas ou esses espaços de luta... ela até tenta, alguns religiosos tentam, mas outros não conseguem. E as religiosas que tinham uma efetiva participação, elas estão diluídas, não estão... Na época Cariacica, não todas, mas aquelas que tinham uma atuação, aquelas comunidades não estão mais. Você tem obrigação religiosa lá mas elas estão mais isoladas, não estão no meio lá... Eu vejo a participação... Ela até se esforça, mas a Igreja Católica está muito cautelosa, com uma certa dificuldade para estar inserida aí nesses espaços.

Para você qual foi o significado do Ferramenta?

Olha, foi um significado assim... Hoje eu sou professora, há 24 anos sou professora de História. Então isso teve um significado muito grande na questão do aprendizado, de conhecer o Espírito Santo, que eu morei no Rio, e mais ainda assim... foi demarcar território. Olhar para a realidade e se posicionar enquanto cidadã, enquanto pessoa que fica indignada com a realidade mas tenta questionar. Mais numa perspectiva de comunicação popular, esse é que é o... Porque comunicação popular é um termo que deu vida aí. E assim, de uma certa forma, na Micabule tem... Um ponto é o saudosismo, que eu acho necessário, de lembrar e retomar esses momentos, que o Ferramenta impulsionou, até para poder dar novos ares para essa luta. Essa luta que parece estar diluída mas não está, ela está modificada. Eu acho que o Ferramenta, de uma certa maneira, provocou uma mística. Mística não só no sentido religioso, mas uma mística da importância dessas lutas, que elas dialogam. Não é aquela coisa “meu movimento pra lá”, “meu movimento específico para cá”. Não. Ela permitiu que as pessoas circulassem e olhassem que a luta do outro não é menor do que a minha, e a minha... Não. Dialogavam, tanto que permitia em alguns momentos ter uma ação mais conjunta.

O que significou o Ferramenta para melhoria assim na vida das comunidades populares e determinadas categorias profissionais?

Assim, no fortalecimento, a formação mesmo que o movimento sindical né mais específico. Mas o Ferramenta conseguia chegar naquele trabalhador, aquele trabalhador que não estava numa categoria sindical específica, mas aquele trabalhador lá do bairro da seb que chegava de noite e ia na igreja para o círculo bíblico, e alguém ia distribuir o Ferramenta. O Ferramenta não era uma distribuição em massa, mas era uma coisa pontual que pedia e possibilitava a autoformação e a formação coletiva dos grupos das comunidades. Possibilitou o despertar mesmo. O famoso ver, julgar e agir dentro de uma realidade que era muito complexa.

O que significou o Pe. Gabriel?

Uma pessoa que incomodava. Todo mundo e em todos os sentidos. Ele incomodava porque tinha uma postura extremamente radical. Tinha hora que a gente não entendia. Gabriel, o que você está falando? Onde você quer chegar com isso? Então assim, não entendia, não entendia num sentido tipo assim – ele estava olhando lá 20 anos à frente e a gente “espera aí, não dá, não vamos avançar agora não vamos nos desafiar”. Mas incomodava nesse sentido “olha, vamos fazer alguma coisa agora”. Então o senso crítico dele permitia assim... Fazia a gente acelerar. Mas ao mesmo tempo assim permitiu fortalecer o grupo. Então ele não pensava na coisa macro,

mas as coisas nucleadas. O que a gente chama hoje de saber popular – a circulação desse saber. Mas isso foi gradativamente assim... Só conseguiu ser absorvida mais tarde quando você vê algumas instituições, até mesmo a Pastoral Operária, não ter acabado de vez ainda. Tem núcleo, ela permanece ainda hoje. Assim, a persistência de pelo menos uma vez ao ano as pessoas se encontrarem. E o próprio Movimento de Mulheres, lá em Cariacica. A Pastoral da Juventude não foi tanto isso. Permitiu isso, esse encontro, esse ser inquieto com as coisas. Contaminou de uma forma encantadora, mas do jeito dele, as pessoas para que elas continuassem. Algumas pessoas que tem essa visão de ter um senso mais crítico. Por exemplo, no meu caso, na matéria de história, na faculdade, eu criei uma disciplina chamada História dos Movimentos Sociais no Espírito Santo, entre elas tem um item que os meninos vão discutir aí... A gente percebe assim – a gente fez muito, a gente escreveu e registrou pouco. Então assim, eu herdei um pouco essa coisa dele né. O que é que as pessoas fizeram lá atrás e o que é que está vindo aí?

O que você acha da Pastoral Operária sobreviver até hoje só que enfraquecida? É um pouco da atitude do Pe. Gabriel, dessa persistência, um pouco dessa coisa “vamos em frente” dele?

Sim, eu penso que sim. Essa persistência. Quando eu olho, por exemplo, o Isaías, o núcleo lá em Santana, ali no Morro da Piedade, dentro de uma escola de samba, que tem uma atuação na associação de moradores do bairro de Santana... Tem essa inquietude, ela se configurou em novos espaços de atuação política na sociedade capixaba. Estava tudo junto, o Ferramenta era um grande guarda chuva que agregava, trazia todo mundo – “olha, vamos...” e aí foi se especificando, um acabou dando força para o outro nesse sentido. Por exemplo, minha mãe tem uma atuação lá na Pastoral Operária – “olha, vamos pro almoço da Pastoral Operária”.

Sua mãe é da Pastoral Operária?

É. A Ruth, dona Ruth. Ela tem uma história nessa trajetória com esse grupo. Aqui em Vila Velha ficou mais quietinho assim. O Ferramenta teve essa importância histórica, política, tanto que assim, na vida, ela foi responsável boa parte pela formação, uma visão crítica e até metodológica de alguns dirigentes sindicais, educadores sociais... Ela colaborou.

Uma última pergunta – você falou que a própria equipe do Ferramenta auxiliou na construção do jornal Mulheres em Ação. Eu posso dizer que o Ferramenta auxiliou também outras iniciativas de comunicação populares?

Incentivava. Seja o jornalzinho de oposição de uma chapa sindical ou uma associação de moradores que tinha um jornal. Então permitia isso.

Eles recebiam então de certa forma, além de produzirem o Ferramenta, uma formação em comunicação popular também?

Tanto que assim, para mim foi muito significativo isso, esse termo da comunicação popular e vejo como foi um instrumento assim de base mesmo, você pegar e transformar aquilo ali.

O Pe. Gabriel dava formação em comunicação popular?

Era o fazer na prática né. Ele era bem mesmo “o que precisa ter”. parecia que não tinha uma simetria, mas tinha. Tinha um roteiro, tinha uma pauta. O Ferramenta tinha uma pauta, outros jornais assim acabaram indo muito nessa linha. Você tem assim, pelo menos de jornais que eu estou lembrando, o movimento comunitário do Aribiri, o movimento de moradias... Então assim, todos os segmentos tinham um jornalzinho...

Que eram auxiliados também por essa equipe?

É. Querendo ou não, é isso.

Obrigada.

Entrevista concedida por Carlinda Januária do Rosário à autora da pesquisa.

Qual é seu nome completo?

Carlinda Januária do Rosário.

A senhora é esposa do senhor José Lopes do Rosário, que é da Pastoral Operária, teve atuação no movimento sindical. A senhora acompanhou isso tudo. Lembra de como se deu a criação da CUT?

Tinha espião nas assembleias. No outro dia a polícia tava primeiro onde tinha o piquete de greve para bater nos trabalhadores que estavam liderando a greve. Chegou um ponto que falamos assim: “não podemos ser só oposição. Temos que fazer parte da decisão, temos que fazer as leis. Temos que participar do governo”. Começamos a conversar nas igrejas, fazer a discussão. Precisava também ter uma central para, a nível de Brasil, trabalhar a unificação dos sindicatos, que já estavam fortes.

Senhor José Lopes era da equipe do Ferramenta. Ele me falou do processo de processo, mas disse que a senhora poderia falar mais sobre o assunto. E a distribuição do jornal, como era?

Foram formados grupos de leitores nas comunidades. As pessoas recebiam o *Ferramenta* em casa, entregue por um representante da Pastoral Operária. Para receber o informativo pagava-se um valor simbólico para manutenção do jornal. Depois marcava-se uma data para que as pessoas se reunissem e debatessem os temas abordados na edição daquele mês. Esses debates criaram em muita gente nas comunidades uma reformulação do pensamento, criou consciência crítica e contribuiu com o crescimento dos movimentos sociais, pois levou muitas pessoas a participar deles.

Obrigada

De nada

Entrevista concedida por Claudio Humberto Vereza Lodi à autora da pesquisa.

Nome, completo, por favor.

Claudio Humberto Vereza Lodi

Como começou a atuar no Ferramenta?

Primeiro tenho que falar sobre antes do Ferramenta ser criado. Fui contratado por Dom João, juntamente com minha esposa, Tereza Côgo, que na época era minha noiva, para trabalhar no Cedives. Na época quase todas as dioceses tinham um centro de documentação que produzia e fazia releitura de materiais de escritos populares, além de fazer troca desses materiais entre si. O centro de documentação não era somente para arquivar materiais, era também para produzir. Por exemplo, saía um documento dos bispos do Brasil. A linguagem era de bispo. Então a gente fazia uma versão popular.

Seria uma forma de facilitar a compreensão das pessoas em relação aos ensinamentos da Igreja?

Exatamente. E foi lá no Cedives que nasceu o Ferramenta.

E como foi isso?

Era década de 70. A gente vivia a ditadura. Fomos procurados pelo padre Jean Fugeray, que coordenava a Pastoral Operária, e pelo saudoso Maurício Amorim, que vieram com a ideia de criar um informativo.

Então padre Gabriel não foi um dos criadores do Ferramenta?

Ele chegou depois, se não me engano, em 1980, passou a coordenar a Pastoral Operária e durante toda a década de 80 teve uma participação muito importante no informativo e na pastoral.

E o que Jean Fugeray e Maurício Amorim solicitaram a você no Cedives?

Eles falaram: "vai ter notícias do movimento sindical, de oposição, o que os documentos da Igreja orientavam sobre o papel do cristão no mundo do trabalho e na sociedade". Isso foi evoluindo na questão da política do ponto de vista mais genérico, movimento popular de bairro, movimento negro, movimento de trabalhadores rurais. Teria sempre textos reflexivos para gerar reunião de grupos da Pastoral Operária, servir de subsídios na reunião e trazer notícias nacionais de boletins de Igreja ou não, de sindicatos e outras arquidioceses, como o Movimento Custo de

Vida, movimento popular forte em São Paulo, primeiras greves que surgiram no ABC. A logomarca com a chave de fenda eu tirei de uma publicidade de loja de ferramentas. Pensei: “isso aqui vai dar certinho. Coloca a palavra *Ferramenta* no meio da logo e fica muito bacana”. Eu e Tereza fazíamos a redação. Traduzíamos para a linguagem popular. Frases curtas e resumido. Sempre com ilustração, para permitir o debate a partir do desenho. Era mensal. Com o tempo a própria equipe da Pastoral Operária foi elaborando, pois por volta de 1979 a equipe do Cedives se resumiu a mim. Tereza saiu, os bispos preferiram não ter mais aqueles contratados, Dom Luiz Gonzaga Fernandes foi transferido, muitos agentes de pastoral também foram transferidos. Quando Padre Gabriel chegou, em 1980, ele assumiu mais o *Ferramenta*.

Qual era o diferencial do Ferramenta em relação à grande mídia?

Os jornais da grande mídia não faziam matérias que servissem para formação e informação. Por isso eles pediram a nós que elaborássemos um jornal para a Pastoral. Os movimentos de trabalhadores não tinham repercussão em *A Gazeta*, *A Tribuna* e *O Diário*. Os trabalhadores já estavam agindo a partir da Pastoral Operária. Faziam pequenos movimentos, estavam organizando chapas de oposição aos sindicatos. Foi o trabalho pastoral que gerou lideranças que quiseram tomar o sindicato das mãos dos pelegos, nomeados pela ditadura. Os jornais da grande mídia eram censurados ou faziam auto censura, pois qualquer movimento popular ou sindical era considerado subversivo. A grande mídia, sempre representativa do grande capital, ou do capital que lhe financia pela publicidade, não tinha e não tem interesse em movimentos que se revoltam e lutam por direitos. Então a Igreja tinha que promover a formação e informação de suas lideranças para atuarem no mundo fora da Igreja.

Entrevista concedida por Eni Maria de Almeida à autora da pesquisa.

Qual seu nome completo?

Eni Maria de Almeida

Percebo que muitos dos integrantes mais antigos da Pastoral Operária, como a senhora, vieram do interior para a Grande Vitória. Foi assim com a senhora também.

Foi. Vim de Iúna. Mas lá era bem diferente, era mais a coisa da reza, né. Aqui a igreja tinha uma discussão social mais forte.

Olhando nos arquivos do centro de documentação da Arquidiocese de Vitória, vi que tinha grupos no interior até início dos anos 2000. Porque eles acabaram?

Tinha uma coordenação estadual trabalhando com Colatina, Linhares, São Mateus e Cachoeiro de Itapemirim. Depois que o padre Carlos Pinto foi coordenador Pastoral, na época de Dom Silvestre, ele acabou com a coordenação estadual. Falou que a gente não tinha nada a ver com as outras dioceses, que não podíamos fazer essa ligação porque não pertencíamos a eles. Tinha representante de Colatina, Linhares, São Mateus e Cachoeiro. Vinham de lá pra cá, tinha encontros de formação, retiros, seminários, simpósios, em 2004 teve o congresso estadual da Pastoral Operária. Agora a gente não tem mais. Não tinha como mais se reunir. As dioceses pagavam a diária e a passagem para virem para cá. Não teve reação dos bispos. O grupo de Linhares já tava bem fraco então acabou de vez. Colatina resistiu até 2006, mas depois também dispersou tudo. Aqui em Cariacica não acabou porque a gente conseguiu manter o grupo reunido. Mesmo que tenha pouca gente, vamos continuar reunidos e trabalhando.

Porque vocês persistem? O que faz vocês prosseguirem?

Quem dava a maior força era seu Maurício. Ele nunca aceitou que falasse que a Pastoral Operária tivesse morrido. A teimosia dele fez com que nós também não aceitássemos. Por isso que a gente leva o trabalho a frente, a fé, o compromisso e a perseverança naquele ideal que ele passou para a gente.

Além dos eventos, existem outras atividades nas quais a Pastoral Operária se envolve?

Tem as farmacinhas.

E o que seria essa farmacinha?

É farmácia alternativa. Tem uma em Novo Horizonte, em parceria com a Pastoral da Saúde e Pastoral da Criança, e em Flor do Campo?

Qual é o objetivo?

Possibilitar o acesso à saúde com gasto inferior.

Voltando a falar sobre a questão do apoio institucional, você falou sobre essa situação que aconteceu na gestão de Dom Silvestre. E na gestão de Dom Luiz? Há apoio para a Pastoral Operária?

Não. Inclusive as pastorais sociais não têm mais sala própria.

Como aconteceu isso?

A Pastoral Operária e outras tinham sala na Mitra, como a Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral Carcerária, todas tinham. Disseram que a prefeitura que gerenciava e que a prefeitura precisava das salas, mas não foi feito nada. Fizeram uma única sala para todas as pastorais. Cada Pastoral tem um armário. Pegamos todos nossos arquivos e doamos para o centro de documentação. Quando precisamos de algo, procuramos lá. A gente tinha formação a nível arquidiocesano para todas as pastorais, paga pela Mitra, com assessores bons para formar lideranças. A Mitra oferece poucas formações. Esse ano teve o curso de Doutrina Social da Igreja, mas somente para duas pessoas de cada pastoral, que devem ser multiplicadoras. Deve ter uns três ou quatro anos que teve uma formação a nível arquidiocesano, no Colégio Agostiniano.

Você acha que a Igreja deixou um pouco de lado a discussão social nos últimos tempos?

Hoje o que se tem é templo cheio, muito barulho, mas ação não tem, não existe ação. Quem faz a ação social da igreja são as pastorais sociais. Os conselhos da comunidade têm representação da pastoral. Nos conselhos, como hoje a Renovação está dominando muito, não aceitam muito a prática mais social da Igreja, então vão deixando de lado as opiniões da gente, não levam em conta.

E a chegada do PT à presidência da república? Você acha que influenciou na desmobilização da pastoral?

A chegada do PT ao poder fez com que os movimentos sociais se calassem. Muitos foram para o governo. Indo para o governo, abandonaram a base. Muitos abandonaram a Pastoral Operária e foram para o governo. Isso enfraqueceu muito. As pessoas foram para secretarias de governo, de prefeitura. Depois que eles vão para lá não voltam para a Pastoral. O movimento popular, muitas vezes, não quer criticar o governo, como as pastorais, as associações de moradores. Saíram da Pastoral e do movimento popular para não ter que criticar o governo. Lula não deu

apoio aos movimentos. O governo não governou com os movimentos, nem ele nem a Dilma. Não ouviu as demandas dos movimentos sociais.

A Pastoral Operária mantém sua postura de lutar pelos direitos dos trabalhadores?

Sempre. A Pastoral Operária defende o direito dos trabalhadores. É contra a conciliação de classes. Não abrimos mão dos nossos princípios.

Obrigada, dona Eni.

De nada, minha filha

Entrevista concedida por Gudialace Silva de Oliveira para a autora desta pesquisa.

Primeiramente, nome completo, Padre.

Gudialace Silva de Oliveira

O que é a Pastoral da Comunicação?

A Pastoral da Comunicação é uma organização que a Igreja tem, ou seja, é uma forma que ela encontra para dar uma assessoria eclesial para assuntos que são extremamente importantes e relevantes para a Igreja. Então a Pastoral da Comunicação é essa estrutura que a Igreja tem para ajudar as comunidades a se comunicarem melhor e a se relacionar com os meios de comunicação.

Quais atividades que ela faz?

Ela tem uma organização arquidiocesana ou diocesana e também paroquial. Na arquidiocesana a nossa tarefa é formar os leigos e os agentes pastorais. Primeiro, dando uma qualificação crítica frente aos meios de comunicação e ajudando a compreender que a comunicação vai muito além dos seus meios, e depois dando uma assessoria técnica, porque muitas pessoas têm boa vontade mas não tem uma formação nessa área, com fotografias, com vídeos, mídias sociais, essas coisas. Na paróquia elas trabalham aumentando e ajudando a comunicação entre paróquia e seus paroquianos, e entre as outras pastorais. Elaboração de folders, elaboração de convites, ajudando o padre na divulgação dos avisos. Ajudando as equipes, por exemplo, de liturgia, como se segura um microfone, qual a postura que se deve utilizar para falar e dando visibilidade para as ações que são realizadas, na publicação, seja na transmissão online pelas mídias sociais ou de fotos e vídeos comunitários.

Quando você fala da questão crítica em relação aos meios de comunicação, como seria isso?

Hoje um dos assuntos que estão muito em voga é sobretudo a questão do fake news. Então nós precisamos ter uma postura de não acreditar que tudo aquilo que nos aparece ou que vem na nossa linha do tempo, que nós recebemos via whatsapp seja verdade. Mas a gente tem uma falsa impressão de, por exemplo, aquilo que é divulgado por instituições ou grandes organizações da comunicação também é verdade, e não é sempre assim. Essas organizações também estão imbuídas de uma porção de atravessamentos institucionais, patrocínios. Então é oferecer a eles essa possibilidade de, ao ter uma informação, não tratar como se fosse uma verdade absoluta. É um lado da verdade que se apresenta.

Isso é feito nas comunidades?

Não, isso é feito nessa formação arquidiocesana. Como eu disse, existem dois níveis.

Quem faz parte dessa formação arquidiocesana?

Eu sou o coordenador responsável por isso. Nós temos uma comissão que é composta por um representante de cada área. Mas para esse trabalho nós sempre trazemos também pessoas de renome nacional que trabalham com assessoria de comunicação. A CNBB, nós temos um encontro agora dia 5 de maio, que vem um assessor de comunicação da CNBB.

O Rafael?

É, isso aí. Pra falar junto conosco. Porque o papa escreveu uma carta - todo ano sai uma carta, por ocasião do dia das comunicações, e esse ano fala sobre fake news e a comunicação da paz. Então ele vem para nos ajudar sobre isso. Já estive aqui conosco Elson Fachin que também foi assessor da CNBB, de comunicação, é professor dessa área e palestrante de renome nacional pra falar sobre isso também. Nós assumimos essa responsabilidade e às vezes trazemos pessoas também pessoas de renome nacional pra trabalhar essas pautas.

A comissão tem um representante de cada área? Eles não são leigos?

Isso. São leigos, todos leigos. O único que tem ordem sou eu.

Um representante seria da Pascom de cada área?

De cada área.

Essa pessoa tem que repassar esses ensinamentos?

Não, a comissão ela está lá para pensar e organizar essas ações. Nós não temos essa tarefa de repassar nas nossas áreas, porque aí então a comissão como um todo ela é responsável de em cada área estar junto. Essa comissão é como se fosse um conselho permanente que nos ajuda a vislumbrar ações que talvez eu não tenha acesso. Porque na área, de repente, “olha, nós estamos com essa demanda, então o que a gente pode pensar a respeito disso?”.

Então essa formação crítica é pautada na carta do papa do Dia Mundial das Comunicações ou da demanda que vocês acham que é importante naquele contexto?

É, pode vir e na maioria das vezes vem porque o Papa e essa carta dele está muito atenta com aquilo que nós estamos passando, mas o que surge entre uma carta e outra, esse assunto também é abordado.

O trabalho nas comunidades é mais o trabalho nas oficinas técnicas?

Então, ainda nós temos essa dificuldade das pessoas relacionarem a comunicação só com os meios né, então quando a gente fala de Pascom as pessoas sempre se preocupam muito com tirar foto, com fazer filmagem na rede social... e então, nós temos que capacitá-los pra que, já que vão fazer isso, que façam bem. Mas de forma institucionalizante a gente vai correndo por fora ajudando os agentes a compreender que vai muito além disso. Então assim, até nessa comunicação interpessoal ajudar as pessoas a perceberem isso, que às vezes nem tudo precisa ir pra rede social e a forma como vai. Então se você trabalha isso antes vai muito melhor.

Quando você fala “ir além dos meios” tem a questão litúrgica e outras questões. Como vocês trabalham a questão da liturgia na Pascom? Vocês também conversam sobre essas questões nas comunidades?

Então, como eu disse, nós temos uma formação técnica né. Nessa formação técnica nós nos preocupamos de oferecer, por exemplo, questão de posicionamento - quando você quiser fotografar ou estiver trabalhando para servir a comunicação na liturgia, então você não deve atrapalhar nem chamar a atenção, posicionando-se em lugares que ao invés de celebrar roubem a sua atenção com luzes, flashes... isso tudo atrapalha. E uma ajuda no que diz respeito a segurar o microfone, porque às vezes as pessoas não sabem. A postura, como é que deve ficar - de frente à assembleia. A forma como você se veste, isso pode ajudar as pessoas a concentrar. Observar se você tem algum tique, se você tem alguma mania, uma palavra que se repete muito - e que acaba roubando a cena também, porque as pessoas vão começar contando o quanto você dá... Essa ajuda que você dá como se fosse uma assessoria no campo do litúrgico, vai assessorar... No conteúdo litúrgico nós não entramos, como se portar isso sim.

Em relação ao conteúdo por exemplo do que vai ser divulgado nos veículos de comunicação, o que vocês orientam?

Isso faz parte desse pensamento crítico que nós estávamos dizendo. Então a pessoa tem que saber o que é que ela vai publicar e porque é que vai publicar. Nós falamos sobre direito de imagem, que é uma coisa extremamente complicada. Quando você vai tirar uma foto embora você esteja dentro da igreja, cuidado pra você não tirar uma foto de uma pessoa que está numa posição ruim - porque às vezes você tira a foto e a pessoa está com um olho meio entreaberto, uma boca meio aberta, sei lá, bocejando, e a pessoa pode ser exposta ao ridículo ali porque você lançou e alguém pode pegar e fazer um meme com aquela foto, essas coisas todas. Os textos devem sempre ser aprovados pelo padre. Você apresenta para não correr o risco de sair uma

heresia ou alguma coisa que não condiz com a nossa teologia, que possa criar um mal estar entre o padre ou a igreja, ou com alguma outra igreja ou alguma outra pessoa. A questão dos crimes cibernéticos, então, que as pessoas têm que estar atentas. Não falar ‘fulano de tal ‘ladrão’ ‘não presta’, ou compartilhar isso vindo de uma outra sabendo que o fato de você compartilhar mesmo que você não tenha sido o publicador, a primeira pessoa a ter colocado, você também pode sofrer uma penalização por causa disso. A paróquia também pode sofrer. Então trabalhamos essas questões.

Em relação ainda sobre o conteúdo, pode ter conteúdo que não seja exclusivo da igreja? Tipo algo que está acontecendo ali na comunidade, e quando eu digo comunidade não só a igreja, mas o bairro?

Não, nós não chegamos neste ponto. Porque se a gente não consegue trabalhar muito bem o que está dentro do templo, se a gente leva isso pra comunidade, pra fora, então aí que a gente perde o controle mesmo. É uma pastoral que está se organizando, se mobilizando. A gente vai inclusive lançar um subsídio agora para ajudar as paróquias que já tem, e aquelas que não tem, entender o que é a Pascom, como se estrutura, qual é a sua função, pra depois dar possibilidade de fazer um trabalho como esse, mas hoje a gente não consegue dar conta não, porque para fazer um trabalho como esse precisa de um profissional. E a gente sabe hoje como até as grandes empresas do setor de comunicação sofrem com questão de apuração, que nem os repórteres têm a possibilidade ou às vezes não querem sair para ir até o local, então imagina dentro de uma comunidade? Se você abre, o que vai dar de pessoas que vão mandar mensagem ou que vão ligar pra dizer alguma coisa sem estar lá, sem saber muito bem? Então pode ser uma fonte de fake news muito grande.

Existem jornais específicos de pastorais sociais?

Não. As nossas paróquias, muitas têm seus informativos, algumas têm revistas, mas das pastorais propriamente ditas, não, não me recordo de nenhuma.

E se alguma quiser, existe algum impedimento?

Então, na arquidiocese de Vitória nós temos três setores de comunicação. Eu estou responsável pela Pascom, então a minha missão é formar os agentes das comunidades e das paróquias. No que diz respeito a essa comunicação institucional nós temos o departamento de comunicação e assessoria, que aí é com a Maria da Luz, ela é a gerente desse departamento. Então se alguma pastoral deseja fazer em nome da mitra, ou seja, como arquidiocese, isso então não deve ser

aprovado por mim e não passa pela minha ciência, isso deve ser encaminhado pro departamento de pastoral. Eu acredito que talvez seja possível, mas quem tem autoridade para responder isso seria a Maria da Luz.

Quais são as orientações por exemplo - eu vejo assim, que no site da arquidiocese são textos bem curtos e que focam mais na questão do lead mesmo, né, o que, quem, onde, como... sem muito aprofundamento. Essa é a orientação também para os jornais das paróquias?

O site, a revista Vitória e a assessoria do bispo - a Maria da Luz, então ela quem tem uma equipe também que cuida inclusive destes setores.

No caso da Pascom, qual é a orientação que vocês dão? Por exemplo, campanha da fraternidade, lançamento da campanha da fraternidade, além de fazer o lead - vai ser no lugar tal, horário tal, pode trazer uma reflexão sobre a questão da violência?

Os padres têm uma autonomia muito grande nas paróquias. Nós damos a orientação e não temos garantia de que isso vai ser conduzido, vai ser vivido lá nas paróquias. Então dentro de grande parte dos nossos boletins informativos, das nossas revistas, está sob a orientação direta do padre. Então nós vamos dizer como é que deve ser feito um texto para revista, como deve ser um texto para o face, por exemplo, o que você deve usar no instagram, o que você usa num cartaz. Então nós vamos dizer o que é que cabe. Agora, o que é que você vai escrever, o padre da paróquia é quem vai orientar.

Ele tem autonomia, se ele achar que pode fazer uma reflexão...

Isso aí. Você não vai usar o instagram pra ficar fazendo texto. Isso a gente vai dar como orientação. No facebook você não vai poder colocar um milhão de fotos... Todas repetidas. Então um texto que vai ser gravado, você deve muito se valer de uma linguagem mais informal que ajuda as pessoas. Agora num texto escrito você vai se valer dos pronomes, daquelas partículas que remetem a um fato anterior sem necessidade de repeti-lo porque daí a pessoa como está lendo pode voltar em caso de dúvida para saber do que se trata. Essas orientações nós passamos. Agora, como é que lá o padre vai utilizar, se ele vai preferir trabalhar com lead ou se ele vai possibilitar uma reflexão mais aprofundada, então isso fica por conta.

O que você acha importante ressaltar sobre a Pastoral da Comunicação, sobre o trabalho da comunicação nas comunidades?

Eu vejo que existe uma preocupação agora muito grande, que a igreja talvez tenha se alertado. Não sei se eu posso falar ‘a igreja’ porque nós temos documentos muito antigos que a igreja como um todo tem se voltado para essa questão da comunicação. Num primeiro momento, até com um certo tipo de medo, de ressalva, mas depois foi criando uma abertura. Tanto que no concílio vaticano II nós tivemos um documento próprio para falar sobre comunicação. E depois os padres foram se pronunciando, se posicionando. Mas eu vejo que talvez nós, como agentes, nos demos conta da importância da comunicação e que hoje a informação é também poder. Você ter condição de produzir informação ou de acessar, isso dá um certo tipo de garantia para a igreja, sobretudo nessa missão de evangelizar. Eu vejo que a pastoral da comunicação tem nos possibilitado ocupar os espaços que a gente tinha e que deixava vago. Várias outras igrejas anunciam e falam de coisas que não tem nenhum relacionamento com a verdade, ou com os direitos humanos, ou que promova um bem e que falam e as pessoas escutam. Às vezes a gente - que tem uma proposta muito boa, que tem um compromisso com o evangelho, um compromisso com essa promoção humana - não falávamos. Essa pastoral da comunicação nos dá a possibilidade de ocupar esse espaço. Você tem então a possibilidade de querer acessar coisas ruins? Tem. Mas se você quiser ver coisas boas você também vai ter.

Obrigada.

Por nada.

Entrevista concedida por Isaías Santana à autora da pesquisa.

Nome completo e profissão atualmente.

Meu nome é Isaías Santana da Rocha, atualmente eu trabalho como agente social. Há uns cinco anos atrás eu me formei em ciência política, mas hoje eu desenvolvo um trabalho numa ONG como agente social.

Qual ONG?

O Centro de Apoio aos Direitos Humanos.

Ok. Me diz uma coisa, Isaías, quando você entrou na Pastoral Operária?

Eu entrei em meados ou final da década de 70, né? Eu cheguei em Vitória em 73... meados de 73. Em 75 eu me filiei ao Sindicato e como eu já tinha uma participação nessa questão da Igreja Católica e que já começava a discutir a partir das duas Conferências. Eu me engajei na Pastoral Operária por volta de 67 mais ou menos e fiquei até o período dos anos 90.

Qual sindicato o senhor era filiado?

Eu me filiei ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil.

E me diz uma coisa, o senhor veio para Vitória do interior na época dos grandes empreendimentos?

Na verdade eu sou natural do Rio de Janeiro. Eu vim com meus pais ainda criança para o Espírito Santo. Fomos morar na área rural no interior de Colatina. Fiquei lá até os 18 anos e aos 18 eu vim pra Vitória e comecei a trabalhar na área da construção civil.

Mas veio atraído pelos grandes empreendimentos na época?

Já era parte do êxodo rural. Quando os meus pais vieram do Rio de Janeiro o norte do Espírito Santo passava pelo final da exploração de madeira e começava o... isso em meados da década de 50 - e começava o plantio de café, a intensificar a questão do plantio de café. O café teve um problema de... eu trabalhando na roça, na área rural, eu trabalhei no processo de radicação do café em 67, 68. E aí, como as novas indústrias, os novos projetos, começaram a surgir na Grande Vitória eu acabei vindo passear e ficando por aqui.

E aqui você foi trabalhar aonde?

Eu trabalhei... o primeiro emprego meu foi o final da construção do prédio da Tribuna, em Ilha de Santa Maria, depois trabalhei em várias áreas daqui. Trabalhei no sul da Bahia, na empreiteira da Sales na época e depois a minha participação em grandes projetos foi na duplicação da Vale do Rio Doce em 1975. E aí trabalhei na duplicação, depois trabalhei nas obras aqui da Grande Vitória que eram os empreendimentos imobiliários, a construção dos prédios e depois eu fui pra construção da Companhia Siderúrgica Tubarão. Lá eu trabalhei também ajudando a construir a parte de arquitetura da obra da CST.

Me diz uma coisa... o senhor entrou em 77 na PO e em 77 foi criado ferramenta, exatamente em 77. O senhor participou da construção? O senhor lembra como foi?

Não, eu era um dos atores do ferramenta porque naquela época eu entrei e tinha um espírito de liderança. O movimento sindical estava muito forte na época da tentativa de retomada dos sindicatos. A gente na época chamava de os sindicatos pelegos... então havia todo um surgimento das oposições sindicais e, paralelo a isso, também, até pela influência da Teologia da Libertação, que era uma vertente da Igreja Católica, os movimentos sociais estavam muito fortes, e a Pastoral Operária era uma dessas pastorais assim como a JOC, Juventude Operária Católica, estava no seu auge também. Eu já comecei como liderança porque antes de sair do interior para vir pra cidade, com 16, 17 anos, eu já fazia parte da diretoria da ONG da comunidade católica onde eu morava, no interior de Colatina. Então eu já comecei liderando os grupos de base na Pastoral Operária, depois vim pra coordenação...

De qual grupo de base você era?

Eu comecei aqui no Morro do Romão e depois em 79 eu me casei e mudei para Cariacica, na região de Santana, aí comecei na coordenação lá na área de Cariacica, depois vim pra coordenação arquidiocesana, depois participei da coordenação estadual e fui para a coordenação nacional da Pastoral Operária. Da coordenação nacional da Pastoral Operária eu acabei indo também para – eu era da coordenação executiva da Pastoral Operária e fui pra coordenação do conselho nacional de leigos e acabei então minha militância na igreja na executiva nacional de leigos, isso já no final da década de 80, década de 90 já.

Me diz uma coisa... Em 77 então você começou na PO. Quando você começou a atuar no Ferramenta mais ou menos?

Eu comecei a atuar diretamente no Ferramenta quando Pe. Marcelo que era um francês, deixou o boletim Ferramenta...

Por volta de 80, então.

É. O Pe. Gabriel então assumiu a produção do boletim Ferramenta. Então nós tínhamos na época os estudantes né de seminários, que faziam nosso papel de jornalistas, de recolher as notícias. A gente construía uma pauta, os seminaristas faziam a coleta das matérias e depois eu e Pe. Gabriel fazíamos o fechamento do jornal para ser impresso.

Tinha participação, além dos seminaristas, além de você, de outros trabalhadores da PO?

Tinha, eram muitos grupos de base, e tinham as coordenações. Tanto as coordenações de área, por município ou região do município... Tinha outros trabalhadores, inclusive um deles, senhor Mauricio Amorim. Então tinha a coordenação arquidiocesana, né? E nós chegamos a construir também a coordenação estadual. Eu fiquei um tempo, durante uns seis ou sete anos, como liberado, ficava à disposição da pastoral pra participar da coordenação nacional e também pra articular a pastoral na diocese de Cachoeiro, na diocese de São Mateus e depois na recém criada diocese de Colatina. Então a gente tinha toda uma organização desde uma organização de grupos de base das áreas do município e também da arquidiocese e a coordenação estadual.

Por exemplo, o senhor José Lopes falou que às vezes no local de trabalho ele se reunia com os trabalhadores, via quais eram as necessidades e tudo mais e buscava pautar o Ferramenta com as dúvidas dos trabalhadores. Isso acontecia?

Na realidade nossa pauta era a partir das reflexões que traziam do mundo do trabalho, de onde as pessoas trabalhavam. Tinha vez que tinha algumas pessoas né, o Durval, senhor Durval, Lasteni, o próprio José Lopes, Jairo... uma turma muito grande. Então a gente fazia reuniões na hora do almoço, no próprio local de trabalho, nas obras, canteiros de obras né, e dentro das fábricas, da Cofav, da Companhia Ferroviária de Vitória. Então a gente trazia toda essa reflexão, analisava isso do ponto de vista da conjuntura do estado, né? E às vezes abordava até temas de caráter nacional e internacional que tinham a ver com questões do mundo do trabalho a partir de uma reflexão teológica ligada a nossa questão de sermos trabalhadores e de sermos cristãos.

Me diz uma coisa, mudou muito o jornal a partir da entrada do Pe. Gabriel?

Na verdade, o Pe. Gabriel, como ele tinha uma formação na área jornalística e era uma pessoa super engajada, porque mesmo quando ele morava na França ele já era uma pessoa militante na diocese francesa onde ele se formou. Então ele deu uma qualificada no próprio jornalzinho Ferramenta, que ganhou um novo perfil porque além da reflexão teológica que a gente fazia do mundo do trabalho ele conseguia articular isso com a questão política tanto do município quanto

do estado. Então ele deu uma qualificada até pela formação e militância que ele já tinha nos movimentos sociais franceses e também a qualidade jornalística dele. Deu uma qualidade muito boa ao Ferramenta.

Me diz uma coisa, qual era o objetivo do Ferramenta?

O papel importante do boletim ferramenta na vida e na luta dos trabalhadores capixabas era que ele era um boletim informativo e formativo. Nós conseguíamos inclusive com essa reflexão do Ferramenta que tinha essas duas condições, de ser informativo e formativo, nós conseguimos organizar várias oposições sindicais em vários sindicatos de trabalhadores de áreas urbanas e também da área rural porque existia também toda uma articulação do movimento sindical urbano e do movimento sindical rural que também tava vinculado ao que a gente chamava na época de sindicato de pelegos. Então ele tinha essas duas coisas, informativo e formativo. Era uma formação política que passava também através do boletim Ferramenta.

Quais foram os frutos colhidos pelo Ferramenta?

O boletim Ferramenta com o apoio das comunidades eclesiais de base resultou num dos primeiros sindicatos a ser conquistado pelos trabalhadores na figura de Claudemar de Almeida Lirio e de Gerson Florencio Diniz com outros companheiros na retomada do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Logo em seguida fomos pros comerciários e depois Sindicato dos Metalúrgicos, e fomos criando várias outras oposições de categorias que não tinham sindicato, como SINCASICAL, que era pessoal do cal e gesso, o Sindicato das Confeccões, que foi um dos primeiros a criar também foi através dessas reflexões do Ferramenta. Ele tinha um papel na organização dos trabalhadores também, além das reflexões que a gente fazia a partir do método, que é interessante o método que a gente usava que era o ver, julgar e agir, então ele conseguia dar essa condição organizativa também pro conjunto dos trabalhadores na época.

Você acha que trazendo essas reflexões através do método ver, julgar e agir as pessoas puderam ter uma formação bacana a ponto de tomar uma decisão, de querer transformar os sindicatos, de querer transformar a realidade dos trabalhadores a ponto de formar as oposições sindicais?

Tanto é que além de formar as oposições sindicais, juntamente com outros segmentos que refletiam também essa questão política na época foi decisivo na criação de movimentos, por exemplo, que eram Ananpos, Enclat, Conclat depois contribuiu na organização da Central

Única dos Trabalhadores. E do ponto de vista político a construção do Partido dos Trabalhadores na época. O boletim ferramenta e através da Pastoral Operária tiveram uma contribuição fundamental para a construção desses mecanismos, porque esse método de ver mostrava como se ver a realidade, e você vendo a realidade como que você agia, né, você via a realidade e ao ver você era provocado a agir em busca de transformar aquela situação que você... então ela transformava essa questão em ações.

Eu analisei todos os exemplares. Um por um, li tudo. E aí eu vi assim que os primeiros eram muito focados em questões de sindicalismo. Vai chegando ali 83, 84 e 85 vai também focando na questão da falta de infraestrutura urbana, na associação de moradores, nos movimentos sociais, no movimento negro e isso estimulou também a criação de movimentos dos moradores? Eu vejo muito focado também em Flexal, Porto Santana. Eu queria saber, foi um incentivo também a criação das mobilizações nos bairros por uma melhor infraestrutura urbana, criação da associação de moradores? Eu vi que tem movimento de mulheres, também.

Ele surgiu muito focado na questão sindical, isso é verdade, mas depois ele foi tomando outras dimensões né de ação no bairro das questões locais, de criar associações de moradores, federações e associações de moradores, né. Há movimentos de mulheres, movimentos de negros, então ele foi passando por diversos movimentos. Eu lembro ainda que na década de 80 ainda nós fizemos um movimento de desempregados. Ficamos 16 dias acampados na catedral.

Foram aqueles de Rosa da Penha que vieram pra cá?

Era a Grande Vitória todinha que foi envolvida. Nós conseguimos em algumas prefeituras inclusive alocar a gente em empregos na empreiteiras de prefeituras. Ele fez várias articulações, incentivou a questão de moradia e grandes ocupações. O foco em Porto Santana, naquela região ali, era por conta que Cariacica na época era uma região, principalmente a região de Porto Santana e Flexal, toda aquela região, eram regiões dormitórios. Cariacica ficou muito tempo como cidade dormitório, então com o crescimento da indústria, particularmente na Serra por causa da duplicação da Vale do Rio Doce, da construção da CST e outras empresas subsidiárias, Serra virou o chamado berço da indústria e essa região de Porto Santana ali era o lugar de dormitório, onde os trabalhadores dormiam e vinham trabalhar do lado de cá, nas construções dos prédios em Vitória, nas subsidiárias, na CST e na subsidiária da CST. Então houve um inchamento muito grande, que aí depois Porto de Santana já estava saturado, houve ocupação por exemplo na área da Serra que foi criado um bairro na época chamado Sossego que também

foi uma migração muito grande porque existia um interesse das imobiliárias de vender lote e pegava o exemplo da CST, por exemplo, venha para a Serra porque a CST já é uma realidade, parecendo que a CST ia empregar todo mundo que viesse, né, então era propaganda nos rádios, na madrugada, aqueles programas sertanejos chamando o pessoal pra vir pra Vitória. Então isso acelerou muito a questão do êxodo rural. E, quer dizer, esse inchamento, que não foi crescimento na época, e essa aceleração do êxodo rural acabou criando uma situação de muitos conflitos e aí também obrigou o próprio boletim Ferramenta de ter ação em outras áreas, que começou a falar de problemas na área da saúde, da educação, da mobilidade urbana, questão de transporte. Então, quer dizer, esse inchamento desordenado criou várias situações na Grande Vitória. Então o boletim Ferramenta também conseguiu refletir todas essas realidades.

Até porque o problema da classe trabalhadora não está apenas ali no ambiente de trabalho, ele é mais complexo.

É, ele tem que se locomover, ele tem que ter infraestrutura, ele tem que ter saúde, ele tem que ter transporte, ele tem que ter água tratada, questão de esgoto sanitário, então foram muitas necessidades que foram criadas em torno disso, e isso fez com que as nossas reflexões enquanto Pastoral Operária e quanto boletim Ferramenta também ia abarcando todas essas reflexões sobre essas realidades e tentando fazer algumas ações para reduzir o impacto. Nessa época vem também a ampliação da Aracruz Celulose, da fábrica da Aracruz, e aí nessa época a CST como uma realidade que ia mudar tudo mas... nós fizemos uma cartilha em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo que era uma reflexão sobre os grandes projetos do Espírito Santo e seus impactos. Já tinha em outras áreas do estado, como na região de Cachoeiro, que começou a questão da exploração do mármore e granito, o porto Portocel de Vila do Riacho, a criação dos portos aqui da Grande Vitória, então rodovias, BR e tal, os chamados grandes projetos, nós conseguimos fazer um estudo muito importante e de qualidade para refletir com a sociedade de modo geral sobre os grandes projetos e os impactos na vida do povo.

Você lembra quando mais ou menos?

Isso foi já mais para o final da década de 80 para o início da década de 90.

E me diz uma coisa, você falou que saiu da Pastoral Operária porque não achava que deveria ser mais Pastoral Operária?

Eu achava que o espaço que a gente ocupou com todo esse sistema de informação, já não refletia mais na... não mobilizava mais os trabalhadores. Por quê? Porque a gente ficou em muitas

reflexões e não tinha nenhuma ação que impactava a própria realidade do trabalhador. O desemprego foi crescendo e não adiantava mais você ficar refletindo e o mundo operário também se desfazendo até pela própria evolução.

Quando você fala mundo operário se desfazendo você fala a categoria operário de fábrica?

É, aquele operário, ele já tinha vencido aquela parte. Então eu chamava a atenção lá na arquidiocese e na discussão a nível nacional, também essa reflexão corroborada por outras lideranças de outros estados, de que a necessidade era trabalhar uma pastoral do mundo do trabalho. Você saía daquele mundo operário propriamente dito, porque até o próprio boletim já tinha muito essa cara, para o mundo do trabalho de uma maneira geral, porque o próprio mundo do trabalho passou por transformações. A área de serviços, que não existia, começou a aparecer. O que eu entendi é que essa pastoral tinha também que se atualizar e se recompor de acordo com a realidade colocada. Então essa foi uma das minhas divergências e que eu vi também com consciência que a minha contribuição, a minha insistência dessa mudança e a não compreensão, até por um capricho histórico, do conjunto dos militantes da Pastoral Operária não tavam contribuindo mais, então até para não atrapalhar eu achei melhor sair, me desligar do trabalho e deixar eles tocarem. Mas, para minha surpresa, dois ou três anos depois eles já tavam com outro. Que aí, o que que criaram? Eu ficava questionando: como é que eu vou lá no bairro Flexal II, por exemplo, fazer discussão no grupo de base, e chego lá o chefe de família, o grupo que tá lá em maioria tá desempregada, passando necessidade? Então qual é a ação que nós vamos tomar pra resolver esse problema? Nós vamos criar uma cooperativa? Tanto é que nesse segmento deles foram criados várias cooperativas na região de Campo Grande, na Serra por exemplo começaram a trabalhar a questão da reciclagem, da pesca... Teve que se virar porque o povo estava ficando sem conseguir garantir o mínimo de estabilidade para sustentar sua família. Então quer dizer, a minha discussão vinha nessa questão de...

Você acha que eles acabaram tendo que se adequar?

Se adequaram, tiveram que se adequar à realidade. Porque a militância que vem desse mundo católico, do catolicismo, eles têm muita resistência a novas coisas, a novas formas, há um carinho muito grande eu acho até salutar, mas você tem uma questão muitas das vezes conjuntural, ou pode ser até de evolução, que você é obrigado a ter que mudar a forma. Você pode até garantir os princípios, mas a forma tem que ser mudada porque senão não atende, não vai conseguir incidir de forma a impactar aquela realidade.

Como você avalia a Pastoral Operária hoje?

Olha, eu não posso nem avaliar porque como a própria mudança que houve na questão da igreja como um todo, quer dizer, à minha época era totalmente diferente, então com a própria mudança da própria igreja, não a mudança mas a volta de focar essa questão mais espiritual, então quer dizer, as pastorais da igreja como a Pastoral Operária, a PJMP, a JOC, essas pastorais que tinham uma reflexão mais crítica da realidade elas hoje se enfraqueceram muito e vem toda essa igreja espiritualista, neopentecostalista que acabou trazendo outro tipo de pastoral. Pode ser uma exigência da época mas pode ser um recuo da própria igreja. Tanto é que se você for olhar hoje a diferença que tem da hierarquia da igreja com o chefe maior que é o Papa Francisco, né? O papa está para um lado e eles estão para outro. Para eles, se posicionar ou fazer alguma coisa com toda essa conjuntura que o país está atravessando hoje, que na minha avaliação nós voltamos a 1888, né, em três anos nós voltamos 130 anos, quase dois séculos na história. A igreja e o episcopado brasileiro só foi se posicionar quando o Chico teve de falar lá de Roma. Eles davam uma meia boca, vamos dizer assim, para dizer que não estava totalmente coisa, mas não tinha uma posição da igreja a essa situação que resultou no golpe de Estado. E hoje nós estamos na mesma situação, porque se você for olhar os movimentos que estão acontecendo dessa classe média burra, coxinha... nós estamos à beira de um golpe militar e pode ser que tenha igual a marcha que teve no Golpe Militar de 1964 pode ser que tenha de novo, porque a maioria desses jovens que estão aí nessa loucura toda sem ter o mínimo de noção do que estão fazendo, tentando defender um projeto de 10% da sociedade brasileira, ou menos de 10%, que são os ricos, a classe média acha que vai ficar rica também e vai fazer a mesma coisa que fizeram em 64. Então esse risco pra mim é eminente.

Você acha que é importante fortalecer a Pastoral Operária nesse contexto?

Talvez tenha que se discutir um outro tipo de pastoral. Eu acho que talvez não seria a pastoral do mundo do trabalho, mas uma pastoral que conseguisse juntar os diversos segmentos da igreja para não ficar criando esse monte de... porque o que se faz é que não consegue enfrentar os problemas, aí você fica criando um monte de grupinho. Pastoral da crisma, pastoral não sei do quê... Então você tem que ter pelo menos uma pastoral que pegasse várias áreas né, tudo aquilo que tinha a ver, na área da juventude por exemplo você tinha que ter uma pastoral muito mais ampla que conseguisse pegar toda a juventude mas dentro de uma visão crítica para discutir os problemas da juventude que abarcasse todas as questões que hoje o mundo vive, que são temas novos. Novos segmentos cobrando direitos, diversidade... Você tinha que ter uma coisa um pouco mais ampla para não ficar criando esse monte de caixinha que uma não interage com a outra. Então cada um fica discutindo as suas coisinhas lá no seu cantinho, e isso não funciona

mais numa sociedade de um capitalismo selvagem e de uma sociedade, vamos dizer assim, galopante. Quando você pensa que está fazendo uma coisa aqui já aconteceu outra lá na frente. Nós temos hoje por exemplo, não é nem o nosso jovem, mas os adolescente e pré-adolescentes que hoje são pessoas planetárias, conectadas com o mundo todo. Então quer dizer, as coisas são muito rápidas. Um jovem hoje de doze, treze anos fala com o Japão, fala com a Coreia do Norte, com a Coreia do Sul, fala com a América Latina, fala com todo mundo. Então é uma juventude conectada. Então como as pastorais vão dar conta disso tudo? É a realidade, não tem como fugir. Acontece uma coisa aqui e todo mundo fica sabendo na mesma hora, em tempo real. Como nós vamos fazer com isso? Do outro lado o crescimento do neopentecostalismo é uma coisa ameaçadora que está levando os pobres a uma lavagem cerebral de perda de consciência crítica, principalmente a população afro brasileira, que está se embrenhando nessas igrejas que eu chamo de igrejas comerciais. E aí você vê pra dentro da Igreja Católica esse segmento da renovação carismática também levando essa população a focar uma questão espiritualista simplesmente sem ter nenhuma noção de realidade. Então é uma ameaça muito grande e cresce assustadoramente, ainda mais ajudado pela questão da comunicação, da digitalização, das empresas de televisão e tudo mais, então é um momento muito difícil e que a gente não tem muita noção mais de para onde vai. E se você for considerar a situação do Brasil, que não é uma situação isolada desse conservadorismo que está tomando conta do mundo, difícil você apontar perspectiva de saída a curto e médio prazo, então acho que a história que vai ter de dar conta disso.

Como era a articulação com o interior na Pastoral Operária?

Era mais nas cidades pobres, cidades maiores. Aqui a ligação era mais com Colatina, Linhares, São Mateus, e ao sul era Cachoeiro de Itapemirim. O forte era a Grande Vitória.

Vocês distribuíam o Ferramenta também nas portas das fábricas?

Na realidade não, os próprios trabalhadores é que eram responsáveis por fazer essa... Tinha a pessoa que ficava lá na Pastoral Operária que era responsável. Tinha os nomes das pessoas e ao ser confeccionado o Ferramenta já tinha direcionado quem é que ia levar pro município e do município quem ia fazer essa distribuição.

As pessoas podiam comprar também?

Podiam comprar. A gente tinha também uma responsabilidade dos membros e militantes da pastoral de comercializar o boletim, vender para conseguir algum retorno para se autofinanciar

e também fazer com que as matérias, as notícias, o conteúdo fosse discutido por outras pessoas, com o companheiro, com a companheira ligado ao mundo do trabalho.

Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre o Ferramenta, que você acha importante?

Pra mim acho que o que foi importante foi a experiência que eu queria deixar registrado que foi trabalhar com o Pe. Gabriel Meier. Isso ajudou muito na minha formação política e me deu fôlego como operário na época semi-analfabeto, eu consegui através desse trabalho no boletim Ferramenta nessa parceria com o Pe. Gabriel Meier de conseguir chegar em várias instâncias do movimento social brasileiro. Eu fui da coordenação nacional da Pastoral Operária, eu fui dirigente nacional do movimento negro, eu fui dirigente nacional da Central Única dos Trabalhadores, eu fui dirigente nacional do Partido dos Trabalhadores, eu fui da Executiva Nacional do Conselho Nacional de Leigos, que é um dos seis maiores organismos da Igreja Católica no Brasil como CNBB, CRB. Então quer dizer, eu fui do Movimento Nacional dos Direitos Humanos... Então quer dizer, através do boletim Ferramenta e dessa parceria eu percorri o movimento social e político, o movimento sindical... as instâncias todinhas do movimento social. Como um operário semianalfabeto pra mim foi muito importante, e aprendi muito. Conheci muitas lideranças nacionais e só fui me qualificar na minha parte mais teórica e de formação, terminar o ensino médio e fazer uma faculdade depois de 50 anos. E mesmo quando eu tava na faculdade eu tive uma dificuldade danada de ficar porque eu falava que a faculdade tava me atrapalhando, me emburrecendo, entendeu? Até que eu encontrei um amigo lá que era professor de filosofia, que me chamou num canto e falou: “Não, esqueça, vem cá, aqui é a academia, aqui você não é militante. Se você continuar assim você não vai conseguir ficar, não vai conseguir concluir o seu curso.” E aí eu fui, eu consegui me ajeitar e consegui terminar a faculdade, depois eu fiz uma pós-graduação e agora eu não quero mais saber de estudo, só quero fazer análise.”

Obrigada.

Entrevista concedida por Jardel Neves Lopes à autora da pesquisa

Qual é seu nome completo?

Jardel Neves Lopes

Qual é sua função na Pastoral Operária Nacional?

Eu, assim como a Mônica, que veio comigo, somos coordenadores liberados, recebemos uma remuneração para nos dedicarmos exclusivamente à pastoral.

Como funciona a coordenação nacional da Pastoral Operária?

A coordenação nacional é um colegiado. Tem um representante do Sul, um do Sudeste, um do Norte-nordeste, um padre e um bispo que acompanham.

E como você vê hoje a situação da Pastoral Operária?

A Pastoral Operária, de um modo geral está bastante fragilizada. Já chegou a 100 dioceses. Hoje está em um pouco mais de 60. A abrangência está menor, os grupos estão cada vez com menos pessoas, uma média de 5, 7, no máximo 10 pessoas, mas em geral é em torno de 5 ou 7. Muitos militantes que já não estão mais no dia a dia do trabalho, os aposentados. Poucos estão na linha de produção das fábricas, como foi no início da Pastoral Operária. Muitos estão na área de serviços, temos aí professores, área de saúde, vendas, de modo geral é esse o quadro.

A que você atribui o enfraquecimento da Pastoral Operária?

A Pastoral Operária é uma das primeiras pastorais sociais da Igreja. A partir da PO nasce o Partido dos Trabalhadores, a Central Única dos Trabalhadores. Hoje a CUT tem 76 mil funcionários liberados para o trabalho dela, nós temos 2. Foram nascendo outros sindicatos, a linha de movimento de direitos humanos cresceu bastante, muitos centros de direitos humanos, coisa que antes não existia. Depois foram surgindo várias pastorais sociais. Foram surgindo outras coisas. A Igreja mudou bastante com o papado de João Paulo II e o papado de Bento XVI. A Igreja, que antes dava apoio prioritário às questões sociais deixou de dar esse apoio prioritário às questões sociais e voltou-se muito para dentro. Deixou de alimentar uma espiritualidade de luta, uma espiritualidade libertadora. Os que já vinham nessa caminhada se dividiram para outros movimentos, desde partido, sindicato e movimentos diversos, e a pastoral vai, de certa forma, minguando. Aquilo que produzia militância para a Pastoral Operária, era essa igreja de luta, essa igreja libertadora. Havia agências de fora que investiam na Pastoral Operária, como a Misereore, ligada à Igreja da Alemanha, que investiam no processo de

desenvolvimento do Brasil através da formação de lideranças. As pastorais eram um canal muito grande.

Quais as alternativas para fortalecer a Pastoral Operária?

A gente precisa sentar, estudar, aprofundar e ver como a gente interage. A gente contribuiu muito com a formação dos sindicatos. Hoje não há necessidade para a Pastoral contribuir com formação de sindicato, mas há sempre como contribuir de alguma forma. De um tempo para cá a gente entrou na economia solidária. A gente tem que estudar mais qual é o lugar da Pastoral Operária na economia solidária e qual o lugar da economia solidária na Pastoral Operária.

Além dos sindicatos, vocês buscam parceria com outros grupos?

Estamos buscando parceria com a academia, com pessoas que estudam a pastoral ou o mundo do trabalho, por exemplo, para nos ajudar a reformular materiais de formação ou criar novos.

Obrigada.

Se precisar de mais informações, pode entrar em contato.

Obrigada.

Entrevista concedida por José Lopes do Rosário à autora da pesquisa.

Qual é seu nome completo?

José Lopes do Rosário

Ouvi dizer que o senhor veio do interior para a Grande Vitória. É verdade?

Vim de Barra de São Francisco em 1974 para trabalhar na Companhia Siderúrgica de Tubarão, na área da construção civil. Porém, meu contrato venceu e fui mandado embora. Isso era prática comum na CST. Posteriormente fui trabalhar na empresa Metro, em Jardim da Penha, também na construção civil.

Como o senhor ingressou na Pastoral Operária?

Ingressei na Pastoral Operária a convite dos amigos Maurício Amorim e Waldemar Almeida Lyrio. Não tinha consciência de que os direitos dos trabalhadores não eram respeitados. Depois que entrei na Pastoral passei a participar de discussões sobre isso e comecei a entender que as empresas estavam erradas na maneira como tratavam os trabalhadores.

Como se deu esse despertar de consciência?

Seu Maurício vinha da casa dele para fazer o encontro em Porto de Santana. Eles iam na casa dos trabalhadores e convidavam para a reunião na comunidade. Conversávamos como era a empresa da gente, como tratava o funcionário, como era a segurança. Aí a gente respondia “Ah, é boa, paga a gente”. Aí depois perguntava: mas e a segurança, dão botina para trabalhar? “Não, Não Dá Não. Aí a gente descobria que o valor dos trabalhadores não tava sendo atendido. Com a pastoral discutindo os direitos dos trabalhadores eu passei a entender que o patrão estava errado.

E sua atuação no Ferramenta, como foi?

Participávamos de reuniões semanais com Padre Gabriel, onde os trabalhadores relatavam os problemas vividos no ambiente de trabalho e debatiam. Eu, por exemplo, conversava com os colegas na hora do almoço e levava tudo para a reunião. Muitas vezes percorríamos eventos da Igreja no interior do Estado para conversar com os trabalhadores do campo e trazer suas demandas, além de distribuir o informativo. Diante das discussões trazidas, Gabriel preparava os textos.

Então os trabalhadores tinham uma participação ativa na produção do jornal?

Tinham.

Na distribuição também?

Sim. Eu ia para a empresa com uma bolsa cheia de exemplares do Ferramenta para distribuir e promover discussões entre os trabalhadores.

Essas conversas na hora do almoço não desagradavam a chefia?

Desagradavam. Cheguei a ser punido por isso. Chegou um momento que para tentar impedir a distribuição e outras atividades da Pastoral me colocaram para fazer atividades mais isoladas, para me separar dos colegas de trabalho.

E a greve da construção civil de 79, o senhor participou?

Com o passar do tempo entendemos que deveríamos tomar os sindicatos dos patrões. Passamos a participar das assembleias dos sindicatos, denunciar a violação dos nossos direitos, mas o presidente não ficava do nosso lado. Na greve da construção civil de 1979, entre as principais queixas dos operários estavam o arrocho salarial, o não pagamento de horas extras e a desigualdade salarial entre os trabalhadores

Obrigada.

De nada.

Entrevista concedida por José Machado à autora da pesquisa

Qual é seu nome completo?

José Ferreira Machado?

Como surgiu a Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória?

Em julho de 1974, particularmente, foi feito um encontro sobre o assunto. Nessa ocasião, foram convidados vários agentes de pastoral, padres e operários que tiveram que se defrontar, através do Brasil, com os problemas da industrialização. Vieram pessoas que já tinham experiência de trabalho em cidades industriais para uma troca de experiências. Contamos com a ajuda de pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Juiz de Fora. Nessa reunião foi decidido reforçar a pastoral urbana e, também, a de periferia; ter uma pastoral específica para o mundo operário. Neste encontro, um padre da Arquidiocese aceitou estudar como iniciar a Pastoral Operária. Também foi decidido que três operários de Vitória que participaram do encontro fossem também ao congresso da Ação Católica Operária, em setembro de 1974, em São Paulo, para um primeiro entrosamento. Assim as coisas começaram, mas antes disso já havia uma mobilização puxada por Seu Maurício Amorim.

E como era essa mobilização feita por Seu Maurício?

Seu Maurício montou uma associação de trabalhadores dentro da casa dele, em Campo Grande. Lá formamos eletricista, pedreiro, carpinteiro. Oferecia curso técnico. Tudo voluntário. Ele fez um pedido para a Misereor para montar a infraestrutura. Também era feita análise de conjuntura e formação sindical.

Como foi o processo de estruturação da Pastoral Operária?

Meu amigo, Maurício Amorim, convidou diversos amigos das Comunidades Eclesiais de Base, entre eles eu, que na época era metalúrgico e trabalhava na empresa Metalpen, em Campo Grande, para estruturar a pastoral. Com o passar do tempo, começaram as reflexões sobre a necessidade de abandonar o nome Ação Católica Operária, já que o operariado não era formado somente por católicos. Foi quando o grupo de São Paulo veio para cá e fizemos uma assembleia. De Ação Católica Operária o grupo passou a se chamar Pastoral Operária.

Os grupos tinham atuação maior em quais municípios?

Serra e Cariacica?

Sabe dizer por que?

Esses municípios tinham o maior número de operários da construção civil, metalúrgicos e ferroviários, principais públicos com o quais a Pastoral trabalhava, e que foram atraídos pelos grandes empreendimentos industriais. A categoria comerciária era foco da Juventude Operária Católica por ser composta principalmente de jovens. A gente se reunia nas comunidades católicas, discutia os problemas da empresa. Na empresa a gente agia. No final de semana a gente avaliava como foi nossa ação no local de trabalho.

E no interior? A Pastoral Operária se expandiu para lá?

Seu Maurício convocou assembleia em Colatina para discutir sobre a importância da Pastoral Operária. No final da assembleia o padre de lá propôs criar um grupo. Por meio das discussões da Pastoral Operária também foi criada a Associação de Trabalhadores Rurais, em Marilândia. Nós íamos na associação para dar formação, eles também vinham para cá, para as formações que dávamos aqui. Isso fazia parte da integração entre trabalhadores do campo e da cidade.

Você se lembra da greve da construção civil, a primeira no Espírito Santo no regime militar?

Lembro. A gente tava numa reunião normal da Pastoral Operária, tinha até uns padres franceses e Waldemar Lyrio chegou na Mitra com um monte de trabalhador e falou: “Nós entramos em greve. Nosso presidente não quis assumir nossa luta então me ofereci para assumir a luta. Os trabalhadores acataram e estamos aqui para pedir apoio”. Largamos a reunião e partimos para a organização com eles. Quando a gente tava de luta cá eles também tavam apoiando a gente. Quando eles tavam lá a gente também tava colhendo um alimento para não deixar a greve enfraquecer. Qualquer coisa que servia de ajuda a gente tava com eles. No sindicato deles tinha um cara que tava lá, um tal de Oswaldo, do lado dos patrões, há uns 12 anos, e ia ficar lá até morrer. Depois dessa greve eles lançaram uma chapa e apoiamos o tempo todo com eles. O meu (Sindicato) era dos metalúrgicos. Tinha um senhor lá, o Carlos Valente, que estava há 12 anos no sindicato sem eleição. A gente começou a questionar. A gente ia para a porta das fábricas, para a Samarco, para a Simetal, em João Neiva. Pegava os três turnos e à noite a gente fazia a assembleia. Quando veio a eleição a gente ganhou. Passou para a mão dos trabalhadores e está até hoje. No sindicato fui diretor de pessoal.

Entrevista concedida por Marina de Oliveira à autora da pesquisa.

Nome completo, por favor.

Marina de oliveira

Gostaria de saber, primeiramente, informações sobre como surgiu a Marcha pela Vida e Cidadania.

O município de Cariacica estava abandonado. Numa reunião da área Cariacica Viana sugerimos uma caminhada pela Vida. Foi em 2000, fizemos uma caminhada da prefeitura até Campo Grande. Então fizemos como esse grito de Cariacica e Viana. No segundo ano já foi com o caráter de 1º de maio e começou a sair de Campo Grande até a Câmara ou até a Prefeitura. Teve um ano em que a marcha teve mais de 5 mil pessoas. Monsenhor Rômulo chamou todas as comunidades para participar e ela foi evento da festa do Bom Pastor. Tivemos muita cobertura da mídia corporativa. A rádio FM Líder ajudou bastante. Fizeram chamadas na rádio, a equipe de divulgação fez várias entrevistas antes da marcha, houve a cobertura da marcha. Depois da morte do monsenhor, não tivemos mais destaque na FM Líder. Tinha 30 minutos de aviso das comunidades e falavam da marcha no meio.

Além dos eventos dos quais tive a oportunidade de participar, como a marcha, Encontro de Novos e Velhos Amigos, entre outros, quais as outras atividades da pastoral?

A Pastoral Operária tem a Cooblofac, que é uma cooperativa de blocos. Fica no bairro Flor do Campo. Tem duas farmácias alternativas, uma em Flor do Campo e outra em Novo Horizonte. A Cooblofac foi criada em 1999 como ação concreta da Campanha da Fraternidade Sem Trabalho Porque?. Seu Maurício tirou dinheiro do próprio bolso para ajudar a montar a cooperativa, com foco nos desempregados, pessoas com problemas de álcool, drogas e ex-presidiários. A Pastoral Operária conversou com a comunidade, aí a comunidade indicou as pessoas. Seu Maurício conversou com as pessoas indicadas, um por um, fez o convite. Hoje a Pastoral Operária acompanha para auxiliar, mas a ideia é que os próprios trabalhadores façam a gestão. Quando as pessoas conseguem trabalho com carteira assinada saem da cooperativa.

Depois da morte de Padre Gabriel, qual outro momento de maior declínio para a PO?

O apoio declinou mais ainda quando monsenhor ficou doente. Vieram outros padres e não tivemos mais apoio. Não tinham compromisso com nenhuma pastoral. Quando entrou Dom Silvestre a gente sentiu diferença. Ele não dizia que não, mas também não apoiava. Não é

somente com a Pastoral Operária, mas a Pastoral da Criança, da Juventude, tava todo mundo no auge e de repente baixou todo mundo de uma vez só. Faleceu Padre Gabriel, foi uma queda grande, pois tínhamos um apoio muito grande dele.

E hoje, como está a pastoral em relação a apoio institucional?

Temos hoje apoio de um ou outro padre. Enquanto Diocese, enquanto arcebispo, não temos muito apoio. Na época de Dom Silvestre a gente ainda conseguia fazer um trabalho a nível de Estado, nós tínhamos um carro da Cáritas para visitar o trabalho da PO de outras dioceses. A gente tinha dois liberados pagos pela Misereor. A gente tinha um trabalho mais articulado a nível de diocese, Espírito Santo, Brasil. Se tivesse que sair numa sexta num encontro para voltar num domingo tinha gente com disponibilidade para isso.

Existem outros fatores que podem ter contribuído para o enfraquecimento da pastoral? Vivemos, por exemplo, em um período de muito individualismo. Quando entrevistei Dona Eni, ela falou sobre a RCC, por exemplo.

O neoliberalismo traz o individualismo. A gente não consegue chamar pessoas novas. Ninguém está preocupado com mais nada. Cada um tá na sua gavetinha. O pior é que hoje como as comunidades pegaram muito a linha da RCC então elas não se preocupam mais com o social. O social delas é o assistencialismo. É mais as pessoas estão passando fome, vamos doar cesta básica, mas não vamos lutar pelo combate à fome. Não tem mais grupo de jovens, não tem mais PJ. Quando eu entrei na PO a primeira coisa que eu fiz foi ir na PJ, e conseguimos umas quatro pessoas para ajudar nesse trabalho, com teatro sobre o que é a PO. As pastorais estão muito defasadas por causa de muita gente envelhecendo, não tem mais muita liderança. As pastorais têm tendência de ir buscando as pessoas que acham que são boas para elas também. Elas acabam disputando as lideranças pastorais. As celebrações eram mais na nossa linha, tinha uma equipe de liturgia enquanto pastoral. Então isso ajudava mais. Hoje não, a equipe de liturgia tem que ser bem romanizada, tem que estar bem certinha como o padre fala, o leigo não tem mais a vez de celebrar.

Dona Eni também destacou a inércia dos movimentos populares a partir da ascensão do PT ao governo federal. Você concorda?

Seu Maurício dizia: “a PO é uma pastoral. A gente trabalha a questão política, partidária, mas nós somos uma pastoral. Se tiver que denunciar a gente tem que denunciar”. Nesse sentido a gente sempre teve clareza. Mas muitas pessoas que eram combativas baixam a guarda e isso

acaba influenciando não no grupo todo, mas em algumas pessoas. Parece que muitos movimentos pensaram “agora a gente tem um salvador da pátria, agora as coisas vão melhorar”.

Entrevista concedida por Mônica Helena Fidélis à autora da pesquisa

Qual é seu nome completo?

Mônica Helena Fidélis

Qual é o objetivo das visitas da Pastoral Operária Nacional às bases?

As visitas são um termômetro do quadro da Pastoral Operária hoje. A gente está sempre nesse exercício de visitar para não correr o risco da coordenação nacional ficar distante da realidade da base, tem que estar sempre bebendo da fonte do que está acontecendo na base para ter a visão do todo para poder contribuir, seja na questão de material formativo, seja para articular onde não está articulado, fortalecer onde está fraco, animar. Esta visita é uma ponte entre nós, que estamos nessa função de coordenação nacional, e os grupos de base.

Aqui no Espírito Santo a gente percebe que a Pastoral Operária está envelhecida, praticamente não tem jovens. Nessas visitas, quais as conclusões que vocês chegam a respeito disso pelo resto do país?

A região sudeste é uma região onde tem muitas pessoas das antigas mesmo, não houve uma renovação, isso é claro. A maioria é aposentados, têm poucos jovens. Você vai na região sul, uma região onde tinha um grande número de Pastoral Operária, hoje se resumiu a dois no Paraná, bem fragilizado também. Tem um até que não está tão fragilizado. A região central, em Goiás, tinha um grupo de Pastoral Operária, que não existe mais. A região nordeste e norte é onde a gente percebe que tem mais jovens. Não é que a maioria são jovens, mas dentro desse contexto nacional existe um certo número de jovens. Na região nordeste, mais nordeste do que norte, dá para perceber.

Quanto à comunicação da Pastoral Operária Nacional, quais meios vocês utilizam?

Temos o jornal Conquistar, onde estamos colocando textos mais reflexivos. Nele também colocamos notícias sobre os grupos de base. Ele é impresso na gráfica do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Temos a página no facebook também...

...O fato de ser impresso na gráfica do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC não interfere na linha editorial? Por exemplo, se o sindicato for atrelado a um determinado partido e a pastoral criticar no jornal iniciativas do governo desse partido pode acontecer do sindicato querer interferir no conteúdo.

Não. Conosco isso não acontece. Temos total independência na elaboração do jornal.

Obrigada.

De nada.

Entrevista concedida por Maria da Luz Fernandes à autora da pesquisa.

Nome completo, por favor.

Maria da Luz Fernandes

Qual a sua função na comunicação da Arquidiocese de Vitória?

Sou Gerente de Comunicação e Marketing

Gostaria que você me falasse sobre a política de comunicação da Arquidiocese de Vitória.

A Arquidiocese de Vitória não tem uma política de comunicação, e sim, orientações para a comunicação que funcionam como se fossem as políticas. Dom Luiz determina o funcionamento dos três níveis de comunicação, que são o Departamento de Comunicação e Marketing, que este que gerencio, que cuida do que é oficial da instituição, como o site, revista Vitória, assessoria de imprensa, redes sociais e da imagem visual da Igreja em meio à sociedade. Outro nível de comunicação é a Pastoral da Comunicação, que tem um coordenador, uma comissão arquidiocesana, e fica ligada ao Departamento de Pastoral. A Pastoral da Comunicação tem diálogo aberto com o Departamento de Comunicação, pois precisa interligar e conectar informações, mas hierarquicamente, fica no Departamento de Pastoral. O papel da Pascom é pastoral, trabalhar com grupos nas paróquias, tentar fazer com que as pessoas estejam mais preparadas, dar mais formações, acompanhar os processos para poder fazer a ponte entre o que acontece lá e o que chega para a Mitra para a divulgação. Faz formações sobre redação, fotografia, estudo sobre os documentos da Igreja sobre comunicação, tanto no nível da reflexão sobre o pensamento da Igreja quanto à comunicação, oficinas práticas para fazer determinadas coisas, como fazer post no facebook. São oficinas práticas específicas para aprender a fazer. O pessoal da Pascom não precisa necessariamente ter formação em jornalismo. Há necessidade de se fazer. Claro que tem paróquia que tem jornalista, que tem formação em Rádio e TV, e que trabalha na paróquia também, mas a gente parte do princípio que na pastoral qualquer um pode ser agente e, portanto, há necessidade de formar. O terceiro núcleo é o das rádios, que abrange a América AM, América FM e FM Líder. As rádios têm autonomia, precisam ter sua linha editorial, mas obedecer as orientações gerais.

Esses três núcleos dialogam?

Dialogam por meio da ampliada da comunicação.

O que é a ampliada da comunicação?

É o seguinte: quando a gente sente necessidade a gente se reúne para articular a comunicação diante de um determinado tema. Ano passado, no final do ano, percebemos o problema da água. Então a gente fez um material e uma baita campanha, em todos os veículos, os oficiais da instituição, as rádios e as pascoms, que distribuíram pelas paróquias. Então de vez em quando a gente faz isso. Ou com eventos da Igreja. Agora a gente está na celebração dos sessenta anos da Arquidiocese.

Existem jornais específicos de pastorais sociais?

Não. Com o surgimento de facebook e whatsapp nas paróquias, mais o da Arquidiocese, deixou de ser uma necessidade. Talvez também porque Dom Luiz redefiniu o conceito de Comunidade Eclesial de Base na Arquidiocese de Vitória. Há alguns anos atrás, a gente tratava as Ceb's como se fossem um movimento. Você lembra como era antes?

Um pouco.

Tinha de um lado a Renovação Carismática, a Legião de Maria, e de outro lado tinha as Ceb's. Ceb's é uma estrutura física, é uma pequena paróquia, onde todas as pastorais, movimentos podem acontecer. Esse juntar todo mundo na comunidade ou na paróquia acabou com as necessidades de cada um ter sua coisinha. Paróquias têm jornais e muita página de facebook. Unifica.

As pastorais podem ter página no facebook, por exemplo?

Facebook de pastoral existe. A mídia que funciona mais na igreja hoje é facebook e whatsapp. A nossa ideia é que uma fanpage institucional é suficiente. A ideia é unificar. O pessoal da Pascom da paróquia manda para o departamento de pastoral ou de comunicação. Os grupos de Pascom devem enviar. Criando laços com as pessoas, a pessoa te envia direto. Para divulgar na grande imprensa, a gente orienta que envie direto para o departamento de comunicação e marketing.

Me diz uma coisa, em relação às temáticas os jornais paroquiais podem abordar assuntos das conjunturas política, social e econômica ou somente que dizem respeito especificamente à Igreja?

A gente trabalha com a ideia da informação. A gente entende que tem muito agente de pastoral que não tem muito conhecimento para falar da coisa em si, explicando. A gente orienta que façam informação. É nessa linha que a gente trabalha com ele. A gente trabalha o lead. A gente pede que sejam bastante objetivos, bastante informativos. Por exemplo: abertura da campanha da Fraternidade. O tema é esse, vai ser no lugar tal, no dia tal, contamos com a participação de todos. E não ficar falando sobre segurança, como é que se evita a violência. A gente procura fugir disso para não ter discursos diversificados, ainda mais com o pluralismo que existe hoje, ou coisas erradas também. Pensamentos de católicos que não representam fielmente o da Igreja.

Entrevista concedida por Giovandro Marcus Ferreira à autora da pesquisa**Olá, Giovandro! Qual é seu nome completo?**

Giovandro Marcus Ferreira

Quando você começou a atuar no Ferramenta?

Comecei a atuar no *Ferramenta* a convite do Gabriel. Eu era seminarista e estudante de jornalismo. E ele dizia que, além de padre, o sonho dele era ser jornalista. Aí criou-se uma grande afinidade entre nós.

Como era a produção do jornal?

Lembro que tínhamos uma reunião de preparação de pauta. Aí a gente via o que estava em voga no campo eclesial e no campo sociopolítico. O Gabriel estava sempre com o radar mais ligado, sobretudo porque frequentava os grupos da Pastoral Operária, discutia também com os trabalhadores, e tinha sempre as proposições. Dividíamos as pautas. Na outra reunião cada um trazia o que havia escrito e avaliava. Depois era preciso datilografar, enviar para o desenhista e depois para a gráfica.

Qual era o conteúdo das notícias?

Existia a preocupação de no final das matérias levantar algumas questões para o debate. Ou quando não levantávamos, orientávamos para quem estivesse dirigindo o grupo para que puxasse as reflexões. O ver era a leitura da matéria. O julgar, a reflexão sobre o que foi lido, como a importância do engajamento no bairro e no sindicato, por exemplo. O agir, a ação concreta, criar associação de moradores, fazer aniversário do buraco e chamar imprensa. Tinha a preocupação de catalisar a imprensa de massa, ou imprensa burguesa. Havia uma dicotomia aí. A Igreja tinha uma reflexão muito crítica em relação a essa mídia, por isso que talvez a Igreja demorou a ter uma participação maior nos meios de comunicação de massa. Se achava que as comunidade seriam a semente de uma nova sociedade, que as publicações alternativas e populares seriam semente de uma nova maneira de comunicar. O Ferramenta concretizou a preocupação da Igreja em fazer a reflexão do mundo operário, se aproximando desse mundo, emergindo desse mundo. Era pensar uma comunicação a partir do lugar do pobre, no caso aí, do trabalhador. A igreja buscava, sobretudo, a partir das conferências latino-americanas, se colocar num outro lugar de fala em nossa sociedade. Contribuiu para repensar o lugar da igreja a partir do lugar desse operário. Vale lembrar que surgiu depois do milagre econômico. Tem-

se um crescimento, depois, e sobretudo a população trabalhadora, ficou a margem desse crescimento. Era uma instituição que buscava se articular de maneira mais horizontal internamente, criando novas estruturas na Arquidiocese de Vitória e se articular com os setores menos favorecidos. O Ferramenta era ligado à Igreja, que faz parte desse contexto maior de redirecionamento institucional, buscando, o que se falava muito na época, a opção preferencial pelos pobres.

Na sua opinião, o Ferramenta conseguiu mobilizar a classe trabalhadora capixaba?

Seria muita pretensão dizer que o Ferramenta conseguiu mobilizar a classe trabalhadora. Ele mobilizava parte da classe trabalhadora, sobretudo a partir de lideranças ligadas a ela, como na construção civil, metalúrgicos, ferroviários, e portuários.

Obrigada.

Você vai estudar o informativo?

Sim.

Qual período?

De 1977 a 1985. Da criação até o fim da ditadura militar.

Você tem os exemplares?

Conseguí no site do Centro de Pastoral Vergueiro. Estão lá digitalizados.

Sucesso na sua pesquisa. No que precisar, pode contar comigo.

Muito obrigada.

APÊNDICE B

Resumo das matérias das edições do *Ferramenta* de 1977 a 1985 e divisão por tema.

Edição nº 0 – dezembro de 1977

Tema	Resumo da matéria
Sindicalismo	Mobilização dos metalúrgicos do Estado de São Paulo, com apoio do sindicato, por reposição salarial. A mobilização estava se expandindo entre metalúrgicos de outros estados, como Minas Gerais, além de outras categorias, como bancários, têxteis e gráficos.
Grandes empreendimentos	Atraso no início das obras da Usina de Tubarão em virtude da crise econômica mundial, que causou a crise do aço, impossibilitando outros países de comprar a produção que seria proveniente de Tubarão. O informativo afirma que se o governo levar a obra adiante a produção encalha, mas, se não levar, será uma desmoralização e questiona o gasto de dinheiro público em um projeto que pode fracassar.
Sindicalismo	Pequeno diálogo entre dois trabalhadores no qual um tenta convencer o outro da importância da sindicalização.
Sindicalismo	Breve discurso do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo no qual ele destaca que a luta dos trabalhadores não é somente pela reposição salarial, mas também por questões como o fim da rotatividade da mão-de-obra, revogação da Lei 4330, que proíbe as greves; e pelo fim da Lei do Arrocho, que congela os salários.
Sindicalismo	Denúncia contra o sindicalismo atrelado aos patrões por meio de matéria sobre convite do então senador Petrônio Portela a dirigentes sindicais para discutir problemas operários na política. O <i>Ferramenta</i> denuncia que os dirigentes sindicais convidados são atrelados aos patrões.

Acidentes de trabalho	Matéria sobre acidentes de trabalho no Brasil com dados do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que mostram que a cada dia 15 trabalhadores morrem no Brasil.
Acidentes de Trabalho	Matéria sobre acidentes de trabalho, porém, com foco no Espírito Santo, mostrando que somente em 1975 ocorreram 27.918 acidentes de trabalho no estado, sendo 17.994 na Grande Vitória e 9.924 no interior. O jornal convida a discutir nos grupos as causas que provocam tantos acidentes.
Igreja povo	Denúncia da Igreja Católica em relação aos operários da Baixada Fluminense, que convivem, por exemplo, com uma jornada de trabalho de 10 a 12 horas por dia, sendo que para chegar ao trabalho são 4 a 6 horas de transporte. Além disso, vivem com um ou dois salários mínimos, um leito de hospital para cada 1250 habitantes, a cada 100 crianças, 90 são vítimas de verminose; a cada 100 casas somente 10 possuem rede de água e esgoto.
Custo de Vida	Críticas à Campanha da Pechincha e à Campanha Em Defesa do Consumidor, peças publicitárias criadas pelo governo ditatorial para conter a inflação. Segundo o Ferramenta foram gastos CR\$ 15,5 milhões em uma iniciativa que não resolve o problema. O informativo reivindica que os trabalhadores possam se organizar para lutar por seus direitos e, assim, recuperar o poder de compra, que estava cada vez mais perdido com o salário cada vez mais achatado.
Direitos Trabalhistas	Matéria sobre a greve de 15 dias dos 150 operários da Cobrazil, empreiteira de construção civil do Espírito Santo que não estava pagando salário dos funcionários. A greve terminou quando a empresa se dispôs a efetuar o pagamento.
Sindicalismo	Matéria sobre manifesto publicado por mais de 100 entidades sindicais do Rio Grande do Sul falando de suas insatisfações: concentração de riqueza na mão de poucos, o Banco Nacional de Habitação (BNH), cujo objetivo era construir casas populares, não cumpre o seu papel; além do controle dos sindicatos pelo Estado.

--	--

Edição Nº 01 – Fevereiro de 1978⁶⁶

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Recordam muito brevemente a matéria da edição anterior sobre a mobilização dos metalúrgicos de São Paulo para explicar o que é reposição salarial. Utilizam como exemplo prático do que é reposição a situação dos Ferroviários de Vitória, que a conseguiram por meio de ação judicial sem auxílio do sindicato.
Série	Início de uma série sobre a história da classe operária no Brasil que terá continuação nas próximas edições. Nesta, o informativo fala da fase que ele chama de mutualista, ou seja, de ajuda mútua entre os trabalhadores por meio da formação de associações no século XIX.
Grandes empreendimentos	Recordam muito brevemente a matéria da edição anterior sobre o atraso das obras na Usina de Tubarão para falar sobre a crise no mercado mundial de celulose, como isso afeta a implantação da fábrica de celulose Flonibra, no norte do Estado; e denuncia a falta de planejamento por parte do governo, o crescimento a todo custo, o prejuízo para a agricultura capixaba e a dependência do Brasil em relação ao mercado externo.

⁶⁶ Não houve edição em janeiro de 1978.

Direitos Trabalhistas	Explica o que é o PIS-PASEP, quem tem direito de recebê-lo e esclarece que quem o paga são os próprios trabalhadores, pois o recurso é proveniente do lucro dos patrões, que vem do trabalho do operário.
Sindicalismo	Estimula os trabalhadores a tomarem a frente dos sindicatos comparando-o a uma carroça cujas rédeas estão nas mãos dos patrões, mas que os trabalhadores devem tomá-las para dar seu próprio rumo, como está buscando fazer a oposição sindical metalúrgica de São Paulo. Interpela os leitores a refletir nos grupos sobre o que os companheiros pensam em relação ao sindicato.
Depoimentos	Depoimentos de dois trabalhadores do Rio de Janeiro: um mecânico e um operário da construção civil aposentado sobre como foi o ano de 1977. Os dois afirmam que não foi bom. O primeiro diz que faltou coisas básicas, como roupa, comida, que estava tudo muito caro. Ele acredita que para mudar a situação do país somente se 80% dos brasileiros ganhassem na loteria federal. O outro reclama da violência da polícia, que chega matando todo mundo, quebrando escolas. Reclama da falta de liberdade de expressão e de não poder escolher governantes.

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Resultado das eleições da diretoria do Sindicato dos Ferroviários do Espírito Santo, mostrando que a chapa da situação, atrelada aos patrões, ganhou, mas denunciando a coação feita contra os trabalhadores. O informativo convida a refletir nos grupos como está a participação de cada um nos sindicatos de sua categoria.
Conjuntura Política Internacional	Matéria sobre a possível criação de um partido trabalhista. O informativo contesta a iniciativa por ter sido encabeçada pelo então governador de São Paulo, o governador Paulo Egídio, e pelo médico e fazendeiro Jorge Maluly, que é contra a independência dos sindicatos e o direito de greve, por exemplo. O informativo afirma que uma das pessoas que se recusaram a se reunir com eles para discutir a criação do partido foi Lula.
Conjuntura Política Internacional	Discurso do Lula dizendo que não interessa a ele um partido de cima para baixo. Segundo Lula, para criar um partido é preciso reunir os trabalhadores, discutir com eles e criar um partido que atenda às necessidades do povo.
Direitos Trabalhistas	Matéria sobre a revolta dos trabalhadores da construção civil de uma empresa do Rio de Janeiro, que preferiam comprar comida nas barraquinhas em frente à empresa do que na cantina do local do trabalho, pois era de má qualidade. A empresa tentou obrigá-los a comprar na cantina. Eles

	fizeram um protesto. A polícia chegou, derrubou as barraquinhas e atirou em um operário. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos se sabem que esses fatos estão acontecendo nas grandes cidades como o Rio de Janeiro e como está a situação dos trabalhadores da construção civil no Espírito Santo.
Direitos Trabalhistas	Matéria sobre a nova Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), cujas modificações, principalmente sobre o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), serão aprovadas pelo Congresso Nacional e implementadas ainda no governo Geisel. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos se os trabalhadores estão sendo consultados sobre essas mudanças e se as pessoas do grupo estão preocupadas em discutir sobre o assunto.
Igreja Povo	Mensagem de Dom João Batista da Motta e Albuquerque sobre a quaresma, dizendo que defender o jejum, numa sociedade onde grande parte das pessoas passa fome, é algo fora da realidade. Ele conclama as pessoas que vivem no conforto, no luxo, à conversão, à mudança de mentalidade. Mencionou a Campanha da Fraternidade, cujo tema é Trabalho e Justiça para Todos. Conclamou trabalhadores da cidade e do campo a lutarem por seus direitos, a se organizarem nos seus sindicatos. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir

	nos grupos se estão usando o livro da Campanha da Fraternidade que a Diocese publicou.
Sindicalismo	Matéria sobre a desigualdade entre mulheres e homens metalúrgicos, exposta no primeiro Congresso das Mulheres Metalúrgicas de São Paulo. Essa desigualdade está expressa, por exemplo, na diferença salarial entre os operários e operárias, dupla jornada de trabalho, falta de departamento feminino nos sindicatos.
Série	Continuação da série sobre a história da classe operária no Brasil. Continuam falando sobre a fase mutualista. Explicam que trata-se de um período em que os operários criavam associações para prestar ajuda aos membros por meio de uma caixa comum e instrução profissional, e não por meio da mobilização por direitos. O <i>Ferramenta</i> destaca que havia uma lei de 1834 que proibia as associações, mas mesmo assim em 1836 foi criada uma em Recife. Na próxima edição, o <i>Ferramenta</i> firma que falará das associações que começam a praticar mais a luta e dos jornais operários.

Edição Nº 03 – Abril de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Matéria sobre a atuação das oposições sindicais na mobilização dos trabalhadores em época de Campanha Salarial e suas

	principais reivindicações, como reajuste salarial, mudança na lei do salário mínimo, melhores condições de trabalho para a mulher e o menor, liberdade sindical, direito de greve, entre outros.
Sindicalismo	Matéria sobre a vitória da oposição sindical do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos como está o movimento de oposição sindical no Espírito Santo.
Acidentes de Trabalho	Matéria denunciando a ineficácia da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) e da nova lei de prevenção de prevenção de acidentes, que não foi discutida com os trabalhadores.
Acidentes de Trabalho	Dados do INPS sobre acidentes de trabalho em Vitória. Em 1977, foram 14.535. Entre janeiro e fevereiro de 1978, 1985 acidentes.
Acidentes de Trabalho	Dados sobre acidentes de trabalho na Vale. Nos últimos cinco meses, 17 acidentes. No Setor Regional de Administração de Tubarão, no Departamento de Sistemas (Computadores) e na Divisão de Fiscalização e Execução de Obras do novo Porto foram 11 meses e 10 dias sem ocorrência de acidente de trabalho. No Departamento de Pelotização, segundo a Vale, foram cinco meses sem acidentes de trabalho.
Acidentes de Trabalho	Matéria sobre informações da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), que afirma

	<p>não poder investigar as causas dos acidentes de trabalho por não ter autorização do Ministério do Trabalho para isso. Após ler as notícias sobre acidentes de trabalho, o <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos para que foram criados o Ministério do Trabalho e a DRT, o que os trabalhadores podem fazer para que a Cipa funcione de verdade e fazer a comparação entre os dados da Vale e do INPS para debater qual é a verdadeira realidade.</p>
Direitos Trabalhistas	<p>Matéria sobre operários que quebraram escritório da Reico Engenharia, em Camburi, ao saberem que não receberiam o pagamento de 20 dias de trabalho na Nassau, em Cachoeiro, com jornada de trabalho de 18h por dia, sem direito à alimentação. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos porque os trabalhadores “vão levando, vão levando, e as empresas dão sempre um jeito de enrolar” e qual a melhor ferramenta que os trabalhadores devem usar para exigir seus direitos.</p>
Direitos Trabalhistas	<p>Operários da Cetenco Engenharia, que trabalhavam no metrô paulista, paralisaram suas atividades e foram agredidos pela polícia. Suas reclamações eram irregularidades na folha de pagamento, excesso de desconto nos salários, obrigatoriedade de fazer hora extra, alimentação precária, entre outros.</p>

Direito Trabalhista	Tribunal Regional do Trabalho reconhece como legítimo o direito de greve dos trabalhadores da Maxwell Eletrônica de São Paulo, ocorrida em janeiro de 1978. A greve ocorreu por falta de pagamento.
Série	Continuação da série sobre história da classe operária no Brasil. Menciona a criação do Corpo Coletivo da União Operária, dos operários do Arsenal da Marinha da Corte. Não era mais uma associação de beneficência, mas de luta, com greves e reivindicações. Fala também das perseguições aos jornais operários e cita alguns que existiram no século XIX.

Edição Nº 04 – Maio de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Custo de Vida	Instituições de pesquisa apontam que em 1977 o custo de vida aumentou cerca de 46,9%. Já o reajuste salarial decretado para janeiro de 1978 foi de 40%.
Distribuição de renda	Matéria sobre a desigualdade na distribuição de renda no Brasil, país no qual 73% das pessoas ganham até CR\$ 1950,00. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos porque a sociedade brasileira está construída desse jeito (com base em uma pirâmide que mostra a desigualdade na distribuição de renda) e onde “fica a tão badalada redistribuição de renda”.

Desigualdade Salarial	Denuncia que em empresas estatais como Banco do Brasil, Petrobras e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico os presidentes ganham salários enormes, diferentemente de outros funcionários.
Sindicalismo	Explica o que é oposição sindical no contexto de um sindicalismo atrelado aos patrões e ao governo.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores ferroviários do Peru paralisaram suas atividades para exigir melhores salários. Fizeram o mesmo, e por igual motivo, funcionários públicos e trabalhadores da indústria têxtil.
Sindicalismo	Alguns trechos de entrevistas dadas por João Batista Figueiredo, prestes a tomar posse como presidente, no qual defende a negociação entre os sindicatos e os patrões, além do direito de greve. O <i>Ferramenta</i> questiona se de fato isso será colocado em prática quando Figueiredo iniciar o mandato.
Conjuntura Política Estadual	Eurico Rezende é indicado para assumir o governo do Espírito Santo. O <i>Ferramenta</i> destaca que ele não foi eleito pelo povo, e sim, por indicação de Geisel e Figueiredo.
1º de maio	Por meio de textos e quadrinhos, conta a história da repressão aos trabalhadores de Chicago, nos Estados Unidos, que começaram uma greve por melhores condições de trabalho no dia 1º de maio.
Demissões	Matéria sobre o alto índice de demissões na categoria dos trabalhadores da construção civil no Espírito Santo.

Sindicalismo	Matéria sobre a assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, na qual os trabalhadores aprovaram reivindicações como reajuste salarial de 69% mais 50% referente à produtividade, piso salarial de dois salários mínimos, concessão gratuita de transporte e sapatos, entre outras.
Sindicalismo	Posse da chapa da Oposição do Sindicato dos Metalúrgicos da Acesita.
Sindicalismo	Renúncia do interventor do Sindicato dos Estivadores de Santos. Ele renunciou após centenas de trabalhadores cercarem a entidade aos gritos de “ladrões” em protesto ao atraso de pagamento das férias de 1977.
Série	Continuação da série sobre a história dos trabalhadores no Brasil. Resgata a história das greves no Brasil. O <i>Ferramenta</i> afirma que na próxima edição irá abordar a organização mundial dos trabalhadores.

Edição N° 05 – junho de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Primeiro de Maio	Poema sobre o primeiro de maio (Capa)
Primeiro de Maio	Resumo das manifestações do Primeiro de Maio em outras cidades do país, como Belo Horizonte, Porto Alegre, Santo André, Santo Amaro e Campinas, com grandes manifestações.
Primeiro de Maio	Resumo do primeiro de maio no Espírito Santo, que se limitou a uma partida de futebol entre os sindicatos, sorteio de rifas,

	distribuição de doces para as crianças e liberação dos trabalhadores na hora do almoço para poderem assistir ao jogo da Seleção Brasileira.
Primeiro de Maio	Matéria sobre a comemoração do Primeiro de Maio feita pelo presidente Ernesto Geisel, que junto ao governador de São Paulo Paulo Egídio comemorou a data com uma festa no Palácio dos Bandeirantes. Segundo um representante da Oposição Sindical dos Gráficos de São Paulo, a festa é voltada para sindicalistas “pelegos”.
Sindicalismo	Primeira grande greve no ABC Paulista desde 1968, com a paralisação de mais de 15 empresas. Apesar de ter sido considerada ilegal pela justiça por ferir a Lei 4330, a greve foi levada adiante pelos trabalhadores, que reivindicavam 20% de aumento. O <i>Ferramenta</i> se compromete a trazer novas notícias sobre essa greve na próxima edição.
Poesia	Poesia de um trabalhador capixaba sobre a realidade do trabalhador e necessidade de lutar para mudar essa realidade

Edição Nº 06 – julho de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Esta edição do <i>Ferramenta</i> é totalmente dedicada à primeira grande greve no ABC Paulista desde 1968, que não havia sido abordada de maneira aprofundada na edição anterior. Nesta, o jornal destaca

	<p>como a greve começou, traz depoimentos de trabalhadores das empresas que pararam, as estratégias dos operários, as reivindicações, o histórico de violação de direitos por parte das empresas, a adesão de outras categorias, número de empresas e trabalhadores que pararam em cada cidade, o percentual de reajuste salarial conquistado pelos trabalhadores de cada empresa, os apoiadores dos grevistas, o protagonismo das mulheres metalúrgicas, a censura aos meios de comunicação, que ficaram impedidos de noticiar a greve; a superação do medo da lei que impede as greves. O <i>Ferramenta</i> conclui que a maioria dos trabalhadores alcançou seu objetivo e que a grande adesão deles mostra a insatisfação com a política salarial do governo, que é de arrocho.</p>
--	---

Edição Nº 07 – Agosto de 1978⁶⁷

Tema	Resumo da Matéria
Direitos Trabalhistas	<p>O <i>Ferramenta</i> não especifica categorias, mas afirma que por meio de greves os trabalhadores estão alcançando importantes conquistas, como negociação direta com os patrões sem mediação do Ministério do Trabalho, pagamento dos dias de greve, aumento salarial entre 10% e 20%, formação das comissões de fábrica, entre outros. O <i>Ferramenta</i> convida as</p>

⁶⁷ Há duas matérias que não puderam ser analisadas, pois estão ilegíveis.

	<p>peessoas a discutir nos grupos se é possível formar comissões nos locais de trabalho de cada um.</p>
Sindicalismo	<p>Trabalhadores da construção civil se reuniram no sindicato para discutir o fato de terem que passar a arcar com a passagem para ir e voltar do trabalho com o dinheiro do próprio bolso. Isso aconteceu após o Detran afirmar que existe uma lei que impede o transporte de pessoas em carrocerias de caminhão. Um novo meio de transporte não foi providenciado. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos porque o trabalhador não recebe transporte gratuito, decente e humano.</p>
Direitos Trabalhistas	<p>Greves de médicos residentes por reajuste salarial e garantia de direitos trabalhistas. O informativo não especifica o local.</p>
Série	<p>Continuação da série sobre a história da classe operária. O <i>Ferramenta</i> explica que tiveram que dar uma pausa na série em virtude do especial sobre o Primeiro de Maio e o especial sobre as greves operários. Ela é retomada com a organização da classe trabalhadora no mundo, destacando a Europa e os Estados Unidos.</p>
Acidentes de Trabalho ⁶⁸	<p>Matéria sobre acidentes de trabalho, porém, com foco no Espírito Santo, mostrando que somente em 1975 ocorreram 27.918 acidentes de trabalho no</p>

⁶⁸ Matéria igual a do informativo número 0

	estado, sendo 17.994 na Grande Vitória e 9.924 no interior. O jornal convida a discutir nos grupos as causas que provocam tantos acidentes.
Igreja Povo ⁶⁹	Denúncia da Igreja Católica em relação aos operários da Baixada Fluminense, que convivem, por exemplo, com uma jornada de trabalho de 10 a 12 horas por dia, sendo que para chegar ao trabalho são 4 a 6 horas de transporte. Além disso, vivem com um ou dois salários mínimos, um leito de hospital para cada 1250 habitantes, a cada 100 crianças, 90 são vítimas de verminose; a cada 100 casas somente 10 possuem rede de água e esgoto.
Custo de Vida ⁷⁰	Críticas à Campanha da Pechincha e à Campanha Em Defesa do Consumidor, peças publicitárias criadas pelo governo ditatorial para conter a inflação. Segundo o Ferramenta foram gastos CR\$ 15,5 milhões em uma iniciativa que não resolve o problema. O informativo reivindica que os trabalhadores possam se organizar para lutar por seus direitos e, assim, recuperar o poder de compra, que estava cada vez mais perdido com o salário cada vez mais achatado.
Direitos Trabalhistas ⁷¹	Matéria sobre a greve de 15 dias dos 150 operários da Cobrazil, empreiteira de

⁶⁹ Matéria igual a do informativo número 0

⁷⁰ Matéria igual a do informativo número 0

⁷¹ Matéria igual a do informativo número 0

	construção civil do Espírito Santo que não estava pagando salário dos funcionários. A greve terminou quando a empresa se dispôs a efetuar o pagamento.
--	--

Edição Nº 08 – Setembro de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Direitos Trabalhistas	Matéria explicando o que é o PIS, em quais ocasiões o trabalhador pode sacá-lo, em que pode aplicá-lo e as mudanças feitas pelo governo no PIS sem diálogo com a classe trabalhadora.
Sindicalismo	Matéria sobre a reunião da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI), na qual os dirigentes sindicais atrelados aos patrões negaram direito de voz às oposições sindicais, inclusive a Luiz Inácio Lula da Silva, que teve seu microfone cortado. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater nos grupos a quem a Confederação está servindo. O então presidente da Confederação, que era o Ministro e juiz do Tribunal Superior do Trabalho Ari Campista foi reeleito, mas, segundo o informativo, a vitória foi muito “suada”. O <i>Ferramenta</i> convida a debater também se mesmo com a vitória de Ari Campista valeu a pena a presença e a luta da oposição sindical e porque.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores de fábricas de cerâmica da cidade de Itú, em São Paulo, fizeram greve de 17 dias e conquistaram suas

	reivindicações. Tiveram apoio da população, de movimentos sociais como o Movimento Custo de Vida e União Nacional dos Estudantes, além da Igreja.
Direitos Trabalhistas	Críticas à nova lei contra greve, que proíbe as greves nos setores de serviço de água, esgoto, energia elétrica, petróleo, gás, bancos, transporte, comunicações, carga e descarga, hospitais, ambulatórios, maternidades, farmácias e indústrias importantes para a segurança nacional.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Petrobras, de Cubatão, São Paulo, fizeram uma greve de fome de quatro dias dentro da empresa contra a nova lei de greve e por aumento salarial.
Série	Continuação da série sobre a história da classe operária. Nesta edição o <i>Ferramenta</i> aborda como a classe operária foi crescendo no Brasil, assim como as condições de trabalho degradantes, inclusive entre mulheres e crianças.

Edição N° 09 – Outubro de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Custo de Vida	Denúncia contra o arrocho salarial e o custo de vida. O <i>Ferramenta</i> afirma que nas próximas edições irá debater as causas do custo de vida.
Direitos Trabalhistas	Matéria sobre os desdobramentos da greve dos petroleiros de Cubatão, São Paulo, publicada na edição anterior. O <i>Ferramenta</i> destaca as conquistas obtidas,

	como aumento salarial, redução da jornada de trabalho sem diminuição do salário, melhorias na assistência médica, entre outros.
Sindicalismo	Greve dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, em Monlevade, Minas Gerais. Das 47 reivindicações, os trabalhadores conquistaram 24.
Sindicalismo	Dirigentes sindicais de diversas categorias, entre eles, Lula, embarcaram para Brasília para reivindicar aos deputados do MDB e da Arena que não votassem nas reformas apresentadas pelo governo, entre elas, o Decreto Lei 1632, de 04 de agosto de 1978, que proíbe greve em várias categorias profissionais consideradas de Segurança Nacional. O Ministro do Trabalho se mostrou contra a iniciativa dos sindicalistas. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos o que acham da atitude dos dirigentes sindicais e do ministro do trabalho.
Direitos Trabalhistas	Médicos residentes do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória, no Espírito Santo, paralisaram suas atividades por falta de pagamento, por melhor atendimento médico para a população e por melhor aprendizado dos alunos de Medicina.
Conjuntura Política Internacional	Matéria sobre a atuação da Frente Sandinista de Libertação Nacional na luta contra a ditadura de Anastásio Somoza, na Nicarágua.

Direitos Trabalhistas	Desdobramentos da greve de ceramistas de Itú, São Paulo. Segundo o <i>Ferramenta</i> , os trabalhadores conseguiram aumento de 15% e aumento de R\$ 400,00 no piso salarial.
Série	As principais reivindicações da classe operária entre 1888 e a Segunda Guerra Mundial, além da luta dos operários contra as guerras, que foram de interesse dos capitalistas.

Edição Nº 10 – Novembro de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Custo de Vida	Matéria denunciando o aumento do custo de vida e o arrocho salarial.
Sindicalismo	Representantes do Sindicato dos Eletricitários do Espírito Santo irão a Brasília reivindicar melhorias nas condições de trabalho dos operários da Escelsa.
Sindicalismo	Dos 120 mil trabalhadores da construção civil, mais de 60 mil não recebem salários conforme a sua classificação profissional.
Sindicalismo	O Sindicato dos Arrumadores, Carregadores e Ensacadores de Café e Sal do Espírito Santo reivindicou junto aos exportadores de café a modernização e melhoria dos armazéns de café da Grande Vitória para que os operários tenham melhores condições de trabalho e não prejudiquem a saúde. Também reivindicaram aumento salarial.

Série	Nesta edição a série começa a falar das diversas formas de pensamento do movimento operário. Ela explica o que é o anarquismo. As demais serão abordadas nas próximas edições.
-------	--

Edição Nº 11 – Dezembro de 1978

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Duzentos mil metalúrgicos fazem, em São Paulo, a maior greve do Brasil desde 1964. Alcançaram parte das reivindicações. O <i>Ferramenta</i> afirma que poderiam ter alcançado mais caso não tivesse a intervenção dos sindicalistas atrelados aos patrões.
Sindicalismo	Matéria sobre a criação da comissão de salários por parte de trabalhadores da construção civil. A comissão seria ligada ao sindicato, mas a escolha dos membros não foi convocada por edital pela entidade, surgindo da luta dos trabalhadores.
Sindicalismo	O Sindicato dos Oficiais Marceneiros e Trabalhadores de Serrarias e de Móveis de Madeira, em Conceição da Barra, Espírito Santo, reivindica que o Ministério do Trabalho fiscalize a empresa Cobraice. Nela, os operários mudaram de função mas continuam na carteira com a função anterior, as gestantes são despedidas, entre outros problemas.

Demissões	Cerca de 130 trabalhadores foram demitidos na Fábrica de Chocolates Vitória, em Viana, no Espírito Santo. Cento e dezenove eram mulheres.
Sindicalismo	Matéria sobre a postura do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Espírito Santo, que afirmou que a categoria aceita o reajuste salarial proposto pelo governo mas nem ao menos consultou a categoria.
Série	A série prossegue falando sobre o anarquismo e explica também o que é o socialismo reformista.

Edição Nº 12 – Janeiro de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Ferramenta	Um ano do informativo <i>Ferramenta</i> , seus objetivos e felicitações de ano novo.
Sindicalismo	O Sindicato dos Comerciários negociou com os patrões o horário de trabalho para o mês de dezembro, em Vitória, no Espírito Santo, sem consultar a categoria.
Sindicalismo	Matéria sobre as demissões ocorridas em São Paulo, principalmente das lideranças das greves dos metalúrgicos. A matéria também destaca a solidariedade entre os trabalhadores, que fizeram um fundo de demissões para auxiliar os colegas demitidos, com auxílio de sindicatos, Movimento Custo de Vida e outros movimentos.
Sindicalismo	Trabalhadores rurais de Colatina, no Espírito Santo, trabalham em troca de

	comida e vestimenta. Os patrões exigem que se associem ao sindicato que está nas mãos do patronato, e não naquele cujos líderes são os próprios trabalhadores.
Conjuntura Política Nacional	Nas eleições de 1978 foram eleitos alguns candidatos considerados populares, ou seja, ligados às comunidades eclesiais de base ou ao movimento operário. Um deles era Aurélio Peres, ferramenteiro na fábrica da Caloi, em São Paulo. O outro era Benedito Marcílio, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André.
Série	Violência policial contra os anarquistas no Brasil.

Edição Nº 13 – Fevereiro de 1979⁷²

Tema	Resumo da Matéria
Custo de Vida	Matéria explicando o que é inflação
Custo de Vida	Matéria sobre o que é a economia de um país
Custo de Vida	Matéria sobre o que entra no cálculo do custo de vida e da inflação.
Custo de Vida	Matéria sobre o que é o mercado, o papel dos bancos na circulação de dinheiro no sistema capitalista e a comparação dos índices de inflação do Brasil com o de países considerados desenvolvidos, como Alemanha e Estados Unidos.
Custo de Vida	Matéria sobre a falta de controle na inflação, principalmente entre 1965 e 1977. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir

⁷² Edição especial sobre economia.

	nos grupos “se os homens do governo acham que podem controlar a inflação por meio do equilíbrio entre a procura e a oferta por dinheiro, porque, então, não conseguiram controlá-la?”
--	---

Edição Nº 14 – Março de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Greve dos motoristas de ônibus, cobradores e fiscais de ônibus do Rio de Janeiro, reivindicando aumento salarial, melhores condições de trabalho e jornada de oito horas. A greve, que iniciou fora do Sindicato e depois foi apoiada por ele, durou 20 dias. Os trabalhadores alcançaram algumas conquistas.
Sindicalismo	O Sindicato da Indústria de Máquinas do Estado de São Paulo (Simesp) distribui panfletos dando orientações a empresários de como enfrentar as lutas dos trabalhadores e suas greves. O <i>Ferramenta</i> ouve a opinião de alguns dirigentes de sindicatos de trabalhadores sobre o assunto.
Sindicalismo	O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo mobiliza os trabalhadores para não fazer hora extra.
Direitos Trabalhistas	Após quatro dias de greve, os lixeiros do Rio de Janeiro voltaram ao trabalho. Eles reivindicavam aumento salarial e melhores condições de trabalho. O <i>Ferramenta</i>

	afirma que vai acompanhar o desenrolar do movimento dos lixeiros.
Sindicalismo	Dirigentes sindicais de várias categorias se reuniram na sede do Sindicato dos Marceneiros de São Paulo para discutir a necessidade da instituição de um salário mínimo igual em todo o país.
Direitos Trabalhistas	Os operários que trabalhavam na construção da Terceira Ponte, cujo objetivo era ligar Vitória, capital do Espírito Santo, ao município vizinho de Vila Velha, estavam cumprindo uma jornada de trabalho exaustiva e sendo pagos por hora de trabalho.
Sindicalismo	Presidentes de 34 sindicatos de metalúrgicos do interior de São Paulo encaminham lista de reivindicações para as entidades patronais.
Série	Nesta edição a série aborda a questão do crescimento da industrialização no país em virtude da crise industrial na Europa, de onde o Brasil comprava grande parte dos produtos, por causa da Segunda Guerra. Depois da guerra, quando a Europa voltar a exportar seus produtos, começou a discussão sobre a proteção da indústria brasileira.

Edição Nº 15 – Abril de 1979⁷³

Tema	Resumo da Matéria
-------------	--------------------------

⁷³ Edição especial sobre economia

Custo de Vida	Matéria sobre as causas reais da inflação.
Custo de Vida	Matéria sobre como as obras do governo aumentam a inflação. O <i>Ferramenta</i> destaca que se deve reivindicar obras sim, mas de maneira planejada e de acordo com a necessidade popular.
Custo de Vida	Matéria sobre algumas medidas que poderiam ajudar a solucionar o problema da inflação, como reforma agrária, reforma urbana, priorização do transporte ferroviário, entre outras.
Custo de Vida	Matéria sobre a relação entre o aumento do salário dos trabalhadores e da inflação para garantir o lucro dos empresários.

Edição Nº 16 – Maio de 1979

Tema	Resumo da Matéria
1º de Maio	História de como surgiu a comemoração do dia 1º de Maio.
1º de Maio	Principais reivindicações da classe trabalhadora no 1º de Maio de 1979: direito de greve, liberdade sindical, reposição salarial, luta contra o alto custo de vida, estabilidade de emprego, entre outras.
Sindicalismo	Motoristas das empresas de ônibus coletivo de Vitória, no Espírito Santo, entraram em greve. Entre as reivindicações estavam reajuste salarial, pagamento de horas extras, descanso semanal remunerado, pausa de uma hora para almoço ou janta, etc. O sindicato não apoiou a greve. A greve teve apoio da Igreja, de políticos do

	MDB e do Movimento de Transportes Coletivos de Vila Velha. Os trabalhadores alcançaram algumas conquistas mesmo sem apoio do sindicato.
Sindicalismo	Metalúrgicos da empresa C.L.M. ⁷⁴ , no bairro Carapina, no município capixaba da Serra, ficaram revoltados com a demissão de 43 operários, o atraso no pagamento dos salários e a omissão do Sindicato em relação às condições de trabalho degradantes.
Poesia	Poesia sobre a greve dos trabalhadores do transporte coletivo de Vitória. Não especifica quem é o autor.

Edição Nº 17 – Junho de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Trabalhadores da construção civil de Vitória, no Espírito Santo, votam em assembleia as reivindicações propostas pelo presidente do Sindicato, que não os contempla, e as propostas pelos próprios operários. As propostas dos operários é a escolhida para que o Sindicato leve para a negociação com os patrões.
1º de Maio	Panorama das atividades do 1º de Maio em capitais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, realizadas pelos próprios trabalhadores.
Sindicalismo	A direção da fábrica de tecidos Tecisa, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito

⁷⁴ O Ferramenta não especifica o que significa a sigla C.L.M.

	Santo, exigiu que o presidente do sindicato se afastasse totalmente de suas funções, o que não foi acatado pelo sindicalista.
Direitos Trabalhistas	Começa a vigorar o novo salário mínimo, cujo valor é diferente de acordo com os estados. Segundo o <i>Ferramenta</i> , os valores estão aquém do necessário.
Direitos Trabalhistas	Professores do Espírito Santo fizeram paralisação de dois dias. Como não tiveram suas reivindicações atendidas decidiram, em assembleia, por uma nova paralisação. O <i>Ferramenta</i> afirma que acompanhará o desenrolar dos fatos para informar aos leitores nas próximas edições.
Sindicalismo	Metalúrgicos do ABC aceitaram a proposta da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) após longa greve. Lula, presidente cassado do Sindicato dos Metalúrgicos, convenceu os trabalhadores a aceitar a proposta, pois a greve já estava caindo no esgotamento. Dias depois Lula reassume o sindicato após a queda da intervenção nas entidades sindicais do ABC.
Série	Mudanças para a classe operária brasileira trazida pela competição entre capitalistas brasileiros e estrangeiros no período entre guerras mundiais.

Edição Nº 18 – Julho de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Mais de 1000 dirigentes de sindicatos e federações de trabalhadores rurais se

	encontraram em Brasília para o Terceiro Congresso dos Trabalhadores Rurais. Aprovaram as reivindicações a serem encaminhadas, como reforma agrária, liberdade sindical, direito de greve, luta pela anistia ampla, geral e irrestrita; contra a violência aos posseiros e lavradores.
Sindicalismo	O Sindicato dos Comerciantes de Vitória realizou assembleia e os trabalhadores fizeram algumas reivindicações à diretoria para facilitar o diálogo entre eles e a entidade sindical. A maioria foi atendida. Houve também assembleia para discutir as reivindicações a serem levadas para os patrões.
Sindicalismo	Metalúrgicos da Mannesman, em Minas Gerais, encerraram a greve após ter algumas de suas reivindicações atendidas. Durante a greve houve violência policial contra os trabalhadores.
Direitos Trabalhistas	Matéria sobre a desigualdade na luta de classes, na qual o trabalhador tem sua força de trabalho e o patrão tem ao seu lado as leis, o governo, a polícia e o resultado da produção dos trabalhadores. A matéria defende a união da classe trabalhadora para enfrentar essa desigualdade e defende o direito de greve.
Direitos Trabalhistas	O movimento dos professores por melhores salários e condições de vida se espalha pelo Brasil. No Espírito Santo também há mobilizações, mas ainda estão fracas devido à desunião da categoria.

Direitos Trabalhistas	Trabalhadores rurais de algumas cidades de São Paulo fizeram greve por reajuste salarial e salário em dia.
Série	Implantação de multinacionais no Brasil após a 1ª Guerra Mundial atraídos, por exemplo, pela mão de obra barata da classe operária brasileira.

Edição Nº 19 – Agosto de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Conjuntura Política Nacional	Análise da conjuntura brasileira em relação aos partidos políticos. O governo quer dissolver a Arena e o MDB e sinaliza a possibilidade de criação de novos partidos. Cogita-se entre a classe operária a criação de um partido dos trabalhadores. A criação de um, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), estava sendo capitaneada por Leonel Brizola; outro, o Partido dos Trabalhadores (PT), idealizado por sindicalistas como Lula.
Sindicalismo	Trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo, formaram chapa de oposição à diretoria do Sindicato, atrelada aos patrões. O <i>Ferramenta</i> traz os nomes que compõem a chapa de oposição e suas propostas.
Sindicalismo	Em assembleia do sindicato os trabalhadores da construção civil de Belo Horizonte aprovaram suas reivindicações, que foram recusadas pelos patrões, o que culminou em greve.

Sindicalismo	Críticas ao posicionamento do presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Espírito Santo, que afirmou ser contrários às greves e favorável a integração com os patrões.
Direitos Trabalhistas	Motoristas e cobradores de Recife, Pernambuco, tiveram suas reivindicações atendidas em virtude da greve.
Direitos Trabalhistas	Professores de Minas Gerais saíram vitoriosos depois de greve de mais de um mês.
Série	Diante da implantação de multinacionais no Brasil a classe operária aumentou, surgiram novas categorias de operários, ocorreu êxodo rural, entre outros acontecimentos. O movimento operário teve que mudar.

Edição Nº 20 – Setembro de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo, encaminhou as reivindicações dos operários para os patrões. As empresas propuseram um reajuste inferior ao custo de vida.
Direitos Trabalhistas	O pequeno reajuste salarial e o fato de terem que pagar pela refeição que antes recebiam gratuitamente fizeram com que os trabalhadores da Aracruz Florestal entrassem em greve. A essas foram somadas outras reivindicações. Segundo o

	<i>Ferramenta</i> , essa foi a primeira greve rural do Espírito Santo nos últimos tempos, mas o informativo não especifica quando foi a última.
Sindicalismo	Comerciários de Vitória, no Espírito Santo, continuam em negociação com os patrões. O informativo dá um panorama de como foram as assembleias no Sindicato para discutir sobre o assunto.
Sindicalismo	História em quadrinhos produzida pelo Centro de Estudos do Trabalho (CET) sobre o histórico da greve dos trabalhadores da construção civil em Belo Horizonte, destacando, inclusive, o assassinato do operário Oracílio Martins Gonçalves num confronto entre a polícia e os trabalhadores.
Sindicalismo	Serão realizadas eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina. São três chapas. O <i>Ferramenta</i> destaca as bandeiras de luta da Chapa 2, que é de oposição sindical.
Sindicalismo	O Sindicato dos Metalúrgicos de Vitória, no Espírito Santo, está em processo eleitoral. O <i>Ferramenta</i> destaca as bandeiras de luta da chapa de oposição sindical.
Sindicalismo	No Sindicato dos Médicos do Espírito Santo a oposição sindical ganhou as eleições. No Sindicato dos Bancários do Espírito Santo os trabalhadores estão em Campanha Salarial.

Série	Resgate de algumas conquistas por parte da classe operária brasileira na primeira metade do século XX.
-------	--

Edição Nº 21 – Outubro de 1979⁷⁵

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Histórico da greve dos trabalhadores da construção civil de Vitória, no Espírito Santo. Suas reivindicações, a recusa da contraproposta patronal, a decisão pela greve mesmo com a posição contrária da diretoria do Sindicato, o apoio da Igreja de outras organizações ao movimento paredista, a omissão do sindicato diante do movimento dos trabalhadores, a tentativa de evitar o dissídio coletivo, o fim da greve, as reivindicações conquistadas.
Direitos Trabalhistas	Metalúrgicos do Rio de Janeiro entraram em greve por reajuste salarial.
Sindicalismo	Em assembleia, metalúrgicos das cidades mineiras de Belo Horizonte e Contagem decidiram entrar em greve. Eles fizeram uma lista com 24 reivindicações.
Custo de Vida	Segundo pesquisa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos o Brasil é líder no aumento de preço dos alimentos.
Direitos trabalhistas	Lixeiros de Brasília estão em greve. Eles reivindicam reajuste salarial.
Direitos Trabalhistas	Bancários de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, entraram em greve em virtude da recusa dos banqueiros em dar o reajuste

⁷⁵ A página 13 desta edição não foi analisada por estar ilegível.

	salarial reivindicado. O movimento paredista foi desmobilizado com a prisão de seus principais líderes.
Sindicalismo	Eleição do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina conta com uma chapa de oposição.
Sindicalismo	No Espírito Santo a oposição foi eleita em alguns sindicatos, como o Sindicato dos Médicos, Sindicato dos Jornalistas e Sindicato dos Metalúrgicos.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores rurais de São Paulo encaminharam para os patrões lista com mais de 20 reivindicações, entre elas, comida gratuita, dois hectares de terra para cada trabalhador cultivar sua subsistência e reajuste salarial de 75%.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores rurais da região de Canavieira, em Pernambuco, realizam primeiro movimento reivindicatório desde 1964, que pode culminar em greve.

Edição Nº 22 – Novembro de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos houve um confronto entre a polícia e os trabalhadores, que culminou na morte do operário Santo Dias da Silva, que coordenava a campanha salarial do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores de uma fábrica de louças no Espírito Santo entraram em greve e

	conseguiram conquistar algumas reivindicações.
Direitos Trabalhistas	Críticas à nova política salarial do governo, pois tira dinheiro do assalariado que ganha um pouco mais para passar para aquele que ganha um pouco menos, não mexendo no lucro do patrão; tem como objetivo desmobilizar os trabalhadores, entre outros prejuízos.
Sindicalismo	A greve dos metalúrgicos da Belgo Mineira de Monlevade e Sabará, em Minas Gerais, que teve apoio do sindicato, culminou em um dos melhores acordos salariais do Brasil.
Sindicalismo	Trabalhadores canavieiros de Pernambuco entraram em greve com apoio da Federação dos Trabalhadores de Pernambuco e outros 23 sindicatos. Quase todas as reivindicações foram atendidas.
Igreja Povo	Reflexão sobre trecho do evangelho de Lucas, trazendo as palavras de Jesus para a realidade dos trabalhadores na luta por direitos.

Edição N° 23 – Dezembro de 1979

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	A chapa de oposição do Sindicato dos Metalúrgicos de Vitória, no Espírito Santo, ganhou as eleições. Contudo, a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) anulou as

	eleições, segundo o <i>Ferramenta</i> , por estar ao lado dos empresários. A oposição se prepara para nova eleição.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores não estão sendo consultados pelo governo a respeito da nova CLT, que, de acordo com o informativo, não atende reivindicações das mulheres trabalhadoras, não aumenta o período de férias, conforme reivindicação da classe trabalhadora; e não melhora as condições de segurança do trabalho, entre outros fatores negativos para o operariado.
Conjuntura Política Nacional	Arena e MDB são extintos com a nova Lei Partidária. Criação de partidos operários é proibida.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Construção Civil de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, fizeram uma greve que, mesmo decretada ilegal e reprimida violentamente pela polícia, culminou na conquista de algumas reivindicações.
Série	Com a Revolução Russa, de 1917, as ideias comunistas se tornaram mais fortes no Brasil, fazendo o anarquismo perder espaço. O informativo explica as diferenças entre anarquismo e comunismo.

Edição Nº 24 – Janeiro de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	O Ministro Delfim Neto convidou os líderes sindicais Lula e Arnaldo

	<p>Gonçalves para uma conversa sobre o Pacto Social, ou seja, um acordo por meio do qual os trabalhadores aceitariam não fazer greve durante dois anos. Em troca seria permitida a criação da CUT, o seguro desemprego e outras “vantagens”. Os trabalhadores criticaram a postura dos sindicalistas, que aceitaram ter a conversa com o Ministro sem antes consultá-los. O <i>Ferramenta</i> critica o Pacto Social, pois trata-se de uma forma de manter os operários quietos e criar uma Central dominada pelos pelegos.</p>
Sindicalismo	<p>Dirigentes sindicais de todo o Brasil se reuniram em Belo Horizonte, Minas Gerais, para discutir sobre o movimento de trabalhadores em 1979, a criação de uma Central e as principais lutas a serem encaminhadas em 1980, como aumento salarial acima do custo de vida, garantia de emprego, redução da jornada de trabalho, criação de um salário profissional e estabilidade para delegados sindicais e comissões de fábrica.</p>
Sindicalismo	<p>A oposição do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina, no Espírito Santo, venceu as eleições. As chapas que perderam estavam tentando anular o processo eleitoral.</p>
Sindicalismo	<p>A Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura pede providências do Governo Federal em relação à violência contra 180 famílias de</p>

	posseiros do município de Alto Araguaia, no Mato Grosso. Elas estão sendo ameaçadas de morte pela família Teles, que não conseguiu tirá-las de lá judicialmente.
Trabalhador Rural	Em Diamantino, no interior de São Paulo, cerca de 300 famílias de boias frias encontram-se em condições de vida precárias. No centro da cidade, elas pedem para as autoridades e a população qualquer tipo de ajuda.
Direitos Trabalhistas	Cerca de 17 mil eletricitários entraram em greve em Pernambuco. Parte deles teve todas as suas reivindicações atendidas. O restante estava estudando a possibilidade de continuação da greve.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Construtora Odebrecht entraram em greve e quebraram a cantina, pois a comida era ruim e os salários eram baixos. A greve foi vitoriosa.
Série	Panorama das greves da década de 20

Edição Nº 25 – Fevereiro de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Direitos Trabalhistas	Possibilidade de mudança na Previdência Social, com aposentadoria por idade (65 para homens e 60 para mulheres), e não mais por tempo de contribuição (35 anos de trabalho). O <i>Ferramenta</i> afirma que a lei é um atestado de óbito, pois a média de vida do trabalhador brasileiro é menor do que a idade estipulada, fala da necessidade

	das empresas pagarem suas dívidas com a Previdência e faz outras críticas.
1º de Maio	Foi montada comissão com vários líderes sindicais para realizar um 1º de Maio unificado no país.
Sindicalismo	A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina, no Espírito Santo, que fazia parte da oposição, tomou posse.
Sindicalismo	Texto de um trabalhador não identificado que afirma que o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo deve respeitar o fato de existir uma chapa de oposição. Ele também compara a luta dos trabalhadores com a de Jesus Cristo, que era para melhorar as condições de vida do povo.
Acidentes de Trabalho	Matéria relata que os acidentes de trabalho, em sua maioria, são causados pelo desgaste físico e mental pelos quais os trabalhadores passam no ambiente de trabalho, em virtude da falta de infraestrutura nas comunidades onde habitam, falta de equipamentos de segurança, entre outros fatores.
Igreja Povo	Discurso do Bispo de São Paulo Dom Angélico Sandolli denunciando a morte de Santo Dias e recordando a trajetória de militância desse operário.

Edição Nº 26 – Março de 1980

Tema	Resumo da Matéria
-------------	--------------------------

Sindicalismo	Trabalhadores de uma empreiteira da Vale do Rio Doce no Porto de Tubarão, em Vitória, no Espírito Santo, entraram em greve sem apoio do sindicato e alcançaram diversas reivindicações.
Direitos Trabalhistas	Ferrovários capixabas da Companhia Vale do Rio Doce estão lutando na justiça por pagamento de indenização.
Conjuntura Política Internacional	A Frente Sandinista de Libertação Nacional conseguiu derrubar a família Somoza, que estava à frente do governo da Nicarágua há mais de 40 anos. O <i>Ferramenta</i> afirma que nas próximas edições trará informações sobre o processo de reconstrução desse país.
Custo de Vida	Pesquisa do Instituto dos Economistas de Pernambuco conclui que o salário mínimo no nordeste é inferior ao necessário se levar em consideração o custo de vida.
Sindicalismo	Com apoio do sindicato, trabalhadores de postos de gasolina reivindicam redução na jornada de trabalho. O informativo não especifica de onde são.
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Rio de Janeiro firmou acordo com os patrões que prevê piso salarial.
Sindicalismo	Trabalhadores rurais do Paraná conquistam a maior Convenção Coletiva de Trabalho realizada no país.
Série	Resgate das mobilizações dos trabalhadores brasileiros na década de 20, destacando a imprensa sindical, tentativa

	de criação da Confederação geral dos Trabalhadores (CGT) e intensificação da luta de integrantes do Partido Comunista para estar a frente dos sindicatos.
--	---

Edição Nº 27 – Abril de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo, entraram em greve, pois os patrões não cumpriram o acordo feito no último movimento paredista. Os trabalhadores também apresentaram mais reivindicações. A greve foi considerada bem sucedida.
Sindicalismo	Com apoio do sindicato, metalúrgicos de São Paulo entraram em greve.
Direitos Trabalhistas	Levantamento do Dieese mostra o lucro de algumas das grandes empresas do Brasil, mostrando que é possível aumentar o salário dos trabalhadores.
Custo de Vida	O custo de vida aumentou, segundo o governo, em virtude da crise do petróleo. O <i>Ferramenta</i> questiona esse argumento.
Conjuntura Política Internacional	Uma junta de governo é formada na Nicarágua para a reconstrução do país depois do fim da ditadura da família Somoza. Algumas das medidas já tomadas pela junta foram a criação do Exército Sandinista, tomada de posse das propriedades da família Somoza, reforma agrária, entre outras.

Série	Criação do Bloco Operário, partido político que depois passou a se chamar Bloco Operário e Camponês, para englobar os trabalhadores rurais. O informativo conta a trajetória desse partido.
-------	---

Edição Nº 28 – maio de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Prossegue a greve dos metalúrgicos de São Paulo. Durante a greve foi decretada intervenção nos sindicatos de São Bernardo e Santo André.
Direitos Trabalhistas	Realizado ato em solidariedade aos metalúrgicos de São Paulo no colégio do Carmo, em Vitória, no Espírito Santo, por ser a luta deles a mesma de todos os trabalhadores brasileiros.
1º de Maio	Reflexão de um operário da construção civil de Vitória, no Espírito Santo, comparando o martírio de Jesus na cruz com a morte dos trabalhadores de Chicago, nos Estados Unidos.
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Mateus, no Espírito Santo, denuncia o regime de quase escravidão vivido pelos trabalhadores das firmas de reflorestamento. Eles fizeram greve e conseguiram reajuste salarial.
Série	Explica o que foi e em que contexto surgiu a Lei Acelerada, da década de 20, que aumentou a repressão policial contra os movimentos operários.

Edição Nº 29 – junho de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Apoiados por sindicatos, trabalhadores rurais de Vitória da Conquista, na Bahia, entraram em greve por aumento salarial e equiparação de salários entre homens e mulheres. Os patrões não quiseram negociar e a Justiça de Trabalho irá julgar o dissídio.
Sindicalismo	Análise do movimento grevista dos metalúrgicos de São Paulo, destacando a organização dos trabalhadores, o impulsionamento a outras greves pelo país, além de críticas ao processo de abertura política no país, que não está sendo realizado de forma satisfatória. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir nos grupos até onde vai a abertura que o governo anuncia, a quem ela interessa, sobre as lições que a greve do ABC trouxe para o movimento operário brasileiro, contra quem é a luta dos operários, quem defende os patrões e o porquê da repressão à greve do ABC.
1º de Maio	Trabalhadores de Vitória, no Espírito Santo, se reuniram no ginásio Dom Bosco para debater sobre as lutas do movimento operário e dos movimentos populares em geral. O evento foi preparado por sindicatos, associações profissionais,

	associações de moradores, Comunidades Eclesiais de Base e oposições sindicais.
Sindicalismo	A oposição sindical ganhou por três vezes as eleições para o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, em Vitória, no Espírito Santo. A Delegacia Regional do Trabalho (DRT) anulou as três eleições. A oposição se prepara para a quarta tentativa. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir nos grupos sobre como estão divulgando e discutindo a eleição do sindicato e como as outras categorias estão vendo essa eleição.
Série	Resgate das manifestações operárias do final da década de 20 e dos jornais operários da época.

Edição Nº 30 – julho de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Custo de vida	Com a economia brasileira em crise, a inflação chega em um dos seus índices mais altos desde 1964. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater nos grupos porque os trabalhadores levam a pior no caso da inflação.
Direitos Trabalhistas	Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 46% dos trabalhadores brasileiros ganham menos de um salário mínimo ou nenhum rendimento.
Sindicalismo	O lavrador Raimundo Ferreira de Lima, candidato pelo oposição sindical a presidente do Sindicato dos Trabalhadores

	Rurais de Conceição do Araguaia, no Pará, foi assassinado.
Sindicalismo	Durante a quarta tentativa de eleição para a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo, a DRT impugna quatro nomes da chapa de oposição. Eles conseguem compor a chapa novamente através de decisão judicial.
Direitos Trabalhistas	Os trabalhadores rurais de Colatina estão se mobilizando por melhores condições de trabalho para os lavradores em geral e para as mulheres, especificamente. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater nos grupos se há diferenças entre o homem operário, a mulher operária e o menor operário.
Sindicalismo	O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco deseja que o Papa João Paulo II defenda a reforma agrária na visita que fará a Recife.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores nordestinos são encontrados em regime de escravidão.
Direitos Trabalhistas	Em diversos estados trabalhadores de várias categorias têm suas reivindicações atendidas após movimento grevista.
Luta Indígena	Cansados de esperar pela Funai, indígenas de Aracruz, no Espírito Santo, resolveram fazer as demarcações de terra em propriedades invadidas pela Aracruz Celulose.

Série	Panorama das principais greves do Brasil no final da década de 20
-------	---

Edição Nº 31 – agosto de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	A oposição do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo, ganhou pela quarta vez a eleição. As três eleições anteriores, que ela também ganhou, foram anuladas pela DRT
Custo de Vida	Matéria explicando o que é inflação e custo de vida, últimos índices inflacionários, necessidade de mobilização dos trabalhadores junto aos sindicatos para aumento dos salários em virtude do custo de vida. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a discutir nos grupos sobre o que acharam mais interessante no texto e o que fazer para lutar contra a inflação.
Trabalhador Rural	Lavradores de Andradina, no interior de São Paulo, conquistaram a desapropriação de uma fazenda, cujo território será dividido com 30 famílias. A disputa pela posse da área começou em 1920.
Conjuntura Política Internacional	Militares derrubam governo boliviano e assumem o poder. Tem início a ditadura na Bolívia. A Central Operária Boliviana (COB) se articula contra golpe.
Série	Resgate do contexto histórico do início da década de 30, quando a economia mundial passava por uma grande crise, o preço do café caiu, alguns governos, como o de

	Washington Luís, no Brasil, perderam popularidade; entre outros fatos históricos.
--	---

Edição Nº 32 – Setembro de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Em Campanha Salarial, os trabalhadores da construção civil de vitória, no Espírito Santo, apoiados pelo sindicato, fizeram 28 reivindicações. O <i>Ferramenta</i> detalha quais foram atendidas ou não.
Atentados	Em todo o país crescem atentados a bancas de revista e entidades, sequestros, assassinatos, ameaças de morte, tendo como alvo principal aqueles que se manifestam contra o regime. Protestos contra essa realidade se espalham pelo país. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater nos grupos se esses atentados não são uma forma de repressão à organização das classes marginalizadas.
Direitos Trabalhistas	Caminhoneiros de São Paulo conseguiram reajuste salarial após paralisação relâmpago.
Sindicalismo	Bancários de São Paulo estão em Campanha Salarial. Entre as reivindicações estão piso salarial, reajuste, entre outros.
Sindicalismo	Trabalhadores Rurais de São Paulo estão em Campanha Salarial.
Sindicalismo	Apoiados pelo Sindicato, metalúrgicos de Duque de Caxias, em São Paulo, saíram vitoriosos depois da greve.

Série	Resgate da eleição presidencial de 1930, que culminou com a vitória de Júlio Prestes
-------	--

Edição Nº 33 – Outubro de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Campanha Salarial dos Metalúrgicos do Espírito Santo. Pela primeira vez o sindicato está negociando um acordo coletivo com todas as empresas do setor. Antes cada empresa tinha sua data-base
Sindicalismo	Trabalhadores canavieiros da Zona da Mata, juntamente com boias frias, entraram em greve. Eles têm uma lista de 25 reivindicações, entre elas, reajuste salarial.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores rurais de Colatina, no Espírito Santo, reivindicam igualdade no valor da aposentadoria entre trabalhadores rurais e urbanos. Também denunciam as péssimas condições da assistência médica oferecida no campo.
Sindicalismo	Resgate das principais greves ocorridas no Brasil durante a ditadura e explicação do que é oposição sindical, unidade sindical e sindicato combativo.
Sindicalismo	A oposição sindical se prepara para as eleições do Sindicato dos Alfaiates e Costureiras de São Paulo.
Direitos Trabalhistas	Metalúrgicos da cidade de Três Rios, no Rio de Janeiro, pararam suas atividades durante um dia para exigir que seus salários fossem colocados em dia. Os salários foram pagos.

Série	Washington Luís é deposto e começa o governo provisório de Getúlio Vargas.
-------	--

Edição Nº 33 – Outubro de 1980⁷⁶

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Metalúrgicos do Espírito Santo preparam Campanha Salarial. Dessa vez pretendem lançar uma database unificada para a categoria. Encontram dificuldades com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Cariacica, que não dialoga com a categoria
Sindicalismo	Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo tem comportamento autoritário durante assembleias de votação da contraproposta patronal.
Sindicalismo	Foi realizado em Colatina, no Espírito Santo, o Encontro Estadual das Oposições Sindicais Rurais
Sindicalismo	A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, no Pará, realizou encontro de delegados e sub-delegados sindicais, no qual tiraram algumas deliberações para fortalecer a entidade.
Sindicalismo	Manifesto das operárias Tereza de Souza e Silda Sotello, que compõem a chapa de oposição do Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí, em São Paulo. Elas convocam as operárias para lutar pelos direitos dos trabalhadores, principalmente das

⁷⁶ Embora seja outra edição, sua data foi impressa como se fosse a de outubro de 1980.

	mulheres, que têm condições de trabalho ainda piores do que as dos homens.
Sindicalismo	A oposição vence as eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, no Rio de Janeiro.
Direitos Trabalhistas	Metalúrgicos da cidade de Três Rios, no ⁷⁷ Rio de Janeiro, pararam suas atividades durante um dia para exigir que seus salários fossem colocados em dia. Os salários foram pagos.
Série	Washington Luís é deposto e começa o governo provisório de Getúlio Vargas. ⁷⁸

Edição Nº 35 – Dezembro de 1980

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Com apoio do Sindicato, os trabalhadores da Construção Civil de Vitória, no Espírito Santo, entraram em uma greve que culminou em dissídio coletivo
Sindicalismo	Foram feitas eleições para representantes dos trabalhadores da Volkswagen, segundo sistema criado pela empresa.
Conflito no Campo	No sul do Pará, um grileiro envia pistoleiros para expulsar posseiros de suas terras. Os posseiros entram em conflito com os pistoleiros, vencendo-os.
Sindicalismo	A Federação dos Trabalhadores em Agricultura, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e alguns parlamentares realizaram em uma cidade do interior do Rio de

⁷⁷ Esta matéria é exatamente igual a que está na edição anterior

⁷⁸ Este texto é exatamente igual ao da edição anterior

	Janeiro o Encontro de Trabalhadores Rurais.
Sindicalismo	Trabalhadores da cidade e do campo se reuniram em Marilândia, no Espírito Santo, para o Encontro das Oposições Sindicais. Foi definido um quadro de lutas em comum para levar adiante.
Direitos Trabalhistas	Professores universitários de cerca de 15 estados brasileiros, inclusive os da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) entraram em greve.
Série	Durante a ditadura de Getúlio Vargas, acaba-se legalmente a liberdade sindical.

Edição Nº 36 – janeiro de 1981

Tema	Resumo da Matéria
Ferramenta	Terceiro aniversário do <i>Ferramenta</i> . O informativo reafirma seus objetivos e pede contribuição da classe trabalhadora com críticas e sugestões.
Sindicalismo	Com apoio do Sindicato, trabalhadores da construção civil de Vitória, no Espírito Santo, entraram em greve.
Direitos Trabalhistas	Segundo o Ministério do Trabalho, apenas metade dos trabalhadores brasileiros ganham dois salários mínimos.
Sindicalismo	Oposição sindical critica o aumento abusivo na taxa de sócio contribuinte do Sindicato dos Metalúrgicos do Espírito Santo.
Protagonismo Feminino	Juíza dá ganho de causa para operária de São Paulo que entrou na justiça por ganhar

	menos do que os homens que exerciam a mesma função que ela. O <i>Ferramenta</i> questiona a desigualdade entre homens e mulheres no ambiente de trabalho e no âmbito doméstico.
Sindicalismo	Oposição sindical dos eletricitários do Espírito Santo perdeu as eleições
Sindicalismo	Sindicatos de trabalhadores rurais de Santa Catarina romperam seus convênios com o INAMPS (Funrural) por ser muito assistencialista e não atender às necessidades dos trabalhadores.
Custo de Vida	O salário dos trabalhadores não sobe, mas a inflação dos últimos 12 meses chegou a um nível recorde em toda a história do país

Edição Nº 37 – Fevereiro de 1981

Tema	Resumo da Matéria
Sindicalismo	Sem apoio do sindicato e reprimidos pela polícia, rodoviários de Vitória, no Espírito Santo, fizeram uma paralisação. As reivindicações não foram atendidas. Contudo, continuam se reunindo para debater uma melhor organização futuramente. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater sobre sugestões para essa categoria.
Sindicalismo	Médicos do Espírito Santo entraram em uma greve, com apoio do sindicato, que culminou em dissídio coletivo.
Sindicalismo	Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guanambi, na Bahia, foi destituído pelos trabalhadores.

Sindicalismo	Foi criada a Associação dos Vendedores Ambulantes do Espírito Santo.
Direitos trabalhistas	Serventes da empresa Sociedade Capixaba de Conservação ganharam na justiça a garantia de receber os salários atrasados e outros direitos trabalhistas.
Conjuntura Política Estadual	Deputados estaduais do Espírito Santo têm elevado aumento salarial.
Sindicalismo	Oposições sindicais ganham as eleições pelo Brasil a fora.
Série	Restrições da ditadura Vargas à liberdade sindical.

Edição Nº 38 – Março de 1981

Tema	Resumo da Matéria
Conjuntura Política Nacional	Sinais de esgotamento do regime militar, como o fortalecimento das oposições, a criação do Partido dos Trabalhadores (PT), conflito com a Igreja, entre outros fatores.
Conjuntura Econômica Nacional	Expectativas de que a crise econômica irá se aprofundar em 1981.
Sindicalismo	Resumo das principais lutas dos trabalhadores brasileiros no ano de 1980.

Edição Nº 39 – Junho de 1981⁷⁹

Tema	Resumo da Matéria
Direitos Trabalhistas	Demissões, redução de salário e outros prejuízos para a classe trabalhadora impulsionados, segundo as empresas, pela crise econômica, o que é contestado pelo

⁷⁹ Não houve edição do Ferramenta nos meses de abril e maio de 1981

	informativo. O <i>Ferramenta</i> convida para debater nos grupos sobre o que as pessoas sabem sobre essa situação e como está o desemprego no Espírito Santo
Protagonismo Feminino	Foi realizado em São Paulo o Terceiro Congresso da Mulher Paulista, no qual as trabalhadoras aprovaram a luta por direitos trabalhistas e reprodutivos, creches públicas, infraestrutura urbana e o incentivo à participação das mulheres nos movimentos populares e sindicais. Na Grande Vitória, no Espírito Santo, as mulheres também estão se organizando em grupos.
Sindicalismo	Chapa de oposição está concorrendo à diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Fiat, no Rio de Janeiro estão em greve.
Conflitos no Campo	Os conflitos pela posse de terra têm se intensificado e se tornado cada vez mais violentos no interior do mato Grosso.
Custo de Vida	A inflação continua a aumentar
Sindicalismo	Trabalhadores de todo o Brasil se reúnem para a elaboração do Congresso da Classe Trabalhadora (Conclat), onde será discutida a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT)
Igreja Povo	A Pastoral Operária escreveu uma carta denúncia sobre a morte de seis operários na Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) em um acidente de trabalho que deixou também cinco feridos em estado grave. A

	carta era para ser lida em todas as comunidades da Grande Vitória. A Pastoral também está debatendo o problema dos acidentes de trabalho.
Direitos Trabalhistas	Pesquisa do Dieese aponta que o salário mínimo no Brasil é um dos menores da América Latina. Além disso, quem ganha o salário mínimo tem jornada de trabalho maior.

Edição Nº 40 – Setembro de 1981⁸⁰

Tema	Resumo da Matéria
Ferramenta	Explicação sobre o porquê das edições de julho e agosto não terem circulado, os objetivos do informativo e as reformulações feitas, como notícias mais breves, mais perguntas para debater nos grupos e incentivo ao questionamento.
Sindicalismo	Relato de um trabalhador de Vitória sobre a 1ª Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat), em São Paulo, que reuniu trabalhadores de todo o Brasil, tanto da cidade quanto do campo.
Igreja Povo	Trabalhadores das cidades capixabas de Vitória e Colatina se reuniram para discutir o papel da Pastoral Operária, como ela contribui para a construção do movimento operário, como ampliar a atuação da pastoral

⁸⁰ Não houve edição do Ferramenta nos meses de julho e agosto de 1981, pois a Pastoral Operária aproveitou o período para estudar algumas reformulações.

Sindicalismo	Com apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bernadino de Campo, em São Paulo, boias frias entraram em Campanha Salarial.
Acidentes de trabalho	Trabalhadores se revoltam com a morte de um operário em um conjunto residencial no Rio de Janeiro. Ele sofreu acidente de trabalho e a empresa nem sequer o socorreu. Os operários destruíram a cantina, tomaram o canteiro de obras, etc.
Saúde Pública	Apesar dos altos impostos pagos pela classe trabalhadora, o atendimento médico e as condições de saúde são péssimos.
Direitos Trabalhistas	Os índices de emprego e subemprego no Brasil continuam altos. O <i>Ferramenta</i> convida a refletir sobre qual será a causa do desemprego
Trabalhador rural	Posseiros do interior de Pernambuco entram em conflito com uma empresa por posse de terra.
Direitos Trabalhistas	Relato sobre a realidade de uma trabalhadora doméstica, que trabalhava sem carteira assinada, sofria assédio sexual e moral. Depois foi demitida por ter quebrado um jarro. O <i>Ferramenta</i> convida a debater se a atitude dos patrões estava certa e se ela tem ou não direitos.

Edição Nº 41 – Outubro de 1981

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	O editorial recorda o ato público na Praça Oito, em Vitória, no Espírito Santo,

	referente ao Dia Nacional de Luta dos Trabalhadores Brasileiros; reflete sobre o papel da Pastoral Operária na conscientização dos trabalhadores e afirma que é impossível dizer sim a Deus e ao mesmo tempo dizer não às lutas do povo.
Sindicalismo	Foi formada chapa de oposição sindical para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Linhares.
Sindicalismo	Começam as discussões sobre a criação da Associação dos Trabalhadores de Colatina, no Espírito Santo.
Sindicalismo	Realização do Dia Nacional de Luta dos Trabalhadores, deliberada no Conclat. Em todo o Brasil houve manifestações, inclusive no Espírito Santo.
Conflitos no Campo	No Paraná, advogados discutiram suas experiências nos movimentos rurais em várias partes do país, destacando o conflito por terras. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir porque no Brasil há milhões de trabalhadores sem terra para trabalhar e o que elas acham da reforma agrária, uma das bandeiras de luta defendidas na Conclat
Sindicalismo	Sem apoio do sindicato, motoristas de Manaus entraram em greve. Eles conseguiram reajuste salarial.
Luta por moradia	Em Belém, trabalhadores fazem manifestações de rua pelo direito à moradia
Repressão aos movimentos sociais	Reunião do Movimento Contra a Carestia, em Salvador, é impedida com atuação da Polícia Militar e da Polícia Civil

Infraestrutura Urbana	Moradores de diversos bairros de Cariacica, no Espírito Santo, realizam passeata que saiu da praça do bairro Campo Grande e foi até a prefeitura. Eles reclamam de falta de esgoto, ônibus, iluminação pública e outros problemas
-----------------------	---

Edição Nº 42 – Novembro de 1981

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Aborda as reivindicações dos movimentos sociais, como infraestrutura urbana; incentiva a participação dos trabalhadores nos sindicatos.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Metalpen, em Cariacica, passaram a não mais receber da empresa o leite para evitar pedra no fígado e doença nos pulmões em virtude da poluição. Resolveram exigir o leite e um dos trabalhadores, em represália, foi demitido. Contudo, foi readmitido com mobilização dos colegas de trabalho.
Direitos Trabalhistas	A Metalpen, em Cariacica, no Espírito Santo, está atrasando o salário dos funcionários. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater quais os interesses da empresa em atrasar o pagamento.
Violência Urbana	Tem aumentado o número de roubos e assaltos no bairro de Carapina, município capixaba da Serra, pois trabalhadores de outros estados chegam ao Espírito Santo atraídos pela propaganda enganosa de grande oferta de emprego na Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), não

	conseguem a vaga, estão impossibilitados de voltar para sua terra e passam a praticar crimes.
Sindicalismo	Com apoio do sindicato, trabalhadores da construção civil do Espírito Santo começaram a Campanha Salarial.
Acidentes de Trabalho	Grande número de acidentes de trabalho na Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST)
Direitos Trabalhistas	Orientações sobre o salário desemprego, por exemplo, quem tem direito e como requerer
Transporte público	Moradores de Flexal e Vila Prudêncio, bairros do município de Cariacica, no Espírito Santo, conquistaram, cada um, uma nova linha de ônibus.
Transporte público	Movimentos populares estão se organizando para lutar por melhorias no transporte coletivo da Grande Vitória e do interior.

Edição Nº 43 – Dezembro de 1981

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Críticas ao consumismo natalino em detrimento da luta contra as injustiças sociais e do verdadeiro motivo pelo qual Jesus nasceu, que foi para lutar contra a exploração.
Sindicalismo	Trabalhadores da construção civil no Espírito Santo entram em greve após três meses de negociação sem avanços. A

	Pastoral Operária divulgou nota de solidariedade aos grevistas no <i>Ferramenta</i> .
Sindicalismo	No Sindicato dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem de Vitória, no Espírito Santo, a diretoria é composta pelos donos das empresas.
Sindicalismo	A oposição sindical ganhou as eleições no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barra de São Francisco, no Espírito Santo. Em Linhares, também no Espírito Santo, a oposição está disputando a eleição.
Desemprego	Matéria sobre os grandes índices de desemprego no Brasil e no Espírito Santo, as causas desse problema e a necessidade de mobilização dos trabalhadores para enfrentar o problema
Sindicalismo	Apresentação das reivindicações dos trabalhadores metalúrgicos de São Paulo, que estão em greve, e da contraproposta dos patrões.
Sindicalismo	Trabalhadores da Ford, em São Bernardo do Campo, São Paulo, paralisaram suas atividades em solidariedade a Lula e outros sindicalistas que estão sendo julgados.
Distribuição de renda	Dados do censo de 1980 mostram que a má distribuição de renda no Brasil
Sindicalismo	Trabalhadores argentinos exilados no Brasil, entre eles, sindicalistas, estão produzindo um boletim em português para informar como está a luta dos trabalhadores em seu país.
Conflitos no Campo	Aumenta a concentração de terra no Espírito Santo. O <i>Ferramenta</i> convida as

	<p>peessoas a refletir porque o trabalhador não é dono da sua própria terra</p>
--	---

Edição Nº 44 – Janeiro de 1982⁸¹

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Explica o porquê de dedicar uma edição especial para a greve dos trabalhadores da construção civil e o papel da Pastoral Operária na deflagração e construção do movimento paredista
Sindicalismo	Entrevista com um diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil sobre a greve, questionando quais as vantagens para os trabalhadores, como o sindicato a enfrentou, as entidades que apoiaram e influência da greve no movimento sindical.
Igreja Povo	Carta aberta da Pastoral Operária para as comunidades e paróquias sobre o porquê da greve, as principais reivindicações dos grevistas e seu apoio ao movimento paredista.
Sindicalismo	Entrevista com um membro do comando de greve sobre a reação dos trabalhadores na votação da greve, as primeiras empresas a parar, como foram os piquetes e as assembleias.
Conflitos no Campo	Dados sobre conflitos de terra e assassinato de trabalhadores rurais no Brasil e no Espírito Santo. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater sobre o que a justiça fez até agora, porque acontecem os conflitos

⁸¹ Especial greve da Construção Civil

	de terra e porque muitos não têm terra se Deus fez a terra para todos.
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores em Transporte Rodoviário do Espírito Santo é dono de um posto de gasolina, emplacamento de carro, bar e laboratório. O presidente da entidade afirma que esses bens são dele, pois está na presidência há 30 anos. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater como ficam os trabalhadores que precisam do sindicato para defender os interesses da categoria e como conscientizá-los do verdadeiro papel de um sindicato.
Sindicalismo	A chapa de oposição foi eleita para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Linhares.
Sindicalismo	Foi realizada assembleia para apresentação e votação do estatuto e do regimento interno da Associação dos Trabalhadores de Colatina.
Direitos Trabalhistas	Depoimento de uma balconista sobre a exploração do trabalhador do comércio na época do Natal.

Edição Nº 45 – Fevereiro de 1982

Tema	Resumo da matéria
Editorial	Críticas à grande mídia capixaba, que não veiculou nada sobre a ocupação de um terreno no bairro Rosa da Penha, em Cariacica, alerta sobre as eleições de 1982 para escolher candidatos que tenham

	compromisso com a libertação do povo e sobre a utilização do futebol como instrumento de alienação
Luta por moradia	Famílias sem moradia ocuparam terreno no bairro Rosa da Penha, em Cariacica, no Espírito Santo. A justiça e o Governo do Estado ficaram ao lado da pessoa que se dizia proprietária da terra. As famílias se alojaram na Catedral Metropolitana de Vitória, fizeram várias mobilizações e o governo se comprometeu a ceder propriedade para eles morarem, mas ainda não tinha cumprido com o acordo.
Conjuntura Política Internacional	Golpe militar na Polônia. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater se a realidade da Polônia, com ditadura, sindicatos atrelados aos governos, entre outros problemas se assemelha a do Brasil.
Direitos Trabalhistas	A Cimetal, em João Neiva, no Espírito Santo, não está pagando em dia o salário dos trabalhadores.
Igreja Povo	Trabalhadores da periferia de Colatina, no Espírito Santo, homenagearam o operário Santo Dias, no segundo ano da sua morte, com Via Sacra, apresentação teatral e celebração realizada pela Pastoral Operária.
Movimento popular	Divulgação do carnaval popular de Porto de Santana, em Cariacica, no Espírito Santo. Trata-se de um carnaval protesto cujo tema é “A Realidade Brasileira”.
Crônica	Crônica, sem indicação de autor, sobre um homem que, preso no trânsito em Jardim

	América, Cariacica, adormece e sonha que a multidão que cerca o estádio Engenheiro Araripe (Desportiva) na verdade está em mobilização nas ruas por direitos.
--	---

Edição Nº 46 – Abril de 1982⁸²

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Texto sobre o 1º de Maio e a importância da luta dos trabalhadores para alcançar a libertação.
1º de Maio	Em virtude do dia 1º de Maio, o informativo faz uma retrospectiva das principais lutas dos trabalhadores no Espírito Santo no ano de 1981. O informativo enfatiza que 1º de maio é dia de luta, e não de festa.
Entrevista	Entrevista com a direção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo sobre a tentativa dos patrões de enfraquecer o sindicato, a reação dos trabalhadores diante disso, o não cumprimento da convenção coletiva por parte dos patrões, acidentes de trabalho, violência policial contra os operários, a reação do sindicato e as atividades que o sindicato pretende fazer em 1982.
1º de Maio	Breve resgate do surgimento do 1º de Maio e quando ele passou a ser comemorado no Brasil.

⁸² Em 1982 não houve edição do Ferramenta no mês de março

Edição Nº 47 – Maio de 1982

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Vontade e necessidade dos operários de se expressar, seja por meio do sindicato, das manifestações como a do 1º de Maio e outros espaços.
Ferramenta	No seminário da Pastoral Operária os trabalhadores fizeram uma avaliação do <i>Ferramenta</i> e deram sugestões. O <i>Ferramenta</i> incentiva os leitores a debater em grupo sobre os temas abordados no informativo.
Igreja Povo	No seminário da Pastoral Operária, que reuniu grupos dos municípios capixabas de Linhares, Colatina, Cariacica, Viana e Vila Velha os trabalhadores debateram sobre a carta do Papa sobre o mundo do trabalho. Nesta edição o <i>Ferramenta</i> traz algumas reflexões feitas no seminário.
Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Cursanto, empresa de tratamento de couro de boi da Serra, no Espírito Santo, entraram em greve em virtude do atraso salarial de três meses. Mesmo com a repressão, os trabalhadores conseguiram o pagamento do salário.
1º de Maio	Manifestações do 1º de Maio em Vitória, no Espírito Santo.

Edição Nº 48 – Junho de 1982

Tema	Resumo da Matéria
-------------	--------------------------

Editorial	Reflexão sobre a desigualdade do judiciário em relação à aplicação de punições para militantes de determinados partidos, inauguração de obras em ano eleitoral, a necessidade de promover a verdadeira política, aquela que é feita para o povo e com o povo. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir se é um bom candidato aquele que não se compromete a lutar junto com o povo, aquele que é filiado a um partido que apoia o capitalismo e se o grupo tem coragem de denunciar a demagogia dos candidatos.
Direitos trabalhistas	Trabalhadores da Metalpen, em Cariacica, no Espírito Santo, se mobilizaram para ter seus salários pagos e as carteiras de trabalho devolvidas após fechamento da empresa.
Entrevista	Entrevista com Zé Anésio, participante do Seminário Nacional da Pastoral Operária. Ele relata o que foi discutido no evento.
Igreja Povo	Grupo da Pastoral Operária de Viana relata sobre as atividades feitas pela pastoral na região.
Movimentos Populares	Realização, em Viana, no Espírito Santo, da Articulação Nacional dos Movimentos Populares (Anampos).
Desemprego	Empresas demitem trabalhadores que reclamam das péssimas condições de trabalho. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir sobre onde os governantes querem chegar ao gerar essa situação de insegurança para os trabalhadores, onde o

	país vai chegar com tanta gente sem emprego e o que os trabalhadores estão fazendo para mudar essa situação
Igreja Povo	Em todo o Brasil a Juventude Operária Católica (JOC) realizou a semana da juventude. O <i>Ferramenta</i> dá um panorama sobre como foram as atividades no Espírito Santo.

Edição Nº 49 – Julho de 1982

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Reflexão sobre a utilização da participação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo para alienação da classe trabalhadora.
Igreja Povo	Grupo da Pastoral Operária de Porto de Santana, em Cariacica, no Espírito Santo, relata sobre as atividades feitas pela pastoral na região.
Sindicalismo	Realização do 2º Encontro da Classe Trabalhadora do Espírito Santo (Enclat).
Igreja Povo	Por meio de uma poesia, cujo autor não está identificado, é feita a defesa de que os membros da Pastoral Operária podem se candidatar nas eleições.
Sindicalismo	Oposição sindical vai disputar a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Cariacica. O <i>Ferramenta</i> apresenta as propostas da chapa.
Sindicalismo	Oposição sindical vai disputar a diretoria do Sindicato dos Empregados no Comércio do Estado do Espírito Santo.

Direitos Trabalhistas	Trabalhadores da Metalpen se mobilizam para ter seus direitos garantidos após fechamento da empresa.
Igreja Povo	Em participação na Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT) o papa João Paulo II defendeu a liberdade sindical
Igreja Povo	As comunidades devem adquirir na Diocese o livrinho da Comissão de Justiça e Paz (CJP). Ele contém uma carta da CNBB sobre a prisão de padres e posseiros que lutavam pela terra e o assassinato de trabalhadores rurais. O <i>Ferramenta</i> afirma que é preciso refletir sobre a carta nas comunidades.

Edição Nº 50 – Agosto de 1982

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Reflexão sobre o papel da Comunidades Eclesiais de Base na conscientização e mobilização dos trabalhadores. O <i>Ferramenta</i> convida a refletir sobre quais são as oportunidades que a Pastoral Operária têm de conscientizar as pessoas nas comunidades e como que as Comunidades Eclesiais de Base podem utilizar o <i>Ferramenta</i> a seu favor
Igreja Povo	Grupos da Pastoral Operária de comunidades de Cariacica e Vila Velha, no Espírito Santo, relatam como utilizam o informativo <i>Ferramenta</i> em suas atividades

Entrevista	Entrevista com a Pastoral Operária de Campo Grande, em Cariacica, sobre a sua atuação na região.
Sindicalismo	Trabalhadores de empreiteiras da CST encontraram cacos de vidro na comida fornecida pela empresa e destruíram a cantina. O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo busca junto ao Ministério do Trabalho fiscalização na área.
Acidente de Trabalho	Trabalhador de empreiteira da CST morre em acidente de trabalho e a empresa se recusa a reconhecer que foi acidente para não indenizar a família.
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo convoca os trabalhadores a participar das atividades referentes à Campanha Salarial.
Conjuntura Política Estadual	Críticas à falta de propostas que beneficiem o povo por parte dos candidatos nas eleições de 1982 e à omissão da imprensa em relação às atividades de partidos que não são atrelados ao governo.

Edição Nº 51 – Setembro de 1982

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Reflexão sobre a participação dos militantes da Pastoral Operária em partidos políticos, principalmente o PT. O <i>Ferramenta</i> afirma que isso não faz dela uma pastoral partidária.

Igreja Povo	A Pastoral Operária realizou um seminário sobre essa pastoral e o PT, pois alguns militantes são candidatos por esse partido, que deve ter uma proposta permanente, e não somente em época de eleições.
Entrevista	Por ocasião do dia das crianças, entrevista com filhos de operários sobre a visão deles no que diz respeito à relação entre patrões e empregados, o que é ser rico e as lutas do povo.
Igreja Povo	Relato da Pastoral Operária de Vila Velha, no Espírito Santo, sobre a sua atuação na região.
Igreja Povo	O <i>Ferramenta</i> saúda o padre João Fugeray, um de seus criadores, em seu retorno ao Espírito Santo.
Sindicalismo	Oposição sindical vence as eleições para o Sindicato dos Trabalhadores no Comércio do Espírito Santo
Conflitos no Campo	Trabalhadores do cacau, mamão, cana e eucalipto de Linhares vivem em precárias condições de trabalho
Entrevista	Entrevista com um trabalhador que não participa de movimentos operários para saber como ele enxerga a realidade da classe trabalhadora. Sua visão é de falta de expectativas de melhora. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir sobre o que diriam para esse trabalhador.

Edição Nº 52 – Novembro de 1982⁸³

Tema	Resumo da Matéria
-------------	--------------------------

⁸³ Este ano não houve a edição de outubro do *Ferramenta*

Editorial	Reflexão sobre a necessidade do povo estar mobilizado para mudar a sua realidade e não achar que somente eleição já é o necessário para isso.
Igreja Povo	Na Assembleia Geral da Arquidiocese de Vitória foi decidido que é preciso firmar as Comunidades Eclesiais de Base e continuar com o trabalho de conscientização dos trabalhadores, inclusive estimulando sua participação nos movimentos populares e partidos políticos.
Sindicalismo	O Sindicato da Construção Civil de Vitória conseguiu negociar a Convenção Coletiva de Trabalho. O <i>Ferramenta</i> destaca as conquistas obtidas.
Sindicalismo	Será realizado em Vitória, no Espírito Santo, o terceiro Congresso Nacional dos Jovens Trabalhadores.
Igreja Povo	Convite para a celebração do centenário de Joseph Cardijn, fundador da Juventude Operária Cristã.
Sindicalismo	Por causa de manobras de algumas lideranças sindicais, foi adiada a realização do 2º Conclat e necessidade de criar uma Central Única dos Trabalhadores pela base. O <i>Ferramenta</i> convida a refletir sobre de que forma os trabalhadores devem construir a CUT, o que os pelegos querem com as manobras feitas e quais os objetivos que a CUT deve ter.
Direitos trabalhistas	Trabalhadores da CST vivem em alojamentos em condições precárias.

Edição Nº 53 – Dezembro de 1982

Tema	Resumo da Matéria
Conjuntura Política Internacional	Panorama das lutas dos trabalhadores na Argentina e Uruguai, onde se mobilizam contra a ditadura e por melhores condições de vida.
Igreja Povo	Reflexão sobre a necessidade de motivar a classe trabalhadora em prol dos seus direitos, a luz de um trecho do livro de Isaías.
Igreja Povo	Relato da Pastoral Operária de Vitória, no Espírito Santo, sobre a sua atuação.
Ferramenta	Pedido de envio de críticas e sugestões a respeito do <i>Ferramenta</i> e comunicado de que o informativo não circulará em janeiro em virtude da avaliação das atividades da Pastoral Operária em 1982, que será feita nesse mês.
Igreja povo	Sugestões sobre como levar adiante os trabalhos do sindicato e da Pastoral Operária nos locais de trabalho. O <i>Ferramenta</i> convida a refletir se em casa as famílias estão conversando sobre sindicato, vida operária e Pastoral Operária.
Igreja Povo	Militante da Pastoral Operária que está indo embora do Estado fala de sua experiência nos grupos de Colatina e Vila Velha, no Espírito Santo.
Sindicalismo	Comerciários do Espírito Santo negociam com os patrões o horário de funcionamento do comércio em dezembro.

Edição Nº 54 – Janeiro e Fevereiro de 1983⁸⁴

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Explica o que é violência de fato, afirmando que a luta dos trabalhadores não é violência, e sim, a injustiça social.
Corrupção	Durante campanha eleitoral foi utilizado dinheiro do povo para fazer propaganda de candidatos e prefeitos deixaram as prefeituras sucateadas.
Direitos Trabalhistas	Servidores públicos das cidades capixabas de Linhares e Cariacica entraram em greve. O <i>Ferramenta</i> destaca as reivindicações, a repressão e o apoio da Igreja e outras organizações.
Luta por Moradia	Famílias sem teto ocupam área de mangue em Vila Velha, no Espírito Santo.

Edição Nº 55 – Março de 1983

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Reflexão sobre a necessidade do protagonismo feminino nas lutas operárias.
Protagonismo Feminino	Centenas de mulheres da Grande São Pedro, em Vitória, no Espírito Santo, se reuniram por causa do Dia Internacional da Mulher para debater assuntos como saúde da mulher e violência contra a mulher.
Protagonismo Feminino	Mulheres de Porto de Santana, em Cariacica, no Espírito Santo, se unem para

⁸⁴ Não houve edição circulando em janeiro, pois nesse mês a Pastoral Operária estava em avaliação de suas atividades de 1982.

	lutar por educação pública, gratuita e de qualidade nas escolas municipais.
Conjuntura Política Nacional	Sindicalistas de todo o Brasil lutam contra os efeitos da desvalorização do cruzeiro.
Violência contra a mulher	Trabalhadora grávida de dois meses é espancada pelos patrões em seu ambiente de trabalho.
Luta por moradia	A luta dos trabalhadores que ocuparam área de mangue em Vila Velha, no Espírito Santo, prossegue.
Igreja Povo	Comunicado sobre o futuro lançamento do caderno Vida do Trabalhador, da Pastoral Operária de Vitória, no Espírito Santo. O conteúdo do caderno deve ser debatido nos grupos.

Edição Nº 56 – Abril de 1983

Tema	Resumo da notícia
Editorial	Não basta denunciar as injustiças, a opressão contra a classe trabalhadora, é preciso, mais ainda, mobilizá-la. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a debater se reclamar sem se organizar é útil e o que elas sabem sobre as organizações existem em seus bairros e municípios, se estão participando delas.
Direitos Trabalhistas	Manifestação popular na Praça Oito, em Vitória, no Espírito Santo, marca o Dia Nacional de Luta. Os trabalhadores protestaram contra o desemprego, a piora na Lei Salarial e outros problemas. O <i>Ferramenta</i> convida a refletir nos grupos

	como responder ao desafio de mobilizar a classe trabalhadora nacionalmente
Ferramenta	O <i>Ferramenta</i> tem aumentado o número de exemplares a cada ano, mas se encontra em dificuldades financeiras. Por isso, o valor do exemplar vai aumentar.
Sindicalismo	Eleição do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo conta com duas chapas compostas por membros da atual diretoria. O <i>Ferramenta</i> relata as visões que ambas têm em comum e aquelas que são diferentes, o porquê do racha na diretoria e apresenta os componentes das duas chapas
Movimento de Transporte	Resgate das lutas e conquistas do Movimento de Transporte em municípios capixabas como os de Cariacica e Vila Velha, o enfraquecimento do movimento, o prosseguimento do problema da precariedade do transporte público e a necessidade de fortalecimento do movimento.
1º de Maio	Divulgação das atividades a serem realizadas no 1º de Maio nos municípios capixabas de Cariacica, Vila Velha, Vitória, Serra e Viana.
Igreja Povo	Oração feita por uma família de operários para publicar no <i>Ferramenta</i> .

Edição Nº 57 – Maio de 1983

Tema	Resumo da Notícia
------	-------------------

Editorial	Apesar das repressões, a classe trabalhadora precisa continuar a mobilização para conquistar direitos.
Conjuntura Política Internacional	A Ditadura Militar na Argentina dá sinais de esgotamento. Protestos da classe trabalhadora se intensificam mesmo com a repressão.
Sindicalismo	Depois de bastante refletir, a Pastoral Operária decidiu apoiar a chapa 1 da eleição do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo. O <i>Ferramenta</i> explica o porquê do apoio.
Igreja Povo	A Juventude Operária Cristã (JOC) está preparando o Terceiro Congresso de Jovens Trabalhadores do Brasil. O <i>Ferramenta</i> dá um panorama de como foi a fase pré congresso nacional em Vitória, no Espírito Santo
Luta Racial	O <i>Ferramenta</i> afirma que a história de que a liberdade dos escravos brasileiros foi dada pelos brancos é mentira. Resgata as condições de precariedade no período da escravidão, as lutas dos negros para deixar de serem escravos, a exclusão social vivida por eles mesmo depois da abolição e a importância dos negros se organizarem em movimentos que lutam pela sua inclusão.

Edição Nº 61 – Setembro de 1983⁸⁵

Tema	Resumo da Notícia
------	-------------------

⁸⁵ No site do Centro de Pastoral Vergueiro não consta os exemplares dos meses de junho, julho e agosto de 1983

Editorial	O <i>Ferramenta</i> convoca os trabalhadores para se unir diante da crise econômica e apresenta algumas matérias que constam nessa edição do jornal.
Conjuntura Econômica Brasileira	Explicação sobre o que são alguns termos utilizados na economia, como Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), desindexação, entre outros.
Sindicalismo	A CUT é criada e os trabalhadores elegem uma diretoria para a Central durante o 1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat), onde também debateram diversos temas de interesse da classe trabalhadora, como a reforma agrária. Foi deliberada a realização de algumas manifestações.
Sindicalismo	Oposição sindical concorre para a diretoria do Sindicato dos Rodoviários, no Espírito Santo. O <i>Ferramenta</i> apresenta as propostas da chapa.
Igreja Povo	Publicação da Carta de Canindé, em solidariedade ao povo de El Salvador, Nicarágua e Guatemala, aprovada no V Encontro Intereclesial da Comunidades Eclesiais de Base do Brasil, no Ceará.
Sindicalismo	Com apoio do Sindicato, cortadores de cana de Linhares fizeram greve e conquistaram algumas de suas reivindicações.

Edição Nº 62 – Outubro de 1983

Tema	Resumo da Notícia
-------------	--------------------------

Editorial	Reflexão sobre a crise econômica, suas consequências e como enfrentá-la.
Igreja Povo	Na Assembleia Arquidiocesana foram avaliados os trabalhos realizados pelas áreas pastorais e foram tiradas algumas prioridades para a Pastoral Operária. Para 1984 a prioridade deve ser a conscientização sócio-político-econômica para incentivar o trabalhador a participar da vida política do país. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir sobre o que já está sendo feito em relação a isso.
Sindicalismo	Sindicatos e a CUT suspendem a greve geral contra o decreto 2045. Como ele foi derrubado devido à manifestação popular, a greve geral se tornou desnecessária. O decreto previa reajuste de penas 80% do INPC aos trabalhadores.
Movimentos Populares	Em Viana, no Espírito Santo, trabalhadores se reúnem para debater a situação da classe operária e o que tem atrapalhado a organização dos trabalhadores, como o medo da repressão, a influência dos grandes meios de comunicação, a descrença do povo em sua própria força, entre outros fatores. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir sobre se elas estão engajadas em algum movimento, se estão se deixando influenciar pela televisão e se elas ainda acreditam no pequeno.
Igreja Povo	No Espírito Santo, durante o segundo Seminário da Pastoral Operária foi debatido o tema “Sindicalismo na

	Perspectiva da PO”. Os participantes debateram sobre os problemas que os trabalhadores enfrentam na vida sindical e como a pastoral pode contribuir para que eles participem na organização da classe operária.
Conflitos no Campo	A implantação de 14 usinas de álcool no norte do Espírito Santo causará êxodo rural e outros prejuízos para os trabalhadores do campo.

Edição Nº 65 – Janeiro de 1984⁸⁶

Tema	Resumo da Notícia
Editorial	O informativo deseja um feliz 1984 e faz retrospectiva da luta dos trabalhadores no Brasil e no Espírito Santo no ano de 1983.
Movimentos populares	Aumentam o número de espaços de mobilização da classe trabalhadora, como associações de moradores, movimentos sociais, entre outros. O <i>Ferramenta</i> defende a união entre eles.
Entrevista	Entrevista com cortadores de cana de Linhares, no Espírito Santo, sobre as péssimas condições de trabalho e como está a organização desses trabalhadores.
Sindicalismo	Com apoio do Sindicato, comerciários de Linhares, no Espírito Santo, enviaram para a Câmara Municipal uma proposta de redução de jornada de trabalho. Ela foi rejeitada pelos parlamentares.
Igreja do Povo	Divulgação do que foi debatido e deliberado na Assembleia Nacional da

⁸⁶ As edições de novembro e dezembro do Ferramenta não constam no site do Centro de Pastoral Vergueiro

	Pastoral Operária, realizada no Rio de Janeiro.
Sindicalismo	Comerciários apresentaram propostas de jornada de trabalho durante o mês de dezembro de 1983, pagamento de horas extras e outros direitos. Os patrões se recusaram a negociar.
Ferramenta	O informativo faz uma breve retrospectiva dos principais assuntos abordados no jornal em 1983, faz prestação de contas do dinheiro para produção do jornal, comunica que a partir de março o exemplar custará 50 cruzeiros e deixa alguns questionamentos sobre o jornal para que os grupos possam responder para melhorar a qualidade do informativo.

Edição Nº 66 – Março de 1984⁸⁷

Tema	Resumo da Notícia
Editorial	O povo brasileiro deseja votar para presidente da república. Além de poder exercer esse direito, é preciso construir a democracia através de uma política verdadeira.
Protagonismo Feminino	Mulheres se organizam no Movimento de Donas de Casa por esgoto, coleta de lixo, saúde, creche, entre outros direitos.
Ferramenta	O <i>Ferramenta</i> faz a prestação de contas de 1983 e comunica que a partir deste número o exemplar custará 50 cruzeiros.

⁸⁷ Não houve a edição de fevereiro no ano de 1984

Igreja Povo	No Encontro Nacional Ecumênico de Direitos Humanos, realizado em Vitória, no Espírito Santo, os participantes debateram sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O <i>Ferramenta</i> convida as pessoas a refletir se nas organizações elas estão buscando defender o direito à liberdade e à igualdade.
Igreja Povo	Ocorreu em Belo Horizonte, Minas Gerais, o Encontro das Pastorais Operárias do Leste Dois.
Sindicalismo	As empregadas domésticas estão se organizando nas periferias da Grande Vitória para se identificar como categoria e criar uma associação.
Sindicalismo	Trabalhadores de uma metalúrgica protestam, sem apoio do sindicato, contra alto valor cobrado para utilizar área de lazer da empresa em horário de almoço. Além disso, a área de lazer, segundo eles, foi feita para impedir o diálogo entre os trabalhadores no intervalo.

Edição Nº 67 – Abril de 1984

Tema	Matéria
Editorial	Para haver democracia é preciso existir liberdade de expressão e mobilização, por exemplo, com sindicatos livres.
Movimentos Populares	Carnaval popular de Porto de Santana, em Cariacica, teve como tema “O grito da liberdade”.

Entrevista	Vários trabalhadores de diversas categorias respondem a seguinte pergunta: o que é viver?
Ferramenta	Incentivo ao diálogo entre os leitores e a equipe de produção do <i>Ferramenta</i> para avaliação e melhorias do informativo.
Protagonismo Feminino	Mulheres de alguns bairros de Cariacica, no Espírito Santo, reivindicam junto à prefeitura que o problema do lixo em suas comunidades seja resolvido.
Conflitos no Campo	Trabalhadores rurais dos municípios capixabas de Santa Teresa e Mucurici foram assassinados por reivindicarem direitos trabalhistas e por posse de terra.
Igreja	De 24 de abril a 1º de Maio será realizada pela Juventude Operária Católica (JOC) a Semana da Juventude Trabalhadora nos municípios capixabas da Serra, Vila Velha e Cariacica.
Conjuntura Política Nacional	Acontecem em todo o Brasil manifestações populares pedindo Diretas Já!

Edição Nº 68 – Maio de 1984⁸⁸

Tema	Resumo da Notícia
Editorial	Explica o que é a Pastoral Operária, o jornal <i>Ferramenta</i> e o porquê de abordar os temas do 1º de Maio e a Festa da Penha nesta edição.
Igreja Povo	Resgata a história da construção do Convento da Penha por parte dos escravos, o trabalho que tiveram para erguer o

⁸⁸ Especial Festa da Penha e 1º de Maio

	templo. O <i>Ferramenta</i> afirma que ainda hoje a sociedade é marcada por injustiças. Convida as pessoas a debater nos grupos quais as pedras que as pessoas estão carregando, se estão preocupadas em abrir novos caminhos, se estão abrindo novas estradas em suas comunidades, se estão assumindo o compromisso com Nossa Senhora de construir um melhor.
Igreja Povo	Analogia entre as figuras de Maria e Jesus com as pessoas simples do povo.
Igreja Povo	Necessidade dos integrantes da Pastoral Operária e dos demais cristãos atuarem nos sindicatos, nas associações de moradores, nos movimentos sociais.
Poesia	Operário em Construção, poesia de Vinícius de Moraes.
1º de Maio	Resgate da história do 1º de Maio, defesa dos sindicatos combativos, repúdio aos sindicatos pelegos.
Entrevista	Quem é você? O que quer? Essa foi a pergunta feita a vários trabalhadores e lideranças sindicais, pastorais e de movimentos sociais, como Maria Clara ⁸⁹ .

Edição Nº 71 – Agosto de 1984

Tema	Resumo da Notícia
Editorial	Críticas às pessoas nas comunidades que ainda não fazem a ligação entre fé e vida, que não participam de seu sindicato, das

⁸⁹ Uma das principais lideranças do movimento de moradia do Espírito Santo.

	associações de moradores, que não participam da verdadeira política.
Conjuntura política internacional	Cinco anos após a revolução popular que pôs fim à ditadura na Nicarágua, o país progrediu, por exemplo, no combate ao analfabetismo, mas enfrenta a reação dos Estados Unidos e de alguns sacerdotes que apoiam a família Somoza.
Igreja Povo	Explicação do que é o método ver, julgar e agir.
Igreja Povo	Celebração do lavrador, no norte do estado, com agradecimento pelas conquistas obtidas pelos trabalhadores, como a CUT, momento de perdão pelos sindicalistas pelegos, entre outros.
Conflitos no Campo	Necessidade de reforma agrária diante da expulsão do homem do campo.
Sindicalismo	Necessidade dos sindicatos deixarem de ser atrelados ao Ministério do Trabalho e da união entre trabalhadores do campo e da cidade.
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo denunciou que a Construtora Sá Cavalcante está obrigando os trabalhadores a fazer hora extra em dia de semana, final de semana e feriado.

Edição Nº 72 – Setembro de 1984

Tema	Resumo da Matéria
------	-------------------

Editorial	Críticas ao governo, que diante da crise econômica fala em conter os gastos públicos.
Igreja Povo	O que é a Pastoral Operária.
Sindicalismo	Realização do 1º Congresso Nacional da CUT, em São Bernardo do Campo, São Paulo.
Entrevista	Entrevista com João Carlos Coser, secretário do Sindicato dos Trabalhadores no Comércio, presidente da CUT estadual, eleito no 1º Congresso Nacional da CUT membro da direção nacional da central.
Sindicalismo	O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Espírito Santo se encontra em dificuldades financeiras em virtude do alto índice de desemprego na categoria.
Luta por Transporte	Luta por transporte público em comunidades da Grande Vitória.
Ferramenta	O jornal está com novo preço: Cr\$ 100,00.
Violência Policial	Militante da Pastoral Operária relata que ficou preso durante 48 horas após discutir com um cobrador de ônibus que não queria entregar o troco da passagem. O policial, que estava no ônibus, o encarcerou e ainda incentivava os outros detentos a tortura-lo, mas eles se recusaram.

Edição Nº 78 – Abril de 1985⁹⁰⁹¹

Tema	Resumo da Matéria
------	-------------------

⁹⁰ Especial Festa da Penha

⁹¹⁹¹ As edições que correspondem ao período de outubro de 1984 a março de 1985 não constam no site do Centro de Pastoral e Pesquisa Vergueiro.

Editorial	O que é o <i>Ferramenta</i>
Igreja Povo	O que é a Pastoral Operária
Enchente	Carta da Comissão Pró- Flagelados de São Mateus denunciando o descaso da prefeitura em relação às pessoas atingidas pela enchente.
1º de maio	Resgate da história do 1º de Maio e seu verdadeiro significado.
Igreja Povo	Protagonismo de Maria e outras mulheres da bíblia na luta pela libertação dos povos deve servir de exemplo para as mulheres nas comunidades.
Igreja Povo	A Juventude Operária Católica promove a Semana Nacional da Juventude Trabalhadora.
Igreja Povo	Denúncia de Dom Antônio Possamai contra as péssimas condições de vida em Ji-Paraná, Rondônia.
Movimento de Transporte	Rearticulação do Movimento de Transporte na Grande Vitória.
Entrevista	Trabalhadores falam o que esperam do novo presidente.
Sindicalismo	Empregadas domésticas se organizam para criar associação.

Edição Nº 80 – Junho de 1985⁹²

Tema	Resumo da Matéria
Editorial	Defende a liberdade de expressão, a necessidade de votar para presidente como forma de se expressar, a morte de Jesus

⁹² A edição de maio de 1985 não consta no site do Centro de Pastoral e Pesquisa Vergueiro. As edições de julho a dezembro desse mesmo ano também não constam no site.

	como uma maneira de proibí-lo de se expressar, apoio a Leonardo Boff, censurado pela própria Igreja.
Grandes empreendimentos	Mobilização popular impede instalação de multinacional francesa na Ilha do Príncipe, em Vitória, no Espírito Santo. Sua instalação acarretaria em poluição, a desativação de três escolas públicas, entre outros problemas.
Igreja Povo	Estudo da vida de Jesus aliado ao cotidiano das comunidades.
Conjuntura Política Nacional	O Congresso Nacional aprova a legalização dos partidos clandestinos e o voto dos analfabetos.
Sindicalismo	Trabalhadores do setor de construção e do imobiliário de Linhares e Rio Bananal querem transformar sua associação em sindicato.
Ferramenta	Pedido de envio de sugestão de notícias para o <i>Ferramenta</i> .
Trabalhadores da Pesca	Trabalhadores da Colônia de Pesca de Itapoã, em Vila Velha, Espírito Santo, lutam pela legalização do terreno no qual moram e por melhores condições de infraestrutura urbana.

